

Ana Claudia Ramos Sacramento

Iomara Barros de Sousa

[ ORGANIZADORAS ]



Temas sobre a  
**COVID-19**  
para o ensino de  
**GEOGRAFIA**



Ana Claudia Ramos Sacramento  
Iomara Barros de Sousa  
(Organizadoras)

Temas sobre a  
**COVID-19**  
para o ensino de  
**GEOGRAFIA**



GOIÂNIA, GO | 2021



Aos professores da rede básica de ensino público e privado de todo o Brasil que durante o período da pandemia trabalharam arduamente para ensinar Geografia, que instruíram a respeito da Covid-19 e também sobre a vida! E que, além disso, nos apoiaram na divulgação de materiais sobre o tema.

Aos bolsistas e orientandos participantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) pelo desenvolvimento e construção dos materiais e das palestras para as escolas em colaboração ao Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia: Diferentes Ações Didáticas (DEPEXT-UERJ).

À FAPERJ, PIBIT-CNPq, PIBIC-UERJ e ID-Cetreina (UERJ) pelas bolsas de pesquisas que possibilitaram a constituição deste material.

Ao apoio do Departamento de Geografia da UERJ-FFP e da Pós-Graduação em Geografia (PPGG-UERJ). Em especial, à Professora Isabela Habib Canaan da Silva, do Grupo de Dinâmicas Ambientais e Geoprocessamento (DAGEOP), pela organização conjunta com seus bolsistas que desenvolveram a elaboração dos mapas e das animações para os respectivos materiais.

Às professoras Ana Olívia de Almeida Reis e Marcela Queiroz Granato pelo trabalho de Biologia com os materiais sobre a Covid-19.

© Autoras e autores – 2021

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei n. 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),  
Catalogação na Fonte



**C&A ALFA  
COMUNICAÇÃO**

***Presidente***

Luiz Carlos Ribeiro

***Revisão geral***

Jéssica Lopes

***Projeto gráfico***

Adriana Almeida

***Conselho editorial***

Andréa Coelho Lastória (USP/Ribeirão Preto)

Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (UNESP/Ourinhos)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (UFT)

Denis Richter (UFG)

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)

Lana de Souza Cavalcanti (UFG)

Loçandra Borges de Moraes (UEG/Anápolis)

Miriam Aparecida Bueno (UFG)

Vanilton Camilo de Souza (UFG)

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

(Elaboração: Filipe Reis - CRB 1/3388)

---

T278

Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia [recurso eletrônico] / Ana Cláudia Ramos Sacramento, Iomara Barros de Sousa (Organizadoras). – Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2021.

243 p. : il. color.

ISBN 978-65-89324-09-6

1. Covid-19. 2. Ensino de Geografia. I. Sacramento, Ana Cláudia Ramos. II. Sousa, Iomara Barros de.

CDU: 616.98:(37.016::91)

---

# SUMÁRIO

Prefácio .....	9
Apresentação .....	11
<i>Vinícius da Silva Seabra</i>	
1 Coronavírus! Que vírus é esse? .....	17
<i>Ana Olívia de Almeida Reis</i>	
<i>Marcela Queiroz Granato</i>	
2 Os mapas escolares e a leitura geográfica da pandemia	30
<i>Iomara Barros de Sousa</i>	
<i>Isabela Habib Canaan da Silva</i>	
<i>Jonas Ramos Pimentel</i>	
3 Tecnologias e seus usos durante a pandemia .....	49
<i>Charles Prado Cunha</i>	
4 As diferentes escalas de análise sobre covid-19 .....	70
<i>Anna Julia Lima Rozado</i>	
<i>Letícia da Silva Mendes</i>	
<i>Ana Claudia Ramos Sacramento</i>	

5	Brasil: a Covid-19 e seus impactos . . . . .	101
	<i>Thaís Alves da Graça Lino</i>	
	<i>Beatriz Carvalho Torres</i>	
6	O estado do Rio de Janeiro e algumas ações para o combate à Covid-19 . . . . .	123
	<i>Thaís Alves da Graça Lino</i>	
7	As cidades e os movimentos sociais durante a Covid-19 .	145
	<i>Débora Oliveira Assumpção</i>	
	<i>Thiago dos Prazeres do Nascimento</i>	
8	Racismo e a Covid-19: luta contínua. . . . .	164
	<i>Débora de Oliveira Assumpção Silva</i>	
	<i>Thiago dos Prazeres do Nascimento</i>	
9	Os refugiados no período da pandemia da Covid-19 . .	175
	<i>Beatriz Carvalho Torres</i>	
	<i>Ana Claudia Ramos Sacramento</i>	
10	Os impactos e as ações dos blocos econômicos durante a Covid-19 . . . . .	193
	<i>Beatriz Carvalho Torres</i>	
	<i>Ana Claudia Ramos Sacramento</i>	
11	O turismo e os impactos econômicos no período da pandemia da Covid-19 . . . . .	213
	<i>Ana Claudia Ramos Sacramento</i>	
	<i>Iomara Barros Sousa</i>	
	<i>Thiago Silva</i>	
	<i>Ágatha da Silva Dantas Conceição</i>	
	<i>Gabriel da Rosa e Silva</i>	
	Sobre as autoras/organizadoras. . . . .	235
	Sobre os autores. . . . .	237



## PREFÁCIO

O ano de 2020, começou com Wuhan, na China, apresentando para o mundo uma doença chamada Covid-19. Até então, todos imaginavam ser um fato isolado. Durante o mês de janeiro, apareceram novos casos na Ásia, Oceania e Europa, e em fevereiro, já estava presente em praticamente todo o mundo.

Todos nós nos isolamos. As escolas e as universidades fecharam para tentar diminuir os impactos da pandemia. Mas e agora? O que fazer mediante a essa situação?

Várias secretarias de educação pública e redes privadas procuraram alternativas para não interromper o ano letivo e uma delas foi realizar o ensino remoto. Todos os docentes tiveram que se reinventar para trabalhar e desenvolver suas aulas virtuais com os estudantes.

Mas como ensinar durante esse período? E o que ensinar? Como desenvolver recursos e práticas para proporcionar o conhecimento aos estudantes?

Vários professores começaram a buscar opiniões de como ensinar sobre a Covid-19. Outros, pediram indicações de materiais para trabalharem o tema com seus estudantes.

Daí surgiu a ideia de criarmos os boletins informativos temáticos como forma de ajudar esses professores. Assim, depois da concepção do primeiro boletim, os professores foram consultados sobre a pertinência do material. Com seu aval, iniciamos então a produção dos boletins informativos.

Este livro é fruto de um intenso trabalho dos bolsistas da FAPERJ, PIBIT-CNPq, PIBIC-UERJ e ID-Cetreina (UERJ) conjuntamente com o Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia: Diferentes Ações Didáticas (DEPEXT- UERJ) em parceria com o DAGEOP, na representação da professora Isabela Habib Canaan da Silva.

Este é um trabalho técnico com pesquisa de dados científicos em sites específicos, em livros, artigos, como os de jornais e revistas, com a primazia da relevância da ciência como forma de educar os estudantes e a comunidade a respeito da Covid-19.

Foram desenvolvidos 259 boletins informativos com 78 diferentes temáticas. Os temas escolhidos para compor o livro são parte da concepção de pensar geograficamente os fenômenos espacializados, assim contribuindo para um ensinar Geografia que desenvolva a leitura e a análise dos conteúdos necessários para uma aprendizagem que seja significativa.

**As autoras.**

# APRESENTAÇÃO

*Vinícius da Silva Seabra<sup>1</sup>*

A pandemia deflagrada pela disseminação do vírus Sars-Cov-2, causador da Covid-19, lançou ao mundo inteiro, o desafio de repensarmos as estruturas de funcionamento de várias atividades das nossas rotinas, mudando radicalmente nossas vidas. Isso porque, a medida mais eficaz de contenção do espalhamento do vírus é o distanciamento social, que uma vez adotado como medida sanitária, afeta diretamente diferentes setores importantes da sociedade, como o setor produtivo, o setor do entretenimento, da saúde, turismo, e também, como não poderia deixar de ser, o da educação.

O desafio não se limita à mudança em si, mas também ao tempo de reação da sociedade para criar alternativas de substituição das práticas existentes e dependentes da “aproximação social”, por outras que sejam eficazes e seguras nos tempos de pandemia. Ou seja, como se não bastasse a transformação decisiva, tivemos

---

1 Professor Doutor dos cursos de graduação e pós-graduação do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade Formação de Professores. Email: [vinigeobr@yahoo.com.br](mailto:vinigeobr@yahoo.com.br)

que nos adaptar em um curtíssimo espaço de tempo. Basicamente, o famoso “trocar o pneu com o carro andando”.

Como foi dito anteriormente, todas as áreas da sociedade tiveram que repensar suas práticas. Todos precisaram se readaptar. Mas sobre a Educação paira uma dupla responsabilidade: a de mudar as suas práticas num breve tempo e a de compreensão de um novo mundo que agora surge, no período de pandemia. Isto porque, a sala de aula é o espelho da sociedade, e se o mundo inteiro neste momento se preocupa com a Covid-19, é a partir dela, que temos que ressignificar nossas ideias e conteúdo.

E foi exatamente isso que fizeram brilhantemente as autoras e autores deste livro.

A pergunta que colocamos aqui é a seguinte: Como discutir diferentes temas importantes da Geografia a partir da pandemia da Covid-19?

No Capítulo 1, intitulado “Coronavírus! Que vírus é esse?”, Ana Olívia de Almeida Reis e Marcela Queiroz Granato, explicam de maneira bem clara e objetiva o que é a Covid-19 e porque esta doença causa tanta preocupação no mundo inteiro. As autoras abordam assuntos que vão desde a explicação do que é um vírus e do que é o coronavírus, passando por abordagens que falam sobre transmissão, sintomas, diagnóstico, prevenção e, por fim, tratamento da doença. Excelente ponto de partida para uma abordagem do assunto em sala de aula!

Já no Capítulo 2, “Os mapas escolares e a leitura geográfica da pandemia”, os autores Iomara Barros de Sousa, Isabela Habib Canaan da Silva e Jonas Ramos Pimentel, discutem a relevância da compreensão do mapa como um dos recursos mais importantes na explicação do comportamento espacial do vírus, em diferentes escalas. Os autores, de forma muito competente, se propuseram a criar mecanismos para “incentivar a construção de uma consciência espacial dos sujeitos, de modo que possam entender a

distribuição geográfica da Covid-19 no Brasil e no mundo, e suas interfaces com a realidade da cidade onde vivem”. Uma extraordinária discussão sobre a pertinência da leitura dos mapas e a formação de sujeitos autônomos.

No terceiro capítulo deste livro, intitulado “Tecnologias e seus usos durante a pandemia”, Charles Prado Cunha aborda o crescimento do uso das tecnologias ao longo da pandemia e todo quadro de desigualdade gerado pela dificuldade da população menos favorecida de ter acesso a estes recursos. O autor argumenta sobre todos os principais problemas enfrentados por alunos e professores com a adoção do ensino remoto e encerra sua discussão, apresentando de forma muito elucidativa, como as notícias falsas (*fake news*) que circulam pelos ambientes virtuais são tão prejudiciais para o combate da pandemia. Este é um assunto indispensável para a compreensão do que é a pandemia hoje.

O Capítulo 4, trata de um conceito muito valioso para a Geografia, que é a Escala Geográfica, à luz da pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-2. Com o título “As diferentes escalas de análise sobre Covid-19”, as autoras Anna Julia Lima Rozado, Letícia da Silva Mendes e Ana Claudia Ramos Sacramento tiveram como objetivo explicar a manifestação da Covid-19 em uma perspectiva multiescalar, apontando deste modo, como a pandemia possui ao mesmo tempo sua dinâmica a nível global, como também suas manifestações a nível local. As autoras demonstraram a partir de materiais didáticos elaborados (boletins informativos) como a doença se manifestou em diferentes regiões do mundo. Este capítulo é uma excelente aula de Geografia do Mundo e de Escalas, fundamentada no contexto da Covid-19.

O Capítulo 5, cujo título é “Brasil: a Covid-19 e seus impactos”, traz as autoras Thaís Alves da Graça Lino e Beatriz Carvalho Torres apresentando o panorama da pandemia no Brasil, com base na construção de materiais didáticos que tiveram como objetivo “levar informações sobre os acontecimentos e desdobramentos da Covid-19,

além de ressaltar os impactos da pandemia no âmbito social, econômico e cultural no Brasil e no mundo”. No capítulo são apresentados exemplos de materiais didáticos, sobre diferentes impactos da pandemia no Brasil, a serem trabalhados por professores em atividades remotas. O artigo é um excelente recurso para que alunos e professores compreendam os efeitos da pandemia no Brasil.

No sexto capítulo, “O estado do Rio de Janeiro e algumas ações para combater a Covid-19”, a autora Thaís Alves da Graça Lino apresenta um valioso conjunto de materiais didáticos com o propósito de explicar como o espaço fluminense foi afetado pela pandemia e seus desdobramentos. Além de mostrar os impactos em diferentes setores econômicos, a autora descreve a evolução da doença nas regiões do estado. Ou seja, os materiais contribuem para compreensão da organização espacial do estado do Rio de Janeiro baseados na análise da distribuição da doença.

Já no Capítulo 7, intitulado “As cidades e os movimentos sociais durante a Covid-19”, os autores Débora Oliveira Assumpção Silva e Thiago dos Prazeres do Nascimento, objetivaram discutir a importância da cidade e dos movimentos sociais para pensar geograficamente as ações nos espaços da favela no período da Covid-19, a partir de boletins informativos. Além disso, o capítulo aponta também as estratégias metodológicas para a elaboração dos materiais didáticos e ainda para os conteúdos a serem abordados com base nos mesmos. O texto trata muito bem da compreensão do papel dos movimentos sociais e de suas lutas no amparo das pessoas segregadas, sob a perspectiva da Covid-19.

Os mesmos autores, Débora Oliveira Assumpção Silva e Thiago dos Prazeres do Nascimento, trazem no Capítulo 8, cujo título é “Racismo e a Covid-19: luta contínua” a questão racial dentro do contexto da pandemia do coronavírus. Os boletins informativos gerados pelos autores explicam a razão de as pessoas negras e pardas serem mais vulneráveis à pandemia, e porque o levantamento das vítimas por raça/cor é de grande relevância para a compreensão do surto do

vírus. Trata-se de mais um importante material para a discussão de temas geográficos, e ainda, interdisciplinares.

No Capítulo 9, que tem como título “Os refugiados no período da pandemia da Covid-19”, as autoras Beatriz Carvalho Torres e Ana Claudia Ramos Sacramento colocam como sendo de fundamental importância a compreensão de “como estão vivendo os refugiados? Quais são as principais ações realizadas para garantir a vida dessas pessoas? Quais são os impactos (da Covid-19) na vida cotidiana dessas pessoas?”. As autoras ainda questionam e discutem como estão vivendo os refugiados e quais são as principais ações realizadas para garantir a vida dessas pessoas. Além de analisar quais são os impactos na vida cotidiana dessas pessoas. Este texto é um convite à abordagem de um tema de centralidade na Geografia da População.

Já no Capítulo 10, “Os impactos e as ações dos blocos econômicos durante a Covid-19”, as mesmas autoras, Beatriz Carvalho Torres e Ana Claudia Ramos Sacramento, discutem o processo de construção e ação dos blocos econômicos a partir da sua atuação frente à pandemia de Covid-19. As autoras apontam que “os estudantes da escola básica podem pensar em, como a regionalização dos blocos contribui para uma articulação espacial e econômica nas diferentes escalas, do mundial ao regional”. Sem dúvida alguma é um material interessantíssimo para a compreensão da Globalização e da Geografia do Mundo fundamentada na temática da pandemia de Covid-19.

O Capítulo 11, que se apresenta como o último deste livro, tem como título “O turismo e os impactos econômicos no período da pandemia da Covid-19”. Neste capítulo, os autores Ana Claudia Ramos Sacramento, Iomara Barros Sousa, Thiago Soares e Silva, Ágatha da Silva Dantas Conceição e Gabriel da Rosa e Silva, analisam os impactos da pandemia de Covid-19 sobre a atividade turística, que é uma das principais atividades econômicas no mundo. O texto traz discussões sobre as decisões tomadas por diferentes

países, no tocante ao turismo, durante a pandemia, apontando ainda os impactos das mudanças adotadas para as atividades locais. Sendo assim, em mais um momento do livro, temos a abordagem de um assunto de grande relevância geográfica, e interdisciplinar, discutido à luz da pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-2.

Desta maneira, deixamos o convite para a leitura deste maravilhoso trabalho, organizado pelas professoras Ana Claudia Ramos Sacramento e Iomara Barros de Sousa. Eis um livro de grande importância para o ensino, com temas de interesse da Geografia, fundamentais para a compreensão da pandemia de Covid-19.

Às autoras e autores, meus parabéns!

Aos leitores, bom proveito!



# 1

## **CORONAVÍRUS! QUE VÍRUS É ESSE?**

*Ana Olívia de Almeida Reis  
Marcela Queiroz Granato*

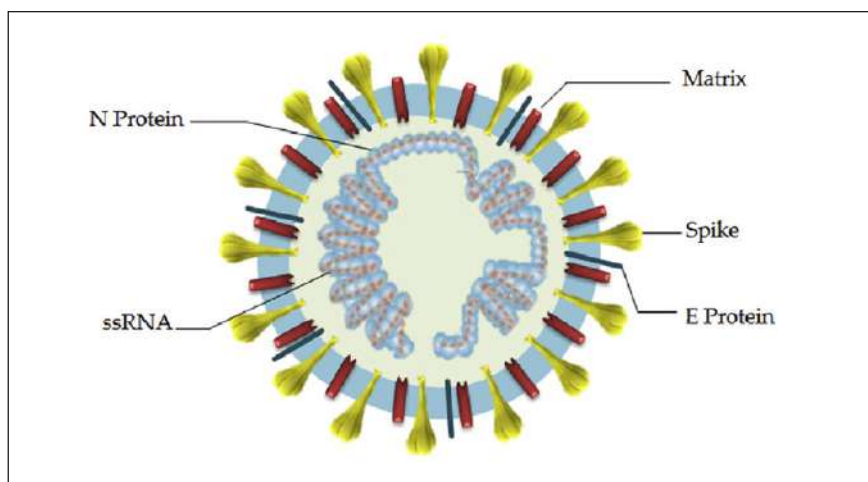
### **O que é um vírus?**

Os vírus são estruturas simples e pequenas, geralmente formadas por uma cápsula de proteína que envolve o seu material genético (*RNA* ou *DNA*). Os vírus não são formados por células, portanto, não possuem metabolismo próprio. Dessa forma, necessitam das células de um ser vivo para se reproduzirem. Diversos deles são responsáveis por causar doenças em humanos. Pandemias ocasionadas por vírus no mundo, como a da varíola, gripe espanhola (TAUBENBERGER; MORENS, 2020) e gripe suína (H1N1) (WHO, 2009) têm sido registradas desde o século XXVIII (MATOS, 2020). Em março de 2020, a propagação da Covid-19, doença causada pelo Sars-Cov-2 (um novo tipo de coronavírus) passou a ser considerada uma pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e desde então vem afetando diversos países do mundo, incluindo o Brasil (RAHIMI *et al.*, 2020).

## Por que coronavírus?

O termo coronavírus vem do nome científico da família que o vírus pertence, chamada *Coronaviridae*. Esse nome se deve à presença de estruturas proeminentes (espículas) que estão presentes na superfície do vírus, dando a ele uma aparência de coroa solar (Figura 1) (TYRREL *et al.*, 1978). A família *Coronaviridae* é composta por vírus causadores de infecções respiratórias em seres humanos e em alguns animais (HOLMES, 1999). Em humanos, os coronavírus sazonais estão geralmente associados a síndromes gripais leves. Entretanto, até 2019, dois deles foram responsáveis por epidemias severas, a Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS) e a Síndrome Respiratória do Oriente (MERS) (LANA *et al.*, 2020). A SARS emergiu em 2003, na China, e se espalhou rapidamente por diversos países, apresentando taxa de letalidade em torno de 10%. A MERS foi detectada pela primeira vez na Arábia Saudita em 2012, apresentando taxa de mortalidade de 35%. O SARS-CoV e o MERS-CoV são vírus zoonóticos, ou seja, transmitidos entre animais e pessoas (KHAN *et al.*, 2020).

**Figura 1** – Estrutura do vírus Sars-Cov-2



Fonte: ASTUTI; YSRAFIL, 2020.

O novo coronavírus, agente etiológico da pandemia atual, pode causar a Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS) e é geneticamente semelhante ao SARS-CoV, por isso, recebeu a denominação de Sars-Cov-2. Esse coronavírus, como outros vírus de RNA, têm altas taxas de mutação, que estão intimamente ligadas ao aumento da sua virulência e viabilidade (KHAN *et al.*, 2020).

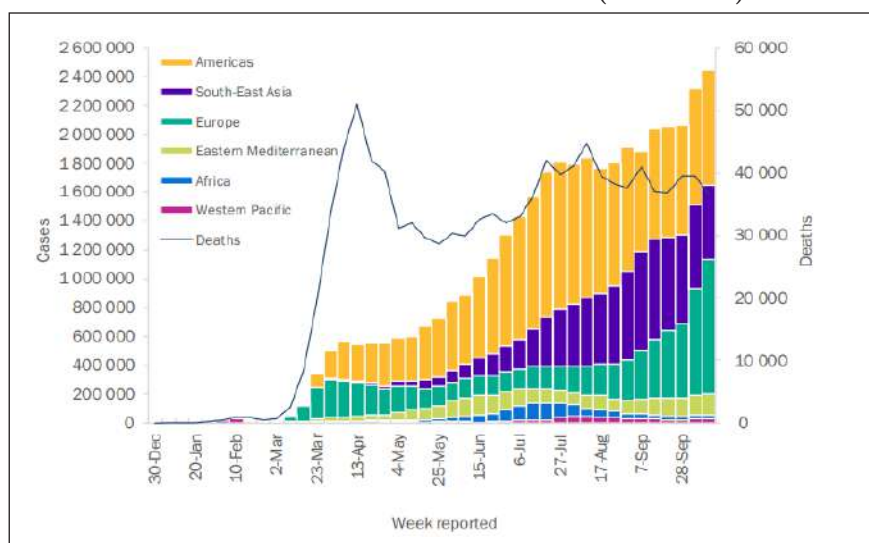
## COVID-19

A Covid-19 é a doença causada pelo novo coronavírus, e esse nome se refere à sigla em inglês “*coronavirus disease 2019*”. A doença apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Foi identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, na província de Hubei, República Popular da China. Os primeiros casos de Covid-19 foram relacionados com o mercado de frutos do mar em Wuhan, possível origem da fonte zoonótica (LANA *et al.*, 2020). Resultados preliminares demonstraram semelhanças genéticas entre Sars-Cov-2 e coronavírus de morcego. Esses dados sugerem que este animal foi o reservatório do Sars-Cov-2 e que este vírus teria sido transmitido ao homem via pangolim, considerado o hospedeiro intermediário (LANA *et al.*, 2020). Entretanto, não podemos descartar a possibilidade de transmissão do Sars-Cov-2 ao homem por outros animais selvagens que possam ter sido comercializados no mercado (LU *et al.*, 2020).

Após o surto na China, o número de casos e de mortes cresceu rapidamente na Europa, e se disseminou para a América do Norte, e logo em seguida, para a América do Sul (Figura 2). Após observar a disseminação da doença na escala global, a OMS, declarou em 11 de março de 2020, que a Covid-19 seria caracterizada como pandemia (WONG, 2020). Esse termo é utilizado quando uma epidemia (grande surto que afeta uma região) se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. No Brasil, o primeiro caso da doença foi relatado no dia de 26 de fevereiro de

2020, e a primeira morte em 17 de março de 2020. No início de outubro, após sete meses do primeiro caso, o Brasil já havia registrado mais de cinco milhões de pessoas infectadas, e mais de 149.600 mortes causadas pela Covid-19 (BRASIL, 2020).

**Figura 2** – Número de casos globais de Covid-19 reportados mensalmente (barras coloridas) e de mortes globais, coletados no período 30 de dezembro de 2019 a 18 de outubro de 2020 (linha azul)



Fonte: WHO (2020). Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20201020-weekly-epi-update-10.pdf>.

## Transmissão

As evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da Covid-19 pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de 1 metro de distância) com pessoas infectadas, através de secreções como saliva e secreções respiratórias, ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta (ALLEN; MARR, 2020; CAI *et al.* 2020; LIU *et al.*, 2020). As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1

metro de distância) com uma pessoa infectada podem pegar a Covid-19 quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos (OPAS, 2020). Nesse contexto, a transmissão acontece de uma pessoa infectada para outra ou por contato próximo, através de espirro, tosse com gotículas de saliva, catarro, contato pessoal próximo (toque ou aperto de mão), contato com objetos ou superfícies contaminadas, seguido de contato com a boca, nariz ou olhos.

## Sintomas

O tempo entre a infecção do ser humano pelo vírus e o início dos sintomas da doença é conhecido como “período de incubação”. De acordo com a OMS, no caso da Covid-19 esse intervalo varia de 1 a 14 dias, geralmente com duração de cinco dias. Os sintomas da Covid-19 podem divergir de um simples resfriado até uma pneumonia severa, sendo os sintomas mais comuns: tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldade para respirar. Outras manifestações frequentemente descritas são dor de cabeça, calafrios, dor de garganta e anosmia. Podem ocorrer também apresentações incomuns com diferentes manifestações, como diarreia, erupção cutânea ou dor abdominal (ROMANO *et al.*, 2020). Uma pequena proporção da população desenvolve sintomas mais graves que levam à falência respiratória, além de danos e falência de outros órgãos, especialmente, os dos sistemas cardíaco, hepático e renal (TAY *et al.*, 2020).

A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Um em cada seis indivíduos infectados por Covid-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade para respirar. Idosos ou pacientes com alguma comorbidade, como pressão alta, obesidade, cardiopatia, asma, diabetes ou câncer, são considerados do grupo de risco, sendo os mais suscetíveis às complicações da Covid-19. Entretanto, indivíduos saudáveis também podem apresentar quadros graves da doença (OPAS, 2020). Pacientes de todas as idades que manifestam febre e/ou tosse

associada à dificuldade de respirar/falta de ar, dor/pressão no peito ou perda da fala ou movimento, devem procurar atendimento médico imediatamente. Se possível, é recomendável ligar primeiro para o médico ou serviço de saúde, para que o paciente possa ser encaminhado para a clínica certa (OPAS, 2020).

## Diagnóstico

Caso o paciente tenha os sintomas, o profissional de saúde poderá solicitar exames laboratoriais diferentes, que pesquisam a presença do vírus (biologia molecular) ou a presença de anticorpos (imunológico) (SBAC, 2020). O exame de Biologia Molecular (RT-PCR em tempo real) identifica o vírus a partir da detecção do seu material genético no corpo do paciente. Nesse caso, é utilizada uma amostra de secreção nasal, de orofaringe (garganta) ou escarro (DIAS *et al.*, 2020). Este exame é positivo se, no dia da realização da coleta para o teste, o paciente estiver portando o vírus, com ou sem sintomas. Ou seja, se o teste for positivo, independente de apresentar ou não os sintomas, o paciente deve manter o distanciamento social, inclusive dentro de casa, caso o paciente conviva com outras pessoas.

Já o exame imunológico (teste rápido) detecta, ou não, a presença de anticorpos (principalmente IgG e IgM) em amostras coletadas de sangue (DIAS *et al.*, 2020). Os anticorpos da classe IgM estão presentes na fase ativa da doença, geralmente entre o sétimo e o décimo dia após os primeiros sintomas, enquanto os da classe IgG estão presentes 14 dias após os primeiros sintomas. Dessa forma, a ausência de anticorpos IgM e IgG no resultado do exame, significa que o paciente não está doente e ainda não teve contato com a Covid-19. Já um resultado positivo para IgM e negativo para IgG, significa que o paciente apresenta a fase ativa da doença. O resultado positivo apenas para IgG significa que o paciente não está mais na fase ativa da Covid-19, mas que em algum momento, teve contato com a doença. Devido ao período necessário para a produção de anticorpos pelo organismo, é aconselhável que esse exame

seja realizado somente após o sétimo dia de início dos sintomas, para evitar resultados falso-negativos (FIOCRUZ, 2020).

O diagnóstico da Covid-19 também pode ser realizado com exames clínicos e/ou a partir de critérios como: histórico de contato próximo ou domiciliar com caso confirmado laboratorialmente para Covid-19, e para o qual não foi possível realizar a investigação laboratorial específica.

## Prevenção

Para reduzir as chances de nos infectarmos ou transmitirmos a Covid-19, algumas precauções devem ser tomadas. Dessa forma, a OMS e o Ministério da Saúde do Brasil listaram diversas orientações simples que ajudam a população a se proteger contra o novo coronavírus. As principais medidas de prevenção incluem, lavar bem as mãos, usar máscaras e manter o distanciamento social (OMS, 2020).

As mãos devem ser higienizadas com sabão ou com álcool em gel, pois esses agentes destroem a camada protetora do vírus, matando o microrganismo (HAFEEZ *et al.*, 2019). A limpeza de objetos e utensílios tocados com frequência, e de compras de mercado, também é importante na prevenção do novo coronavírus (AMBRÓSIO *et al.*, 2020).

O uso de máscaras (compradas ou caseiras) é recomendado em larga escala para a proteção individual e coletiva, uma vez que muitas pessoas estão infectadas e ainda não apresentaram sintomas da doença. O uso correto desse equipamento de proteção é fundamental: não deve ser tocado depois de colocado, deve ser higienizado corretamente e não deve ser compartilhado com familiares. Para ser eficaz, a máscara precisa cobrir o nariz e a boca, e deve ser trocada a cada duas horas, ou sempre que ficar úmida (OMS, 2020).

As medidas de isolamento/distanciamento social diminuem a velocidade de transmissão do novo coronavírus, e com isso, podem reduzir o número de casos positivos e de mortes por

Covid-19. Além disso, essas medidas evitam a sobrecarga dos sistemas de saúde (AQUINO *et al.*, 2020; KRAEMER *et al.*, 2020).

## Tratamento

Por se tratar de uma doença nova, a Covid-19, não possui um medicamento com eficácia comprovada. Algumas pesquisas científicas sugerem o uso de medicamentos que já são utilizados no tratamento de outras doenças, mas nenhum desses compostos apresentou eficácia seguramente comprovada (TOURET *et al.*, 2020). Sendo assim, ainda não há um medicamento específico e efetivo contra a Covid-19. Portanto, ao apresentar os sintomas da doença, o paciente deve se dirigir a uma unidade de saúde, e seguir as orientações médicas.

Até julho de 2020, cerca de 140 vacinas estavam sendo desenvolvidas por centros de pesquisa do mundo todo, em uma corrida contra o tempo. Apesar disso, a produção de um novo produto seguro e eficaz, precisa seguir protocolos éticos e padrões de qualidade, antes de ser disponibilizado para a população. Esse processo não é simples e, em alguns casos, pode se prolongar por mais de 10 anos para obtermos os resultados necessários.

Para alcançar os níveis de segurança exigidos, um produto com potencial vacinal precisa passar por diferentes etapas de desenvolvimento, chamados de estudos clínicos, divididos em Fase I, Fase II, Fase III e Fase IV. Na primeira etapa, diferentes estudos são realizados para identificação de possíveis candidatos à vacina. Portanto, esta fase inicial corresponde à pesquisa básica e é onde novas propostas de vacinas são identificadas. A segunda etapa precede de testes em humanos e tem como objetivo demonstrar a segurança e o potencial imunogênico da vacina, através de testes pré-clínicos (*in vitro* e/ou *in vivo*). Em contrapartida, na terceira etapa, são realizados os estudos com seres humanos depois de obtidos dados e informações significativas na etapa anterior. Essa etapa de ensaios clínicos é a



mais longa, pois os estudos são realizados em grandes populações para validar a eficácia e garantir a segurança da vacina. Nesta última fase, a vacina precisa provar que, de fato, é capaz de promover proteção (ANVISA, 2020a, b). O último passo é a obtenção do registro sanitário. No Brasil, o registro, concedido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), é o sinal verde para que a vacina seja comercializada e disponibilizada no país.

Até setembro de 2020, várias vacinas para Covid-19 encontravam-se nos ensaios de Fase III, apresentando resultados promissores. No Brasil, três vacinas estão nessa etapa de desenvolvimento, uma delas é produzida pela Universidade de Oxford (Reino Unido), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); outra da empresa SinoVac (China) em parceria com o Butantan; e a terceira, da farmacêutica Pfizer em colaboração com a empresa alemã BioNTech. Além das três citadas, a vacina desenvolvida pelo laboratório Janssen e pelos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos (NIH) foi autorizada para iniciar os testes da Fase III no Brasil, a partir de outubro de 2020 (ANVISA, 2020c) (Figura 3).

As pandemias são, em sua maioria, surtos de doenças que se espalham por diferentes regiões através de uma contaminação sustentada. Ao longo da história humana foram registrados diferentes surtos e pandemias, incluindo varíola, cólera, peste, AIDS, gripe e síndrome respiratória aguda grave (SARS). No século XXI, a primeira pandemia ocorreu entre 2009 e 2010, causada pelo vírus H1N1, conhecida como gripe suína ou gripe A. Em 2020, a OMS classificou a Covid-19 como uma pandemia, considerada a segunda mais letal deste século.

**Figura 3** – Mapa das vacinas em teste no Brasil e suas respectivas informações



Fonte: ANVISA (2020b). Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/fique-por-dentro-do-mapa-das-vacinas-em-teste-no-brasil>.

Medidas de distanciamento social, associadas à utilização obrigatória de máscaras pela população, tornaram-se as principais formas de diminuição da transmissão do vírus, e assim, ocasionar a redução das demandas de internações hospitalares, evitando o colapso das instituições de saúde no Brasil e no mundo. Enquanto isso, as pesquisas científicas avançam em busca de um conhecimento mais robusto relacionado às características do Sars-Cov-2, essencial para o desenvolvimento de medicamentos e vacinas. As vacinas ensinam o sistema imunológico a combater vírus ou bactérias específicas, através da produção de anticorpos e de células de memória. A vacinação tem eficácia comprovada na prevenção de doenças, e em alguns casos, erradicando-as, salvando assim, milhões de vidas todos os anos. Atualmente, a vacinação é a ferramenta científica mais promissora, capaz de controlar a pandemia da Covid-19, em nível mundial.

## Referências

- ALLEN, Joseph; MARR, Linsey. Re-thinking the Potential for Airborne Transmission of SARS-CoV-2. 2020. **Preprints**, 2020. Disponível em: <https://www.preprints.org/manuscript/202005.0126/v1>. Acesso em: 20 set. 2020.
- AMBRÓSIO, Carmem Lygia Burgos *et al.* **Informativo de práticas alimentares durante e após a Covid-19**: das compras ao preparo. Vitória de Santo Antão: Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37450>. Acesso em: 09 out. 2020.
- ANVISA. **AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA**, 2020a. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/vacina-contra-covid-19-dos-testes-iniciais-ao-registro>. Acesso: 12 out. 2020.
- ANVISA. **AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA**, 2020b. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/saiba-o-que-e-exigido-para-a-aprovacao-de-vacinas>. Acesso: 12 out. 2020.
- ANVISA. **AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA**, 2020c. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/10/brasil-preve-140-milhoes-de-doses-de-vacina-contra-covid-19-para-o-1o- semestre-de-2021>. Acesso: 10 out. 2020.
- AQUINO, Estela M. L *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de Covid-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2.423-2.446, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020006702423&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020006702423&script=sci_arttext). Acesso: 10 out. 2020.
- ASTUTI, Indwiani; YSRASIL, Ysrafil. Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2): An overview of viral structure and host response. **Diabetes & Metabolic Syndrome. Clinical Research & Reviews**, v. 14, p. 407-412, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1871402120300849>. Acesso: 18 fev. 2021.
- CAI, Jing *et al.* Indirect Virus Transmission in Cluster of Covid-19 Cases, Wenzhou, China, 2020. **Emerging Infectious Diseases**, v. 26, n. 6, p. 1.343-1.345, jun., 2020. Disponível em: [https://wwwnc.cdc.gov/eid/article/26/6/20-0412\\_article](https://wwwnc.cdc.gov/eid/article/26/6/20-0412_article). Acesso em: 09 out. 2020.
- DIAS, Viviane Maria de Carvalho Hessel *et al.* Orientações sobre diagnóstico, tratamento e isolamento de pacientes com Covid-19. **Journal of Infection Control**, v. 9, n. 2, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://jic-abih.com.br/index.php/jic/article/view/295>. Acesso em: 09 out. 2020.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Testes para a Covid-19: como são e quando devem ser feitos**, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/testes-para-covid-19-como-sao-e-quando-devem-ser-feitos>. Acesso: 09 out. 2020.

HAFEEZ, Abdul; AHMAD, Shmmon, SIDDIQUI, Sameera Ali; AHMAD, Mumtaz; MISHRA, Shruti. A Review of Covid-19 (Coronavirus Disease 2019): diagnosis, treatments and prevention. **Eurasian Journal of Medicine and Oncology**, v. 4, n. 2, p. 116-125, 2020. Disponível em: <https://ejmo.org/10.14744/ejmo.2020.90853/>. Acesso: 09 out. 2020.

HOLMES, Kathryn V. CORONAVIRUSES (*CORONAVIRIDAE*). **Encyclopedia of Virology**, p. 291-298. 1999. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7150129/>. Acesso: 09 out. 2020.

KHAN, Z *et al.* Diagnostic approaches and potential therapeutic options for coronavirus 2 disease (Covid-19) 2019. **New Microbes and New Infections**, v. 38, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7525249/>. Acesso: 09 out. 2020.

KRAEMER, Moritz U. G. *et al.* The effect of human mobility and control measures on the Covid-19 epidemic in China. **Science**, v. 368, p. 493-497, 2020. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/368/6490/493.abstract>. Acesso: 09 out. 2020.

LANA, Raquel Martins *et al.* Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Caderno de Saúde Pública**, v. 36, n. 3, p. 1-5, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020000300301](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000300301). Acesso: 09 out. 2020.

LI, Quin *et al.* Early transmission dynamics in Wuhan, China, of novel coronavirus infected pneumonia. **New England Journal of Medicine**, v. 382, p. 1.199-1.207, 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2001316>. Acesso em: 09 out. 2020.

LIU, Yuan *et al.* Aerodynamic analysis of SARS-CoV-2 in two Wuhan hospitals. **Nature**, v. 2, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2271-3>. Acesso em: 09 out. 2020.

LU, Roujian *et al.* Genomic characterization and epidemiology of 2019 novel coronavirus: implications for virus origins and receptor binding. **Lancet**, v. 395, p. 565-574, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(20\)30251-8/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(20)30251-8/fulltext). Acesso em: 09 out. 2020.

MATOS, Haroldo José de. A próxima pandemia: estamos preparados? **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 9, n. 3, p. 9-11, 2018. Disponível em: <http://revista.iec.gov.br/submit/index.php/rpas/article/view/328>. Acesso em: 09 out. 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde, 2020. **Folha informativa Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Portal eletrônico OPAS, Brasil. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 09 out. 2020.

RAHIMI, Azadeh; MIRZAZADEH, Azin; TAVAKOLPOUR, Soheil. Genetics and genomics of SARS-CoV-2: a review of the literature with the special focus on genetic diversity and SARSCoV-2 genome detection. *Genomics*. **Preprints**, v. 113, p. 1.221-1.232. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0888754320308764>. Acesso em: 09 out. 2020.

ROMANO, Camila M; CHEBABO, Alberto; LEVI, José Eduardo. Past, present, and future of Covid-19: a review. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v. 53, n. 9, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.bjournal.org/article/past-present-and-future-of-covid-19-a-review/>. Acesso em: 09 out. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANÁLISES CLÍNICAS. **Métodos laboratoriais para diagnóstico da Covid-19**, 2020. Disponível em: <https://www.sbac.org.br/blog/2020/03/25/metodos-laboratoriais-para-diagnostico-da-covid-19/7/>. Acesso em: 09 out. 2020.

TAUBENBERGER, Jeffery K.; MORENS, David M. 1918, influenza: the mother of all pandemics. **Emerging Infectious Diseases**, v. 12, p. 15-22, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16494711/>. Acesso em: 09 out. 2020.

TAY, Matthew Zirui, *et al.* The trinity of Covid-19: immunity, inflammation and intervention. **Nature Reviews Immunology**, v. 20, n. 6, p. 363-374, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32346093/>. Acesso em: 09 out. 2020.

TOURET, Frank; DE LAMBALLERIE, Xavier. Of chloroquine and Covid-19. **Antiviral Research**, v. 177, p. 104-762, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32147496/>. Acesso em: 09 out. 2020.

WONG, Rebecca S. Y. 2020. The SARS-CoV-2 Outbreak: an Epidemiological and Clinical Perspective. **SN Comprehensive Clinical Medicine**, p. 1.983-1.991, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s42399-020-00546-z>. Acesso em: 09 out. 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World now at the start of 2009 influenza pandemic**. 2009. Disponível em: [https://www.who.int/mediacentre/news/statements/2009/h1n1\\_pandemic\\_phase6\\_20090611/en/](https://www.who.int/mediacentre/news/statements/2009/h1n1_pandemic_phase6_20090611/en/). Acesso em: 07 out. 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease ( Covid-19 ) : weekly epidemiological, update 1**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20201020-weekly-epi-update-10.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

## 2

# OS MAPAS ESCOLARES E A LEITURA GEOGRÁFICA DA PANDEMIA

*Iomara Barros de Sousa*

*Isabela Habib Canaan da Silva*

*Jonas Ramos Pimentel*

**E**ste capítulo se insere em um conjunto de ponderações teóricas que abordam o papel dos mapas escolares e destacam a importância da Cartografia para mobilizar uma leitura geográfica da pandemia. Reflexões ressaltam o ensino dos mapas aliado à educação geográfica para a formação de sujeitos com um olhar crítico e reflexivo a respeito dos desdobramentos e dos impactos sociais do novo coronavírus (Covid-19) na sociedade capitalista moderna.

O objetivo deste texto é propiciar o entendimento do mapa como recurso visual para pensar geograficamente a pandemia a partir de situações geográficas em diferentes escalas espaciais. Cabe ao professor incentivar a construção de uma consciência espacial dos sujeitos, de modo que eles possam compreender a distribuição geográfica da Covid-19 no Brasil e no mundo, e suas interfaces com a realidade da cidade onde vivem.

Ao considerarmos o “comportamento” do vírus correlacionado com o acelerado e desenfreado consumo, o ritmo de urbanização e fragilidade no cuidado com o meio ambiente, temos a Cartografia como ciência, técnica, e arte que favorece a representa-

ção gráfica dessa doença em diferentes escalas espaciais e temporais. A representação cartográfica, especialmente, os mapas, compreendem em um meio de comunicação do “mundo real” que possibilita materializar a localização, o registro, e analisar o mundo para nele, interferir e atuar.

Menezes e Fernandes (2013) trazem a concepção da Cartografia como diálogo em um sistema monossêmico (único), cuja linguagem é universal e favorece a leitura e interpretação da realidade de modo satisfatório.

Ao considerar a Cartografia como um sistema de comunicação, pode-se verificar que a fonte de informações é o mundo real, codificado pela simbologia do mapa, e o vetor entre a fonte e o mapa é caracterizado pelo padrão gráfico bidimensional estabelecido pelos símbolos (MENEZES; FERNANDES, 2013, p. 43).

Isto é, temos o “mundo real” reduzido por meio da dimensão bidimensional atrelado à legenda. Nessa afirmação, os autores deixam claro o papel da codificação para se alcançar a comunicação cartográfica entre autor e usuário. Para tornar o mapa significativo, é importante traçarmos a informação que pretendemos representar no plano.

O mapa é como um texto, ele transmite uma mensagem que, por sua vez, demanda uma interpretação adequada dos dados. Um bom mapa comunica a informação geográfica e, imprime uma visão onde as pessoas consigam decodificá-lo e, portanto, entendam a mensagem a ele atribuída. Ora, fazer e elaborar uma representação cartográfica auxilia na interpretação adequada dos dados.

O motivo deste capítulo é dialogar com a preocupação de afirmar o uso do mapa como recurso didático capaz de instigar um modo de pensar e agir geográfico a respeito da pandemia e, que ultrapasse o entendimento da informação midiática, garantindo a formação de um conhecimento geográfico e, portanto, reconhecendo a importância social da ciência cartográfica na Geografia Escolar.

Deste modo, o presente texto foi dividido em três partes. Em primeiro lugar, discutimos os mapas como instrumentos necessários e relevantes no contexto atual da pandemia. Posteriormente, analisamos o significado dos mapas geográficos e sua utilização no ambiente escolar para trabalhar a Covid-19. Por último, abordamos os mapas da pandemia como recursos didáticos para as práticas de ensino de Geografia, como linguagem e/ou metodologia de ensino na Educação Geográfica, e as formas de enfrentamento dessa doença, que têm provocado novas geografias.

### **O papel dos mapas no contexto atual da pandemia**

Segundo Kraak *et al.* (1996) a Cartografia fornece um método que permite a representação de um fenômeno ou de um espaço geográfico, de tal forma, que a estrutura espacial seja visualizada e permita que se infiram conclusões sobre o mencionado fenômeno. Tal representação, muitas vezes é chamada de mapa por diversas áreas do conhecimento e pode ser entendida como um modelo da realidade.

Afinal, o que é um mapa? Antes do surgimento da própria escrita, o mapa constituía-se em um instrumento usado pelos homens para registrar graficamente interesses e necessidades. Esse modelo de comunicação possibilitava aos povos primitivos se orientarem, se localizarem e, portanto, construírem representações espaciais. De forma geral, o mapa é entendido como uma abstração, uma simplificação do mundo real, pois este é selecionado pelo projetista, transformado em convenções por um simbolismo associado e levado ao mapa.

Menezes (2000) define o mapa como uma representação plana, dos fenômenos sociobiofísicos, sobre a superfície terrestre, após a aplicação de transformações, a que são submetidas as informações geográficas. De acordo com Lacoste (1976) *apud* Martinelli (2018), os mapas contemplam temas em diferentes escalas espaciais e temporais que favorecem a elaboração, leitura e interpretação do



conhecimento geográfico. Assim, é possível compreender a sociedade para nela atuar e transformar a realidade.

No processo de elaboração de mapas devemos levar em consideração a comunicação cartográfica, ou seja, se a percepção que o autor possui do objeto real pode ser percebida pelo usuário final. A percepção visual que o usuário possui do mapa incita uma série de estímulos mentais. Esses sentidos são impulsionados desde o início do processo de produção dos mapas (CASTRO, 2007). Carvalho e Araújo (2008) explicam que os produtos cartográficos devem usufruir da comunicação cartográfica como uma das metas a se alcançar, pois esses produtos funcionam como um importante meio para a expressão das relações que ocorrem no espaço.

Monmonier (1982), Carvalho e Araújo (2008) definem alguns fatores para que se possa acontecer a comunicação cartográfica através de representações, em outros termos, é preciso que a representação atenda a algumas qualidades técnicas. Portanto, é fundamental ter bem definido o que o autor pretende transmitir, conhecer o público para quem ele destina o seu produto, fazendo com que o usuário possa absorver toda a informação e consiga responder a todas as questões que possam surgir durante sua interpretação, limitando ao máximo, a utilização de detalhes desnecessários que comprometam e dificultem sua interpretação final. As técnicas usadas devem ser adequadas ao tipo de dado representado, respeitando desta feita, o padrão técnico necessário para um bom produto. A simbologia precisa estar adequada ao tema, para que o leitor consiga compreender o real significado dos elementos do mapa, evitando assim, o excesso de símbolos que confundam o usuário.

O mapa é um importante elemento da linguagem cartográfica, pois possibilita a leitura de uma dada realidade. Os elementos que compõem o mapa são uma das formas essenciais para a identificação do fenômeno representado no mesmo, assim como a direção, a localização e as representações dentro da legenda.

Ler mapas é um processo que começa com a decodificação envolvendo algumas etapas metodológicas as quais devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz. Inicia-se o processo pela observação do título. Temos que saber qual o espaço representado, seus limites, suas informações. Depois, é preciso observar a legenda ou a decodificação propriamente dita, relacionando os significantes e o significado dos signos relacionados na legenda. É preciso também fazer uma leitura dos significantes/significados espalhados no mapa e procurar refletir sobre aquela distribuição/organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para posterior cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações ou interpretações (ALMEIDA; PASSINI, 2000, p. 17).

O uso de mapas e outros tipos de representações visuais se mostram ferramentas indispensáveis para o entendimento da progressão de doenças, origem e sua distribuição em diferentes escalas territoriais. O mapa da cólera em Londres, produzido por John Snow em 1850, é um dos exemplos mais conhecidos que retratam a importância do uso de mapas que atuam como um instrumento junto a saúde pública. Com o mapeamento dos endereços de pessoas contaminadas feito pelo pesquisador foi possível identificar os focos de transmissão da doença na cidade de Londres (WELBOURN, 2009).

Nos dias atuais, as geotecnologias e metodologias do geoprocessamento são instrumentos fundamentais na representação da Covid-19 no espaço urbano, devido à possibilidade de se produzir análises de forma rápida e dinâmica, além da georreferenciação de dados em diferentes formatos (NETO; ALEIXO, *et al.*, 2020).

A Covid-19 causada pelo vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (Sars-Cov-2) em pouco tempo espalhou-se por todos os continentes e em 11 de março de 2020, foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia, se configurando como uma emergência de saúde pública de importância internacional.

Segundo Cardoso *et al.* (2020) as representações cartográficas podem detectar informações importantes e apresentar soluções

para a problemática em questão, isto tudo, a um baixo custo de produção. Além disso, a possibilidade de se apresentar os dados da pandemia em diferentes escalas de forma visual é uma das vantagens de utilizar este tipo de produto.

Com o avanço da pandemia, grupos de pesquisadores começaram a produzir mapas junto aos movimentos sociais, pessoas que vivem em comunidades e outras associações de pessoas, a fim de expor a realidade da pandemia nas regiões periféricas e questionar as representações feitas por instituições públicas e privadas, as quais produzem informações que nem sempre retratam realmente o impacto da doença no território. As pesquisas em universidades públicas surgiram em conjunto a outros órgãos públicos e permitiram análises de todo o contexto atual e de medidas que possam ser tomadas para conter a propagação da pandemia, além de se articularem em conjunto com movimentos sociais para a produção de mapas cada vez mais locais e participativos.

## **Os mapas geográficos e sua utilização no ambiente escolar**

A Geografia, componente curricular da educação básica, desempenha o papel de formar o pensamento geográfico dos estudantes, a partir de conceitos (Lugar, Paisagem, Região, Escala, Território, Sociedade e Natureza) possibilitando a compreensão de conteúdos como, por exemplo, População, Urbanização, Formação Socioespacial brasileira, em diálogo com as práticas sociais cotidianas.

De acordo com Martinelli (2014, p. 23), o uso de mapas – representação bidimensional e com significado monossêmico –, na sala de aula deve resultar na percepção do sujeito sobre o mundo real, enquanto meio de expressar graficamente sua espacialidade. O pensamento do autor vai ao encontro do questionamento feito por Oliveira (1977) sobre o ensino dos mapas, trabalhado com base na percepção e na estrutura mental dos estudantes, de modo que, ao codificarem e

decodificarem seus lugares, estejam prontos para lerem e interpretar mapas e outras representações cartográficas e, portanto, tornarem-se sujeitos críticos da sua tarefa e prática social. Concordamos com a autora que não adianta trabalhar com mapas sem que os estudantes codifiquem e decodifiquem informações espaciais.

Os mapas escolares são reproduções dos mapas geográficos. O que ocorre é que os pequenos “leem” os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não tem significação para as crianças (OLIVEIRA, 1999, p. 189).

Faz-se, relevante, o preparo científico e didático-pedagógico do professor para reafirmar seu compromisso com os estudantes no ensino de Cartografia, de maneira que eles possam compreender, interpretar e buscar soluções para problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais, ou seja, ler o espaço geográfico como resultado das ações humanas e naturais. Busca-se, pois, diálogo entre conhecimentos acadêmicos, a realidade dos alunos e seu nível cognitivo no ensino dos mapas.

Ler e interpretar mapas está diretamente relacionado à Cartografia Escolar. Conceber o mapa como linguagem e/ou metodologia de ensino nas aulas de Geografia o converte em um meio de comunicação da realidade, de modo impresso ou digital. Isso demanda, de acordo com Simielli (2007), a familiarização dos sujeitos com o alfabeto cartográfico que se inicia na Educação Infantil e progride ao longo do Ensino Fundamental I e II até o Ensino Médio. A autora, ainda nos chama atenção sobre o domínio científico e pedagógico do professor na mediação do processo de codificação e decodificação na sala de aula e, assim, usar o mapa para além de um recurso visual e meramente ilustrativo em suas práticas de ensino.

[...] Os alunos do Ensino Fundamental e Médio devem ser orientados pelo professor de Geografia para descobrir e explorar o espaço, e para isso necessitam conhecer o alfabeto cartográfico. É importante que a linguagem cartográfica (alfabeto cartográfico) seja valorizada,

estudada e conhecida pelos estudantes. Através dela, o aluno interpreta os mapas, orienta-se e estabelece a correspondência entre a representação cartográfica e a realidade (SIMIELLI, 2007, p. 88).

Cabe ao docente selecionar os mapas que serão trabalhados no processo de construção do conhecimento geográfico, considerando a escala e a legenda para o desenvolvimento de suas ações didáticas com sentido e significado para os estudantes.

## **Os mapas da pandemia como recursos didáticos**

Ensinar Geografia é uma tarefa dinâmica e inclui a compreensão das transformações dos fenômenos geográficos que interferem no modo de vida, não só dos alunos, mas da sociedade. Entender a prática de construção do espaço é analisar e interpretar como os fenômenos interagem e se localizam nesse espaço.

Assim, o ensino de Geografia busca promover a compreensão espacial da realidade vivida pelo aluno, a percepção dos fenômenos que ocorrem e alteram o meio físico, a relação do modo de produção, e com isso, a transformação do espaço e ocupação de novos territórios. Além da mudança impressa na paisagem, o lugar e a identidade que o aluno vive com as novas configurações regionais no mundo, e tantas outras questões que modificam a Geografia nesse novo contexto de mundo moderno.

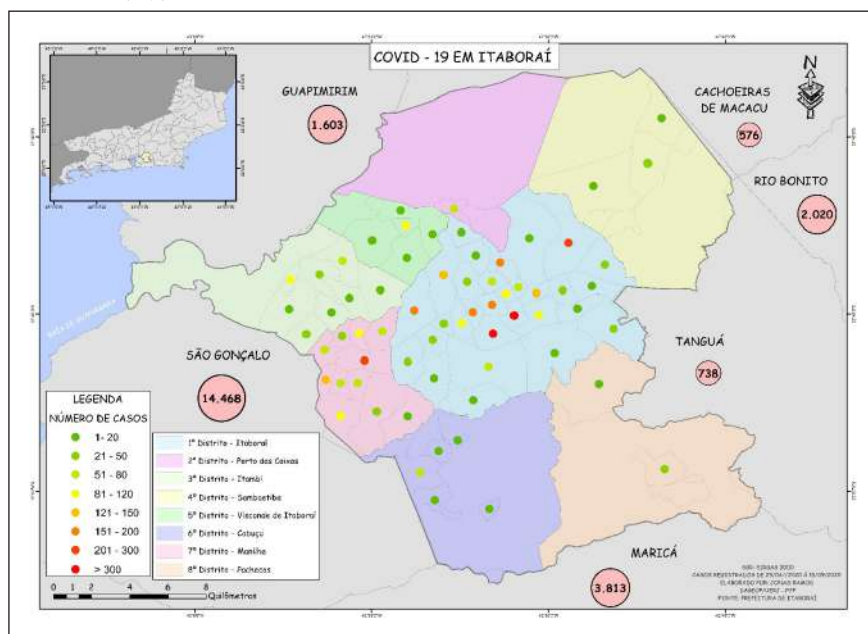
A partir deste entendimento do ensino de Geografia cabe abordar em aula a pandemia da Covid-19. De acordo com Cardoso *et al.* (2020), a Geografia e suas diferentes áreas do conhecimento podem contribuir para a organização e leitura de aspectos socioespaciais que subsidiam tomadas de decisão, que vão desde adoção de estratégias para proteção de grupos sociais vulneráveis e desprivilegiados, até a construção de cenários pós-crise sanitária.

Um dos recursos disponíveis para as análises espaciais em Geografia é a Cartografia, que sendo uma linguagem, um sistema-código de comunicação, torna-se imprescindível em todas as

esferas da aprendizagem em Geografia, pois permite a articulação da leitura e da escrita do mundo.

A Cartografia possibilita ao docente trabalhar diferentes conteúdos da Geografia, por isso, é possível que os professores desenvolvam o ensino da pandemia através do mapa e com isso, incentivar a construção de uma consciência espacial dos sujeitos, responsável e ética para com a sociedade e o meio ambiente. Deste modo, para que o estudante desenvolva a capacidade de ler o mundo, o professor necessita pensar didaticamente em estratégias e atividades de aprendizagem que possibilitem a leitura e a interpretação de diferentes realidades segundo o espaço vivido e ampliando-o em escalas gerais. A Figura 1, exemplifica a representação da Covid-19 na escala local.

**Figura 1** – Distribuição de casos de Covid-19 no município de Itaboraí (RJ)

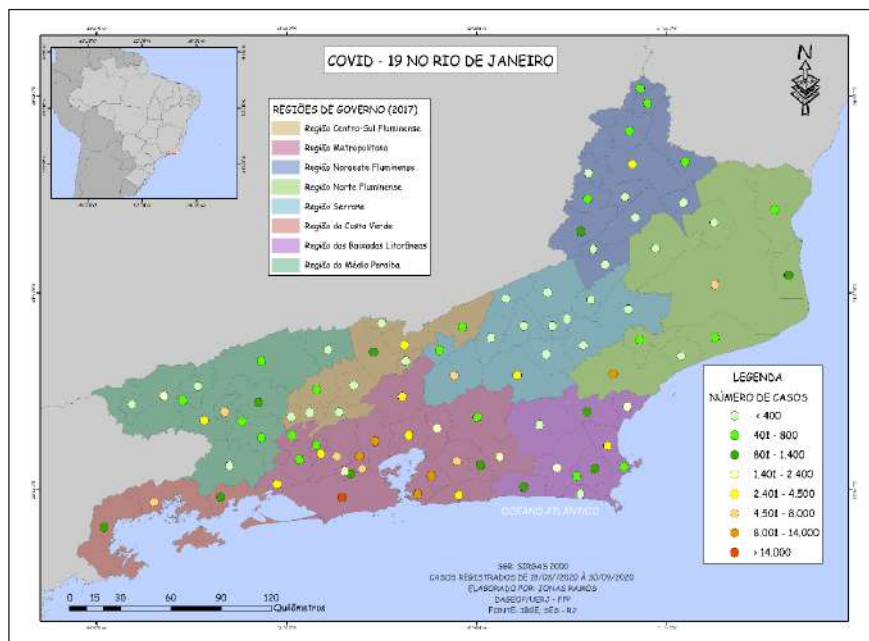


O mapa da Covid-19 referente ao município de Itaboraí, espacializa esta doença por distritos, cujo marco temporal corresponde ao mês de setembro de 2020. Existe uma concentração de infectados pelo novo coronavírus no distrito sede – 1º Distrito Itaboraí – e o quantitativo de casos reduzidos à medida que ocorre um afastamento da cidade. Uma explicação plausível para isso encontra-se na concentração populacional junto à oferta de serviços que geram maior circulação de pessoas nos bairros do centro da cidade.

Um dos caminhos metodológicos para a leitura do espaço geográfico na escola, segundo Castellar (2011), é a apropriação da Cartografia como uma opção metodológica porque implica na sua utilização em todos os conteúdos da Geografia, como forma de interpretação e de análise dos conceitos geográficos. Neste sentido, o trabalho cartográfico em sala de aula também pode ser enriquecido com o mapa na escala estadual, conforme mostra o mapa do estado do Rio de Janeiro por regiões de governo e municípios, representado na Figura 2.

No mês de setembro de 2020, o estado do Rio de Janeiro concentrou a maior parte dos casos da Covid-19 na Região Metropolitana, em especial, na capital. Conforme ocorre um afastamento em relação à cidade do Rio de Janeiro, observamos a redução de pessoas contaminadas. Isso se justifica pela menor densidade demográfica aliada à concentração econômica na capital do estado.

**Figura 2** – Distribuição de casos de Covid-19 no estado do Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Para que a leitura de mapas seja eficaz, o professor deve mediar o processo de observação do título, do espaço representado, seus limites, escala e informações temáticas (neste caso a Covid-19). De acordo com Almeida e Passini (2000), é preciso examinar a legenda, relacionando os significantes e o significado dos signos pertinentes na legenda. É preciso também se fazer uma leitura dos significantes/significados espalhados no mapa e procurar refletir sobre aquela distribuição/organização. É fundamental compreendermos a distribuição dos números de casos da doença em função de seus fatores de influência na escala nacional, assim como mostra a Figura 3.

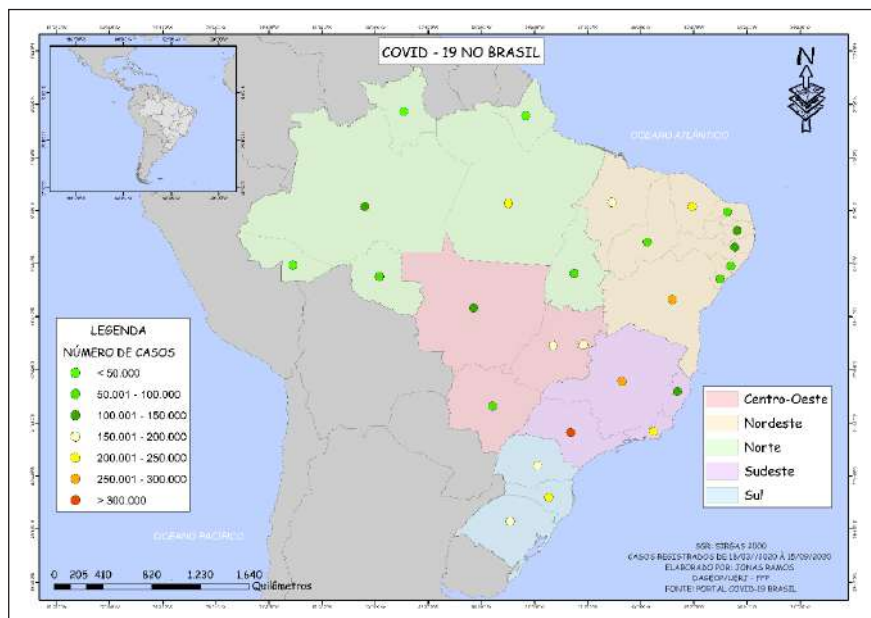
Em relação ao território brasileiro neste mesmo marco temporal – setembro de 2020 – identificamos a concentração de casos da Covid-19 nos estados de Minas Gerais, Bahia e, principalmente, em São Paulo, onde foram registrados os primeiros casos em nosso país,



pois tratam-se de localidades com maior concentração de pessoas, serviços e atividades industriais. Diante disso, percebemos um nível de contágio mais controlado em outras localidades do Brasil.

Esta sequência de mapas pode ser usada como estratégia de aprendizagem para que os alunos ampliem a sua leitura de mundo, partindo do local, para escalas menores, compreendendo assim a espacialização da doença a partir da localização e análise de suas implicações. E com as mudanças de escala podem exercitar a correlação e a síntese. Com essa abordagem, os estudantes conseguem apreender a distribuição geográfica da Covid-19 no seu município, em seu estado e suas interfaces com a realidade do Brasil e de outros países do mundo. No momento atual, onde diferentes representações cartográficas deste tema surgem, é fundamental que o aluno domine a sua leitura crítica e a correlação das diferentes escalas.

**Figura 3** – Distribuição de casos de Covid-19 no Brasil por regiões e estados



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Assim, as representações cartográficas auxiliam na leitura da pandemia. Os mapas, conforme Martinelli (2008), podem dizer muito mais sobre os lugares, além de apenas responderem à questão da localização, isto é, eles podem caracterizar os lugares. Logo, as representações cartográficas que expressam a pandemia, extrapolam a localização e a indicação da quantidade de casos e óbitos. É possível representar as características da população e as disponibilidades do sistema de saúde e assim compreender a dinâmica espacial da doença em diferentes escalas.

No caso da pandemia, que é um fenômeno global, é interessante abordarmos diferentes escalas para que o aluno entenda a dinâmica da doença em seu município, no lugar vivido, em seu estado, em seu país e em outros países, sendo desta maneira, capaz correlacionar e sintetizar dados, de acordo com o segmento do ensino.

Para Simielli (2003), a Cartografia representa um meio para desenvolvermos noções de percepção e análise do espaço geográfico utilizando o mapa, que proporciona a localização e a análise dos fenômenos, assim como a correlação e a síntese. Significa desenvolver atividades com as categorias cartográficas de localização/análise e correlação apontada por Simielli (1996) e, ainda estimular os estudantes a ultrapassarem a localização da difusão dessa doença.

Para Castellar e Moraes (2013), a Cartografia contribui para que os estudantes possam elaborar e ler mapas a partir do seu lugar de vivência, e compara-los com outros. Essa comparação garante criticidade sobre o meio e futuras alterações, conforme o aprofundamento das reflexões oriundas da perspectiva cartográfica do espaço.

Com a expansão da pandemia pelos continentes, foram surgindo diferentes representações cartográficas, em escalas distintas, representando diversos temas relacionados à doença. É extremamente importante que tais representações sejam utilizadas como recursos didáticos, principalmente, nas aulas de Geografia onde o

professor deve estimular o aluno a ler o mundo através da linguagem cartográfica.

O ensino através dos mapas de Covid-19 começa por atender a “localização” como princípio do conhecimento geográfico, que aparece diretamente ligado às representações cartográficas, que buscam ensinar aos estudantes formas de orientação e localização. Além, claro, de atender as competências da Geografia presentes na BNCC (BRASIL):

Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas (BRASIL, 2018, p. 360).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, como forma de orientar os currículos escolares e estabelecer os conhecimentos que os estudantes deveriam aprender em cada ano de ensino é formada por um conjunto de normas estabelecidas na Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei nº 9.394/1996), que tem a finalidade de fazer com o que os estudantes desenvolvam habilidades, competências e conhecimentos durante o seu período no ensino básico. As orientações contidas nesse documento devem ser aplicadas ao currículo de todas as unidades e redes de ensino presentes no território brasileiro.

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental é possível identificar habilidades básicas a serem desenvolvidas, como a (EF02GE09) direcionada para a identificação de objetos e locais de vivência por diferentes ângulos através de mapas, imagens e fotografias. A partir do terceiro ano, as habilidades continuam a desenvolver a identificação de objetos, porém, também começam a contemplar a criação de elementos cartográficos. Já a habilidade (EF03GE06) trata da identificação e da interpretação de objetos cartográficos e a competência (EF03GE07), versa sobre o reconhecimento e elaboração de elementos cartográficos em diferentes escalas.

Logo, as habilidades nos últimos anos da etapa inicial do Ensino Fundamental são aprofundadas e direcionadas para a distinção e comparação dos objetos na superfície terrestre. No quarto ano essas características aparecem nas habilidades (EF04GE05), (EF04GE10) e (EF04GE11) que esperam que os estudantes possam distinguir as unidades administrativas, comparar e apontar características de diferentes tipos de mapas e identificar os elementos na paisagem natural e antrópica, além da ação humana, nessas áreas. Por fim, no quinto ano, a habilidade (EF05GE09) que através de representações cartográficas, espera que os estudantes consigam formar conexões entre as cidades e colocá-las em níveis hierárquicos. Assim, seria interessante trabalharmos a pandemia em seu contexto local e global, partindo da localização e explorando a relação das diferentes escalas de análise.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, o ensino através dos mapas aparece na habilidade (EF06GE08), referente ao sexto ano, que diz que o estudante deve ser apto a utilizar a escala para calcular as distâncias na superfície. E no sétimo, a habilidade (EF07GE09) tem a ver com a utilização de meios digitais e outros tipos de fontes de informação para análise, interpretação e criação de mapas históricos e temáticos.

Neste momento, caberia a abordagem geopolítica junto aos mapas da Covid. Espera-se, portanto, que ao final do Ensino Fundamental o aluno esteja hábil a ler o espaço geográfico utilizando representações cartográficas. De acordo com Simielli (2003), o aluno deve ser capaz de localizar e analisar um determinado fenômeno no mapa, correlacionar duas ou mais ocorrências e fazer a síntese de todo o assunto trabalhado.

Já no Ensino Médio, a Geografia apresenta-se junto às ciências sociais e humanas, tendo a habilidade (EM13CHS106) como uma das competências ligadas ao uso de mapas:

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 572).

O estudo da pandemia através de mapas é algo que contempla uma série habilidades empregadas pela BNCC e possibilita discutir outros assuntos presentes no currículo básico da Geografia.

## Considerações finais

Tendo em conta, o ensino de Geografia no contexto do mundo moderno, em que é preciso entender a pandemia de Covid-19, destacamos o uso dos mapas como recurso didático. Uma vez que a representação cartográfica libera caminhos para o entendimento e configuração desse vírus desde sua origem, suas particularidades quanto ao ritmo de difusão em diferentes sociedades, e as formas de enfrentamento dessa doença, dentro da lógica do capitalismo moderno.

À medida que ler a pandemia exige pensar com base no raciocínio geográfico para entendermos o comportamento da disseminação desse vírus em diferentes escalas espaciais, recomendamos o ensino pelo mapa. Pois, é preciso que os estudantes ultrapassem a localização da difusão dessa doença e entendam o “comportamento” do vírus correlacionado com o acelerado e desenfreado consumo da sociedade capitalista, o ritmo de urbanização e a fragilidade no cuidado com o meio ambiente.

Ou seja, neste contexto da pandemia, o professor precisa incentivar a construção de uma consciência espacial nos estudantes, criar estratégias didáticas por meio de situações-problemas que os estimulem a entender o porquê em alguns países o ritmo de contaminação é mais acelerado do que em outros, a relação entre

isolamento social e quantidade de pessoas contaminadas e a faixa etária mais atingida pela Covid-19.

Assim, será possível conduzir os jovens a um olhar reflexivo e crítico a respeito da pandemia, uma vez que esse trabalho envolve um modo de pensar geográfico que ultrapassa o consumo da informação midiática garantindo a formação de um conhecimento geográfico e, portanto, reconhecendo a importância social dessa ciência.

Como o tema é atual, os mapas de Covid ainda não estão presentes nos livros didáticos, o que ressalta a importância de o professor estar atento às novas representações, em diferentes escalas, que são disponibilizadas por instituições idôneas e grupos de pesquisa. Dessa forma, será viabilizada uma aprendizagem realmente significativa onde o aluno consiga compreender o contexto do mundo em que vive.

## Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin; PASSINI, Elza. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Geografia**. Brasília: MEC, 2018. p. 600. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. Lei nº 9.394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 20 jan. 2020.

CARDOSO, Phillipe Valente; SEABRA, Vinícius da Silva; BASTOS, Izabela Braz; COSTA, Evelyn de Castro Porto. A importância da análise espacial para tomada de decisão: um olhar sobre a pandemia de Covid-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, n. 1, ano 16, Especial Covid-19, p. 125-137, maio, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50440>. Acesso em: 20 set. 2020.

CARVALHO, Edilson Alves de.; ARAÚJO, Paulo César de. **Leituras cartográficas e interpretações estatísticas I**. Natal, RN: EDUFERN, 2008. 278. Disponível em: [http://bibliotecadigital.sedis.ufrn.br/pdf/geografia/Le\\_Ca\\_I\\_LIVRO\\_WEB.pdf](http://bibliotecadigital.sedis.ufrn.br/pdf/geografia/Le_Ca_I_LIVRO_WEB.pdf). Acesso em: 20 set. 2020.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzela; MORAES, Jerusa Vilhena. A linguagem cartográfica: possibilidades para aprendizagem significativa. *In*: PORTUGAL,

Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Orgs.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. v. 1. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 5-37.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzela. A Cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. *In*: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Novos rumos da Cartografia Escolar – currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121- 135.

CASTRO, José Flávio Morais. Comunicação Cartográfica e Visualização Cartográfica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 87, p. 67-84, 2007. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/696/578>. Acesso em: 01 out. 2020.

KRAAK, M. J.; ORMELING, F. J. **Cartography-visualization of spatial data**. Essex: Addison Wesley Longman Limited, 1996.

MARTINELLI, Marcelo. Um atlas geográfico escolar para ensino-aprendizagem da realidade natural e social. **Portal da Cartografia**, Londrina, UEL, v. 1, n. 1, p. 21-34, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia/article/viewFile/1361/1086>. Acesso em: 01 out. 2020.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas, gráficos e redes: elabore você mesmo**. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

MARTINELLI, Marcelo. Tempo e espaço no mapa. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 87, p. 39-55, 2018. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/>

[index.php/boletim-paulista/article/view/1498](http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1498). Acesso em: 01 out. 2020.

MENEZES, Paulo Márcio Leal. **A interface Cartografia-Geoecologia nos estudos diagnósticos e prognósticos da paisagem: um modelo de avaliação de procedimentos analítico-integrativos**. 208 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, 2000.

MENEZES, Paulo Márcio Leal; FERNANDES, Manoel do Couto. **Roteiro de Cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

MONMOINER, Mark S. A Comunicação Cartográfica. *In*: ANDERSON, Paul S. **Princípios de Cartografia Básica**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1982.

NETO, João Cândido André da Silva; ALEIXO, Natacha Cíntia Regina. Geotecnologias no mapeamento da Covid-19 no estado do Amazonas entre os meses de março e junho de 2020. **Revista Metodologias e Aprendizado**, v. 3, p. 69-82, 2020. Disponível em: <http://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/1333/1033>. Acesso em: 01 out. 2020.

OLIVEIRA, Livia de. **O estudo metodológico e cognitivo do mapa**. 203 p. Tese (Livre-docência) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 1977.

- OLIVEIRA, Livia de. Percepção e representação do espaço geográfico. *In*: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. UFSCAR, 1999. p. 187-192. Disponível em: [http://www2.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE\\_ARQ\\_REVIS\\_ELETR20090930145705.pdf?PHPSESSID=457bd590044f5b40c0cfa3162307abd8](http://www2.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20090930145705.pdf?PHPSESSID=457bd590044f5b40c0cfa3162307abd8). Acesso em: 01 out. 2020.
- SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. *In*: CARLOS, A. F. A (Org). **A Geografia na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 92-108.
- \_\_\_\_\_. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. *In*: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 71-93.
- WELBOURN, Bill. **John Snow's Contribution to Modern Epidemiology**, 2009.



# 3

## TECNOLOGIAS E SEUS USOS DURANTE A PANDEMIA

*Charles Prado Cunha*

**D**urante o ano de 2020, o mundo precisou se adaptar às restrições geradas pela pandemia da Covid-19. Em vários países houve o fechamento de todos os serviços não essenciais e também a restrição da circulação da população. O chamado *Lockdown*, bem como o distanciamento social, foi essencial para o controle do número de casos e óbitos do novo coronavírus. Entretanto, mesmo com todas estas medidas vigorando ao longo do ano, muitos serviços e até mesmo os estudos não foram comprometidos. As tecnologias existentes em nossa sociedade, que antes já eram bastante usadas, se tornaram cruciais durante este período.

Passamos então a conviver com os mais diferenciados termos: *home office*, ensino remoto, *delivery*, etc. Essa convivência com o mundo tecnológico passou a refletir em números de pesquisas realizadas sobre o uso dos meios digitais. Juntamente com estes números de crescimento global do uso da *Internet* e o consumo de produtos a partir das vendas *on-line*, a desigualdade social, que já era existente antes da pandemia, se escancarou ao longo do ano de 2020, prejudicando assim, as pessoas de classes sociais como C, D e E.

Santos (2006, p. 26-27) utiliza-se do período imperial para demonstrar a existência da desigualdade tecnológica (a qual podemos presenciar até os dias atuais). O império era o responsável pela prática de preços a serem cobrados. Sendo assim, criaram um monopólio para que houvesse apenas o consumo da tecnologia desenvolvida por lá, tornando em vários momentos, a impossibilidade do acesso a este produto. Os Estados Unidos, que ao longo do tempo desenvolveu novas tecnologias em grande escala, possuía o desejo de que houvesse a quebra deste desequilíbrio socioeconômico e sociopolítico entranhado nas colônias. Viu o seu poder de controle das novas tecnologias crescer vertiginosamente no pós-guerra, tornando-se desta forma, uma potência e referência tecnológica para o mundo. Porém, o desejo de que todos pudessem ter acesso a tecnologia passou longe de ser uma realidade, como mostra o fragmento abaixo:

O processo de globalização, em sua fase atual, revela uma vontade de fundar o domínio do mundo na associação entre grandes organizações e uma tecnologia cegamente utilizada. Mas a realidade dos territórios e as contingências do “meio associado” asseguram a impossibilidade da desejada homogeneização (SANTOS, 2006, p. 27).

Se por um lado, o uso da *Internet* cresceu e se tornou benéfico para muitas pessoas, por outro, existem aqueles que disseminam o mal a fim de prejudicar pessoas, meios de comunicação e instituições. As *fake news* tomaram conta da *Internet* durante a pandemia de Covid-19, fazendo com que as pessoas acreditassem e repassassem conteúdos que prejudicaram a ciência, especialistas, órgãos internacionais e de governos, entre outros.

Com a tecnologia cada vez mais globalizada e presente em nosso dia a dia, discutir sobre as diversas formas de seu uso durante o período da pandemia da Covid-19 se fez necessário no ambiente escolar, principalmente, por ser esta, uma das áreas que mais fez uso da tecnologia e que viu a desigualdade e falta de políticas públicas atrapalharem o rendimento dos alunos e professores. Este tema

também tem uma importância grande a ser discutida na Geografia, e pode ser demonstrado aos alunos sob o aspecto das diferenças espaciais na utilização de tecnologias pelo mundo e também pelo Brasil, com uma maior ênfase, para que o aluno possa também desenvolver seu senso crítico perante a desigualdade existente, além da observação das diferenças sociais em cada região do nosso país.

Este capítulo, que é baseado em informativos desenvolvidos ao longo do ano pelo Grupo de Ensino e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC), lotado na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e que faz parte de pesquisas realizadas para Bolsa de Iniciação Tecnológica – PIBITI CNPq (2020-2021): “O ensino e a aprendizagem a partir de aplicativos e jogos digitais para o ensino de Geografia na cidade de São Gonçalo”, tem como objetivo mostrar ao leitor, através de pesquisas realizadas por diversas instituições e empresas ao longo de 2020, como foi o crescimento do uso de tecnologias ao longo da pandemia pela população e por empresas, bem como os problemas enfrentados pela desigualdade no acesso a elas.

Também abordaremos as novas formas de trabalho e estudo durante este período, trazendo os prós e os contras do uso de meios digitais para a realização destas tarefas. E por último, falaremos sobre os perigos do compartilhamento e como são feitas as notícias falsas ou *fake news*, que como já dito anteriormente, foram bastante prejudiciais no combate a Covid-19.

## **A nova realidade e as desigualdades geradas pela era digital ao longo da pandemia**

A pandemia da Covid-19 trouxe inúmeros transtornos e mudanças de hábitos da população mundial. Tivemos que conviver, no ano de 2020, com períodos de fechamento da economia, com apenas os serviços essenciais em funcionamento. Por sua vez, a Educação

teve que se adaptar a novos tempos mediando com o ensino remoto, e as empresas funcionando em regime de *home office* e outros.

Com os dados mais atuais sobre o uso de *Internet* pela população brasileira, a pesquisa TIC Domicílios 2019, publicada em reportagem feita por Valente (2020) para a Agência Brasil revela que 74% da população são usuários da *Internet*, e representam cerca de 134 milhões de brasileiros. Quando o assunto é a conectividade com a *Internet* através de diversos eletroeletrônicos, a pesquisa revelou que 99% dos brasileiros utilizam o celular como o eletrônico principal para a sua conexão. A pesquisa afirmou que 42% da população utiliza o computador para acessar a *Internet*, outros 37% acessam pela *Smart Tv*, enquanto 9% utilizam também, o videogame para navegar no mundo cibernético.

Mesmo com o constante crescimento na acessibilidade a *Internet* e suas tecnologias, é preciso destacar a desigualdade existente nas diversas regiões do país. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019, 75% das residências na região Sudeste possuem *Internet*. Na mesma pesquisa, apenas 65% dos lares nordestinos possui acesso à *Internet*, tornando-a assim, a região com o menor número de residências com acesso à *Internet* do Brasil. Se compararmos as populações destas regiões, o Sudeste, segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2019, concentrava 42,2% da população brasileira, enquanto o Nordeste vem logo em seguida com 27,2% da população brasileira. Então, por que esse tipo de desigualdade no acesso à *Internet* acontece em nosso país?

A desigualdade vai além do uso da *Internet*. Mesmo a região Nordeste concentrando a segunda maior população do Brasil, dados da desigualdade social explicam o motivo desta problemática. Segundo informações coletadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a PNAD Contínua 2019, o rendimento médio da população da região Nordeste é a menor do Brasil, e gira em torno de R\$ 1.510. Ao pesquisarmos outros dados, notamos o quanto a falta de políticas públicas afeta a população nordestina.


Dados reunidos na pesquisa Síntese de Indicadores Sociais (SIS) realizada no ano de 2017, pelo IBGE, publicado por Oliveira (2017) para a Agência Brasil mostram que 43,5% da população vive na linha da pobreza.

Durante a pandemia, o uso de aplicativos nos celulares teve um aumento considerável, se comparado aos mesmos períodos de 2019. Através de dados coletados por Butcher (2020) divulgados no site Mobile Time segundo o aplicativo de dados global de consumo de aplicativos, o *App Annie*, só no segundo trimestre, houve um aumento de 40% no tempo de uso de aplicativos (BUTCHER, 2020), comparado com o primeiro trimestre do mesmo ano. Este fato representa em horas, o número de 200 bilhões de horas onde os usuários estão conectados nos aplicativos, mundialmente. No Brasil, segundo os dados coletados, no segundo trimestre, houve um aumento de 20% no tempo médio de uso de aplicativos, sendo em números de horas a marca expressiva de quase 15 bilhões de horas gastas. Vale ressaltar, que nesta pesquisa, o tempo de uso de aplicativos de jogos não foi considerado.

Juntamente com o número de horas gastas com o uso de aplicativos, outro número que cresceu consideravelmente diz respeito aos gastos com aplicativos de comida, no primeiro semestre de 2020. Segundo pesquisa realizada pelo *startup* de gestão de finanças pessoais, a *Mobills*, esse aumento foi de 103% se comparado com o mesmo período de 2019. Esse aumento pode ser considerado pelo fato de no mesmo período os restaurantes estarem proibidos de abrir as portas, fazendo com que muitas lojas oferecessem o consumo através do *delivery*.

Estas informações podem ser encontradas no informativo de número 78 (Figura 1) onde em sua primeira parte são abordados referenciais sobre a utilização em horas da tecnologia e dos aplicativos durante o período de isolamento social, em nível global e nacional. Neste informativo, também é feita uma introdução sobre a porcentagem de pessoas e casas que possuem acesso à *Internet* no Brasil.

# Figura 1 – Informativo sobre os dados de acesso à Internet e uso de aplicativos durante a pandemia



## A TECNOLOGIA EM TEMPOS DE COVID-19


### PARTE 1

A pandemia da Covid-19 fez com que muitos hábitos fossem adaptados às novas rotinas com o isolamento social. Estamos convivendo com a pandemia a mais de 10 meses e junto com ela vieram novos termos, novas formas de estar se comunicando, trabalhando e até mesmo estudando. Passamos a fazer Home Office e ter o ensino remoto como parte desse "novo normal" na rotina, não só dos brasileiros, mas em todo o planeta.

Segundo dados do TIC Domicílios 2019, 74% dos brasileiros acessaram a internet pelo menos uma vez nos últimos três meses. Quando o assunto é o uso de aplicativos que necessitam de acesso à internet, seja aplicativos para pedir um carro para se locomover, seja aplicativos de delivery de comida, este número sobe para 79%.


Se considerarmos os dispositivos de conexão com a internet, a última pesquisa afirma que 99% da população se conecta a internet utilizando o smartphone ou outros dispositivos móveis. 42% utilizam computadores, enquanto 37% e 9% utilizam de televisões e videogames respectivamente para se conectarem à internet. Vale ressaltar que esta pesquisa não utiliza a referência de uso exclusivo de apenas um destes dispositivos descritos acima para estar se conectando a internet, portanto, o mesmo entrevistado pode ter respondido que utilizou um ou mais dispositivos para se conectar a internet, conforme a figura 1.

**FIGURA 1: O USO MASSIVO DO CELULAR NA CONEXÃO COM A INTERNET.**




Marcello Casal Jr / Agência Brasil. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-da-internet-aponta-pesquisa>

**FIGURA 2: TEMPO EM HORAS DE CONEXÃO COM APLICATIVOS PELO MÓVEL.**



Fonte: <https://www.mobiltime.com.br/noticias/19/07/2020/app-annie-usuarios-ficam-40-mais-tempo-em-aplicativos-na-pandemia#:~:text=O%20tempo%20mensal%20em%20aplicativos,Os%20gastos%20m%C3%A9di%20ocorram.>

**FIGURA 3: COMPARATIVO DOS PAÍSES MAIS CONECTADOS NOS APLICATIVOS.**



Fonte: <https://www.mobiltime.com.br/noticias/19/07/2020/app-annie-usuarios-ficam-40-mais-tempo-em-aplicativos-na-pandemia#:~:text=O%20tempo%20mensal%20em%20aplicativos,Os%20gastos%20m%C3%A9di%20ocorram.>

Na figura 3 podemos observar os países com os aplicativos mais conectados: Índia, Estados Unidos e Brasil são os três maiores países em consumo de internet.

**OUTRO DADO IMPORTANTE É O TEMPO QUE CADA CONSUMIDOR PASSA UTILIZANDO OS APLICATIVOS.** Segundo dados do App Annie, houve um aumento de 40% no tempo de uso dos aplicativos, ou seja, no mundo as pessoas ficaram 200 bilhões de horas conectadas nos apps, conforme observa-se na figura 2. Já no Brasil, houve um aumento de 20% no tempo médio de conexão com os aplicativos de celular, em números, isso representa quase 15 bilhões de horas.

Como está sendo o comportamento do brasileiro nas compras online? O crescimento nas vendas online ficou restrito apenas as grandes empresas? E a relação ao empregado e empregador? O que podemos esperar das profissões futuramente? E o que verá nos próximos informativos.

**FONTES CONSULTADAS**  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-da-internet-aponta-pesquisa>  
<https://www.mobiltime.com.br/noticias/19/07/2020/app-annie-usuarios-ficam-40-mais-tempo-em-aplicativos-na-pandemia#:~:text=O%20tempo%20mensal%20em%20aplicativos,Os%20gastos%20m%C3%A9di%20ocorram.>

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Claudia Ramos Sacramento.  
 Projeto de Extensão: Oficinas Escolares em Geografia (Casteira) –  
 Bolsa de Iniciação Tecnológica – PIBITI-CNPq (2020-2021). “O ensino e a aprendizagem a partir de aplicativos e jogos digitais para o ensino da Geografia na cidade de São Gonçalo”  
 Charles Prado  
 Informativo LXXVIII – 18 de dezembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Também devemos considerar o aumento significativo das compras *on-line*. O *e-commerce*, como é chamado o comércio eletrônico, foi uma ferramenta bastante utilizada durante o período de restrições

de abertura do comércio, no início da pandemia. Segundo pesquisa realizada pela Ebit/Nielsen, publicada pelo portal G1 (2020), o crescimento no primeiro semestre de 2020, do número de compras *on-line* foi de 39% se comparado com o mesmo período de 2019. Essa porcentagem representa em números um total de 90,8 milhões de compras *on-line* neste intervalo. Os picos dos maiores volumes de compras *on-line* foram registrados nos dias 05 de abril e 28 de junho de 2020, motivados pelas restrições de funcionamento do comércio. Já o faturamento das empresas também cresceu consideravelmente, chegando ao patamar de R\$ 38,8 bilhões em transações de compras pela *Internet*. Isto representa 47% de aumento, sendo assim, foi considerado o maior volume de vendas do setor desde o início da *Internet* no Brasil.

Podemos dizer que em tal caso, o momento da pandemia foi o período de maior investimento em vendas *on-line*. Segundo dados da operadora de pagamentos *on-line*, a *PayPal*, publicados por Júnior (2020) no portal de notícias G1, no mês de agosto de 2020, estava *on-line* cerca de 1,3 milhões de *sites* de vendas. Houve então um crescimento de 40,7%, se comparado ao mesmo período de 2019, onde existiam cerca de 930 mil *sites* de vendas. Esta foi considerada a maior alta desde o início da pesquisa em 2015.

Estes e outros dados estão disponíveis na segunda parte do Informativo 78 (Figura 2) onde é explicado o que é o *e-commerce* e o crescimento no número de compras e criação de *sites* ao longo da pandemia.

A falta de *Internet* também é um agravante no Brasil. Em tempos, onde se fez necessário um contato maior com nossos familiares e amigos utilizando a *Internet*, existem pessoas que não tiveram esta mesma possibilidade. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019, cerca de 20 milhões de brasileiros ainda não possuem nenhum tipo de conexão com a *Internet*. Este número é maior na região Nordeste, onde 35% da população ainda não possui conectividade. Quando o comparativo é com a renda das famílias, 45% delas, que tem renda de até um salário mínimo não possuem acesso à *Internet*.

Figura 2 – Informativo sobre o e-commerce



## A TECNOLOGIA EM TEMPOS DE COVID-19

### PARTE 2

#### O QUE É O E-COMMERCE?

Durante a pandemia da covid-19, provavelmente você tenha feito alguma compra online ou tenha conhecido alguém que tenha feito. O e-commerce, ou comércio eletrônico, é a comercialização de produtos e serviços pela internet. Toda ferramenta que utilize meios de pagamentos online é considerado um e-commerce.

Vale destacar que o e-commerce engloba duas modalidades de compra. Estas modalidades são: compras em aplicativo (pedidos por delivery e compras pelas Market places das principais redes sociais) e compras em site.

Com a pandemia da covid-19 o consumo através do comércio online aumentou consideravelmente no Brasil. Segundo pesquisa da Ebit/Nielsen, o crescimento no número de pedidos no primeiro semestre de 2020 é de 39%, se comparado com o ano de 2019, em números, isso representa aproximadamente 90,8 milhões de pedidos. Quando o assunto é o faturamento das empresas com as vendas online, segundo os dados coletados, houve um aumento de 47%, com transações girando em torno de R\$ 38,8 bilhões. Essa é considerada a maior alta do setor desde o início da comercialização de produtos no Brasil através da internet, ou seja, 20 anos.

#### FIGURA 1: CRESCIMENTO DE NOVOS CONSUMIDORES NO E-COMMERCE DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA.

Dados coletados por Charles Prado. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/06/28/faturamento-de-lojas-online-no-brasil-criou-47-por-cento-no-1o-semester-de-2020-maior-alta-em-20-anos.ghtml>

Podemos considerar que automóveis, bebidas e alimentos tiveram valores negativos de faturamento de vendas. Podemos compreender que no caso de automóveis, as pessoas por não sair de casa, ter sido desemprego, salário reduzido não empregaram capital na compra deste item. Em relação à bebida e à alimentação por estarmos em casa, a preferência foi por fazer o próprio alimento para diminuir custo, assim como no caso de bebidas.

#### COVID-19: CRESCIMENTO DE NOVOS CONSUMIDORES ONLINE

Fonte: <https://www.nielsen.com/pt-content/tupiaads/files/3/2020/03/covid-19-novos-consumidores-e-commerce.png>

Outro ponto importante destacado pela pesquisa refere-se ao pico atingido no número de compras online. Segundo dados da Ebit/Nielsen, esse pico ocorreu entre os dias 05 de abril e 28 de junho, motivado, principalmente pela quarentena vigente neste período onde havia a restrição de circulação das pessoas e o comércio fechado.


Essa alta também reflete nos números de novos clientes desta modalidade. Segundo a pesquisa, 7,3 milhões de pessoas fizeram suas compras online pela primeira vez. A pesquisa também afirma que mais de 41 milhões de pessoas são consumidores ativos do comércio online.



PARA SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO, ACESSAR O LINK:

LINK:

<https://www.youtube.com/watch?v=Kf0dMfz25Qg>

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
Coordenação Prod.ª Dr.ªne Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão: Oficinas Escolares em Geografia (Cetejraj) –  
Bolsa de Iniciação Tecnológica - PIBITI/CNPq (2020-2021); “O ensino e a aprendizagem a partir de aplicativos e jogos digitais para o ensino de Geografia na cidade de São Gonçalo” –  
Charles Prado  
Informativo LXXVIII – 18 de dezembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Durante a pandemia, esta realidade foi dura para muita gente. Alexandre Barbosa, gerente do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (cetic.br) e um dos responsáveis pela pesquisa, faz a seguinte declaração:

56

Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia



Com o isolamento social, medida de prevenção a Covid-19, milhões de brasileiros passaram a depender ainda mais da *Internet* e das TIC de maneira geral para realizar atividades de trabalho remoto, ensino à distância e até mesmo para acessar o auxílio emergencial do governo. Mas a falta de acesso à *Internet* e o uso exclusivamente por celular, especialmente, nas classes D e E, evidenciam as desigualdades digitais presentes no país, e apresentam desafios relevantes para a efetividade das políticas públicas de enfrentamento da pandemia. A população infantil em idade escolar nas famílias vulneráveis e sem acesso à *Internet* também é muito afetada neste período de isolamento social. A pandemia revela de forma clara as desigualdades no Brasil (BARBOSA, 2020, s/p).

## **A adoção do ensino e trabalho remotos no decorrer da pandemia**

Com a pandemia da Covid-19, uma nova realidade surgiu no ensino, não só do Brasil, mas em todo o mundo. O ensino remoto se fez presente na vida dos estudantes durante o ano de 2020. Segundo dados coletados pela UNICEF, abreviação em inglês de “Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância”, no auge da pandemia, cerca de 1,5 bilhão de crianças e jovens foram afetados pelas medidas de restrição impostas pelos governos, que fizeram com que as escolas fechassem as portas. É importante ressaltar que o ensino remoto é diferente de ensino a distância (EAD) praticado no Brasil, especialmente, por universidades particulares. Segundo a professora de Tecnologia do Centro Universitário Braz Cubas, uma das mais antigas universidades particulares do Brasil, Renata Costa, em entrevista concedida a Rabello (2020) para o portal Desafios da Educação: “O ensino remoto praticado atualmente (na pandemia) assemelha-se a EAD apenas no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia. Mas os princípios seguem sendo os mesmos da educação presencial”.

Ao longo do ano, vários países, ao verem as curvas dos casos e óbitos da Covid-19 reduzirem, optaram pelo retorno as aulas presenciais, sendo praticados diversos protocolos para se evitar a

disseminação do vírus. Mesmo com o retorno das aulas presenciais, muitos ainda optaram por estudar através do ensino remoto. Segundo pesquisa realizada também pela UNICEF, o ensino remoto não fez parte do dia a dia de milhões de crianças pelo mundo. Dados afirmam que 1/3 das crianças em idade escolar não tiveram acesso ao ensino remoto. Este número representa 463 milhões de crianças que enfrentaram diversos problemas de acesso aos conteúdos disponibilizados pelas escolas.

Então como se deu o ensino remoto no Brasil? Quando surgiram os primeiros casos da Covid-19 no país, o Ministério da Educação suspendeu as aulas presenciais em todas as instituições de ensino. Publicado no Diário Oficial da União, a lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, em seu artigo 1º, autoriza, em caráter excepcional, a substituição das aulas presenciais por aulas on-line, enquanto durar a pandemia da Covid-19, reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

O ensino remoto no Brasil fez com que a desigualdade antes comparada pelo ensino público e privado, ficasse cada vez mais irregular com o ensino remoto. A pesquisa TIC Domicílios 2019, já citada anteriormente, mostra o quanto ainda falta para que grande parte a população tenha acesso à *Internet*. Segundo dados coletados, apenas 44% das casas na zona rural, possuem acesso à *Internet*. Já na área urbana este índice chega a 70% de casas conectadas. Outra diferença, fica mais clara, quando comparamos o acesso à *Internet* pelas classes sociais: 96,5% das casas das classes A e B (dos mais ricos) possuem acesso à *Internet*. Já as classes D e E, 59% não tem acesso à rede.

Estes dados ficam mais evidentes se os equipararmos com a pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Ensino a Distância (Abed). Segundo tal pesquisa, feita com 5,5 mil estudantes de todo o Brasil, publicada por Fuzeira (2020), no portal de notícias Metrôpoles, durante o período de 24 de agosto a 15 de setembro de 2020, cerca de 63,5% destes alunos possuíam acesso à *Internet* banda larga em casa, e outros 25,8% afirmaram que acessam a

*Internet* através de terceiros (parentes, vizinhos, instituições, etc.). Quando o assunto é o tipo de eletrônico para o acesso à *Internet*, segundo a mesma pesquisa, 91% dos estudantes declararam que o único eletrônico utilizado para assistir as aulas é o celular. Vale ressaltar que mais de 92% dos estudantes são alunos da rede pública de ensino e dentro deste número, 76,85% dos estudantes estão no Ensino Médio. Para a grande maioria, além da carga de atividades em excesso, a qualidade da *Internet* também foi um empecilho na hora de acompanhar as aulas *on-line*.

Em reportagem publicada no portal de notícias G1 (2020), o estudante Guilherme Lima, de 15 anos, da rede estadual de ensino de São Paulo faz um relato das condições do ensino de grande parte dos estudantes durante a pandemia. Ele mora com os pais e mais dois irmãos em idade escolar: “A gente tem celular, mas sinto muita falta de um computador ou de um tablet. Fica difícil de enxergar alguns conteúdos na tela pequena. Sinto que estou ficando com o conteúdo muito defasado, não entendo a matéria. Enquanto alguns têm dois ou três notebooks em casa e só usam um, a gente não tem nenhum”.

Um dos maiores problemas do ensino remoto, reforçado pela pesquisa TIC Domicílios 2019, é a questão do uso do celular como o eletrônico principal para o acesso à *Internet*. Em reportagem produzida por Tenente (2020) ao portal G1, não são só os alunos que possuem dificuldades com o ensino remoto, os professores também têm problemas com a conexão, e com a falta de apoio do estado que não disponibiliza equipamentos tecnológicos para que os professores possam oferecer uma qualidade maior no ensino.

Segundo uma professora de Geografia da rede estadual de ensino de São Paulo, que não quis se identificar, por não receber este apoio do estado para ministrar as suas aulas, recomenda vários vídeos para que os alunos possam estar estudando, como a única solução encontrada por ela. Outro problema comum durante a pandemia foi a falta de espaço na memória nos celulares dos pais para que os filhos acessem as plataformas *on-line* onde eram ministradas as aulas. Portanto, um dos

recursos utilizados para que ninguém ficasse atrasado foi a distribuição do conteúdo através do *WhatsApp*, que é um dos aplicativos mais acessados para o ensino remoto durante a pandemia.

Para muitos professores, esta não foi uma atitude assertiva, sobretudo, por que assim, eles estariam se expondo ao contato direto com os alunos e violando a sua privacidade por intermédio dos grupos criados pelas escolas. Conforme a professora Flávia da Silva, da rede de ensino público de Itumbiara (GO), em mais de 16 anos de profissão nunca tinha passado seu contato para pais e alunos. Ela disse para a reportagem do portal G1 (2020), que: “No último domingo, estava atendendo ligação às 3 da tarde. Eram alunos com dificuldades, com dúvidas. Eu atendi e dei as orientações, mas é complicado”.

Outra prática que se tornou necessária em tempos de isolamento social, foi o trabalho remoto ou *home office*, como ficou mais conhecido. Esta foi a forma de grandes empresas, principalmente, as que mantinham sua rotina de trabalho em escritórios, de continuar atendendo os clientes durante este período. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Administração (FIA) realizada no mês de abril de 2020 e publicada por Mello (2020) para a Agência Brasil, início da pandemia, com 139 empresas, 46% delas utilizou deste novo regime trabalhista. No setor de comércio e serviços, 57,5% dos funcionários trabalharam em esquema de *home office*. Já para as micro e pequenas empresas, a porcentagem destas que trabalharam remotamente foi de 52%.

Como na adoção do ensino remoto, o *home office* praticado pelas empresas também teve uma série de dificuldades para a sua implementação. Ainda segundo a pesquisa realizada pela FIA no mês de abril de 2020, 67% das empresas pesquisadas relataram dificuldades para a implementação do trabalho remoto, e 34% dos funcionários tiveram dificuldades de estar se familiarizando com as ferramentas virtuais. Outro problema grave registrado na pesquisa foi a falta do suporte tecnológico e de materiais para a concepção do *home office* pelos funcionários (apenas 9% das empresas

ajudaram no custeio das contas de *Internet* e 7% no pagamento das contas de telefone dos funcionários).

Outra preocupação gerada com o *home office* é referente à saúde mental dos funcionários. Segundo pesquisa feita pelo *LinkedIn*, uma importante rede social voltada para a divulgação de vagas de emprego e recrutamento de funcionários, realizada durante a segunda quinzena do mês de abril de 2020, publicada pelo portal de notícias G1 (2020), com mais de dois mil entrevistados, mostra que 62% dos funcionários responderam que estavam mais ansiosos e estressados com o trabalho do que antes deste novo regime trabalhista. Segundo a pesquisa, 39% destes funcionários relataram se sentirem mais solitários devido à falta de interação com os colegas de trabalho, 43% e 33% dos pesquisados disseram que estão se exercitando menos e estão dormindo menos respectivamente após a adoção do trabalho remoto durante a pandemia.

Oriundos da parte cinco e três, respectivamente, do informativo “A tecnologia em tempos de Covid-19” (Figura 3), foram inclusos, estes e outros dados importantes sobre o ensino remoto e o *home office*, de forma resumida, e quais foram os setores que mais utilizaram da tecnologia para se reinventarem ao longo da pandemia.

Mediante a todas essas informações, o que devemos esperar do ensino remoto e do *home office* para os próximos anos no Brasil? A volta às aulas foram esquematizadas em grande maioria dos estados do Brasil. Segundo dados coletados por Bermúdez (2021) para o portal UOL, a tendência em 2021, para grande parte do país será a prática do ensino híbrido nas redes pública e privada, onde serão ofertadas aulas presenciais e *on-line* podendo ser feito um esquema de rodízio entre os alunos para assistirem as aulas presenciais, respeitando o limite de ocupação de cada sala, enquanto não houver uma vacina e proteção para grande parte da população.

**Figura 3** – Informativo sobre a prática do *home office* durante a pandemia



## A TECNOLOGIA EM TEMPOS DE COVID-19

### PARTE 3

**NOVAS FORMAS DE TRABALHAR DURANTE A O HOME OFFICE EM DEFINITIVO? PANDEMIA**

Uma solução encontrada por muitas empresas durante a pandemia, principalmente aquelas que funcionam em escritórios, a fim de evitar as aglomerações existentes nestas empresas, foi a adoção do regime trabalhista no formato de home office como apresentamos na figura 1.

**FIGURA 1: ILUSTRAÇÃO DE UM FUNCIONÁRIO EM HOME OFFICE.**



Marcelo Camargo/Agência Brasil  
Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Administração (FIA) no mês de abril com 139 empresas de porte pequeno, médio e grande, 46% destas empresas adotaram o regime de home office. No setor de serviços, cerca de 57,5% dos funcionários do setor de comércio e serviços adotaram esta prática de trabalho. Já nas pequenas empresas, cerca de 52% dos funcionários trabalharam em regime de home office.

Outro ponto pesquisado foi a questão da dificuldade com a adoção e familiarização com este sistema trabalhista. A pesquisa aponta que 67% das empresas relataram dificuldades na implantação deste sistema. A familiarização com ferramentas de comunicação e comportamento dos funcionários ao acessarem os ambientes virtuais, cerca de 34%, foi o maior empecilho para o sucesso do home office. Segundo a pesquisa, poucas empresas ofereceram suporte, seja tecnológico ou de material aos funcionários na implantação do home office (9% ajudaram no custeio das contas de internet e 7% no custeio das contas de telefone).

**FONTES CONSULTADAS**  
<https://www.lecomundo.com.br/produtor/68095-trabalho-remoto-home-office-muda-realidade-empresarial/>  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>  
<https://www.terra.com.br/noticias/saude/pesquisas-mostram-que-empresas-devem-adotar-mais-home-office-apos-a-pandemia.550a22cc7cbe5da020577786d721b71kxpeute.htm>

Segundo pesquisa realizada pela Cushman & Wakefield, uma das mais renomadas empresas do ramo imobiliário, 73,8% das empresas pretendem manter o home office em definitivo, mesmo com o fim da pandemia. Grandes empresas como o Google, Facebook e Twitter já anunciaram que esta forma de trabalho será mantida em 2021.

Outro dado importante sobre o home office foi coletado pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), onde segundo a pesquisa, o modelo de home office poderá ser adotado por 22,7% das profissões no Brasil, dando um total de 20,8 milhões de novas vagas de emprego.

**OS PROBLEMAS GERADOS PELO HOME OFFICE**

Não só de bons frutos o regime trabalhista por home office irá colher durante a pandemia de covid-19, segundo pesquisa realizada pelo LinkedIn, uma importante rede social voltada para divulgação de vagas de emprego e recrutamento de novas mãos de obra, há também as experiências negativas geradas pelo home office, divulgadas abaixo:

- **62% estão mais ansiosos e estressados com o trabalho do que antes;**
- **39% se sentem solitários devido à falta de interação com os colegas de trabalho;**
- **43% estão se exercitando menos;**
- **33% estão com o sono afetado negativamente.**

Dados coletados em: <https://www.terra.com.br/noticias/saude/pesquisas-mostram-que-empresas-devem-adotar-mais-home-office-apos-a-pandemia.550a22cc7cbe5da020577786d721b71kxpeute.htm>




Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC)-  
 Coordenação Profa. Dra. Ana Cláudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão: Oficinas Escólicas em Geografia (Escimiga) –  
 Bolsa de Iniciação Tecnológica - PIBITI/CNPQ (2020-2021); "O ensino e a aprendizagem a partir de aplicativos e jogos digitais para o ensino de Geografia na cidade de São Gonçalo" –  
 Charles Prado

Informativo LXXXVIII – 18 de dezembro de 2020

Fonte: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Já o trabalho remoto ou *home office* poderá ou será adotado pelas empresas nos próximos anos. Segundo pesquisa realizada pela Cushman & Wakefield, uma das mais renomadas empresas do ramo imobiliário, durante o mês de maio de 2020, publicada por Flach (2020) na revista Exame, ouvindo 122 executivos de multinacionais do Brasil, 73,8% das empresas irão adotar o regime de *home office* no

Brasil. Em outra pesquisa realizada pelo estudo mensal Covid-19 *Consumer Study*, do IBM *Institute for Business Value* (IBV), durante o mês de agosto de 2020, com 14.500 funcionários de empresas de sete países mais o Brasil, apontou que 52% dos trabalhadores brasileiros gostariam de continuar trabalhando remotamente, 25% querem voltar a trabalhar presencialmente, mas podendo trabalhar remotamente ocasionalmente, e outros 10% gostariam de voltar a trabalhar presencialmente.

## **A divulgação de notícias falsas (*fake news*) ao longo da pandemia**

Durante o ano de 2020, você provavelmente recebeu ou divulgou informações veiculadas sobre a pandemia da Covid-19. Com o novo coronavírus ativo em nossa sociedade, nossos hábitos sofreram alterações rígidas e a esperança de dias melhores nos fez ler a cada momento, mais e mais notícias sobre a evolução da pandemia no país, como estava o desenvolvimento das vacinas, como o governo se comportava no enfrentamento da Covid-19, etc. Infelizmente, durante a pandemia, muitas inverdades foram compartilhadas a fim de prejudicar, difamar e instaurar o medo e a dúvida nas pessoas. Estas inverdades são chamadas de *fake news*.

As *fake news*, termo inglês em referência a divulgação de informações falsas, já era usado desde o século XIX. Isso mostra que não é de hoje que a nossa sociedade cria e divulga informações falsas. O que antes era exposto em rodas de conversa ou por meios de comunicação sem a menor credibilidade, as *fake news* tomaram proporções inimagináveis com o desenvolvimento da tecnologia. Os maiores disseminadores destas notícias falsas, as redes sociais, são utilizadas por pessoas que criam pseudoanônimos através de BOTS para inventar e espalhar as notícias geradas por eles.

Em 08 de julho de 2020, foi publicado o informativo de título “Fake News: a desinformação em tempos de pandemia” (Figura 4),

onde é abordado em três partes o que significa este termo e como ele foi criado, as formas e quem espalham as notícias enganosas e também alguns modos de prevenção para que estas informações não sejam compartilhadas massivamente.

Figura 4 – Informativo sobre as fake news



## FAKE NEWS: A DESINFORMAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

PARTE 1

**O QUE É FAKE NEWS?**

Você provavelmente já deve ter ouvido falar da palavra "Fake News", mas, você sabe o que significa e de onde surgiu este termo?

Fake News é um termo em inglês em referência ao uso de informações falsas divulgadas. Este termo já é de uso desde o século XIX, nos mostrando que não é de hoje que nossa sociedade cria e compartilha informações falsas.

O que antes eram disseminadas em rodas de conversa ou por meios de comunicação sem credibilidade, no ano de 2016, ganhou proporções inimagináveis. A eleição para presidente nos Estados Unidos, disseminou de forma generalizada através das redes sociais Facebook, WhatsApp, Twitter, notícias falsas que acabaram influenciando as eleições estadunidenses. A Universidade de Oxford fez um estudo sobre esse assunto (Mais informações no final do informativo).

Segundo o Facebook, em reportagem ao jornal "El País" de 2018, mais de 126 milhões de pessoas foram expostas a estas inverdades publicadas através de BOTS de uma empresa russa. Este foi o marco para o início de políticas contra as Fake News pelas principais redes sociais do mundo. Este assunto será discutido no próximo informativo.

Mas como essas desinformações eram espalhadas pela rede mundial de computadores? Quem são os responsáveis? Existe alguma solução para o fim destas desinformações?

**O QUE SÃO BOTS?**

BOTS são "robôs autônomos" pré-programados para desempenhar alguma tarefa. Em grande parte de sua experiência online, você lida com vários BOTS, desde um chat automático em sua loja preferida até na comunicação com a inteligência artificial de seu telefone (figura 1).

**FIGURA 1: IMAGEM ILUSTRATIVA DE UM BOT**



Fonte: <https://meipais.com.br/blog/bots-estrategia-de-marketing-digital/>

Os BOTS podem ser usados tanto para boas ações como para crimes da internet (os chamados BOTS bom e BOTS ruim).

O que seria esses BOTS ruins? Estes BOTS são utilizados como se fosse uma pessoa se comunicando com um site, porém, consegue extrair informações de usuários como senhas, número de cartão de crédito usa de spam de propaganda em sites, fraude em transações bancárias, entre outros.

**GRÁFICO 1: PORCENTAGEM DE USO DE BOTS RUINS EM SITES DE INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS EM 2019.**

Sector	Porcentagem
Financieiras	37,50%
Educação	47,70%
TI e Serviços	45,10%
Mercados	39,80%
Governo	45,70%

\*VALORES REFERENTES A TODOS OS SITES DO GÊNERO EM 2019. ESCALA GLOBAL.

Dados coletados por Charles Prado. Disponível em: <https://www.imperva.com/blog/bad-bot-report-2020-bad-bots-strike-back/>

Estes BOTS ruins são responsáveis pela disseminação em segundos de informações falsas pela rede mundial de computadores. Com a acessibilidade de toda a nossa sociedade dos meios de comunicação via internet, estamos sujeitos a receber ou até mesmo compartilhar informações falsas.

Segundo dados do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e publicado na revista Science em 2018, informam que as informações falsas se "difundem mais longe, mais rápido, mais profundamente e mais amplamente que a verdade em todas as categorias de informação". Segundo a própria publicação, as informações falsas levam em média 10 horas para alcançar cerca de 1500 usuários do Twitter. Uma informação verdadeira, para alcançar a mesma quantidade de pessoas, leva cerca de 60 horas.

Nunca se esqueça: atrás de pseudoanônimos de redes sociais (os BOTS) existem pessoas que planejam e programam para que eles espalhem com mais facilidade as Fake News.

Durante a pandemia de covid-19 temos visto várias Fake News se espalhando pelo Brasil e no mundo. Como podemos nos defender o combater a desinformação em tempos de covid? Como convencer alguém de que aquela informação compartilhada não se trata de uma notícia verdadeira? É o que veremos na próxima edição.



**SAIBA MAIS SOBRE O ESTUDO DA INFLUÊNCIA DAS FAKE NEWS NO MEIO POLÍTICO REALIZADO PELA UNIVERSIDADE DE OXFORD**

Link: <https://www.ox.ac.uk/blog/ox-course-social-media-is-transforming-politics-but-its-not-to-blame-for-brexit-and-trump/>

**FONTES CONSULTADAS**

<https://www.lacmundo.com.br/tema/136479-estudo-reveia-bots-espalham-fake-news-mais-rapido-que-verdade.html>

<https://www.techno.com.br/noticias/2018/07/a-que-e-bot-como-os-robos-que-estao-dominando-a-internet-21281>

<https://www.imperva.com/blog/bad-bot-report-2020-bad-bots-strike-back/>

[https://brasil.apsis.com.br/2018/10/16/qualisaber/133687447\\_146263.html](https://brasil.apsis.com.br/2018/10/16/qualisaber/133687447_146263.html)



Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisas Geográfica, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento.  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia.  
 Charles Prado.  
 Informativo LII - 08 de julho de 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.



Segundo Garrett (2020) em sua publicação no portal Techtudo, os BOTS são “robôs autônomos” pré-programados para desempenharem alguma tarefa. Em grande parte de sua experiência *on-line*, você lida com vários BOTS, desde um chat automático em sua loja preferida até na comunicação com a inteligência artificial de seu telefone. Os BOTS podem ser usados tanto para boas ações como para crimes da *Internet* (são os chamados “BOTS bom” e “BOTS ruim”, respectivamente). Para a disseminação das *fake news*, são utilizados os “BOTS ruim”.

Segundo dados obtidos pelo portal Techmundo (2020), oriundos (Instituto de Tecnologia de Massachussets) e publicado na *Revista Science* em 2018, confirmam que as informações falsas se “difundem mais longe, mais rápido, mais profundamente e mais amplamente que a verdade em todas as categorias da informação”. Segundo a própria publicação, as informações falsas levam em média 10 horas para alcançar cerca de 1.500 usuários do *Twitter*, por exemplo. Uma informação verdadeira, para alcançar a mesma quantidade de pessoas, leva cerca de 60 horas.

Ao longo da pandemia, provavelmente, você já ouviu falar das seguintes notícias aqui no Brasil: Vacina contra a Covid-19 pode alterar nosso DNA; Vacina contra a Covid-19 pode inserir um microchip no corpo vacinado; Termômetros infravermelhos causam doenças cerebrais; O vírus foi criado em um laboratório chinês, etc. Algumas destas notícias publicadas no portal IG Saúde (2020) foram tão prejudiciais que acabaram interferindo em alguns comportamentos praticados anteriormente (no caso, a aferição da temperatura na maioria dos estabelecimentos estava sendo feita no pulso das pessoas). Em praticamente todas estas notícias não foram encontrados os seus autores, graças aos BOTS. Ainda não possuímos uma lei que criminaliza este tipo de ato. Em reportagem publicada pela BBC (2020) o PL 2.630/2020 já foi aprovado no senado em 30 de junho de 2020, mas ainda aguarda votação na câmara dos deputados (por ter vetos em sua votação no senado).

Sendo assim, quais são as melhores formas de evitarmos a disseminação das *fake news* em nossa sociedade? Segundo Galf (2020) em reportagem ao jornal Folha de S. Paulo, verifique de onde esta informação foi proveniente. Se ela vier de algum perfil nas redes sociais que tenha pouco tempo de atividade ou que tenha um padrão de uso de palavras, desconfie. Procure sempre se informar através da imprensa, institutos renomados ou através de órgãos do governo. Verifique a procedência de vídeos e imagens. Sempre que for possível, pesquise sobre o tema abordado na imagem ou vídeo (neste caso, transfira a imagem recebida para o Google Imagens ou o tema para o Youtube). Confira sempre o *link* que estão te enviando. Faça uma “investigação” sobre o *site* em questão. Não forneça nenhum dado caso este *site* lhe peça. Verifique a data de publicação. Algumas *Fake News* são publicadas com informações verdadeiras, mas de informações de datas anteriores ao fato publicado. Verifique sempre se a informação saiu em vários *sites* de imprensa renomados.

Seguindo estas dicas em todas as vezes que recebermos uma informação estaremos evitando que pessoas e instituições com credibilidade possam estar sendo prejudicadas com determinadas notícias.

## Considerações finais

As tecnologias a cada ano que passa se atualizam, e se adaptam às realidades onde podem ser aplicadas. Como dito anteriormente, a tecnologia está cada vez mais globalizada, cada vez mais presente em nosso dia a dia. Infelizmente, observamos ao longo das pesquisas sobre os dados de uso da tecnologia durante a pandemia, um desequilíbrio em números que expôs a desigualdade entre classes sociais e regiões, e em como as pessoas utilizam da tecnologia para divulgar ou compartilhar notícias falsas.

Estas problemáticas são importantes para trabalharmos no ensino da Geografia temas que podem passar despercebidos na vida acadêmica de diversos alunos: o uso do senso crítico

juntamente com as características sociais de determinadas regiões, explorando além das divisões territoriais. Observar que determinadas regiões possuem menos inclusão digital pode ser uma situação usada como uma reflexão a respeito dos investimentos em políticas públicas nas regiões e a importância de cobrarmos quando necessário, um maior cuidado com regiões menos favorecidas. Avaliar os conteúdos que você compartilha, a fim de evitar as notícias falsas, também é uma forma de entender a espacialidade no qual ela chegará e, em qual quantidade ela será divulgada, além fazer com que o aluno possa utilizar o senso crítico na análise das informações antes de elas serem divulgadas.

Fazer com que o aluno pense criticamente, pode formar futuramente um cidadão que cobre e incentive (de forma consciente e com base em informações checadas e de instituições sérias) e que outras pessoas possam estar lutando pelos seus direitos. O ensino da Geografia precisa inovar sempre que necessário, e a tecnologia é um dos caminhos.

## Referências

BERMÚDEZ, Ana Carla. Pelo menos 15 estados têm previsão de retomada presencial das aulas em 2021. **Portal UOL**, 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/01/04/previsao-de-retomada-presencial-das-aulas-em-2021.htm>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BBC Brasil. **Senado aprova projeto de lei das fake news**. BBC Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53244947>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. LEI Nº 14.040 DE 18 DE AGOSTO DE 2020. **Diário Oficial da União**, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BUTCHER, Isabel. Pandemia aumenta em 40% o tempo que usuários passam em *smartphones*, aponta *App Annie*. **Mobile Time**, 2020. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/09/07/2020/app-annie-usuarios-ficam-40-mais-tempo-em-aplicativos-na-pandemia/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FLACH, Natália. *Home office* definitivo? Para 74% das empresas no Brasil, a resposta é sim. **Revista Exame**, São Paulo, 29 maio 2020. Disponível em: <https://>

exame.com/carreira/home-office-definitivo-para-74-das-empresas-no-brasil-a-resposta-e-sim/. Acesso em: 07 jan. 2021.

FUZEIRA, Victor. Qualidade do ensino remoto é reprovada por 72,6% dos alunos, diz pesquisa. **Metrópoles**, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/qualidade-do-ensino-remoto-e-reprovada-por-726-dos-alunos-diz-pesquisa>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GALE, Renata. Dicas e ferramentas para não espalhar “fake news”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/dicas-e-ferramentas-para-nao-espalhar-fake-news.shtml>. Acesso em: 08 jul. 2020.

GARRETT, Filipe. O que é BOT? Conheça os robôs que estão “dominando” a *Internet*. **Techtudo**, 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghtml>. Acesso em: 08 jul. 2020.

IBM. **Estudo IBM**: mais de 50% dos entrevistados no Brasil desejam manter o *home office* após a pandemia. IBM, 2020. Disponível em: <https://www.ibm.com/blogs/ibm-comunica/estudo-ibm-mais-de-50-dos-entrevistados-no-brasil-desejam-manter-o-home-office-apos-a-pandemia/#:~:text=2020-,Estudo%20IBM%3A%20mais%20de%2050%25%20dos%20entrevistados%20no%20Brasil%20desejam,home%20office%20ap%C3%B3s%20a%20pandemia&text=Compartilhe%3A&text=55%25%20dos%20entrevistados%20tamb%C3%A9m%20compartilharam,uma%20pessoa%20de%20sua%20fam%C3%ADlia>. Acesso em: 12 jan. 2021.

IG Saúde. **2020**: confira as 7 *fake news* mais perigosas sobre a pandemia de Covid-19. IG Saúde, 2020. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-23/2020-confira-as-7-fake-news-mais-perigosas-sobre-a-pandemia-de-covid-19.html>. Acesso em: 13 jan. 2021.

JÚNIOR, Alessandro Feitosa. Número de lojas virtuais cresce 40% em 2020 com empurrão da pandemia. **Portal G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/08/26/numero-de-lojas-virtuais-cresce-40-porcento-em-2020-com-empurrao-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2020.

MELLO, Daniel. *Home office* foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PNAD Contínua 2019: rendimento do 1% que ganha mais equivale a 33,7 vezes o da metade da população que ganha menos. **IBGE**, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos>. Acesso em: 02 fev. 2021.

PORTAL G1. **Faturamento de lojas *on-line* no Brasil cresce 47% no 1º semestre de 2020, maior alta em 20 anos.** Portal G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/08/28/faturamento-de-lojas-online-no-brasil-cresce-47-por-cento-no-1o-semester-de-2020-maior-alta-em-20-anos.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PORTAL G1. **Home office deixa profissionais mais ansiosos e estressados, revela pesquisa do LinkedIn.** Portal G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/05/27/home-officedeixa-profissionais-mais-ansiosos-e-estressados-revela-pesquisa-dolinkedin.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2020.

RABELLO, Maria Eduarda. **Lições do coronavírus: ensino remoto emergencial não é EAD.** Desafios da Educação, 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-ensino-remoto/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TECMUNDO. **Estudo revela que BOTS espalham *fake news* massivamente em poucos segundos.** Tecmundo, 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/136479-estudo-revela-bots-espalham-fake-news-massivamente-segundos.htm>. Acesso em: 08 jul. 2020.

TENENTE, Luiza. **Sem *Internet*, merenda e lugar para estudar: veja obstáculos do ensino à distância na rede pública durante a pandemia de Covid-19.** Portal G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/05/sem-internet-merenda-e-lugar-para-estudar-veja-obstaculos-do-ensino-a-distancia-na-rede-publica-durante-a-pandemia-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2020.

TIC Domicílios 2019: principais resultados. **Cetic**, 2020. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2019\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf). Acesso em: 27 jan. 2021.

VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de *Internet*, aponta pesquisa. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 18 dez. 2020.

UNICEF, 2020. **Covid-19: Pelo menos um terço das crianças em idade escolar não consegue acessar o ensino a distância durante o fechamento das escolas, diz novo relatório do UNICEF.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-pelo-menos-um-terco-das-criancas-em-idade-escolar-nao-consegue-acessar-ensino-a-distancia>. Acesso em: 06 jan. 2021.

# 4

## AS DIFERENTES ESCALAS DE ANÁLISE SOBRE COVID-19

*Anna Julia Lima Rozado*

*Letícia da Silva Mendes*

*Ana Claudia Ramos Sacramento*

O mundo global vive em constante relação de fluxos promovendo a cada momento, novas dinâmicas voltadas às mudanças espaciais e territoriais transformando assim, a organização dos lugares. Do global ao local, os fenômenos acontecem e vão fornecendo dimensões diferenciadas de acordo com a lógica das suas escalas geográficas.

O mundo conectado como nos diz Santos (2001) cria uma convergência dos momentos vividos, nos quais conseguimos construir uma ideia do que ocorre instantaneamente no acontecer do outro. Isso adveio, ao mesmo tempo, em que a China divulgou um surto, de uma doença até então desconhecida, mas que o mundo já sabia, por conta dos interesses internacionais e da rede de fluxos da *Internet*.

A incidência da Covid-19 começou na China, mas tomou diferentes proporções nos continentes e em vários países. Rapidamente a Ásia, se tornou o epicentro do coronavírus em janeiro, e depois o vírus se alastrou para a Oceania e Europa. Esta, já tinha números alarmantes em março. Também no mesmo mês, o vírus já estava circulando nas Américas, em toda sua extensão. Em

pouco tempo, por conta dos fluxos da mobilidade dos viajantes pelo mundo, todos os lugares começaram a dar sinais de que a Covid-19 se alastraria em diferentes partes do planeta.

Muitos portadores, por não apresentarem sintomas ou sinais de infecção, exprimem elevado potencial de contaminação em um cotidiano carregado de pessoas desprevenidas. Mesmo em países onde a epidemia chegou mais tarde, esse “silêncio” contribuiu com a propagação (CASTILHO, 2020, p. 2).

Neste sentido, muitos países, estados e municípios não se preocuparam em fazer uma prevenção inicial, permitindo que moradores e turistas entrassem em seus territórios sem as medidas iniciais a respeito dos cuidados com a saúde, na perspectiva que a doença só acometeria na escala regional asiática.

Desta forma, os impactos da doença pelo mundo mostraram que todas as escalas geográficas foram atingidas de acordo com o grau e ação do Estado em contê-la. Para tanto, é importante dizer que a Covid-19 se manifestou como um fenômeno mundial, visto que as ações dela estão sendo estruturadas a partir de uma leitura do global e do local. Assim, Souza (2015) destaca a escala do fenômeno. Em vista disto, a escala do fenômeno Covid-19 parece abranger ações de territórios contínuos, uma vez que vários institutos, organizações, empresas e os próprios indivíduos foram impactados no mundo todo.

Nesta perspectiva, ressaltamos a importância do ensino de Geografia para estudar este fenômeno, haja vista as possibilidades de discussões a respeito do espaço geográfico e os conflitos da Covid-19 em diferentes escalas. Isto quer dizer, uma análise de como a cidade, o campo, a economia, a política e outros, onde a população tenha que mudar sua maneira de viver por conta de diferentes ações impostas por questões sanitárias. Os estudantes, contudo, precisam compreender as dinâmicas que estão sendo organizadas e como elas mudam de acordo com a lógica de seus lugares.

O ensino de Geografia neste período da pandemia deve mobilizar o estudante a pensar geograficamente, como provoca Cavalcanti (2019), com a preocupação de estabelecer a necessidade da promoção dos meios de se trabalhar uma forma de leitura e análise de uma dada realidade através dos conteúdos. Assim, podemos ter uma série de questionamentos para refletir acerca do papel da Geografia na produção do conhecimento. Torna-se então relevante observar de que maneira: (a) devemos trabalhar as complexidades da relação global com os impactos nas relações das escalas de análise; (b) como podemos apreender o processo da globalização a partir dos fluxos e das redes estabelecidas pela chegada da Covid-19 nos diferentes lugares em tão pouco tempo; e (c) como a Geografia contribui para a leitura espacial dos estudantes.

Em vista disto, este capítulo tem como objetivo explicar como tem se comportado a pandemia da Covid-19 nas diferentes escalas em nível global para entender a manifestação da complexidade desta doença nos lugares e seus impactos socioeconômicos e culturais.

Para tanto, a metodologia qualitativa possibilita compreender o real com base em uma análise crítica das dinâmicas que acontecem na Educação (BODGAN; BIKLEN, 1994). Assim, a estrutura da metodologia se dá pela organização da coleta de dados, de sua organização e de suas análises que contribuem para a discussão do objeto e do sujeito a serem estudados.

O texto foi construído com base nos materiais didáticos produzidos sobre a Covid-19 com a temática relacionada às atividades econômicas do turismo na pandemia e seus impactos em diferentes escalas. Desta forma, para a organização do material foram realizadas as seguintes etapas: 1) coletas de dados e materiais sobre o tema em *sites* científicos, da Organização Mundial do Turismo, de jornais e revistas do tema; 2) seleção do material a ser escrito; 3) escrita do material em formato de boletim; 4) reunião para discussão do texto; 5) correção do texto; 6) diagramação do boletim; e 7) distribuição nas redes escolares.



Sendo assim, fundamentados nos materiais didáticos organizados pela bolsista de Monitoria de Metodologia e Práticas Pedagógicas de Geografia (2020-2021) e bolsista de Iniciação Científica (FAPERJ) “Análise e articulação entre as práticas pedagógicas dos docentes em Geografia e das Políticas Curriculares no estado do Rio de Janeiro” (2020-2021) por meio do Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia: diferentes ações didáticas (DEPEXT-UERJ) buscamos produzir e compreender os impactos causados pela Covid-19 em diferentes lugares, fazendo uma relação entre a escala global e a dinâmica do local, como os materiais sobre os continentes, bem como o Brasil, alguns estados e municípios brasileiros.

Por sua vez, o capítulo está dividido em quatro partes: o primeiro, versa sobre a questão de pensarmos as escalas como elementos para o ensinar da Geografia na sala de aula; o segundo, aponta a importância da articulação da globalização, da escala e do fenômeno da Covid-19 para pensar geograficamente as suas implicações; o terceiro discorre sobre as diferentes escalas de análises e como ensinar a partir do fenômeno da Covid-19 e o quarto, trabalha com as dimensões dos impactos atuais até final de janeiro de 2021, entre as escalas.

## **Por que ensinar Geografia pensando as escalas?**

Ensinar Geografia traz como premissa a compreensão das transformações espaciais decorrentes das ações e práticas socioespaciais estruturadas e organizadas pelas instituições, pelas empresas, pelos movimentos sociais, dentre outros, nos diferentes ambientes físico-naturais, como sociais e ambientais.

Desta forma, destacamos que a construção do conhecimento geográfico está na relação do pensar geograficamente o fenômeno, com uma leitura dos processos que acontecem em um determinado território ou lugar, consoante com sua escala, seus diferentes

impactos nas relações entre sociedade e natureza, isto é, o mesmo fenômeno pode ter distintas formas de existência conforme a dinâmica do âmbito de análise. A leitura neste texto é sobre o fenômeno da Covid-19 que se materializou e tem se concretizado nas mais variadas escalas geográficas e como os agentes produtores do espaço geográfico se organizam para desenvolver ações variadas.

Concordamos com Cavalcanti (2019, p. 64) quando ele explica que: “O pensamento geográfico é a capacidade geral de realizar a análise geográfica de fatos ou fenômenos”. Estas análises estão fundamentadas nas leituras sobre a localização, distribuição, extensão e outros arranjos que fazem parte da organização espacial (MOREIRA, 2007). Assim, construir a ideia do fenômeno espacial com os estudantes provoca o raciocinar geograficamente de como eles estão distribuídos e sistematizados no espaço geográfico, de acordo com as intenções, atuações da sociedade e das instituições em estruturar os objetos e as ações sociais e ambientais.

A vista disto, podemos dizer que a Geografia contribui para trabalharmos maneiras de compreensão sobre as relações espaciais em suas escalas geográficas (CAVALCANTI, 2011). Com isso, urge a necessidade de apreendermos conceitualmente o fenômeno, seu significado e suas características e, ainda, o perceber como ele acontece se pensado e analisado nas diferentes escalas. Elas ocorrem da mesma forma? A maneira como está localizada influencia seu uso ou sua atuação? Quais os agentes modificam a dinâmica do fenômeno?

Ensinar Geografia articulando as questões ligadas à globalização, uma vez que vivemos no meio técnico-científico-informacional que, no que lhe toca, transpõe nossa maneira de viver, mexe com o nosso sentimento, porque está se organizando um novo lugar. Mas está relacionado a uma realidade de vida que, ao longo do tempo, modifica o lugar e o torna concreto, pois “[...] com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializaram” (SANTOS, 2006, p. 258).

A informação e a comunicação fazem com que todos os lugares se aproximem e se distanciem, já que eles trouxeram algo de novo que mostra como esta rede de relações está interligada. Não é mais só o lugar das pequenas relações. Neste momento, ele reitera a prática social da utilidade de todos os objetos e de todas as ações que estão no espaço no qual o homem produz sua intencionalidade para se desenvolver e criar novas ligações com outros lugares. Sendo assim, Santos (2006, p. 257) coloca que “[...] com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social e do cotidiano de todas as pessoas, assim se enriquece de novas dimensões”.

Desta forma, corroboramos com ele, quanto à necessidade de o ensino de Geografia promover essa leitura sobre o espaço geográfico em suas escalas para que os estudantes possam analisar os fenômenos a partir das características e lógicas pensadas na sua relação espacial.

Cavalcanti (2019) discorre sobre a capacidade cognitiva dos estudantes em interpretar um fenômeno de forma multiescalar com base nos conceitos geográficos. Sendo assim, as discussões que envolvem o pensamento geográfico trabalham o “[...] raciocínio escalar e da multiescalaridade dos fenômenos e pode ajudar a encaminhar os estudos no sentido da produção do conhecimento pelos alunos e de seu desenvolvimento intelectual, seu desenvolvimento abstrato-conceitual” (CAVALCANTI, 2019, p. 108).

Portanto, a ideia é construir a forma de pensar os conceitos na perspectiva de compreendermos que as diferentes escalas dos fenômenos se relacionam com a localização, com a forma como estão distribuídos, a lógica de organização espacial, a forma de usos desses fenômenos, dentre outros. Se pensarmos na pandemia como um fenômeno global, como ela tem se manifestado em diferentes lugares no mundo? Quais são as ações políticas nas microescalas para diminuição da disseminação da doença, do ponto de vista espacial?

## A globalização, as escalas e a Covid-19

A Covid-19 é uma doença considerada global que atingiu os quatro cantos da Terra. As ações para combatê-la se materializaram nos espaços citadinos e também no campo, como, por exemplo, o fechamento das unidades escolares, dos parques públicos e *shoppings*, evitando dessa maneira as aglomerações e, com isso, reduzindo a propagação do vírus.

Assim, Castilho (2020) destaca que em sua forma de analisar a pandemia da Covid-19, como a globalização tem uma forte influência sobre a sua expansão.

Diferentemente das epidemias que surgiram na China em 2002, e no México em 2009, o novo coronavírus combina rápida expansão e um acesso fácil a diferentes pontos do globo, o que se explica pela posição da China na atual economia mundial e pelas redes de conexões aéreas que terminaram por impulsionar a difusão do vírus (CASTILHO, 2020, p. 2).

As redes de conexão entre as escalas geográficas possibilitam entendermos os impactos da Covid-19, inicialmente ocorrida na China, como um dos líderes da economia mundial, que permeia com fluxos de pessoas no turismo, na educação, na economia, como também de mercadorias e serviços.

Por conta desse alto fluxo, rapidamente a doença se alastrou em outros espaços, saindo do país e chegando a outros continentes – países, estados e municípios – de formas diferenciadas de acordo com a lógica de organização espacial e de ações políticas, sociais, econômicas, educativas que estabelecem relações com os blocos econômicos, com as ações da Organização Mundial da Saúde e de outros organismos, hibridizando, com isso, formas de intervenções. Por conta disto, escala geográfica

se refere a uma das características de um suposto objeto real: a sua abrangência física no mundo... Em se tratando de fenômenos sociais, faz-se necessário acrescentar algumas sutilezas: podemos estar nos referindo à abrangência de processos referentes a dinâmicas

essencialmente “impessoais” (como globalização) e as resultantes de desdobramentos não premeditados, ainda que muitas vezes previsíveis a exemplo de uma catástrofe nuclear (SOUZA, 2015, p. 181).

A globalização é parte dos acontecimentos históricos, impulsionada pelo modelo econômico capitalista que, por sua vez, criou um modelo em escala mundial: de comportamento, de consumo, de relações econômicas, de forma de pensar o mundo e outros. Para Santos (2006) a globalização mudou a relação espacial, onde uma informação pode chegar a segundos em domínio mundial, cuja velocidade e modificação dos fixos e fluxos estão dentro de um espaço de tempo que se transforma a cada década, em um mundo sem fronteiras e limites para o imperialismo moderno.

Isso porque, os processos industriais, serviços e atividades informacionais estão nos espaços urbanos e rurais em grande parte do mundo, nas fronteiras, bem como nos territórios e na vida da população. Atualmente, o mundo vive um processo conjunto no qual o capitalismo é universalizado, as modificações espaciais são contínuas por meio das redes e fluxos de objetos, pessoas e serviços, mostrando que a globalização se utiliza de técnicas informatizadas de forma mais latente para quem tem poder econômico (SANTOS, 2006).

O homem, sendo o sujeito na produção do espaço, modifica seu ato de pensar a cada necessidade, construindo deste modo, novas formas de se relacionar não só com sua sociedade local, mas com o mundo que o cerca. Assim, surge uma nova maneira de se criar ações que permitem que este espaço se torne mais complexo e mais difícil de ser entendido.

Assim, observamos que no mundo técnico-científico-informacional, o processo global ganha novos corpos pela facilidade de fluidez que se propaga a ciência, a tecnologia e a informação, destarte, dinamizando os objetos técnicos e as pessoas na circulação do espaço geográfico.

Desta forma, concordamos com Castellar (2013) que a discussão de globalização não é um conceito-chave da Geografia e sim, um conceito transversal, uma vez que ele é o modo de operar o mundo atual e que muitas definições são articuladas a partir desse tema. Os estudantes podem ter uma leitura mais crítica sobre a globalização não só no sentido de contextualizarem-na, mas também de compreenderem as dinâmicas do mundo atual, no qual o pensamento geográfico desenvolve formas de interpretação, como os agentes produtores do espaço geográfico que envolvem novas perspectivas de mudanças e arranjos espaciais.

Por isso, a necessidade quanto ao desenvolvimento da técnica foi muito importante para o modo de se produzir e conseqüentemente, na produção do espaço. Isto porque, segundo Santos (2006), o homem, assim constrói através da técnica, objetos que caracterizam um momento histórico, deixando a sua marca e mudando, a determinado momento sua função, de acordo com a necessidade que esta precisa para continuar existindo ou não, ajudando desta maneira, a modificar o espaço geográfico.

À vista disto, Castilho (2020, p. 1) aponta que em função da dimensão dos fluxos, “o novo coronavírus combina rápida expansão e um acesso fácil a diferentes pontos do globo, o que se explica pela posição da China na atual economia mundial e pelas redes de conexões aéreas que terminaram por impulsionar a difusão do vírus”.

Observamos que por conta da globalização dos fluxos e da circulação de pessoas, o vírus se alastrou entre os viajantes que estavam nos países asiáticos e europeus, e que por sua vez, levaram o vírus para suas cidades e seus países. Constatamos que o turismo é um dos serviços mais rentáveis neste mundo global pela facilidade e agilidade de se chegar a diferentes lugares, bem como também é para um público específico.

Contudo, a pandemia trouxe uma questão não imaginada: a diminuição do fluxo de pessoas no mundo com fechamento

territorial de várias fronteiras. O Estado, até então flexível em suas fronteiras, se vê obrigado a fechá-las para conter a doença.


Destarte, a Covid-19 atinge lugares nunca antes pensados: o sertão do Nordeste, as ilhas amazonenses, as ilhotas da Polinésia Francesa, o Vaticano e em outros territórios, mostrando que as escalas locais sofreram com a pandemia, preocupando os governos locais.

## **As escalas de análise e os impactos da Covid-19**

Cada lugar possui formas de ações diferenciadas, de acordo com os seus aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos. Cada país define a maneira com que vai combater a Covid-19 a partir das orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde) e dos organismos econômicos como a OMC (Organização Mundial do Comércio), FMI (Fundo Monetário Internacional) e outros, bem como as condições dos blocos econômicos como a UE (União Europeia), MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Com isso, buscam auxiliar os diversos Estados-membros nas articulações para obter cooperações a fim de diminuir os impactos espaciais e regionais da pandemia nas diferentes escalas.

Assim, podemos ressaltar, o início das medidas preventivas na China, que rapidamente apontou para o mundo os problemas enfrentados, no início de 2020, em Wuhan. O continente asiático rapidamente fechou as fronteiras, mas o mundo não é global? Sim, mas vemos aqui políticas internas bem precisas para combater a Covid-19. Depressa, a Ásia com mais de suas 4.630 bilhões de pessoas e seus 50 países precisou de uma ação efetiva para que a proliferação do vírus fosse menor. Na Figura 1, a proposta do material mostra a espacialidade do marco zero da Covid-19 para as pessoas conhecerem a cidade de Wuhan e saberem mais sobre a província de Hubei.

**Figura 1 – Localização de Wuhan, província de Hubei, China**



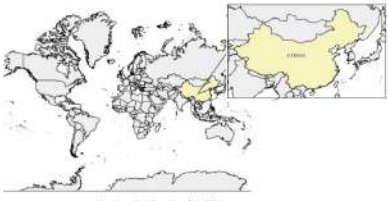
## VOCÊ CONHECE O MARCO ZERO DO COVID-19?

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan (considerada o lugar do marco zero), província de Hubei, na República Popular da China (conforme figura 1). Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Wuhan é a capital e maior cidade da província citada e a mais populosa com mais de dez milhões de habitantes (a figura 3 mostra a parte do centro desta cidade). Ela se localiza na planície leste de Jiangnan entre os rios Yangtze e Han. Existem atualmente três cidades que são conglomeradas e ela se constitui do ponto de vista regional status administrativo.

Ela é centro de economia, comércio, finanças, transporte, tecnologia da informação e educação na província. As principais indústrias estão nas ótica-eletrônica, fabricação de automóveis, de ferro e aço, setor farmacêutico, dentre outros. A cidade também se destaca por pesquisas relacionadas à tecnologia em energia renovável.


**FIGURA 1: Localização da China**



Fonte: Organizado por Iomara Sousa (2020)


Hubei (Norte do Lago) é uma das vinte e três províncias da República Popular da China e está localizada na Região Central do país. A capital chama-se Wuhan que é um centro de transporte e um centro político, econômico e cultural da parte chinesa central (localização apresentada na figura 2). É conhecida como Terra do Peixe e Arroz e tem uma tecnologia muito avançada na agricultura. Possui extensão de aproximadamente 187.400 km2 com uma população de 64 milhões de pessoas.

**FIGURA 2: Localização da Província de Hubei**



Fonte: <https://blogchinatur.blogspot.com/2020/02/razoes-par-avisitar-provincia-de-hubei.html>

**FIGURA 3: Cidade de Wuhan**



19/o-laboratorio-de-wuhan-no-centro-de-uma-polemica-mundial.htm

**FONTES CONSULTADAS**

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-01/china-constata-mais-17-casos-de-pneumonia-viral>  
<http://pt.granma.com/mundo/2017-09-22/hubei-provincia-chinesa-que-aposta-em-cuba>  
<https://www.china-briefing.com/news/china-regional-spotlight-wuhan-hubei-province/>  
<http://english.wh.gov.cn/>




Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Claudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escritórias de Geografia  
 Bolsas IC-FAPERJ (2020-2021): "O componente curricular Geografia e as mudanças dentro do cenário educativo no Rio de Janeiro" - Thiago dos Prazeres  
 Informativo I

Fonte: Boletim informativo COVID-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Porém, outros países asiáticos constataram casos de Covid-19 como, por exemplo, Tailândia 13/01/2020, Japão 16/01/2020, Coreia do Sul 20/01/2020, Hong Kong e Macau 22/01/2020, Nepal e Paquistão 24/01/2020, Malásia 25/01/2020, Camboja 27/01/2020, Filipinas e Índia



30/01/2020. O vírus se espalhou rapidamente pelo mundo e pelo continente asiático, especificamente, no mês de fevereiro: Azerbaijão, Bahrein, Catar, Geórgia, Irã, Iraque, Israel, Kuwait, Líbano e Omã apresentaram casos da doença, aumentando os números.

A Europa também foi obrigada a tomar medidas emergenciais, pois vários turistas vindos da China estavam em Paris, Londres, Madri e outras capitais, e foram infectados com a Covid-19; consequentemente, os sintomas apareceram no final de dezembro, como no caso da Espanha e do Reino Unido. Na verdade, alguns cientistas alegam que o vírus já estava circulando antes mesmo de Wuhan, eles alertam para lugares como Paris, assim como o Brasil.

Em fevereiro de 2020, foi decretado o *lockdown* na França e Espanha permanecendo abertos somente os serviços essenciais. A Alemanha fechou sua fronteira com países vizinhos, enquanto a Holanda cancelou voos oriundos da China, Itália, Coreia do Sul e do Irã. As medidas foram tomadas na tentativa de se conter o aumento da Covid-19, uma vez que na Itália, o número de óbitos era preocupante. Cada país lidou com seus diferentes territórios de forma integrada, mas, ao mesmo tempo, independente, dependendo da gravidade da situação. A Itália, por conta dos inúmeros idosos que estavam morrendo por Covid-19, teve que ser mais dura em relação ao isolamento e às medidas, pois em março, já não havia mais espaços nos cemitérios de várias cidades do país.

Nos países menores pertencentes ao continente europeu, como o Vaticano, assistimos ao seu fechamento em 10 de março de 2020. Somente no dia 18 de maio, a Basílica de São Pedro foi reaberta, mas com todos os cuidados e restrições. Em Mônaco, foram 112 casos confirmados e 4 óbitos. Andorra teve seu primeiro caso no dia 2 de março de 2020, e até julho, já haviam 889 casos confirmados e 52 óbitos. San Mariano registrou 42 óbitos e 699 casos confirmados em julho.


A Figura 2, apresenta as relações sobre a Covid-19 na Oceania, sua localização e os primeiros impactos sociais, bem como os países com os primeiros casos. É importante sublinharmos que, dentre as medidas nas ilhas da Micronésia, o fechamento imediato das fronteiras, possibilitaram o isolamento espacial das ilhas e, desta maneira, nos primeiros meses elas não foram afetadas.

O *site Federated States of Micronesia* mostra que as ilhas da Micronésia vivem da economia basicamente do turismo, mas tem um sistema de saúde frágil na região para combate da Covid-19, assim, os Estados Federados da Micronésia compostos por cerca de 607, conjuntamente com a OMS (Organização Mundial da Saúde), decidiram rapidamente fechar as fronteiras.

O continente Africano por conta da sua diversidade em todos os níveis: educacionais, sociais, políticos, culturais e territoriais, tem diferentes formas de executar ações sobre a pandemia. Sabemos que um dos grandes problemas no continente é a falta de estrutura em vários países, e isso tem causado fome e desemprego. Com uma diversidade cultural, econômica, de paisagem e social muito desigual, a preocupação inicial da OMS era como a Covid-19 iria impactar as populações africanas (WHO, 2020c).

Já nas Américas, os casos apresentaram muitos diferenciais, em razão não só das questões sociais, econômicas e de saúde, como também políticas. Os primeiros casos aparecem nos EUA e no Brasil, cujos países com alto número de habitantes e de turistas não se preocuparam com as indicações iniciais da OMS. No caso do Brasil, por exemplo, o Carnaval ocorreu normalmente sem nenhuma preocupação sanitária. Os dois países com o alinhamento político muito parecido, questionaram a OMS sobre o vírus e o embate com a China começou a ser manchete em todos os lugares do mundo.

Figura 2 – Boletim informativo sobre a Covid-19 na Oceania



## COMO A OCEANIA ESTÁ VIVENDO A COVID-19?

PARTE 1

### OCEANIA: QUE CONTINENTE É ESSE?


Este continente sempre é o menos conhecido pela maioria, pois vemos menos informações aqui no Brasil. Este tem uma variedade cultural, econômica, política e social, pois envolvem a Austrália e Nova Zelândia, assim como Papa Nova Guiné e Fiji e Estados Federados da Micronésia (possuem 607 ilhas) entre outros. Esses países têm diferentes fluxos por conta do intenso turismo para as ilhas como Tahti, Bora Bora, Moorea (figura 1).

### TABELA 1: NÚMERO DE CASOS CONFIRMADOS DE COVID-19 NOS PAÍSES DA OCEANIA

Oceania	Março	Abril	Maiο
<b>Austrália</b>	4559	6766	7202
<b>Fiji</b>	5	18	18
<b>Nova Zelândia</b>	647	1479	1504
<b>Papua Nova Guiné</b>	1	8	8

Fonte: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

### FIGURA 1: MAPA DA OCEANIA



Fonte: <https://earthinfo.nga.mil/GandG/coordsys/online datum/PacificMap.html>

### COVID-19 E O CONTINENTE: VIVENDO DIFERENTES MOMENTOS

Desde que começou a pandemia, estamos vivendo diferentes situações em todo o mundo. O continente foi o menos impactado com a doença, apesar do grande número em alguns de seus países. Austrália foi o primeiro país com a entrada da covid-19 no dia 25.01.2020 de um homem que veio de Wuhan e um caso na Nova Zelândia. Em fevereiro também ocorrem poucos casos.

### OS PRINCIPAIS PAÍSES COM COVID-19


A partir do março observa-se o número de infectados em quatro países pela covid-19. Austrália, Nova Zelândia com casos altos e Fiji e Papua Nova Guiné com número bem reduzido (gráfico 1). Contudo, percebe-se que em maio o número de casos diminuem nos dois primeiros países e que nos dois últimos não aparecem mais casos confirmados.

### TABELA 2: RELAÇÃO DE NÚMERO DE ÓBITOS POR COVID-19 NA OCEANIA

Oceania	Março	Abril	Maiο
<b>Austrália</b>	18	93	103
<b>Fiji</b>	0	0	0
<b>Nova Zelândia</b>	1	19	22
<b>Papua Nova Guiné</b>	0	0	0

Fonte: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>


Os países dos Estados Federados da Micronésia, Ilhas Marshall, Ilhas Salomão, Kiribati, Nauru, Palau, Samoa, Tonga, Tuvalu e Vanuatu não foram infectados com a covid-19. Logo no início vários deles se fecharam para que não ocorresse o contágio. Veja a reportagem no link disponível abaixo:



Link: <https://www.who.int/westernpacific/about/how-we-work/pacific-support/news/detail/21-02-2020-pacific-steps-up-preparedness-against-covid-19>

### FONTES CONSULTADAS

<https://www.who.int/westernpacific>  
<http://www.visit-micronesia.liv/index.html>  
<https://www.who.int/westernpacific/emergencies/covid-19/psdcf>



Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidades (GEPGEC)-  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia  
 Ana Cláudia Ramos Sacramento  
 Informativo XXXVI - 26 de maio de 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

A América Central e a Região Caribenha sofreram de início com a Covid-19, principalmente, porque suas economias giram em torno do turismo. Segundo Michael Ryan, diretor-executivo da OMS, alguns dos fatores que mais contribuíram para a transmissão do vírus na região, compreendem na: falta de um sistema de saúde estruturado, desigualdade social e economia pouco diversificada.

Os dados apresentados naquele momento mostraram algumas situações preocupantes, principalmente, no Panamá, Nicarágua e Honduras onde os números de casos estavam bem elevados. Conta-se assim que o Panamá é o país porta de entrada para as ilhas caribenhas, bem como para os países do continente. As ilhas do Caribe sofreram economicamente com o isolamento, pois essas ilhas têm sua maior fonte de renda no turismo: hotéis, aeroportos e cruzeiros paralisaram gerando assim inúmeros efeitos negativos para a economia local. Isso significa um fator agravante para região do Caribe que pouco tempo atrás estava em recuperação econômica por causa de dois fortes furacões que aconteceram em 2017 e 2019.

Assim, podemos considerar os impactos da Covid-19 na parte Sul do continente americano. Desde o início da pandemia, o Brasil é o principal centro polarizador da doença. As ações de alguns países para conter a pandemia estão destacadas no boletim didático, conforme mostra a Figura 3. A América do Sul tem uma diversidade econômica e social muito desigual dentro de seus próprios países. Desta maneira, as medidas foram diferenciadas para cada país e também dentro dos estados, como foi o caso do Brasil.

## Figura 3 – Boletim informativo sobre a Covid-19 na América do Sul



# COMO ESTÁ O COVID-19 NA AMÉRICA DO SUL?

### COVID-19 NA AMÉRICA DO SUL

Desde março de 2020 os doze países da América do Sul e o território ultramarino francês - a Guiana Francesa têm buscado organizar a saúde pública para conter o avanço da pandemia mundial do covid-19.

Cada país tem desenvolvido ações diferentes para alertar e cuidar da população e evitar um número grande contaminação.

**Figura 1:** Mapa de localização da América do Sul com os casos de COVID-19



Fonte: Dados organizados por Iomara Sousa (2020)

estabeleceu o lockdown para proibir a população de sair à rua, só em casos essenciais. Uso de máscaras e álcool gel, além de fiscalização nas ruas. No vídeo da Professora Nora Miranda (Mendoza - Argentina) ela nos explica as medidas. (Link disponível abaixo)

Já no Peru o primeiro registro foi dia 06 de março de 2020. As medidas do governo (figura 2) no primeiro momento foi uma quarentena voluntária, mas com o aumento dos casos passou para o isolamento total. Isto porque parte da população não está respeitando as medidas adotadas.

**Figura 2:** Presidente peruano divulgando medidas



Fonte: <https://noticias.r7.com/internacional/peru-registra-aumento-nos-casos-do-coronavirus-mas-relaxa-isolamento-14052020>

**ASSISTA AO VÍDEO DA PROFESSORA NORA MIRANDA (MENDOZA - ARGENTINA)**



OU

Clique Aqui

Link: <https://youtu.be/37b6f0YeSSM>

### PRINCIPAIS PAÍSES COM CONTAMINAÇÃO

Dados do John Hopkins University and Medicine (19.05.2020) apresenta os números de casos de covid-19 no mundo. Até o dia 19 de maio de 2020, o subcontinente contabilizava mais de 467 mil pessoas infectadas.

Os dados apontam que o Brasil é o país mais afetado da região, com mais de 257 mil contágios confirmados. Em segundo se apresenta o Peru, com aproximadamente mais de 94 mil infectados. E o Chile está em terceiro lugar, com mais de 49 mil casos.

### AÇÕES DE PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL

Na Argentina medidas mais rígidas foram estabelecidas para conter a doença. No dia 20 de março de 2020, seu presidente Alberto Fernández

### FONTES CONSULTADAS

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/17/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-17-de-maio.ghtml>  
<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-12/epicentro-da-covid-19-na-america-do-sul-brasil-e-viso-com-grande-ameaca-por-paises-vizinhos.html>  
<https://coronavirus.fju.edu/masp.html>



Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC);  
Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia  
Bolsa de Monitoria de Metodologias e Práticas Pedagógicas da Geografia  
Ana Julia Rozado e Jélicia Mendes  
Informativo IX - 19 de Maio de 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>

AS DIFERENTES ESCALAS DE ANÁLISE SOBRE COVID-19

85

Ao longo do tempo, esses continentes e seus respectivos países, assim como seus estados e municípios criaram estratégias e medidas parecidas, embora diferentes em alguns aspectos, para o enfrentamento da Covid-19. Não dava mais para ficarmos totalmente isolados. A economia global teve vários impactos, como, por exemplo, os serviços médicos que usaram mais as plataformas digitais, assim como o comércio virtual, as aulas remotas e o turismo, que se tornou mais local.

No mês de maio, a Europa decidiu estabelecer medidas para a flexibilização da quarentena com a reabertura do comércio, de modo que pudesse controlar o número de óbitos, como mostra a Figura 4. Rússia, Itália, Espanha e Reino Unido tiveram número de casos confirmados acima de 200.000 e o número de óbitos tornou-se muito elevado na Espanha, França e Itália, com números acima de 25.000. Já em Portugal, França, Espanha e outros países, os estados de emergência foram suspensos e adotadas medidas mais liberais. Países como Noruega, Bielorrússia, Estônia e Suíça deixaram as escolas funcionando, enquanto França, Alemanha e Áustria deixaram parcialmente abertas e outros as mantiveram fechadas, como ocorreu na Itália. Por causa das medidas preventivas esses números caíram no Vaticano, Noruega e Portugal.

Figura 4 – Boletim Informativo sobre a Covid-19 na Europa



## OS IMPACTOS DA COVID-19 NO CONTINENTE EUROPEU

PARTE 5

**COVID-19 NA EUROPA COMÉRCIOS, TURISMO**

**APÓS REABERTURA DOS**

**COVID-19 NA EUROPA DURANTE AS FÉRIAS DE JULHO E AGOSTO**

As fronteiras começaram a abrir para fluxos de pessoas entre países. Sabendo-se, que nem todas abriram para todos os países. A Itália em junho abriu as fronteiras internas, ou seja, entre as suas regiões, reabrindo então o turismo local, assim como para outros países vizinho como o caso da Suíça, conforme figura 1.

**FIGURA 1: PASSAGEM DE FRONTEIRA EM CHIASSO, ENTRE SUÍÇA E ITÁLIA, APÓS REABERTURA**



Fonte: (EPA) [http://arquivo1.com.br/brasil/noticias/italia/italia-labora-fronteiras-italiana-e-reabre-para-o-turismo\\_0752b0f6-4a18-4870-a9ec-43ed76c5c9d4.html](http://arquivo1.com.br/brasil/noticias/italia/italia-labora-fronteiras-italiana-e-reabre-para-o-turismo_0752b0f6-4a18-4870-a9ec-43ed76c5c9d4.html)

**PRAIAS LOTADAS: PERIGO PARA VOLTA DA COVID-19?**

No mês de junho, o turismo voltou a crescer devido ao início do verão europeu, o que ocasionou aglomeração de pessoas nas praias. As praias na Itália, Espanha, França, Grécia e Reino Unido, por exemplo, tiveram número expressivo de pessoas.

Sagundo o jornal The Guardian em 25.06.2020, no sul do Reino Unido as praias ficaram lotadas com a população local e com turistas, sem respeitarem as medidas preventivas conforme visualizamos na figura 2. A falta de prevenção aconteceu também em outras praias pela Europa.



**PODEMOS OBSERVAR COMO FOI A MOVIMENTAÇÃO NA PRAIA, POR MEIO DO VIDEO PUBLICAÇÃO NA REPORTAGEM:**

[https://www.youtube.com/watch?v=atc87tme\\_02k&list=ULP15RR\\_0es18aaur-emb\\_loq](https://www.youtube.com/watch?v=atc87tme_02k&list=ULP15RR_0es18aaur-emb_loq)

**FIGURA 2: ENORMES MULTIDÕES NA COSTA SUL DA INGLATERRA ENQUANTO AS PESSOAS MIGRAM PARA AS PRAIAS.**



Fonte: <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/25/major-incident-declared-as-people-flock-to-english-south-coast>



**GEPGEC**  
Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades



**FAPERJ**  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Materiais organizados pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) - Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Oficinas Escolares da Geografia.  
Bolsa de Iniciação Científica - FAPERJ - Análise e articulação entre as práticas pedagógicas dos docentes em Geografia e das Políticas Curriculares no Estado do Rio de Janeiro - Leilacia Mendes  
Bolsa Monitoria de MPPG - Anna Julia Rozado  
Informativo LV – 23 de setembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo COVID-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Na maior parte da Europa, houve uma estabilidade dos números de casos em junho, exceto pela Rússia, que quase duplicou os números de óbitos, assim como o Reino Unido. Alguns países abriram as fronteiras como, por exemplo, a Itália, mas somente para fronteira interna devido ao verão europeu e abertura para o turismo, o que ocasionou aglomeração de pessoas nas praias.

Já em setembro, após um período de turismo intenso, com todas as atividades econômicas, escolas e universidades reabertas, os dados apontaram para a segunda onda de contágios da Covid-19. A Europa desde meados de setembro vivia uma situação diferenciada com a volta da Covid-19 no continente. Em outubro, vários países retomaram as medidas preventivas mais severas, como foi o caso da França, onde várias cidades adotaram o toque de recolher desde (17/10/2020). Mas assim como na Itália, os números de casos aumentaram consideravelmente, inclusive, um novo decreto aconselhou uso de máscara dentro de casa, quando membros de fora da família estiverem presentes. Dois terços de óbitos na Europa estão concentrados em cinco países: Reino Unido (43.646), Itália (36.543), Espanha (33.775), França (33.392) e Rússia (24.187), com mais de 8.000 falecimentos por coronavírus em uma semana.

O Reino Unido teve um aumento expressivo com média de quase 95% em um mês, 65% na Espanha e 125% na França. Novamente, parte da Europa fechou bares, restaurantes, academias e escolas, em função da segunda onda.

No continente Oceania, entre os meses de junho e julho de 2020, houve uma estabilidade da doença. Os países conseguiram controlar o número de casos e, até mesmo, não tiveram mais quadros, com exceção da Austrália, Nova Caledônia e Polinésia Francesa (WHO, 2020a). Contudo, o número de casos em agosto aumentou, disparando um alerta aos países do continente. Austrália, Nova Zelândia, Polinésia Francesa tiveram então um aumento significativo de infectados. Isso ocorreu por conta do



afrouxamento das medidas preventivas e da abertura das fronteiras para o turismo nestes países (WHO, 2020b).

Desde o mês de junho de 2020, as ilhas da Polinésia Francesa abriram suas fronteiras para receber os turistas. Observamos que em agosto, o aumento do número de casos foi de 353% em um mês. Por conta disso, o governo de Nova Zelândia voltou a fazer o isolamento social para frear a doença no país. Os impactos nas ilhas da Polinésia Francesa e o aumento muito expressivo do contágio, bem como o número de óbitos, se tornaram fatos muito significativos naquele mês.

Países como China, Cingapura e Coreia do Sul investiram no aperfeiçoamento de tecnologias para testes, rastreamento e contenção da infecção do vírus. Os dados referentes aos meses de junho e julho de 2020, mostraram o aumento do número de casos pela Ásia, principalmente, na Índia e na Arábia Saudita. Notamos que a Índia é um dos países onde mais se cresceu o número de casos de Covid-19, uma média de 189%, Uzbequistão aumentou em 182%, Síria 17% e o Cazaquistão 378%. Devido à flexibilização do isolamento, à falta de cuidado com a higienização, os números de casos dobraram em muitos países. O material da Figura 5, discorre sobre os impactos da Covid-19 no Sul da Ásia onde problemas relacionados aos trabalhadores foram discutidos, a fim de mostrar a situação dos imigrantes em vários países.

## Figura 5 – Boletim informativo sobre a Covid-19 no Sul da Ásia



# COVID-19 NA ÁSIA

PARTE 7

### IMPACTOS DA COVID-19 NO SUL DA ÁSIA

No Sul da Ásia, os impactos causados pela pandemia da covid-19 foram devastadores, além de ataques aos direitos dos trabalhadores. Houve um grande aumento de desemprego devido a grandes demissões de trabalhadores, e apesar dos Estados como: Índia e Sri Lanka anunciarem que dariam suporte a população, muitas pessoas não receberam apoio social, fazendo com que passassem por uma crise humanitária. Acarado disso, mobilizações em prol de recursos foram feitas, com o objetivo de oferecer alimentos cozidos e grãos alimentícios para ajudar essas pessoas. Para as afiliadas do Sul da Ásia do IndustriALL, uma maneira de superar essa crise é a proteção social universal, defendendo direitos e unidade dos trabalhadores (Figura 1).

trabalhadores serem transferidos para casas vazias ou campos do Exército.

No mês de setembro de 2020, dormitórios de trabalhadores imigrantes tiveram novos casos da covid-19 em Singapura, trazendo à tona o fenômeno da desigualdade social segundo o infectologista e professor da Escola de Saúde Pública Saw Swee Hock da Universidade Nacional de Singapura, Yang Hsu.

Para circulação da economia do país, trabalhadores de empresas de construção, transporte e manutenção são essenciais, e com a pandemia da covid-19 medidas como o distanciamento físico são difíceis de cumprir no trabalho e no dormitório já que são abrigadas até 12 pessoas em cada quarto, além de cozinha, banheiro e serviços serem compartilhados. Trabalhadores reclamam que há banheiras, banheiros lotados e filas com aglomerações nas refeições diariamente. (Figura 2)

#### FIGURA 1: SINDICATOS PRIORIZAM PROTEÇÃO SOCIAL, SAÚDE E DIREITO DOS TRABALHADORES.



Fonte: <http://www.mundociencia.com.br/noticias/47623-Sindicatos-do-Sul-da-Asia-priorizam-protecao-social-saude-e-direito-dos-trabalhadores>

#### FIGURA 2: DORMITÓRIOS COM FILA E AGLOMERAÇÃO



Fonte: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral/casas-de-coronaviruses-dorcam-em-singapura,000326414>

Outra problemática é que na medida em que algumas fábricas voltarem a funcionar, apesar de alguns trabalhadores retomarem seus trabalhos, a maioria das empresas não cumpre o espaço de distanciamento físico, proporcionando risco à saúde, por isso muitas famílias de trabalhadores estão sofrendo todo dia com o grande contágio pela covid-19.

Na Índia, os governantes aproveitaram a crise da covid-19 para fazer mudanças na legislação de leis trabalhistas, regras como de contenção e dispensa não foram cumpridas, fazendo com que trabalhadores não recebessem a compensação legal apropriada. Segundo o secretário-geral, Kemal Ozkan, adjunto do IndustriALL:

*“Os crescentes ataques aos direitos dos trabalhadores, especialmente na Índia e no Sri Lanka, são deploráveis... Estamos trabalhando em conjunto com outros sindicatos globais em prol de políticas econômicas e industriais justas, incluindo proteção social universal e garantindo o direito à saúde e segurança no local de trabalho ser considerado um direito fundamental dos trabalhadores.”*

### TRABALHADORES IMIGRANTES EM SINGAPURA DURANTE A PANDEMIA COVID-19

No intuito de diminuir e controlar o contágio em dormitórios de trabalhadores, foi determinado o confinamento dos mesmos e instituído um salário integral e refeições, além de alguns

#### FONTES CONSULTADAS

<http://www.mundociencia.com.br/noticias/47623-Sindicatos-do-Sul-da-Asia-priorizam-protecao-social-saude-e-direito-dos-trabalhadores>  
<https://puanincaos.naifaria.wordpress.com/2020/09/30/a-organizacao-internacional-dos-trabalhadores-dormitorios-para-trabalhadores-imigrantes-em-singapura-durante-a-pandemia-da-covid-19/>  
<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral/casas-de-coronaviruses-dorcam-em-singapura,000326414>

Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidadãos (GEPGEC) - Coordenadora Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Cifras Escolares de Geografia:  
Bolsa Iniciação Científica FAPERJ - Análise e articulação entre as práticas pedagógicas dos docentes em Geografia e dos Perfis Curriculares no Estado do Rio de Janeiro - Letícia Mendes  
Bolsa Monitoria de LPPG - Anna Júlia Rozado  
Informativo LAUVI - 09 de novembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>

No Sul da Ásia, países como Afeganistão, Bangladesh, Índia, Butão, Paquistão, Nepal, Sri Lanka e Maldivas tem sofrido com grande intensidade com a pandemia. A Índia é o país mais afetado pelo vírus, atrás apenas dos EUA e do Brasil. O Afeganistão com 1.406 óbitos e 38.196 casos confirmados. Paquistão com 6.318 óbitos e 296.590 casos confirmados. Nepal com 238 óbitos e 40.529 casos confirmados. Maldivas com 29 óbitos e 8.000 casos confirmados. Butão com 227 casos confirmados e nenhuma morte. E Sri Lanka com 12 mortos e 92 casos confirmados.

Em setembro, o continente africano já estava passando por vários problemas econômicos, sendo assim, uma das grandes preocupações do mundo em relação aos países africanos estava relacionada à vulnerabilidade da população, tanto do ponto de vista econômico, quanto do social e da saúde, já que a quantidade de hospitais e de equipamentos sempre foi limitada. O saneamento básico também é precário em muitos países. Os países que representaram os maiores números de óbitos somam quase 70%: Argélia, Egito, Nigéria, África do Sul e Sudão. As transmissões são comunitárias na maioria dos países. Mesmo com o aumento de casos, alguns países começaram a diminuir os seus confinamentos para dinamizar os impactos, principalmente, na economia local (OCHA, 2020). A OMS transmite determinados alertas em relação aos cuidados que esses países precisam ter para que o número de casos não cresça.

Um dos pontos bem interessantes no caso da Covid-19 está relacionado ao uso de robótica com o objetivo de minimizar o tempo de contato com casos confirmados e, assim, reduzir o risco de contaminação dos profissionais de saúde nos centros de tratamento Covid-19. Em Ruanda, onde todos tem acesso aos serviços voluntários, segundo Who (2020d), o serviço já está sendo fornecido desde maio pelo Laboratório Nacional de Referência, em Kigali, embora de modo privado.

Outro ponto impactante foi a preocupação com a conservação dos parques na África bem como com as comunidades que trabalham

com o turismo. Muitas unidades do Quênia, por exemplo, tiveram acionistas reduzidos ou foram totalmente suspensos os pagamentos.


De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças, até o dia 27 de setembro de 2020, houve mais de 1.199.831, ou seja, 80% das pessoas enfermas foram recuperadas de fevereiro até setembro. Isto significa que as ações de prevenção contra a Covid-19 têm funcionado na África.

A África do Sul, o Egito e a Nigéria apresentaram os maiores números de casos, em relação ao número de óbitos, que foi de 36.139, diferente de agosto para setembro, que foi de 21%. Podemos observar que a Seychelles não teve casos de óbitos, Saara Ocidental um óbito (não teve casos desde junho) e Eritreia dois casos de óbitos. É importante destacar que a África do Sul diminuiu o número de casos de agosto até setembro para 7%.

Em relação ao Caribe, a questão econômica vinculada ao turismo tem a necessidade de reabertura dessa atividade para que as ilhas possam sobreviver economicamente. Assim, no material divulgado na Figura 6, muitas ilhas já se consideravam sem Covid-19, voltando a ser um atrativo para a compra de pacotes turísticos.

Na virada do mês julho para o mês de agosto de 2020, foi possível constatar o aumento contínuo de casos de Covid-19 na América do Norte, especialmente, nos Estados Unidos e México. Apontamos que o Canadá conseguiu estabilizar o número de casos de Covid-19 em comparação a outros países da América do Norte. Neste mesmo período, os Estados Unidos enfrentaram a segunda onda de contaminação pela Covid-19, com o registro da disseminação do vírus em crianças. Segundo a Academia Americana de Pediatria, para a reportagem de Everton Lopes Batista da Folha, de 12/10/2020, mais de 380 mil crianças tiveram contato com o vírus, ocupando assim, 9% do total de contaminados.

**Figura 6 – Abertura do turismo caribenho durante o mês de agosto de 2020**



## TURISMO NO CARIBE E COVID-19


### PARTE 2

**CRESCER UMA SEGUNDA ONDA DA PANDEMIA**

Desde o surgimento da covid-19 na China, a doença só aumenta no mundo. Em agosto já são contabilizados mais de 419.000 casos confirmados e 10.000 óbitos confirmados no Caribe.

O Caribe é considerado a segunda região com menos números de casos. Inicialmente a pandemia não gerou grandes surtos no Caribe, mas no segundo semestre ao reabrir a região para o turismo, as ilhas estão tendo mais casos. Na segunda semana de agosto as Bahamas tiveram subida de 60% em comparação com a semana anterior, Trindade e Tobago tiveram um aumento de 25%, tudo isso em agosto. A localidade das últimas ilhas na figura 1.

**FIGURA 1: ILHA DE TRINDADE E TOBAGO**



Fonte: <https://alarabiele.com/trindade-e-tobago/>

A chefe da OPAS Organização Pan-Americana da saúde Carissa Etienne lembrou que estes países dependem do turismo e não podem ficar fechados, porém alerta que as reaberturas devem usar todos os recursos disponíveis para reduzir o risco de contaminação.

**CARIBE E TURISMO NAS ILHAS**

Alguns países caribenhos começam a se declarar "covid-free" ou "covid controlled" e reabrem as portas para o turismo internacional. A maioria das ilhas dependem das atividades turísticas são essenciais para a economia nacional segundo a ECV (End. Coronavirus International Coalition), apesar de todo o caótico cenário das Américas países como Bahamas, Barbados, Belize, Cuba, Jamaica, Trindade e Tabago estão promovendo ações constantes na batalha contra o coronavírus no continente.

Na República Dominicana o Ministério do Turismo tem realizado alguns períodos de toque de recolher das 17hs às 5h em destinos como Santo Domingo, La Romana, Samaná e outros (com exceção apenas para transporte de passageiros chegando e saindo de aeroportos e portos).

Já as Bahamas fazem a exigência que os turistas que desejam apreciar o sossego de suas praias preencham um questionário oficial (disponível no site oficial de turismo do país) anexando

um teste de PCR negativo para covid-19 feito no máximo sete dias antes da chegada na ilha. A permissão de entrada é negada para os estrangeiros que não apresentarem resultado negativo do teste. Para adentrar na ilha é preciso concordar com os termos implantados na campanha "viajantes saudáveis", tendo seguido todas as normas sanitárias de distanciamento social e higiene informadas.

As ilhas de Aruba e Antígua e Barbuda também reabriram para o turismo internacional com as mesmas regras, a Jamaica também adotou o formulário eletrônico para conceder ou não a autorização da entrada do turista e o desembarque, todo mundo está sujeito ao controle sanitário e de temperatura. Além disso, viajantes internacionais só podem se hospedar em hotéis localizados no chamado "corredor litorâneo" entre Negril e Port Antonio, é uma estratégia para o controle dos avanços da pandemia na ilha. Na figura 2 dados dos números de casos e óbitos do Caribe no mês de agosto.

**FIGURA 2: CASOS CONFIRMADOS E ÓBITOS DE COVID-19 DE AGOSTO NO CARIBE**

Países	Números de casos	Óbitos
Anguilla	3	0
Antígua e Barbudas	94	3
Aruba	2 006	10
Bahamas	2 217	50
Barbados	174	7
Belize	1 007	13
Cuba	4 032	94
Curacao	68	1
Gusdalupe	1 269	16
Grenada	24	0
Haiti	8 224	201
Ilhas Cayman	205	1
Ilhas Turcas e Caicos	507	3
Ilhas Virgens Britânicas	47	1
Jamaica	2 351	21
Martinica	615	16
México	615.150	66.272
Montserrat	13	1
Porto Rico	33.199	100
República Dominicana	94.715	1.710
São Bartolomeu	18	0
São Cristóvão e Neves	17	0
Sint. Maartin	213	5
Sint. Maarten	463	17
Santa Lúcia	26	0
Sint. Vincent e Grenadines	60	0
Trindade e Tobago	1759	22

Fonte: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>

**FONTES CONSULTADAS**



<https://www.alarabiele.com/trindade-e-tobago-na-terceira-regiao-do-mundo-com-mais-mortes-por-covid-19-imp/>

<https://www.usajournal.org/2020/08/1724282>

<https://doi.org/10.3390/ijerph14081272>

<https://www.globe.com/turismo/coronavirus/062020/252826crose-e-modo-de-uma-segunda-onda-da-pandemia-no-mundo-globe>

<https://www.ql.com/brasil/06/06/2020/redacao/2020/08/09/1104-que-consequencia-tem-a-pandemia-ja-recebe-4-rotas-brasileiras.htm>

Material organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidades (GEPEGEC) - Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento

Projeto de Extensão: Oficinas Escolares em Geografia

Bolsa Integro Científica - FAPERJ - Avaliada e articulada entre as práticas pedagógicas dos docentes em Geografia e das Políticas Curriculares no Estado do Rio de Janeiro" - Lúcia Mendes

Bolsa Monitoria de MPPG - Anna Julia Rozado

Informativo XXI – 30 de novembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo COVID-19. Disponível em: <https://www.gepegec.com.br/informativos-covid-19>.

AS DIFERENTES ESCALAS DE ANÁLISE SOBRE COVID-19

93

Segundo reportagem do site UOL de 01/08/2020, o México alcançou novo máximo diário de contaminações por Covid-19, com cerca de 9.556 casos confirmados em 24 horas, mesmo contando com uma série de restrições e cuidados para a diminuição do contágio, contudo, registrou queda no número de óbitos. O México é um dos sete países no mundo que mais sofreram com a pandemia da Covid-19 até aquele momento, mas recuperou voos para o mês de setembro e outubro. Los Cabos, Cancun e Puerto Vallarta apresentaram bons resultados no combate à Covid-19, por isso foram considerados destinos turísticos seguros para as férias, ajudando na recuperação turística.

No Canadá, a reportagem de Mário Aleixo para RTP de 21/08/2020, apontou que pessoas que perderam seus empregos durante a pandemia da Covid-19 receberam assistência social emergencial do Governo, que foi prolongado por mais quatro semanas. Este, consiste em cerca de 2.000 dólares mensais para os trabalhadores que não estavam recebendo salário. No dia 31 de agosto de 2020, segundo Paul Newton para reportagem da CNN em 07/10/2020, o Canadá fechou acordo com a farmacêutica Novavax para receber o total 76 milhões de doses da vacina para combater a Covid-19. A vacina já alcançou sua segunda fase de teste, e estava sendo testada nos Estados Unidos e Austrália, segundo reportagem da Agência de Estado, de 31/08/2020, retirada do Jornal do Comércio.

Desde o mês de março até o dia 21 de outubro, as fronteiras internacionais continuaram fechadas (segundo SIC Notícias, em 18/09/2020), mas foram liberadas apenas para comércio e viagens essenciais. No mês de outubro, os casos de Covid-19 continuaram a aumentar e as autoridades de saúde pública pediram para que a população canadense tomasse cuidado, pois o país ainda passava por semanas difíceis com a disseminação do vírus. Cerca de 60% dos novos casos em Ontário e Quebec foram em pessoas com idade abaixo de 40 anos.

No fim de outubro, os EUA planejaram o início da vacinação contra a Covid-19, enviando plano de vacinação aos 50 estados. As doses seriam em um primeiro momento para profissionais da saúde, quem trabalha em serviços essenciais, como segurança e idosos, de acordo com o *site* da Revista VEJA de 03/09/2020. Com poucos dias para acontecer a eleição presidencial, os Estados Unidos passaram por grande aumento da disseminação da Covid-19, com maior número de mortes diárias em mais de um mês, de acordo com a Universidade Johns Hopkins (2020), registrando no dia 30 de outubro novo recorde de contágios.

### **Considerações a não finalizar: o que vemos agora?**

O mundo ainda está em voltas com a pandemia, se passou um ano, mas como podemos analisar tudo isso?

Os países enfrentaram a Covid-19 de maneira diferenciada, os impactos econômicos foram bem significativos, como no caso do turismo e as medidas preventivas não foram totalmente realizadas em alguns países do mundo, principalmente, aqueles com governos liberais, como o caso do Brasil e EUA. Sendo assim, as desigualdades já existentes aumentaram neste período. Contudo, as dinâmicas regionais mostraram que países na Ásia consideraram conter o aumento da pandemia com o início da vacinação em parte dos países.

As diferentes escalas apresentadas neste texto apontaram para os diversos impactos que cada país, bem como os continentes, sofreu com a pandemia e a continuidade de ações como isolamento espacial, embora entre novembro e dezembro de 2021, os casos tenham voltado a aumentar no mundo inteiro. Novos *lockdowns* foram decididos como alternativas para se evitar uma propagação mais avassaladora, apesar de variantes da Covid-19 terem sido encontradas no Brasil e no Reino Unido.

Segundo a reportagem do Brasil de Fato de 05/01/2021, Wuhan, a cidade chinesa que foi o epicentro global a registrar o

primeiro caso da Covid-19 está desde maio de 2020, sem registrar novos contágios, porém, mesmo com todas as suas atividades normalizadas, as medidas de precaução ainda são mantidas. O uso de máscaras, medição da temperatura, uso do QR code para informar a saúde da população, além da permissão da circulação de pessoas, cujo teste seja negativo.

Sobre a questão da vacinação, alguns países já fazem a imunização da população. A Universidade de Oxford desenvolveu uma plataforma que informa em tempo real, o número de pessoas já vacinadas contra Covid-19 e, até o dia 27 de janeiro de 2021, em torno de 71,1 milhões de pessoas no mundo foram vacinadas. As vacinas são produzidas pela Sinovac Biotech em parceria com o Butantan e pela China National Biotech Group.

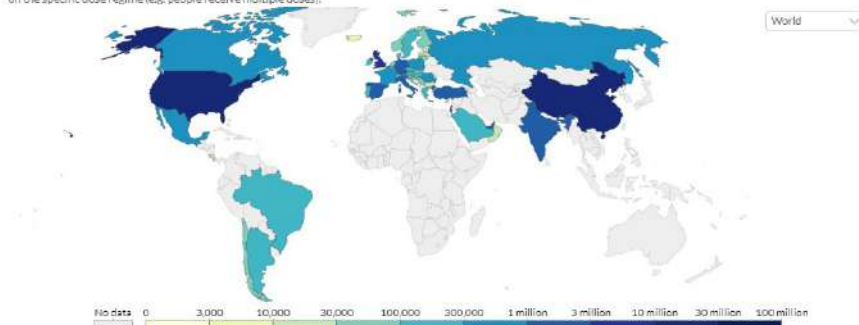
A China foi o primeiro país a fazer uso emergencial em sua população no mês de dezembro, e contou com mais de 15 milhões de pessoas imunizadas até janeiro de 2021, ocupando o segundo lugar na imunização geral. A China e os Emirados Árabes Unidos até meados de janeiro de 2021, eram os países que mais vacinaram no continente asiático. A Índia propôs enorme programa de vacinação, começando pelos profissionais da saúde em busca da imunização de 30 de milhões de pessoas, em janeiro de 2021. O Japão só iniciou a vacinação no mês de maio de 2021, pois aguardava autorização para o uso da vacina da Pfizer. A Figura 7, apresenta a espacialização das doses de vacinas administradas em todo o mundo, em janeiro de 2021. Observamos que a África, a América Central, parte da América do Sul e a Oceania não haviam iniciado a vacinação, assim como alguns países da Ásia.



## Figura 7 – Doses da Covid-19 administradas no mundo

COVID-19 vaccine doses administered, Jan 22, 2021

Total number of vaccination doses administered. This is counted as a single dose, and may not equal the total number of people vaccinated, depending on the specific dose regime (e.g. people receive multiple doses).



Source: Official data collated by Our World in Data - Last updated 22 January, 06:20 (London time)

OurWorldInData.org/coronavirus • CC BY

Fonte: <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/67957/>

mapa-da-vacinacao-no-mundo-quantas-pessoas-ja-foram-imunizadas-contr-covid-19.

A reportagem do Brasil de Fato de 27/01/2021, traz a questão da vacina pelo mundo. O Reino Unido até meados de janeiro de 2021, ocupou terceiro lugar no *ranking* de vacinação, sendo o primeiro país a aprovar e liberar o uso emergencial da vacina na Europa, contando com 7,3 milhões de pessoas imunizadas. De acordo com a plataforma *Our World in Data*, Israel estava em quarto lugar na imunização, porém contava com cerca de 4,1 milhões de cidadãos protegidos, sendo considerado o país que mais vacinou sua população. Já no Brasil, 700 mil pessoas já foram vacinadas em dez dias da liberação emergencial pela Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) até o final de janeiro, depois, de impasses do Governo Federal.

Na Europa, mais de 9,7 milhões de pessoas já foram imunizadas pela Pfizer que possui parceria com a Biontech até meados de janeiro. Na Rússia, até 13 de janeiro, um milhão de pessoas já estavam vacinadas com a Sputnik V, elaborada pelo Centro Nacional Russo de Epidemiologia e Microbiologia Gamaleya.

Na América Latina, Brasil, Argentina, Chile, Costa Rica e México iniciaram a vacinação, com os argentinos fazendo uso da Sputnik V e os chilenos da Pfizer- Biontech. Mas os embates e debates

são muitos, principalmente no Brasil a respeito do uso da vacina e de quais criadores são comprados, uma vez que as discussões controversas entre o Brasil e China são uma das marcas dessa pandemia.

Na Oceania, a Austrália anunciou o uso emergencial da vacina da Pfizer com início da imunização em fevereiro. A Nova Zelândia se comprometeu em dezembro, a conseguir mais vacinas para enviar de graça para países vizinhos (Sama, Ilhas Cook, Tonga, Tuvalu e Tokelau), e possui cerca de cinco milhões de vacinados.

Essas discussões indicam aquilo que Cavalcanti (2019) expõe sobre a importância da análise geográfica para pensarmos os fenômenos e articular os conceitos geográficos, a dimensão das articulações em redes, os arranjos territoriais e as dinâmicas espaciais presentes no debate sobre os impactos da Covid-19 em cada escala, bem como cada ação governamental construída ou pensada para auxiliar nas condições da vida cotidiana.

A partir disso, podemos nos perguntar: Quais serão as novas etapas da reorganização mundial quando a vacina for totalmente aplicada? Será que as novas variantes da Covid-19 vão impactar a imunização? Alguns afirmam que os aumentos de casos na Europa estão associados às novas variantes da Covid-19 encontradas no Reino Unido e no Brasil. Assim, percebemos como as dinâmicas globais acometem as diferentes escalas com os fluxos rápidos de pessoas pelo mundo.

## Referências

- AGÊNCIA ESTADO. Canadá fecha acordo prévio com Novavax por 76 milhões de doses de vacina contra Covid-19. **Jornal do Comércio**, 31 ago. 2020. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/internacional/2020/08/754663-canada-fecha-acordo-previo-com-novavax-por-76-milhoes-de-doses-de-vacina-contr-covid-19.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/internacional/2020/08/754663-canada-fecha-acordo-previo-com-novavax-por-76-milhoes-de-doses-de-vacina-contr-covid-19.html). Acesso em: 10 out. 2020.
- ALEIXO, Mário. Covid-19. Canadá disponibiliza 23,6 mil milhões de euros em assistência social. **RTP**, 21 ago. 2020. Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-canada-disponibiliza-236-mil-milhoes-de-euros-em-assistencia-social\\_n1253218](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-canada-disponibiliza-236-mil-milhoes-de-euros-em-assistencia-social_n1253218). Acesso em: 20 out. 2020.

BATISTA, Everton Lopes. EUA têm aumento de 90% de casos de coronavírus em crianças em um mês. **Folha**, 12 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/08/eua-tem-aumento-de-90-de-casos-de-coronavirus-em-criancas-em-um-mes.shtml>.

BRASIL DE FATO. **Epicentro da Covid-19 há um ano, Wuhan é hoje a cidade “mais segura”, relata brasileiro**. 5 jan. 2021. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2021/01/05/epicentro-da-covid-ha-um-ano-wuhan-e-hoje-a-cidade-mais-segura-relata-brasileiro>.

BRASIL DE FATO. **Como anda a vacinação contra a Covid-19 ao redor do mundo?** 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2021/01/27/como-anda-a-vacinacao-contra-a-covid-19-ao-redor-do-mundo>.

BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Koplen. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTELLAR, Sônia. A globalização, suas interpretações no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Temas da Geografia na Escola Básica**. 1. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2013. p. 179-198.

CASTILHO, Denis. Um vírus com DNA da globalização: o espectro da perversidade. **Espaço e Economia** [on-line], v. 17, p. 1-6, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/10332>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento crítico. **Revista da ANPEGE**, v. 7, p. 179-190, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6563/0>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

FEDERATED STATES OF MICRONESIA. **Welcome to the Federated States of Micronesia**. Disponível em: <http://www.visit-micronesia.fm/index.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

JOHNS HOPKINS, University Medicine. **Coronavirus Resource Center**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

NEWTON, Paul. Média semanal de novos casos da Covid-19 atinge recorde no Canadá. **CNN**, 07 out. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/10/07/media-semanal-de-novos-casos-da-covid-19-atinge-recorde-no-canada>. Acesso em: 15 out. 2020.

OCHA. Southern and Eastern Africa. **Covid-19 Digest Situation Report**, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/>

Situation%20Report%20-%20Southern%20and%20Eastern%20Africa%20COVID-19%20Digest%20-%202028%20Aug%202020.pdf . Acesso em: 22 jan. 2021.

OUR WORLD IN DATA. **Coronavirus Pandemic (COVID-19)**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. ed. São Paulo: Editora Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SIC Notícias. Covid-19. Canadá mantém fronteira com EUA fechada até 21 de outubro. **SIC Notícias**, 18 set. 2020. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-09-18-Covid-19.-Canada-mantem-fronteira-com-EUA-fechada-ate-21-de-outubro>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

UOL. **México tem novo recorde diário de contágios por Covid-19**. Notícias UOL. 01 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/08/01/mexico-tem-novo-recorde-diario-de-contagios-por-covid-19.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

VEJA. Covid-19: Governo dos EUA planeja vacinação a partir do fim de outubro. **Veja**, 03 set. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/covid-19-governo-dos-eua-planeja-vacinacao-a-partir-do-fim-de-outubro/>. Acesso em: 20 set. 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19 Latest information on the outbreak in the Western Pacific** (2020a). Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific>. Acesso em: 20 out. 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19 response in the Pacific Islands** (2020b). Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific/emergencies/covid-19/pacific>. Acesso em: 20 out. 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19 WHO AFRICA REGION. External Situation Report 13**, 2020c. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332199/SITREP\\_COVID-19\\_WHOAFRO\\_20200527-eng.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332199/SITREP_COVID-19_WHOAFRO_20200527-eng.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Robots use in Rwanda to fight against COVID-19**. 31 jul. 2020. 2020d. Disponível em: <https://www.afro.who.int/news/robots-use-rwanda-fight-against-covid-19>. Acesso em: 22 jan. 2021.

# 5

## BRASIL: A COVID-19 E SEUS IMPACTOS

*Thaís Alves da Graça Lino*

*Beatriz Carvalho Torres*

A identificação da Covid-19 ocorreu em dezembro de 2019, com seu epicentro (local de origem) na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, situada na República Popular da China. O seu caráter pandêmico teve um alcance mundial e de forma acelerada, devido aos grandes fluxos globais que conectam de maneira rápida, os diferentes continentes e culturas.

A confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020, no estado de São Paulo, por pessoas contaminadas que voltaram do continente europeu. O primeiro óbito foi confirmado no dia 17 de março de 2020. Desde então, o país estabeleceu medidas restritivas a fim de desacelerar o fluxo da contaminação populacional com o objetivo de evitar o colapso no sistema de saúde. O país enfrenta ainda problemas de desigualdade social/econômica e a pandemia potencializou mais as dificuldades que a população brasileira tem de enfrentar determinadas situações no seu dia a dia.

Os efeitos da pandemia são sentidos, também, em ritmos diferenciados, entre o campo e a cidade, e embora se concentrem, muitas vezes nessas

últimas (as metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro são responsáveis pelo maior número de casos de mortes no país), também se expressa no campo, sobretudo nas comunidades pobres camponesas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, etc. (SOUZA, 2020, p. 248).

Os impactos da pandemia apresentam-se também de forma mais intensa nas comunidades tradicionais em razão de que sua economia depende da comercialização de produtos em municípios vizinhos. Produtos estes que são fabricados pelos próprios moradores internos das comunidades, como por exemplo, o cultivo de produtos da agricultura familiar. O distanciamento e o isolamento socioespacial dificultam a comercialização, uma vez que muitos vendem em feiras ou até mesmo no próprio lugar.

Com o avanço acelerado de casos e com o risco de transmissão comunitária por todo o território nacional, a Organização Mundial da Saúde (2020), propôs recomendações a serem seguidas e aplicadas, a fim de orientar a população na prevenção do coronavírus, como por exemplo: lavar as mãos com água e sabão, fazer uso do álcool em gel e da máscara, além de determinações de distanciamento social, dentre outros. Além disso, houve a restrição da circulação de pessoas em seu próprio país e a entrada de estrangeiros com o intuito de conter a transmissão comunitária em território nacional. Outras diferentes medidas foram adotadas no Brasil e, também mundialmente, como o isolamento social, a quarentena e o *lockdown*.

O primeiro decreto publicado foi a Lei nº 13.979 de 06 de fevereiro de 2020, de caráter nacional, estabeleceu assim, as primeiras medidas a serem implementadas com o objetivo de se conter o avanço do coronavírus e para o enfrentamento do mesmo no país: isolamento social, quarentena, realização de exames médicos, telemedicina, coleta de amostras clínicas domiciliar, vacinação, estudos epidemiológicos, restrição temporária de entrada e saída do país, e também exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáveres, se necessário.

Os efeitos provocados pelo novo coronavírus perpassam o sistema de saúde mundial e afetam a dinâmica da vida em sociedade como um todo, pois constantes mudanças imediatas foram e ainda são impostas para a população global.

Neste artigo, propomos trazer um panorama dos materiais produzidos sobre o contexto brasileiro durante a pandemia provocada pela Covid-19, que afeta diretamente a sociedade e a economia do país. Estes temas foram abordados através da confecção de materiais didáticos disponibilizados aos professores e aos estudantes das redes básicas de ensino por meio das atividades do Projeto de Extensão “Oficinas Escolares de Geografia: Diferentes Ações Didáticas”, Cetreina-UERJ (2016 até o presente momento) e parte da bolsa de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UERJ) “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo (2018-2020)” e Projeto de Iniciação à Docência Cetreina-UERJ (2018-2020): “Didática e mediação dos professores de Geografia de São Gonçalo”.

Para a elaboração destes materiais didáticos, levamos em consideração sua utilidade para as aulas dos professores das escolas públicas e privadas, com o principal objetivo: levar informações sobre os acontecimentos e desdobramentos da Covid-19, além de ressaltar os impactos da pandemia no âmbito social, econômico e cultural, no Brasil e no mundo.

Por isso, buscamos elaborar uma leitura voltada para os docentes e discentes com informações mais atualizadas para serem abordadas e discutidas na sala de aula, de acordo com o meio utilizado em suas redes. Sendo assim, “[...] é essencial que os professores procurem de adequar às novas formas de ensinar e de explorar os conteúdos para a construção de uma aprendizagem significativa que integre esta nova realidade” (SACRAMENTO; CUNHA, 2020, p. 51).

Desta forma, os autores ainda ressaltam a importância de elaborarmos materiais didáticos para a construção de um ensino

diferenciado e, que ao mesmo tempo, agregue conhecimento de uma dada realidade, tanto para os professores quanto para os alunos. Por isso, desenvolvemos tais materiais como forma de apoio às aulas dos professores de Geografia, objetivando proporcionar diferentes recursos metodológicos e com temas atuais e de grande importância para serem debatidos nas aulas *on-line* ou através de palestras.

Neste sentido, os materiais didáticos em questão, acerca dos acontecimentos da Covid-19 no Brasil, pretendem analisar o impacto do vírus no país e destacar a importância de pensarmos nele, dentro da perspectiva das escalas de análise, além de ponderarmos sobre o uso do material didático como ferramenta imprescindível na aprendizagem geográfica. Com isto, propomos também expor as etapas da confecção destes materiais, assim como o seu objetivo e, sugestões de como eles podem ser incluídos nas discussões geográficas escolares.

Sendo assim, o texto está dividido em quatro subitens, sendo o primeiro direcionado ao desdobramento do avanço do coronavírus pelos diferentes países, além de ser abordada a ciência geográfica para compreensão e construção do conhecimento sobre o espaço geográfico, bem como em sua dinâmica. Movimento este cada vez mais presente e intenso em nosso cotidiano. Posteriormente, no segundo subitem será apresentada a pandemia da Covid-19 no Brasil, tal como as mudanças provocadas pela mesma em nosso dia a dia. No terceiro momento, destacamos as dificuldades enfrentadas pelos comerciantes e pelo setor econômico frente ao acelerado avanço da pandemia. Por fim, no quarto momento discorreremos sobre a análise dos casos por meio da divisão regional do Brasil, destacando os estados mais afetados pela doença.



## Impactos da propagação do vírus nas escalas de análise para a aprendizagem geográfica

O alastramento da pandemia da Covid-19 entre países colocou em risco a vida da população que os habitam. O estudo do contágio nas escalas de análise espacial tornou-se fundamental a partir de elaboração de constantes mapeamentos locais e globais com o objetivo de se obter as informações necessárias sobre o risco de contaminação. Essas averiguações são compartilhadas em um curto espaço de tempo e, mantêm assim, a população informada sobre os novos acontecimentos, como também estabelecem parâmetros de organização, elaboração e execução de estratégias de acordo com as características dos países em relação à pandemia.

O papel e a importância de se estudar Geografia está diretamente ligada a podermos com isso, apresentar a realidade do cotidiano dos alunos, bem como a de seu país e estado, para trabalharmos diferentes temas fundamentais na compreensão e análise da sociedade em que vivemos, para então transformá-la.

Desta maneira, a Geografia Escolar nos impulsiona rigorosamente para a formação de futuros cidadãos conscientes, voltados para exercer a sua cidadania, por intermédio do lugar vivido. Esta forma de instrução está associada aos diferentes tipos de conceitos presentes na Geografia, que são essenciais para a construção do conhecimento. Cabe aqui então destacar os conceitos primordiais que auxiliam o entendimento do espaço geográfico e do local onde vivemos, são eles: Território, Lugar, Região e a Paisagem (CAVALCANTI, 2005).

Sendo assim, a elaboração dos materiais trata da apreensão dos diferentes conceitos geográficos mencionados anteriormente, discorrendo uma análise crítica do atual momento pandêmico, vivenciado desde o final no ano de 2019, com o epicentro da doença na Ásia e com o alcance mundial já em fevereiro de 2020. Podemos assim ressaltar a importância de se desenvolver o conhecimento a

respeito do estudo deste espaço geográfico e das dinâmicas que ocorrem nele, assim como, a relação que o homem exerce sobre o meio em que vive.

Portanto, a leitura espacial promove a construção do conhecimento mediante a compreensão de uma determinada realidade e local de estudo. Ao nos debruçarmos sobre este assunto referente ao meio, analisamos assim, as transformações ocorridas nele. Com o avanço da Covid-19, podemos, sem dúvidas, destacar o seu rápido fluxo em diferentes territórios, que afetou, deste modo, a população com condições sociais e econômicas diferenciadas.

A Geografia deve ter como principal objetivo letrar espacialmente o aluno, capacitando-o para adquirir os conceitos de Território, Região, Paisagem, Espaço, Natureza e Sociedade. Esse letramento deve ocorrer, principalmente, por meio da linguagem cartográfica, do uso de documentos imagéticos e de recursos de aprendizagem que levem o aluno a compreender as espacializações dos objetos (CASTELLAR *et al.*, 2011, p. 257).

A pandemia provocada pela Covid-19 movimentou diferentes formas de estratégias para o seu enfrentamento dentro do território brasileiro. Aqui, o valor quantitativo em relação ao número de casos confirmados, internações que demandam a procura de leitos disponíveis nas unidades de saúde e nas redes hospitalares, tanto públicas quanto em redes privadas de assistência médica, e no número de óbitos provocados pelo vírus, cresce diariamente.

Os desafios impostos pela pandemia afetam os grupos populacionais mais vulneráveis que não têm acesso a um sistema de saúde adequado e com boas condições de acolhimento, além de não terem no cotidiano: água para a constante higienização, medicamentos, álcool em gel, infraestrutura adequada (moradias), e alimentação. A condição financeira baixa, coloca este grupo em risco eminente de adoecimento, e isto pode levá-los a óbito, portanto, a intensidade deste acontecimento vai de encontro a desigualdade social. Accioly (2020, p. 44-45), afirma:

Deve-se registrar que os grupos historicamente vulneráveis, tais como pequenos produtores rurais, mulheres vítimas de marginalização, mulheres transexuais, migrantes e refugiados, todos considerados potenciais vítimas do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, encontram-se em situação de vulnerabilidade extrema, agravada pela pandemia, diante do desemprego que assola o país e o mundo. Isso acarreta a necessidade de uma atenção maior no que diz respeito à promoção do trabalho decente, à prevenção ao trabalho escravo e ao combate do tráfico de pessoas, bem como aprofunda-se a indispensabilidade da garantia de eliminação de quaisquer formas de discriminação.

Desta maneira, a preocupação em escala mundial é a promoção de ações que diminuam os impactos na economia e na saúde, para garantir, por conseguinte, o mínimo de ajuda a todos, mas principalmente aos vulneráveis. Os países se organizaram para então conseguirem de forma mais rápida sair dos problemas causados pela Covid-19, por isso, a necessidade da leitura da escala geográfica se torna tão importante para que os estudantes compreendam os diferentes movimentos dos fenômenos espacializados e de seus impactos socioespaciais e ambientais durante a pandemia.

## **A pandemia e o Brasil neste contexto**

Nunca se pensou no século XXI, com uma estrutura tecnológica, informacional e científica elevada, em uma pandemia que gerasse impactos com grandes magnitudes, como: distanciamento e isolamento social, aumento no número de pessoas desempregadas, dependência de auxílio emergencial do Governo Federal (cabe ressaltar que nem todas as pessoas conseguiram receber este auxílio), alterações no mercado financeiro (aumento dos preços de determinados produtos, como: arroz, feijão, carne, entre outros), desvalorização da moeda nacional, agravamento de mortes e casos positivos monitorados diariamente, falta de planejamento do governo diante da pandemia, descaso e negligência com a população brasileira, onde frisamos, o fato ocorrido em Manaus (AM)

onde o caos na rede de saúde ocasionou a falta de oxigênio essencial para os pacientes com a Covid-19.

No Brasil, as primeiras medidas foram registradas em fevereiro, no decreto publicado no dia 06 de fevereiro de 2020, que corresponde à Lei nº 13.979 no 2º artigo com medidas restritivas quanto à circulação de pessoas e de mercadorias. No artigo 3º são estabelecidos outros tipos de medidas, além do cumprimento de isolamento social e quarentena, a realização de exames e acesso aos tratamentos de saúde. Tais medidas podem ser realizadas pelos gestores locais de cada estado e município desde que a efetivação e a implementação delas, passem pelo consentimento do Ministério da Saúde.

Ademais, no inciso 2º do artigo 6º, está descrito o acesso aos dados fornecidos e atualizados para a população, como dados informativos sobre a quantidade total de casos positivos e de óbitos ocasionados pelo coronavírus.

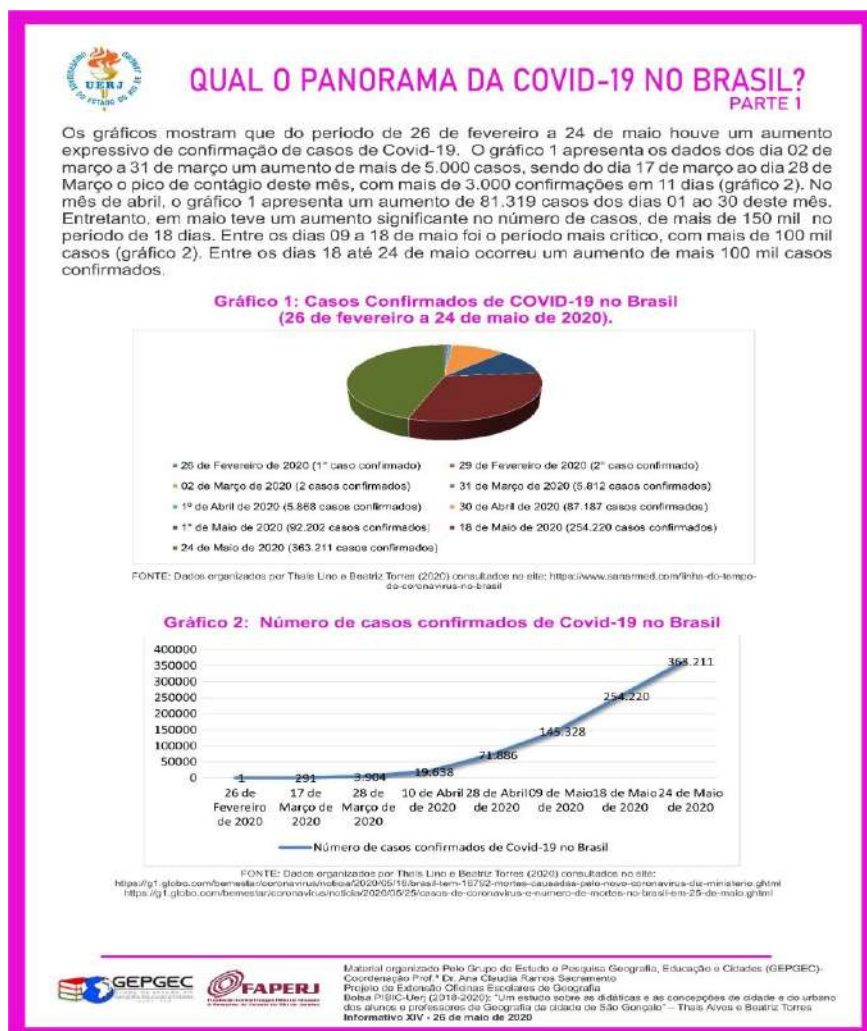
Porém, mais adiante, ocorreram diferentes mudanças nesta lei ainda no decorrer do ano de 2020. Uma delas foi a alteração no fornecimento de dados diários e cumulativos do total correspondente à quantidade de casos e óbitos provocados pelo vírus, que não estavam sendo divulgados, dificultando assim, o acesso a transparência destes dados totais da Covid-19 no Brasil, para a população.

Desta forma, nos primeiros informativos (Figura 1) procuramos trazer um panorama geral sobre a condição do país até o mês de maio de 2020. Neste período, havia poucas fontes seguras em dados, sendo possível apenas encontra-las em jornais nacionais de circulação *on-line*.

Muitas vezes foram destacadas reportagens que afirmaram o não cumprimento do distanciamento social ou das demais medidas preventivas, e com isso, passou a serem tomadas medidas mais rígidas, impostas por prefeitos e governadores, com constantes fiscalizações. O *lockdown*, por exemplo, corresponde a uma dessas medidas preventivas, direcionada ao isolamento total de atividades

que não são consideradas essenciais, que não são mais desenvolvidas por um determinado período. Podemos observar na Figura 2, os materiais que abordaram a explicação destas medidas e como se deu a realização em alguns países.

**Figura 1** – Boletim informativo: Qual o panorama da Covid-19 no Brasil? (Parte 1)



Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

**Figura 2 – Boletim informativo: Lockdown (Covid-19) – “Por que a importância desta medida?”, que mostra a diferença entre isolamento social, quarentena, e lockdown durante o período da Covid-19**



## DIFERENÇA ENTRE: ISOLAMENTO SOCIAL, QUARENTENA E LOCKDOWN DURANTE O PERÍODO DO COVID-19

Com a crescente transmissão do Covid-19 que passa facilmente através do contato pessoal, alguns países adotaram medidas de restrições com o fim de evitar a circulação e aglomeração de pessoas em uma determinada área. As medidas de distanciamento foram diferentes em cada país devido à piora dos casos de Covid-19.

### DIFERENÇA ENTRE:

**Isolamento Social:** Em princípio é uma sugestão de prevenção dos governos para o distanciamento social, tomam medidas de isolamento umas das outras como abraços, apertos de mão, mantendo a distância de 1 a 2 metros.

**Quarentena:** Determinação oficial de isolamento social, decretado por um governo, ou seja, é de obrigação da população estar em casa.

**Lockdown:** Medida de bloqueio total que inclui o fechamento de vias e proíbe deslocamento de viagens não essenciais, além de proibir todas as medidas de distanciamento e quarentena total.

### MEDIDAS DE PREVENÇÃO DO COVID-19 EM DIFERENTES PAÍSES

Todos os países utilizaram alguma medida de distanciamento como prevenção, após o aumento do número de casos em seus países.

Noruega, país europeu, adotou no dia 12 de março de 2020 medidas de isolamento social, impondo restrições de viagem, o fechamento de locais abertos ao público. De acordo com dados, o número de óbitos não passou de 300 e o número de hospitalizados permanece abaixo de 100 desde o dia 30 de abril, obtendo apenas 59 hospitalizados no dia 14 de maio de 2020.

**FIGURA 2: Estufa para comer fora em Amsterdã.**



Fonte: [https://oglobo.globo.com/internet/content\\_include\\_bo-via-generis/estufa-na-holanda-esta-estufe-para-restaurante-atividade-em-restaurantes-em-plena-pandemia-24412534](https://oglobo.globo.com/internet/content_include_bo-via-generis/estufa-na-holanda-esta-estufe-para-restaurante-atividade-em-restaurantes-em-plena-pandemia-24412534)

Outro país que aderiu diretamente ao Lockdown foi a África do Sul, sendo decretado no dia 26 de março o fechamento de fronteiras, comércios, aeroportos. Sendo apenas permitido o funcionamento de lojas de alimentos, farmácias e serviços médicos, diminuindo assim o número de infecções e óbitos que não passam de 300. Desta forma, pode-se ver que os países que adotaram estas medidas mais restritivas desde o início da pandemia, obtiveram maior êxito contra a mesma.

**FIGURA 3: Medidas de lockdown na África do Sul**



Fonte: <https://www.hypeneas.com.br/2020/04/africa-do-sul-nao-somos-um-laboratorio-de-embaxadacao-rebater-racismo-e-detalhar-lockdown-mais-rigido-do-mundo/>

### FONTES CONSULTADAS

<https://www.lifainnorway.net/coronavirus-in-norway/>  
[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/06/interna\\_internacional\\_1136069/noruega-considera-que-epidemia-de-coronavirus-esta-sob-controle-no-atala.html](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/06/interna_internacional_1136069/noruega-considera-que-epidemia-de-coronavirus-esta-sob-controle-no-atala.html)  
<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/04/16/reino-unido-estende-lockdown-por-mais-tres-semanas.htm>  
<https://opontaneas.com.br/2020/04/22/governo-da-holanda-estende-periodo-de-quarentena-inteligente-ate-20-de-maio/>  
<https://bellamais.com.br/colunista/lamyasue/como-%C3%A9-viver-em-quarentena-na-%C3%A1frica-do-sul-141249/>  
[https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/coronavirus/2020/03/27/INWS\\_135049\\_70\\_1666.NOTICIAS.2190-COVID-PAISES-ADOTAM-DIFERENTES-TIPOS-RESTRICOES.aspx](https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/coronavirus/2020/03/27/INWS_135049_70_1666.NOTICIAS.2190-COVID-PAISES-ADOTAM-DIFERENTES-TIPOS-RESTRICOES.aspx)  
<http://www.engeplus.com.br/noticia/conteudo-internacional/2020/brasil-rebate-fato-sobre-quarentena-na-holanda>



Material organizado Pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Geográficas, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação: Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Crianças Escolares de Geografia Bolsa IC-UEI (2018-2020). Didática e Mediação dos professores de geografia de São Gonçalo - Beatriz Tomaz e Thais Lino  
 Informativo IV- 14 de maio de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

## Impactos da pandemia para o comércio e para a economia

Com o número gradativo de casos de coronavírus no país e o aumento das medidas preventivas ainda mais restritivas, como, por exemplo, o fechamento de serviços considerados não essenciais, suspensão de eventos que comportam grandes aglomerações, fechamento de *shoppings*, bares, restaurantes, isolamento social, entre outros, o setor de comércio sofreu grandes impactos.

Muitos tiveram que se reinventar através dos canais alternativos de vendas com entregas por meio do *delivery*, redução na jornada de trabalho e nos salários dos empregados, aumento no número de demissões dos trabalhadores e, por fim, a falência de estabelecimentos por não conseguirem custear a manutenção de seus serviços, já que foram reduzidos os pedidos e, consequentemente, os clientes nestes estabelecimentos.

No setor empresarial, foram desenvolvidas atividades trabalhistas através do *home office*, onde o trabalhador exerce a sua função em um cômodo da sua casa por meio da *Internet* ou por uso de aplicativos, *sites* e telefonia. Os professores também tiveram que desenvolver as suas aulas em *home office* devido à suspensão das aulas presenciais. Essas aulas foram ministradas em plataformas específicas. Já os trabalhadores informais também sofreram com o agravamento da crise na economia sendo os atingidos, pois dependem exclusivamente desta renda. Tais mudanças geraram grandes conflitos na economia brasileira com oscilações nos valores do Produto Interno Bruto (PIB), um agravante e tanto para a situação econômica do país.

O aumento significativo na taxa de desocupação ou desemprego também trouxe consequências, uma vez que este, corresponde à quantidade de pessoas consideradas aptas a trabalharem com idade a partir ou acima de 14 anos e que por algum motivo não

estão inseridas no mercado de trabalho ou estão à procura do primeiro emprego.

Os dados variam de acordo com as datas das pesquisas mensais realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). A referida crescente de dados pode estar associada ao avanço da Covid-19 no país, pois ocorreram muitas demissões neste período, visto que, muitos estabelecimentos foram fechados, e ainda, por gerar a dificuldade da população na procura por trabalho, em função do distanciamento/isolamento social.

A Figura 3, foi dividida em dois boletins específicos que abrangem a situação do comércio durante o período da Covid-19 (parte 1 e 2), com o objetivo de trabalharmos com os alunos assuntos decorrentes do seu cotidiano relacionando-os aos conteúdos de forma geográfica.

**Figura 3 - Boletim informativo: Situação do comércio durante o período da Covid-19 (Parte 1 e 2)**



Fonte: Boletim informativo COVID-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.



Na primeira parte, são apresentados três locais diferentes e movimentados no estado do Rio de Janeiro e no estado de São Paulo. O que corresponde ao Rio é o fechamento dos comércios (lojas) em três ruas de intensa movimentação de pedestres, são elas: Rua da Conceição, Rua Alfândega e Rua dos Andrades. Já no estado de São Paulo, podemos observar as mudanças de redução no fluxo de automóveis na Marginal Tietê, que é uma rodovia com constantes engarrafamentos diários, afora a presença de motociclistas carregando as entregas além do que é permitido na moto.

Frente à necessidade do autoisolamento, os aplicativos de *delivery* (serviços de entrega) se apresentam como uma solução para os consumidores e estabelecimentos por eles assistidos – supermercados, restaurantes, bares e farmácias. Do outro lado, entretanto, os entregadores seguem circulando pelas ruas das cidades em suas motos, bicicletas ou patinetes e sem nenhuma garantia, direito ou estabilidade (COSTA, 2020, p. 76).

Este foi um dos reflexos da pandemia que atingiu de forma expressiva o setor comercial do país, com lojas fechadas por causa da redução do fluxo populacional nas ruas e, ao mesmo tempo, vários estabelecimentos precisaram se reinventar com a entrega de seus produtos, com pedidos realizados pelos clientes através das plataformas de aplicativos pela *Internet*, ocasionando assim uma demanda maior das entregas. Esta forma propicia o risco à vida dos entregadores por conta da sobrecarga de serviço e pela exposição à contaminação do vírus.

Na parte 2, destacamos a questão relacionada ao setor da economia, das empresas e dos trabalhadores, e os efeitos da pandemia sobre os mesmos. Desta maneira, houve um aumento expressivo na questão das taxas de seguro-desemprego no país. A taxa de desemprego já apresentava oscilações nos trimestres de 2019, e no ano de 2020, esta taxa se intensificou ainda mais, contribuindo assim, com a elevação destes dados.

Os impactos provocados pela pandemia são sentidos aos poucos em cada setor até alcançarem níveis extremos, que carecem de soluções rápidas e eficazes a fim de assegurar os empregadores, trabalhadores dos diferentes ramos empregatícios, de conta-própria e os trabalhadores informais.

A Figura 4, apresenta o boletim informativo acerca da Medida Provisória como uma forma de garantir o emprego durante o período do coronavírus e destaca o Auxílio Emergencial.

Desta maneira, o governo elaborou a Medida Provisória 936/2020, publicada em 1º de abril de 2020, e a ajuda financeira fornecida pelo Auxílio Emergencial. A primeira assegura a suspensão dos contratos trabalhistas e também a redução salarial, assim como a diminuição em cerca de 25%, 50% e de até 70% na redução da jornada de trabalho. Com essas deliberações objetiva-se a diminuição da ocorrência de demissões provocadas pelo coronavírus, onde o meio em que se trabalha passou a adotar as medidas sanitaristas de contenção ao avanço da Covid-19.

E a segunda, promoveu o benefício monetário para a população, servindo como um recurso financeiro durante a pandemia, já que as pessoas foram afetadas pelo distanciamento social e as medidas preventivas impostas para os setores de trabalho e comércio.

Contudo, esta medida provisória passou por modificações e por fim foi transformada na Lei nº 14.020, de 06 de julho de 2020, que além de manter e prorrogar a redução da jornada de trabalho e a suspensão dos contratos trabalhistas, foi ainda incluída, a participação de gestantes e pessoas portadoras deficiência.

**Figura 4** – Boletim informativo: Medida Provisória 936/2020: ajuda emergencial para trabalhadores



## MEDIDA PROVISÓRIA 936/2020:

# AJUDA EMERGENCIAL PARA TRABALHADORES

**O QUE É A MEDIDA PROVISÓRIA 936/2020?**

*“Art. 1º Esta Medida Provisória institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e dispõe sobre medidas trabalhistas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19) de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020” (BRASIL, 2020).*

A MP é constituída de três capítulos os quais destacam a garantia de emprego e a forma de operação dos empregadores e do Governo Federal para a preservação do emprego. Para fazer uma análise mais rigorosa ver:



**SAIBA MAIS SOBRE A MP 936/2020 NA ÍNTEGRA**

Link: <http://www.planalto.gov.br/cciv/L03/ato2019-2022/2020/impv/impv0301.htm>

**DIFICULDADES EM RECEBER O AUXÍLIO EMERGENCIAL**

Em 05 de junho, registrou-se 837 mil trabalhadores com o pedido de auxílio emergencial negado mesmo estando na situação de contrato suspenso e de salários reduzidos, sendo que o recebimento estava previsto na Medida Provisória (936/2020), que garantiria este suporte aos trabalhadores.

Na mesma data, também foram registrados 9,3 milhões de trabalhadores formais com acordos junto a seus empregadores para este recebimento, e ainda existe cerca de 1,4 milhão de pedidos, onde se encontram em situação de espera para serem analisados e que geram o atraso para o recebimento dos pagamentos.

Esta medida não supri pagamentos para:

- Pessoas com cargos públicos;
- Pessoas que recebem seguro-desemprego;
- Pessoas que recebem bolsa de

**PROBLEMAS RECORRENTES**

- Atrasos nos depósitos e recebimentos das parcelas;
- Atrasos por informações incorretas;
- Atrasos por falsificação;
- Atrasos na liberação do pagamento de trabalhadores sem jornada de trabalho ou sem trabalho fixo.

**O QUE É O BENEFÍCIO EMERGENCIAL DE PRESERVAÇÃO DO EMPREGO E RENDA (BEM)?**

Corresponde ao auxílio proposto para fornecer acordos entre os trabalhadores e seus empregadores, a partir da diminuição da jornada de trabalho e dos salários, além de agregar os contratos suspensos.

Visa fornecer uma ajuda financeira elaborada para ser utilizada no período da pandemia da Covid-19, a fim de evitar impactos econômicos.

**-Valor proposto: R\$ 261,25 a R\$ 1.813,03.**

Valor calculado de acordo com o seguro-desemprego, caso o trabalhador fosse demitido.

**FONTES CONSULTADAS**

<https://emextra.globo.com/economia/economia-governo-nega-auxilio-mais-de-837-mil-trabalhadores-com-contrato-suspenso-ou-reducao-de-salario-24462536.html>  
<https://diariodocuriosidad.com.br/noticias/2020/06/bem-veja-qual-quem-tem-direito-a-receber-o-beneficio-de-ate-r-1-81303/>  
<http://www.planalto.gov.br/cciv/L03/ato2019-2022/2020/impv/impv936.htm>

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa: Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr. Ana Claudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia.  
 Escola PIBIC-Uerj (2018-2020). \* Um estado sobre as didáticas e as concepções de cidade e do urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo.  
 Thaís Alves e Beatriz Torres  
 Informativo XI II - 02 de julho de 2020




Fonte: Boletim informativo COVID-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

## Impactos da Covid-19 para a sociedade

O Brasil encontra-se dividido territorialmente em cinco regiões de acordo com o IBGE: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, em 27 unidades federativas (26 estados e um distrito federal). Tais regiões estão até o momento enfrentando diferentes dificuldades com a situação do aumento de casos confirmados e de óbitos provocados pelo coronavírus, levando em conta, a escrita deste texto em março de 2021.

Como já destacado, a pandemia da Covid-19 atingiu mais as populações carentes, periféricas e que vivem em extrema vulnerabilidade. Essa parcela da população se encontra desempregada, não apresenta o contato direto com a rede de saúde pública, que também passa por dificuldades, como por exemplo, a falta de médicos e de leitos, pouco investimento financeiro, longas filas de espera, ou seja, um sistema de saúde em colapso.

Na Figura 5, podemos observar o boletim informativo sobre o estado de Manaus (AM).

No estado de Manaus houve ampliação da abertura de covas no mesmo cemitério para atender o crescente número de sepultamentos. As imagens inseridas neste informativo correspondem aos meses de abril, maio e junho de 2020. Os impactos não aconteceram só no Amazonas, mas em vários estados brasileiros. Outro estado, que em novembro de 2020, teve alta nos números de casos e óbitos foi o Pará, sendo registrados 271.228 casos da doença e 6.919 óbitos (conforme visto na Figura 6).

Na região Nordeste, Bahia e Ceará são os estados com maior aumento no número de casos e mortes por Covid-19. Entretanto, Pernambuco teve neste mesmo mês, um aumento expressivo no número de óbitos, mais do que o estado da Bahia.

## Figura 5 – Boletim informativo: Impactos da Covid-19 para a sociedade



Muitas imagens têm causado grandes impactos e repercutido durante os crescentes casos de coronavírus no Brasil e a ascendência diária dos números de óbitos confirmados pelos estados.

Sendo assim, como medida para os crescentes números de óbitos foram criadas a realização de "sepultamentos coletivos" ou "valas" que ocorrem a partir da necessidade de serem enterrados uma quantidade grande de corpos em um curto espaço de tempo ou em apenas um dia. As imagens nas figuras 1 a 4 correspondem aos meses de abril, maio e junho.

**FIGURA 1: CEMITÉRIO LOCALIZADO EM FORTALEZA (CE), NO BAIRRO BOM JARDIM (JUNHO 2020)**



Imagem feita por: Jarbas Oliveira/AFP  
Fonte da imagem: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/06/11/como-fortaleza-se-tomou-area-com-maior-mortalidade-por-covid-19-de-brasil.htm>

**FIGURA 2: CEMITÉRIO NOSSA SENHORA APARECIDA, LOCALIZADO NA CIDADE DE MANAUS (AM) (ABRIL 2020)**



Imagem feita por: Michael Dantas/AFP  
Fonte da imagem: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/com-140-enterros-em-24-horas-manaus-bate-recorde-de-registros-desde-inicio-de-pandemia-10-casos-sao-confirmados-de-covid-19.ghtml>

**FIGURA 3: ENTERRO COLETIVO EM MANAUS - 21 DE ABRIL DE 2020**



Imagem feita por: Sandro Pereira/Estado Conteúdo  
Fonte da imagem: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/04/21/megacionistas-do-coronavirus-acham-que-collapso-funerario-em-manaus-e-fake.htm>

**FIGURA 4: VALAS LOCALIZADAS NO CEMITÉRIO EM SÃO PAULO, NA VILA FORMOSA (MAIO DE 2020)**



Imagem feita por: RONALDO SILVA/FUTURA PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO  
Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/20/covid-19-mortes-no-brasil-dobram-em-15-dias-no-para-aumento-e-de-4-vezes.htm>

**FONTES CONSULTADAS**

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/06/11/como-fortaleza-se-tomou-area-com-maior-mortalidade-por-covid-19-de-brasil.htm>  
<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/com-140-enterros-em-24-horas-manaus-bate-recorde-de-registros-desde-inicio-de-pandemia-10-casos-sao-confirmados-de-covid-19.ghtml>  
<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/04/21/megacionistas-do-coronavirus-acham-que-collapso-funerario-em-manaus-e-fake.htm>  
<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/20/covid-19-mortes-no-brasil-dobram-em-15-dias-no-para-aumento-e-de-4-vezes.htm>

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa: Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) - Coordenação Prof.ª Dr. Ana Claudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia,  
Bóia 10-Uerj (2018-2020); "Distância e Mediação das professoras de Geografia de São Gonçalo  
Thais Alves e Beatriz Torres  
Informativo XXIV - 19 de junho 2020



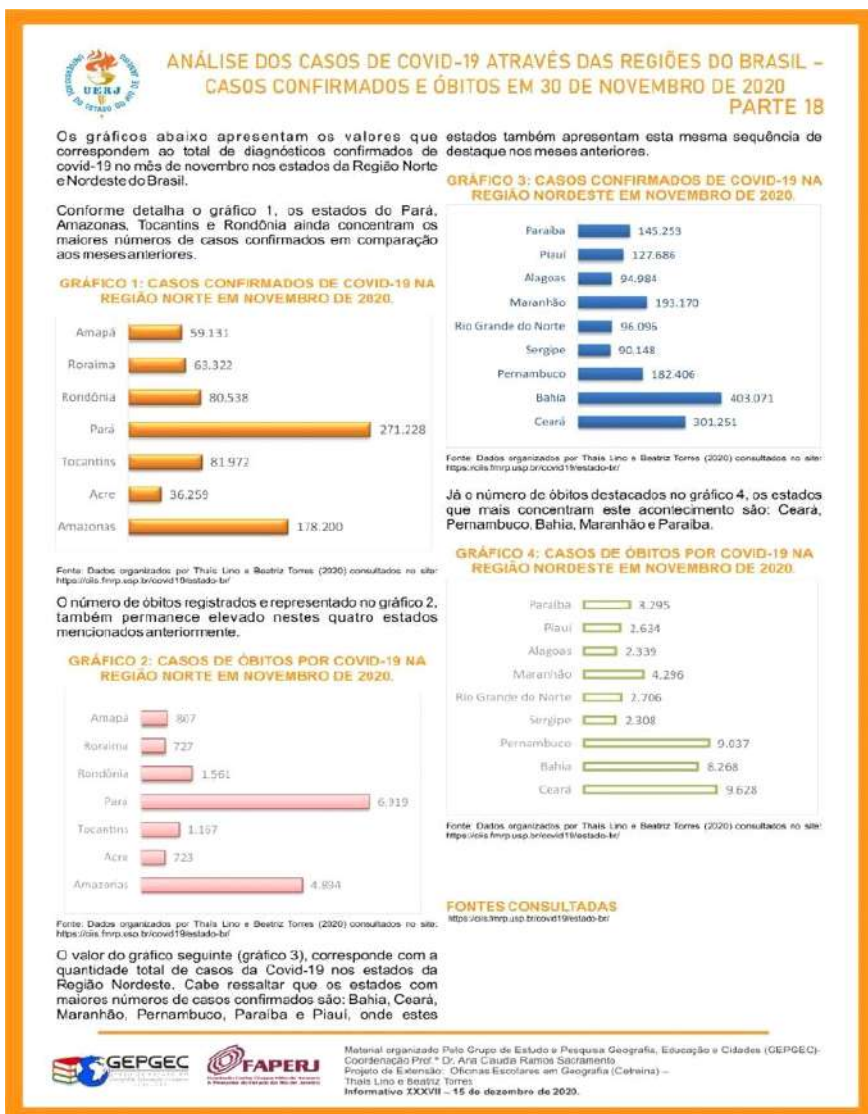
Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

No Brasil, até o dia 01 de março de 2021, registrou-se 10.595.709 casos confirmados e cerca de 259.000 óbitos provocados pelo

coronavírus, além do quantitativo de 9.436.957 de pessoas recuperadas, que são os pacientes que não apresentam mais os sintomas da doença. São Paulo, Minas Gerais e Bahia foram até o dia 28 de fevereiro, os estados com maiores números de casos, e São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais com maiores números de óbitos.

Desta forma, a elaboração de materiais didáticos de maneira sequencial sobre o panorama do aumento dos casos de pessoas contaminadas e de óbitos provocados pela Covid-19, pode nos fazer compreender o avanço da doença no território nacional, a partir da divisão regional do Brasil, destacando os estados, como modo de acompanhamento desses maiores quantitativos através das unidades federativas.

**Figura 6** – Boletim informativo: Análise dos casos de Covid-19 através das regiões do Brasil. Casos confirmados e óbitos em 30 de novembro de 2020



Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

## Conclusões finais

A importância destes materiais para o ensino de Geografia vem também de encontro ao momento atual, onde a Educação tem vivido novas configurações em todos os estados do país, contribuindo para informar alunos e professores, além de auxiliar na problematização dos acontecimentos atuais que se protagonizam no espaço geográfico brasileiro.

É importante ressaltar que a pandemia ainda está em seu estágio delicado. De acordo com o site <https://covid19br.wcota.me/> (2021) em 1º de março de 2021, data que escrevemos este texto, registrou-se 1.208 de média móvel do número de óbitos em 24 horas, contabilizando um total de 10.549.129 casos confirmados da doença e um total de 255.018 óbitos.

Alguns estados têm os números de internações assim como o número de casos e óbitos aumentando. Muitos deles na região Sul como Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Além do estado do Pará, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte que seguem em alta. Sendo assim, é necessário acompanhar os desdobramentos e impactos para a economia, emprego, comércio, além do estreitamento da desigualdade, que aumenta cada dia mais.

Portanto, com a criação de materiais didáticos de formas e assuntos diferenciados e relacionados à Covid-19, contribuímos para um aprendizado significativo tanto para os estudantes de iniciação científica, quanto para os docentes e discentes, no que se refere a fornecer informações necessárias em nosso dia a dia.

## Referências

ACCIOLY, Gustavo. Ações para a inserção laboral de grupos vulneráveis na pandemia de Covid-19. *In*: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Orgs.). **Migrações Internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp,



2020. p. 44-48. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/miginternacional/miginternacional.pdf> Acesso em: 11 de fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 14.020, de 06 de julho de 2020.** Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda; dispõe sobre medidas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, de que trata a Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020; altera as Leis nºs 8.213, de 24 de julho de 1991, 10.101, de 19 de dezembro de 2000, 12.546, de 14 de dezembro de 2011, 10.865, de 30 de abril de 2004, e 8.177, de 1º de março de 1991; e dá outras providências. 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Lei/L14020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14020.htm). Acesso em: 20 jan. 2021.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Auxílio emergencial:** um suporte financeiro do Governo Federal para os trabalhadores informais. 2020. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/auxilio/PAGINAS/DEFAULT2.ASPX>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena; SACRAMENTO; Ana Claudia Ramos. Jogos e resolução de problemas para o entendimento do espaço geográfico no ensino de Geografia. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação geográfica: reflexão e prática.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 249-276 (Coleção Ciências Sociais).

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia Escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. In: **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia.** Goiânia: Vieira, 2005. p. 39-62.

COSTA, Mariana Covas. Força de trabalho, *delivery* e pandemia de Covid-19: do avanço das plataformas digitais ao avanço das contradições. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 75-80, jul., 2020. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/ensaios\\_posgeo/article/view/42563/pdf](https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/42563/pdf). Acesso em: 11 fev. 2021.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; CUNHA, Charles Prado. Materiais didáticos sobre Covid-19 no ensino de Geografia. In: MELLO, Roger Goulart; FREITAS, Patrícia Gonçalves (Orgs.). **Covid-19 [recurso eletrônico]: impactos da pandemia no Brasil e no mundo.** v. 2. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020. p. 50-65.

SOUZA, Suzane Tosta. Relação campo-cidade em tempos de pandemia. **Geopauta**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 245-266, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/6101/4999>. Acesso em: 11 fev. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Número de casos confirmados de Covid-19 no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://covid19br.wcota.me/>. Acesso em: 1º mar. 2021.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (Covid-19)**: weekly epidemiological, update 1. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20201020-weekly-epi-update-10.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

# 6

## O ESTADO DO RIO DE JANEIRO E ALGUMAS AÇÕES PARA O COMBATE À COVID-19

*Thaís Alves da Graça Lino*

A população fluminense vem enfrentando o desemprego, inchaço do sistema de saúde e escolas fechadas em decorrência do combate ao coronavírus no estado. A propagação da pandemia ocorreu de forma acelerada e impactou a vida cotidiana nas cidades, especialmente, de seus habitantes e dos setores comerciais e econômicos. Foram estabelecidas, portanto, medidas de isolamento social, quarentena ou *lockdown* com o intuito de conter aglomerações que gerem o aumento da disseminação da doença, a fim de se realizar meios de prevenção de números de casos.

O Estado do Rio de Janeiro adotou desde dia 13 de março de 2020, com suporte no Decreto nº 46.970, medidas preventivas, como também de planejamento dos órgãos estaduais com o objetivo de diminuição do contágio de pessoas por conta da Covid-19. A preocupação consiste no controle da relação à quantidade de pessoas infectadas para que não ocorra um colapso na saúde pública. Sabemos que o estado tem uma população estimada de 17.264.943 (IBGE, 2019) distribuída em 92 municípios.

A situação é muito complexa visto vez que a diversidade de recursos dentro do estado traz vários impactos para a vida cotidiana dos fluminenses. Mais efetivamente, em meados de janeiro de 2020, vários casos já estavam sem registro no mundo, principalmente na Ásia, Oceania e Europa. Contudo, no Brasil parecia que estava tudo normal. Em fevereiro, o número de pessoas contaminadas e vítimas da Covid-19 era elevado no mundo, mas o Carnaval aconteceu sem que houvesse nenhum cuidado com as medidas preventivas, pois inúmeros brasileiros não imaginariam que a doença atingiria o país. Vários turistas entraram no território brasileiro sem apresentar nenhum tipo de inspeção sanitária. Fora isso, muitos fluminenses ou residentes no estado estavam fora do país, pois era período de férias, particularmente, viajando pela Europa.

De acordo com Santos *et al.* (2020) desde o surgimento do primeiro caso ocorrido no início de abril, o Rio de Janeiro já contabilizava:

Um total de 12.391 casos e 1.123 óbitos (SES-RJ, 2020) e as regiões metropolitanas I e II já concentravam mais de 80% dos casos confirmados (refletindo sua complexidade urbana em termos demográficos, de condições de vida e situação de saúde), já se tem registros em todas as regiões de saúde (*ibidem*, p. 264).

Os principais casos da doença no estado se concentram na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e apesar do vírus não ter escolha de sexo, raça e situação econômica, por assim dizer, a Covid-19 foi trazida pela elite brasileira em suas viagens para o exterior. E o contágio aconteceu de forma mais rápida em seus empregados, desprotegidos, que foram trabalhar sem saber que poderiam estar contaminados.

No início da pandemia, a preocupação era a rápida contaminação, principalmente, na direção do interior, uma vez que já estavam sendo confirmados casos na parte da Região Metropolitana (RM) do Rio de Janeiro: a cidade do Rio de Janeiro, Niterói, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo. Este fato se deve ao alto fluxo de transporte de pessoas, ou seja, a mobilidade urbana entre

os municípios da região. Segundo Souza e Tavares (2017, p. 822) têm como características marcantes:

- a) o fato de se tratar de centros nacionais e de sua área de polarização direta; b) o núcleo da RM – metrópole – coincidir com a própria capital estadual; e c) o objetivo de constituir uma única unidade de planejamento, visando à realização de serviços comuns.

Desta maneira, as RM's compreendem na união de outras cidades com uma elevada concentração populacional, que exercem influências sobre as demais cidades e municípios, e que desenvolvem a gestão deste território de acordo com os interesses, públicos e políticos. Por exemplo, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, é a segunda maior do Brasil, sendo a primeira, a RM de São Paulo.

Assim, neste texto buscamos mostrar como o Estado do Rio de Janeiro tem conduzido as suas ações durante a pandemia, e como o espaço fluminense tem sido impactado em seus aspectos econômicos, sociais e culturais.

Para a elaboração da metodologia, a construção dos materiais didáticos sobre a Covid-19 no estado do Rio de Janeiro, foi baseada em Bodgan e Biklen (1994) que destacam a importância da pesquisa qualitativa na educação ao relacionarem que o contexto vivenciado é uma forma de análise e de construção de conhecimento. Desta forma, foram feitas: 1) coletas de dados e materiais sobre o tema em *sites* científicos, em jornais e revistas; 2) seleção do material a ser escrito; 3) escrita do material em formato de boletim; 4) reunião para discussão do texto; 5) correção do texto; 6) diagramação do boletim; e 7) distribuição nas redes escolares.

A divulgação desta pesquisa possibilitou levarmos a informação de tal acontecimento para os estudantes da rede de escolas públicas e privadas do estado, a fim de que alunos e professores possam ter acesso a esse esclarecimento através de uma linguagem de fácil entendimento e de ilustrações (através dos mapas), que tornam a aprendizagem mais atrativa e diferenciada para as aulas.

Por conseguinte, outro fator importante para a criação deste material foi oportunizar aos docentes e estudantes das escolas públicas, o conhecimento acerca da divisão regional do estado através do mapeamento dos casos a Covid-19, além de destacar os principais municípios pertencentes às regiões fluminenses.

Dentro destes boletins procuramos trazer os documentos fornecidos através da Secretaria de Estado e de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ), trabalhando os níveis de contaminação e classificações com suas respectivas cores, fornecidas pelo Painel de Indicadores, de modo que possam ser divulgados após mapeamentos, as variações dos casos em todo do estado.

Este artigo tem o intuito de trazer um panorama dos materiais produzidos sobre os impactos provocados pela pandemia da Covid-19 no estado do Rio de Janeiro. Ademais serão desenvolvidas ações para o enfrentamento e o combate ao vírus, levantamentos estes que foram abordados através da confecção de materiais didáticos dentro do Projeto de Extensão “Oficinas Escolares de Geografia: Diferentes Ações Didáticas”, Cetreina-UERJ (2016 até o presente momento) e parte da bolsa de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UERJ) “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e do urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo (2018-2020)”.

Desta forma, o presente texto encontra-se dividido em três subitens, sendo o primeiro, direcionado à questão da mobilidade no estado que precisou ser reduzida para que houvesse a diminuição do fluxo de pessoas e a contenção do avanço da contaminação provocada pelo vírus da Covid-19, já que a circulação intensa de pessoas gera constantes aglomerações. Posteriormente, serão abordadas as demais consequências provocadas pela pandemia no setor comercial, nos serviços, e nas escolas do estado, setores estes, que enfrentaram mudanças bruscas no funcionamento de suas atividades. Por fim, serão apresentadas as medidas realizadas através do monitoramento dos casos de coronavírus no estado do Rio de Janeiro e de suas regiões

através do mapeamento de casos, do nível de contaminação e da divulgação de documentos, a fim de manter a população informada sobre as ações restritivas e de flexibilização na cidade, além do total de número de casos confirmados e de óbitos.

## **A mobilidade foi impactada no estado do Rio de Janeiro**

Uma das questões mais emblemáticas do ponto de vista espacial se encontra no fluxo e na circulação de pessoas e demais objetos no espaço. O direito de ir e vir é uma questão básica para o ser humano, pois é próprio dele, se deslocar para diferentes lugares para realizar diferentes atividades econômicas, sociais, culturais, dentre outras. Durante a pandemia, esse deslocamento se tornou limitado, justamente para conter o contato entre pessoas e objetos contaminados.

À vista disto, as fronteiras no mundo todo foram fechadas entre março e abril de 2020, a fim de que o fluxo e a circulação fossem mínimos. O caso do estado do Rio de Janeiro não foi diferente. Por conta do aumento considerado rápido da doença, o Governo Estadual emitiu o Decreto nº 46.980 de 19 de março 2020, no qual determina restrições espaciais na circulação de transporte, tornando-as significativas para preservação de vidas, principalmente, por conta da conurbação da Região Metropolitana. Conurbação esta que se caracteriza, segundo Freitas (2009, p. 46), pela:

Formação de uma cidade, no sentido geográfico, sobretudo, físico, a partir da fusão das áreas urbanas de vários municípios limítrofes, constituindo uma mancha urbana única e contínua com grandes dimensões, ultrapassando os limites político-administrativos de cada uma das localidades integrantes.

Diante disso, o processo de conurbação das áreas urbanas ocasiona a dependência de um ou mais municípios entre si, gerando um fluxo populacional diário entre as cidades vizinhas. O trabalho é o principal motivo dessa migração e é um dos mais atingidos por conta do crescente avanço da pandemia da Covid-19. Porém, os

impactos não foram só em relação ao estado em si, como também para passageiros vindo de outros estados via estradas ou usando o sistema aéreo.

Santos *et al.* (2020) discute que o Rio de Janeiro tem um fluxo de pessoas e materiais passíveis de difusão de outras epidemias, pois conta com a presença do segundo aeroporto internacional e o sétimo aeroporto regional mais movimentado do país, conurbação com São Paulo, e conexões terrestres com Minas Gerais e Espírito Santo pelas rodovias federais, ou seja, a mobilidade espacial é muito significativa.

Essas medidas impactaram o deslocamento de todos os moradores do Rio de Janeiro, pois a intenção foi evitar a propagação para o interior do estado, ou pelo menos evitar o mínimo possível, a necessidade de limitação de mobilidade urbana, especialmente, dentro da cidade, onde se concentrava até o momento, os principais casos de Covid-19. Segundo Santos *et al.* (2020) o município do Rio de Janeiro é o centro difusor desde o início da pandemia e nos primeiros registros de maiores casos estão justamente nos municípios vizinhos; o último município fora, até então, Volta Redonda.

A hierarquia mostra a região de influência entre as cidades da Região Metropolitana. Destarte, esta hierarquia é compreendida, portanto, pela forma como as cidades estão organizadas e, ao mesmo tempo, dependem entre si de maneira subordinada. Ou seja, analisar de maneira precisa a relação que uma cidade mais desenvolvida poderá influenciar nas demais cidades ao seu redor ou em locais mais distantes. Para Souto *et al.* (2017, p. 64): “O aspecto central para que se promova um grau de hierarquia entre as cidades é a sua representatividade na oferta de bens e serviços de uma determinada região”.

Tais resultados são influenciados pela formação das redes urbanas, que fornecem a localização geográfica que as interligam. Elas são caracterizadas por serem dinâmicas, pois sofrem constantes modificações ao longo do tempo: as redes de circulação que




promovem o movimento das pessoas ou de bens; e as redes de comunicação, que correspondem com o processo de como ocorre a transferência das informações.

Por isso, a necessidade de “isolar” o município do Rio de Janeiro ou de não permitir a circulação para outras regiões dentro do estado. Sabemos que a grande parte do comércio de ponta, de serviços complexos, de trabalho formal e informal está concentrada na cidade do Rio de Janeiro, além da população do estado que também se desloca para Duque de Caxias, Niterói, Nova Iguaçu para trabalhar nessas localidades.

Outra questão importante é o impacto espacial como uma metrópole nacional, cuja sua função é manter a relação de determinados serviços considerados essenciais como, por exemplo, o trabalho, dentro do território nacional. Por isso, o governo se preocupou com as estradas interestaduais e federais, bem como com os aeroportos, uma vez que os fluxos naquele local, são intensos. Os caminhões, os ônibus de turismo e outros, são fluxos constantes das principais vias do estado, trazendo pessoas e objetos.

Mas qual era a principal preocupação? Não ocorrer um colapso na saúde pública do Rio de Janeiro, visto vez que a construção de hospitais de campanha, de acordo com os números de casos no estado, seria necessária. Além disso, ao analisarmos a espacialização dos hospitais públicos estaduais, observamos a concentração da Região Metropolitana, principalmente, no município do Rio, conforme mostra a Figura 1.

# Figura 1 – Localização dos hospitais estaduais e federais pelo estado do Rio de Janeiro




## LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA SAÚDE PÚBLICA ESTADUAL E FEDERAL NO RIO DE JANEIRO NO COVID-19

O Estado do Rio de Janeiro tem feito desde dia 13 de março de 2020 o isolamento social por conta da Covid-19. A preocupação está em controlar a quantidade de pessoas infectadas para que não ocorra um colapso na saúde pública. Sabe-se que o Estado tem uma população estimada de 17.264.943 (IBGE, 2019) distribuída em 92 municípios (figura 1).

Contudo, as últimas notícias divulgadas pela Secretaria Estadual de Saúde mostram que, praticamente, não existem mais leitos nos hospitais públicos. Por isso, alguns municípios tiveram como iniciativa o lockdown (confinamento total).

O número de óbitos está aumentando no estado principalmente no município do Rio de Janeiro.

**FIGURA 1: MAPA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**



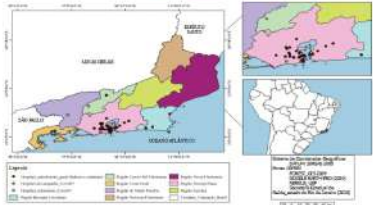
Fonte: CIDE 2004

No total, temos 31 hospitais incluindo institutos estaduais (sem contabilizar centros, hospitais ou institutos psiquiátricos e PAMs) e 7 hospitais federais. O estado possui 7 unidades de saúde como referência e 3 hospitais de campanha prontos, ou seja, o número de hospitais e leitos não são suficientes para todos (figura 2).

**TABELA 1: NÚMERO DE VÍTIMAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO POR COVID-19 REGISTRADO EM 14/05/2020.**

MUNICÍPIO	NÚMERO DE CASOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE CASOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE CASOS
Rio de Janeiro	1.509	Angra dos Reis	12	Niterói	4
Duque de Caxias	136	Teresópolis	12	São Pedro do Aldeia	4
Nova Iguaçu	84	Nova Friburgo	9	Sapucaia	4
São Gonçalo	64	Rio das Ostras	8	Japerig	3
Niterói	45	Paracambi	7	Silva Jardim	3
Belém do Rio	44	Freguesia	2	Anarjama	2
São João de Meriti	43	Iguaba Grande	6	Atafel do Cabo	2
Itaboraí	29	Quinorados	6	Bom Jardim	2
Mesquita	25	Sapopema	6	Casimiro de Abreu	2
Petropolis	23	Rio do Preto	5	Itaboraí	2
Magé	20	Cabo Frio	5	Mangaratiba	2
Volta Redonda	18	Cachoeiras de Macacu	5	Paraty	2
Nilópolis	17	Campos dos Goytacazes	5	São João da Barra	2
Itaguaí	16	Resende	5	Seropédica	2
Macaé	16	Angra dos Reis	12	Valença	2
Atacá	15	Guapimirim	4		

**FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DOS HOSPITAIS PELO ESTADO**




Fonte: Dados organizados por Tomara Sousa (2020)

Fonte: Dados organizados por Ana Claudia Sacramento (2020). Consultado em: <https://www.saude.rj.gov.br>

Os dados da tabela 1 apontam um total de 2.247 óbitos, 19.467 casos confirmados e 14.818 recuperados referentes ao dia 12.05.2020. No dia 07.05.2020, foram registrados 1394 óbitos, 14.561 casos confirmados e 8.300 recuperados, ou seja, aumentos significativos.

**FONTES CONSULTADAS**  
<https://dados.saude.rj.gov.br/dataset/epidemiologia>  
<https://www.saude.rj.gov.br/>



Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC)- Coordenação Prof.ª Dr. Ana Claudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia – DGeo-FFFUERJ  
 Boletim IC-FAPERJ (2020-2021): "O componente curricular Geografia e as mudanças dentro do cenário educacional no Rio de Janeiro"  
 Thiago dos Prazeres – Informativo II - 13 de maio de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

130

Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia

O que significa então essa organização espacial dos hospitais? Neste mapa, não foram representados os hospitais municipais, pois o suporte não é suficiente para agrupar um número elevado de pessoas com doenças, particularmente, com a Covid-19 que precisa de especificidades de equipamentos e de isolamento de andares ou até mesmo do hospital inteiro. Analisando a Figura 1, toda região Norte e grande parte da região Sul estão sem algum hospital estadual ou federal para dar suporte. Neste caso, a concentração dos hospitais mobiliza os pacientes de municípios distantes em casos extremos, por exemplo, ida à capital, porque os hospitais de campanha foram feitos na cidade do Rio e em São Gonçalo.

Desta maneira, vários municípios solicitaram verbais estaduais e federais para estruturarem seus próprios hospitais para o enfrentamento dos casos de Covid-19 evitando, assim, o agravamento na saúde da população. Contudo, sabemos que em alguns municípios, os hospitais ficaram com 100% de ocupação. Como decorrência, vidas foram perdidas devido à ausência de tratamento inicial para a doença. Além disso, várias cirurgias eletivas foram suspensas para que os hospitais, selecionados para receberem os pacientes da Covid-19, não tivessem contaminação. É impactante constatarmos como em pouco tempo, a contaminação se torna evidente, e o interior do estado apesar de poucos casos, apresenta um aumento expressivo no número de vítimas.

## **Os impactos no comércio, serviços e nas escolas do estado**

Para combater o avanço inicial da pandemia, algumas medidas foram tomadas pelas autoridades governamentais: eventos, escolas, comércio e serviços tiveram suas atividades suspensas ou modificadas presencialmente.

Neste caso, o Decreto nº 46.980 de 19 de março de 2020, estabeleceu dentre os 15 (quinze) primeiros dias, outras regras: a) realização de eventos com presença de público; b) atividades como de

teatro, cinema e afins; c) visitas em prisões; d) visitas a pacientes com Covid-19; e) aulas; f) funcionamento de academias e similares; g) funcionamento de “*shopping centers*”, centro comercial e estabelecimentos congêneres; h) funcionamento de bares, restaurantes, lanchonetes, dentre outros com capacidade de lotação restringida a 30% (trinta por cento), com normalidade de entrega e retirada de alimentos no próprio estabelecimento; i) igrejas e instituições religiosas, dentre outros.

O setor econômico foi um dos mais atingidos e a crise financeira abalou os comerciantes, que tiveram que fechar definitivamente seus estabelecimentos diante da queda no consumo de seus produtos. O Diário do Porto na reportagem de 13/01/2021, mostra os dados obtidos através das pesquisas pelo Instituto Fecomércio de Pesquisas e Análises (IFec RJ, 2021), direcionadas ao setor de comércio de bens e serviços, realizadas com 303 empresários. As análises mostram, que 80,3% das pessoas entrevistadas relataram a diminuição em 25% de seu faturamento no ano de 2020, em relação ao ano de 2019.

Além disso, com a implementação do *lockdown*, com o fechamento de estabelecimentos em geral considerados, neste momento, como não essenciais junto à diminuição da circulação de pessoas nas ruas, outra pesquisa revelou que cerca de 10,6% dos empresários entrevistados tiveram entre 16% e 25% na redução de seus clientes. Outro grupo de entrevistados, no total de 4,6%, destaca uma variação entre 6% a 15% de queda. Outros 4,6% obtiveram cerca de 5% na diminuição de ganho de renda neste período.

Um dos setores também afetados por conta da pandemia foi o turismo, responsável por atrair muitos visitantes de outros países, do próprio país ou estados, para apreciarem os pontos turísticos mais famosos como, as paisagens exuberantes da cidade. Neste caso, destacamos aqui, o Cristo Redentor, que é um dos cartões postais do Rio, reconhecido mundialmente e eleito como uma das sete maravilhas do mundo, que permaneceu fechado por cinco meses devido à

pandemia, pois é um local que concentra um alto índice de visitação diariamente. Com essa medida, o intuito foi evitar aglomerações, e o fechamento temporário ao público foi inevitável.

Contudo, a visitação ao Cristo Redentor foi reaberta em agosto de 2020, seguindo algumas medidas preventivas como, por exemplo, uso de máscaras e redução no número de visitantes promovendo o distanciamento social, além de ser realizada a limpeza do local constantemente antes da reabertura, como apresentada na Figura 2.

**Figura 2** – Reabertura do Cristo Redentor para visitação



Foto: Dhauid Normando/Futura Press/Folhapress. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/retratos-da-economia-impactos-coronavirus-turismo/>.

A partir dessas restrições iniciais, o estado espacializou os lugares que poderiam ser frequentados ou não por pessoas. Além disso, o comércio, serviços, escolas, teatros, cinemas, os esportes e outros, foram afetados imediatamente pela Covid-19. Essas providências não se estenderam para serviços essenciais como, por

exemplo: bancos, hospitais, laboratórios, clínicas, padarias, supermercados, farmácias, que continuaram funcionando.

Assim, o impacto nas atividades econômicas, escolares, universitárias e culturais foram perceptíveis e trouxeram logo, prejuízos iniciais. Algumas empresas e escolas desenvolveram formas de trabalho remoto para dar continuidade à rotina.

Os fluxos começaram a não serem os mesmos: Centro do Rio de Janeiro esvaziado, redução das frotas de ônibus, os trens operaram com intervalos maiores, assim como as barcas, por conta do decréscimo de pessoas circulando para ir ao trabalho.

As escolas e as universidades fecharam e passaram a desenvolver formas de ensino remoto para cumprir os seus calendários, isso significou que os estudantes, professores e boa parte da equipe gestora e administrativa, trabalharam em casa para o desenvolvimento das atividades escolares e universitárias. O comércio e os serviços se reinventaram e passaram a trabalhar no sistema *delivery* (entrega), de compras, de alimentação, de bebidas e outros. Destacamos que os municípios tiveram autonomia para desenvolver também suas medidas de prevenção contra a Covid-19, estabelecendo decretos que promovessem quais seriam as normas a partir da evolução ou não da pandemia.

Contudo, essa situação se prolongou até meados de maio, até que em junho no Decreto nº 47.112 de 05 de junho de 2020, autorizou: a) bares, restaurantes e afins de funcionar com capacidade reduzida e sem aglomeração; b) *shopping centers* e centros comerciais com as seguranças básicas de saúde; c) academia e afins; d) pontos turísticos com capacidade reduzida; e) feiras livres; f) igrejas e instituições religiosas, dentre outros. Outros serviços voltaram de acordo com os decretos dos municípios em relação as suas situações no tocante à pandemia.

Sendo assim, o Estado do Rio de Janeiro tem organizado formas de ações do monitoramento espacial desses casos, com o

intuito de fornecer a informação necessária para a população, quantificando os dados correspondentes ao número de casos confirmados positivos e aos óbitos provocados pela Covid-19.


Desta forma, foram elaborados mapas com os dados obtidos através de pesquisas ao *site* da Secretaria de Estado e de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ). Em destaque, estes mapas correspondem aos dados obtidos e divulgados no dia 31/07/2020. Neste dia, o Estado do Rio de Janeiro (de forma geral) confirmou cerca de 165.495 casos positivos de Covid-19 e 13.477 óbitos provocados pelo vírus, conforme apresenta a Figura 3.

Destarte, muitos foram os impactos provocados pela pandemia do coronavírus no cotidiano não só da população carioca, mas também da população mundial. Tivemos que adaptar diversas formas as mudanças diárias, especialmente, no que tange a funções relacionadas ao trabalho e aos estudos, que foram completamente modificados e passaram a ser realizados nas próprias casas. Outros estabelecimentos não tiveram como se manter em *home office*, e por isso, muitos deles acabaram sendo fechados provocando assim, o aumento do desemprego.

Além disso, acompanhamos em noticiários as quantificações de casos positivos e de óbitos provocados pelo vírus. Tais divulgações nos mantiveram informados sobre o que estava acontecendo em ampla escala de análise.

Com o avanço da pandemia, os monitoramentos relativos às localidades de contaminação da doença, também nos mantiveram informados. Foram neste caso, se atentando aos locais que apresentam os maiores ou menores casos da doença, sendo eles positivos e de óbitos. Para isso, foi necessário desenvolver o mapeamento destas áreas, semanal ou mensalmente, possibilitando desta maneira a comparação do avanço ou da diminuição de casos, bem como a apresentação de quais medidas poderiam ser estabelecidas para uma determinada área de análise, podendo ser esta, um município ou bairro.

# Figura 3 – Boletim informativo sobre a Covid-19 no estado do Rio de Janeiro



## COVID-19 NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

### PARTE 3

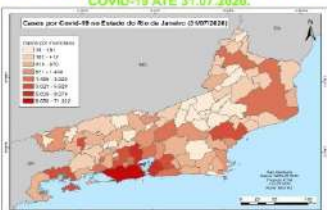
**COVID-19 E O ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Até o dia 31/07/2020, o estado do Rio de Janeiro confirmou 165.495 casos positivos de Covid-19 e 13.477 óbitos também provocados pelo vírus. Na figura 1, deslata-se a distribuição de casos do coronavírus no estado do Rio e em seus municípios.

Segundo o site: <https://coronavirus.rj.gov.br/boletim/boletim-coronavirus-31-07-13-477-obitos-e-165-495-casos-confirmados-no-rj/>, destaca-se que os municípios com maiores quantidade de casos confirmados são: **Rio de Janeiro (71.322)**, **Niterói (9.079)**, **São Gonçalo (8.417)**, **Duque de Caxias (6.301)**, **Macaé (5.629)**, **Nova Iguaçu (4.142)**, **Angra dos Reis (3.817)**, **Volta Redonda (3.437)**, **Itaboraí (3.329)**, **Campos dos Goytacazes (3.020).**

que concentram um maior índice de óbitos são: maior número de mortos são: **Rio de Janeiro (8.310)**, **São Gonçalo (587)**, **Duque de Caxias (576)**, **Nova Iguaçu (429)**, **São João de Meriti (319)**, **Niterói (309)**, **Campos dos Goytacazes (211)**, **Belford Roxo (209)**, **Itaboraí (167)** e **Magé (158).**

**FIGURA 1: MAPA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO E A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS CASOS CONFIRMADOS DE COVID-19 ATÉ 31.07.2020.**




Fonte: Dados organizados por Kairo Machado, retirados da Secretaria de Estado de Saúde (SES-RJ)

**EVOLUÇÃO DO PANORAMA DE COVID-19 NO RIO DE JANEIRO**

No gráfico 1, podemos identificar a evolução dos casos confirmados e de óbitos provocados pela Covid-19 a partir da data do dia 10 de cada mês, (março foi contabilizado a partir do dia 15). Sendo assim, percebemos ocorreu um aumento significativo no número de casos quanto de óbitos entre os meses de abril, maio, junho e julho.

**GRÁFICO 1: EVOLUÇÃO DOS CASOS CONFIRMADOS E ÓBITOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.**




Data	Casos Confirmados	Óbitos
10/03/2020	2061	101
10/04/2020	17.062	174
10/05/2020	75.375	1.130
10/06/2020	129.443	1.280
10/07/2020	165.495	13.100

Fonte: Dados organizados por Thais Lino, retirados do site: <https://coronavirus.rj.gov.br/boletins/>

Se fizemos a análise pelos números mensais sem acúmulos observa-se que esta ocorrendo uma desaceleração dos casos de covid-19 e óbitos do Estado do Rio de Janeiro a partir de julho, conforme o gráfico 2.

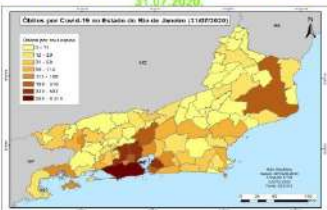
**GRÁFICO 2: EVOLUÇÃO DOS CASOS CONFIRMADOS E ÓBITOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**



Data	Casos Confirmados	Óbitos
10.04.2020	2.240	101
10.05.2020	14.598	1.073
10.06.2020	57.311	5.964
10.07.2020	55.670	4.142
10.08.2020	50.573	2.828

Fonte: Dados organizados por Thais Lino, retirados do site: <https://coronavirus.rj.gov.br/boletins/>

**FIGURA 2: ÓBITOS POR COVID-19 NO RIO DE JANEIRO ATÉ 31.07.2020.**



Fonte: Dados organizados por Kairo Machado, retirados da Secretaria de Estado de Saúde (SES-RJ)

De acordo com a figura 2 podemos observar a concentração de número de óbitos do Covid-19 na região metropolitana e norte do estado do Rio de Janeiro.

**FONTES CONSULTADAS**

<https://coronavirus.rj.gov.br/boletins/>  
<http://portal.saude.rj.gov.br/monitoramento/covid19.html>  
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/08/09/rj-registra-10-obitos-por-covid-19-em-24-horas-e-um-totale-14080.htm>

Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidades (GEPGEC)- Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão: Oficinas Escolares de Geografia  
 Bolsa PIBIC-Uerj (2018-2020). "Um estudo sobre as dimensões e as concepções de cidade e do urbano dos alunos e professores de Geografia de cidade de São Gonçalo"  
 Thais Alves e Beatriz Torres  
 Informativo XXVI - 11 de agosto de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

136

Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia



## Monitoramento dos casos de Covid-19 no estado

A constante realização de monitoramentos sejam eles relacionadas à saúde, as condições sociais, as condições climáticas, dentre outras, são de suma importância, pois elas nos confirmam dados e características necessárias para o entendimento dos locais a serem analisados e, em como ocorre a dinâmica espacial nestes lugares em diferentes escalas. Segundo Cardoso *et al.* (2020, p. 130), “definir as unidades de análise é fundamental para o entendimento dos fenômenos em si e depende de critérios geográficos, cartográficos e da disponibilidade dos dados a serem utilizados”.

Sendo assim, estes monitoramentos devem ser trabalhados com os estudantes fornecendo subsídios para as aulas, pois agregam informações necessárias de forma global ou local, sobre determinados acontecimentos. Neste caso, como estamos presenciando a pandemia da Covid-19 e de como se deu o seu rápido avanço por todos os continentes, analisar este acontecimento em diferentes escalas nos permite abordar a dimensão espacial que este vírus alcançou, assim como, as desigualdades existentes pelo mundo afora.

Em relação ao mapeamento das distribuições do vírus no estado do Rio de Janeiro por suas regiões e municípios, foram desenvolvidas diversas formas de análises e indagações, tais como: Quais lugares apresentam mais casos? Quais lugares apresentam menos casos? Quais lugares apresentam mais óbitos? Qual o primeiro município a registrar a doença? Surgiram também outros questionamentos, cujos dados (números) ao serem transformados em mapas mostraram localização específica. Com isso foi possível trabalhar de forma visual estes acontecimentos, levando em conta a proximidade com outros municípios (fluxos de pessoas) e como ele está organizado. Considerando ainda o contexto histórico desde a sua criação e divisão regional. O estado do Rio de Janeiro encontra-se dividido em nove regiões, são elas: Metropolitana I, Metropolitana II, Serrana, Norte, Noroeste, Baixadas Litorâneas, Baía da Ilha Grande, Médio-Paraíba e Centro-Sul, concentrados 92 municípios.

Desta forma, a fim de realizar monitoramentos, e divulgar posteriores informações para a população sobre as flexibilizações, casos confirmados e de óbitos provocados pelo novo coronavírus, foram desenvolvidos documentos e ferramentas, de modo que a população fosse constantemente informada sobre a atual situação da pandemia no estado e nas demais regiões que o compõem.

O primeiro documento a ser divulgado no mês de julho de 2020, pela Secretaria Extraordinária de Covid-19 do Estado do Rio (RJ), foi o Pacto Covid RJ, cujo documento contém informações acerca da flexibilização das medidas preventivas como, por exemplo, o isolamento social, a possibilidade de abertura de alguns estabelecimentos sem aglomerações, além de destacar os critérios utilizados no contexto da pandemia, como está sendo apresentado na Figura 4.

Para obter estes resultados, foram realizados cálculos que vão de acordo com dois eixos, são eles: o primeiro, corresponde à capacidade do sistema de saúde de comportar pacientes com a Covid-19 que necessitam de atendimento, os quais estão representados pelos indicadores da taxa de ocupação de leitos da UTI, taxa de ocupação de leitos de enfermaria e a previsão do tempo de esgotamento destes leitos de UTI. O segundo eixo corresponde ao epidemiológico com os indicadores sobre a variação do número de óbitos provocados pela Covid-19, a variação do número de casos provocados pela doença e o percentual do número de testes com resultados positivos para a doença em relação ao total de exames realizados. De acordo com os resultados da pontuação destes critérios, foram estabelecidas as cores das bandeiras que representaram a propagação da contaminação pelo vírus.

**Figura 4** – Componentes do documento do pacto da Covid-19 no RJ



## COVID-19 NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

### PARTE 4

#### O QUE É O PACTO COVID RJ?

Este é um documento dividido entre eixos e indicadores que serão capazes de fornecer as informações para a população sobre a flexibilização de algumas medidas restritivas, como o isolamento social e a abertura gradual de estabelecimentos, apresentando assim, quais são estes critérios tomados durante o período da pandemia. As implementações destes critérios são reconhecidas pelos: Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), pelo Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) e pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas).



LINK PARA CONFERIR O DETALHAMENTO DO PAINEL DE INDICADORES:

[https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel\\_indicadores\\_covid\\_03\\_07\\_20-20-5.pdf](https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel_indicadores_covid_03_07_20-20-5.pdf)

#### FIGURA 2: PONTUAÇÃO DE CADA SITUAÇÃO DE RISCO E SUAS CORES

INDICADORES E PARÂMETROS PARA AVALIAÇÃO DOS NÍVEIS DE RISCO						
Ítem	Indicador	0-20 Pontos	21-30 Pontos	31-40 Pontos	41-50 Pontos	51-60 Pontos
Capacidade do sistema de saúde	Tempo de espera para atendimento em UTI	0-100%	101-150%	151-200%	201-250%	251-300%
	Tempo de espera para atendimento em leito	0-100%	101-150%	151-200%	201-250%	251-300%
	Tempo de espera para atendimento em enfermaria	0-100%	101-150%	151-200%	201-250%	251-300%
Políticas de distanciamento	Distanciamento físico	0-100%	101-150%	151-200%	201-250%	251-300%
	Distanciamento social	0-100%	101-150%	151-200%	201-250%	251-300%
	Distanciamento digital	0-100%	101-150%	151-200%	201-250%	251-300%

Fonte: [https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel\\_indicadores\\_covid\\_03\\_07\\_2020-5.pdf](https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel_indicadores_covid_03_07_2020-5.pdf)

De acordo com a figura 1, podemos observar seis indicadores divididos em dois eixos, são eles: o eixo de capacidade do sistema de saúde e o eixo epidemiológico. Sendo assim, a soma de cada indicador irá estabelecer qual a cor da bandeira representará a atual condição de risco. Esta pontuação está representada na figura 2.

#### FIGURA 1: CRITÉRIOS PARA O CÁLCULO A PARTIR DOS EIXOS E INDICADORES

CÁLCULO E FONTE DOS INDICADORES PARA AVALIAÇÃO DOS NÍVEIS DE RISCO			
Eixo	Indicador	Indicador	Fonte
Capacidade do sistema de saúde	Tempo de espera para atendimento em UTI	Tempo de espera para atendimento em UTI	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
	Tempo de espera para atendimento em leito	Tempo de espera para atendimento em leito	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
	Tempo de espera para atendimento em enfermaria	Tempo de espera para atendimento em enfermaria	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
Políticas de distanciamento	Distanciamento físico	Distanciamento físico	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
	Distanciamento social	Distanciamento social	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
	Distanciamento digital	Distanciamento digital	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE


Fonte: [https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel\\_indicadores\\_covid\\_03\\_07\\_2020-5.pdf](https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel_indicadores_covid_03_07_2020-5.pdf)

#### FIGURA 3: CLASSIFICAÇÃO DOS RISCOS ATRAVÉS DA PONTUAÇÃO E DAS CORES

MEDIDAS DE DISTANCIAMENTO SEGUNDO AVALIAÇÃO DE RISCO			
PONTOS	RISCO	SINALIZAÇÃO	MEDIDAS DE DISTANCIAMENTO
0	Risco muito baixo	Verde	Distanciamento social mínimo 1
1 a 9	Risco baixo	Amarelo	Distanciamento social mínimo 2
10 a 19	Risco moderado	Laranja	Distanciamento social mínimo 3
20 a 29	Risco alto	Vermelho	Distanciamento social mínimo 4
30 a 40	Risco muito alto	Roxo	Restrição máxima

Fonte: [https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel\\_indicadores\\_covid\\_03\\_07\\_2020-5.pdf](https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/painel_indicadores_covid_03_07_2020-5.pdf)

Segundo a figura 2, podemos destacar os valores correspondentes a cada critério de cores estabelecidas e o seu percentual para cada um dos seis indicadores.

Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Ciências (GEPGEC) Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Claudia Ramos Sacramento Projeto de Extensão: Oficina Escolas de Geografia Series PIBIC-UFRJ (2019-2020): "Um estudo sobre os didáticos e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo" Thais Lino e Beatriz Torres Informativo XXVII – 17 de agosto de 2020.

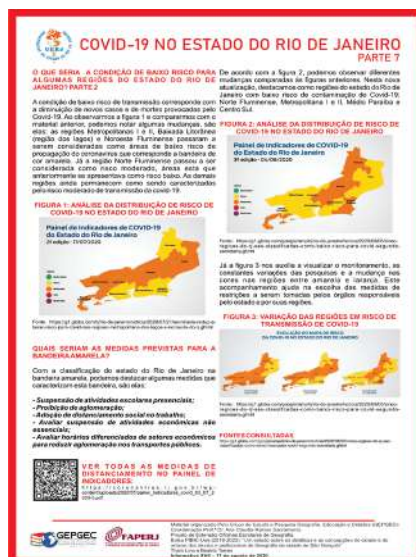
Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

**O ESTADO DO RIO DE JANEIRO E ALGUMAS AÇÕES PARA O COMBATE** 139

Cabe ressaltar ainda, que neste documento, o detalhamento da tabela de cores que indica o nível de transmissão, está disposta da seguinte maneira: bandeira na cor roxa, representa o mais elevado índice de propagação, seguido assim, da bandeira de cor vermelha que corresponde ao risco alto, já a bandeira de cor laranja compreende ao risco moderado, a bandeira na cor amarela quer dizer risco baixo e por fim, a bandeira de cor verde está associada ao risco muito baixo de contaminação. Dentre estes critérios de cores específicas estão fornecidas também, quais medidas de distanciamento poderão ser tomadas a partir da situação em que o estado e suas regiões se apresentam.

De acordo com a Figura 5, podemos analisar a evolução dos casos de Covid-19, no estado do Rio de Janeiro através do auxílio do mapa regional do estado, desde a primeira até a décima edição do monitoramento a respeito da evolução do coronavírus.

**Figura 5 –** Variações das regiões em risco de transmissão da Covid-19 no estado do Rio de Janeiro



Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepegec.com.br/informativos-covid-19>.

Com base nos meses de novembro e dezembro (2020), o estado passou por classificação de uma terceira bandeira, a vermelha, pois registrou-se o aumento de casos (o que levou ao fechamento de leitos nos hospitais do estado) e de óbitos provocados pelo coronavírus.

Nesta situação, além de serem realizadas as medidas preventivas das bandeiras anteriores (amarela e laranja), novas medidas foram impostas, tais como: a suspensão de atividades econômicas consideradas não essenciais e a definição de horários alternativos para o setor econômico, com o intuito de reduzir a aglomeração nos transportes públicos.

Ao analisarmos as constantes variações dos casos e dos riscos de transmissão da doença, é notória a relação que os municípios apresentam entre si de crescente mobilidade intermunicipal, onde todos os dias, os trabalhadores precisam se deslocar de suas casas para o trabalho, e depois retornarem dos seus trabalhos para os seus lares. Este fluxo diário e o contato com o transporte público lotado favorecem as aglomerações nos coletivos colocando em risco a vida do trabalhador e, conseqüentemente, a de sua família.

O aumento dos casos de Covid-19 no estado gerou a crescente procura por atendimentos e internações nos hospitais, UPAS, postos de saúde e clínicas da família que já se encontravam precarizadas e com baixa quantidade de atendimento e leitos disponíveis. Esta situação está presente em todo o estado, e levou ao aumento nas filas de espera para o atendimento nestas unidades citadas, onde os pacientes, muitas vezes, chegam em estado grave e são obrigados a aguardarem em poltronas, macas improvisadas e em cadeiras de rodas pelos corredores das unidades, já que as mesmas encontram-se superlotadas, excedendo a capacidade adequada de pessoas nestes espaços.

## Considerações finais

Muitos foram os impactos sentidos pela população em decorrência do avanço da pandemia e a implementação de medidas restritivas modificou a forma do cotidiano da população como um todo: fomos privados do direito de ir e vir, houve suspensão das aulas presenciais e dos eventos reconhecidos mundialmente, como o Réveillon e o Carnaval.

Esta pandemia revelou ainda mais as dificuldades que a sociedade enfrenta todos os dias e de como o poder público privilegia mais áreas renomadas e de alto poder aquisitivo, se comparadas às comunidades. Além disso, nos mostrou como somos dependentes dos setores do comércio (formal e informal), serviços, escolas e universidades, pois estes setores movem a sociedade como um todo, causando dessa forma, esta constante interdependência.

O conjunto de tais acontecimentos deixou explícito, com o crescente número de casos de Covid-19 em todo o estado do Rio de Janeiro, como a população periférica e trabalhadora foi a principal impactada, visto que é, a que necessita mais do transporte público para que possa chegar até outro município, onde ficam seus locais de trabalhos. Logo no início da pandemia houve dificuldade da manutenção dos empregos, pois com a realização do distanciamento social, muitos estabelecimentos e comércios de rua tiveram que ser fechados, provocando assim, o desemprego.

Portanto, é importante realizarmos mapeamentos das áreas mais afetadas, para ao mesmo tempo conhecê-las, com o intuito de que possam ser elaboradas soluções adequadas ao momento específico de enfrentamento da doença, possibilitando a compreensão da dimensão do alcance do vírus, assim como para entender como o seu contágio acontece de forma tão rápida e silenciosa. Ademais, investir nos setores da saúde é importante, visto que este setor está na linha de frente ao combate da doença.

## Referências

- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Koplen. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CARDOSO, Phillipe Valente *et al.* A importância da análise espacial para tomada de decisão: um olhar sobre a pandemia de Covid-19. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 125-137, maio, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/tamoios/article/view/50440/33476>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- DIÁRIO DO PORTO. **Fecomércio-RJ: 80% perderam faturamento no Centro**. 13/01/2021. Disponível em: <https://diariodoporto.com.br/fecomercio-rj-80-perderam-faturamento-no-centro/>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- FREITAS, Ruskin. Regiões metropolitanas: uma abordagem conceitual. **Humanae**, v. 1, n. 3, p. 44-53, dez., 2009. Disponível em: <http://www.humanae.esuda.com.br/index.php/humanae/article/view/54/29#>. Acesso em: 06 fev. 2021.
- G1. **Mapa indica que 75% da população do RJ está em locais de alto risco para Covid-19, diz governo**. 11/12/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/11/mapa-indica-que-75percent-da-populacao-do-rj-esta-em-locais-de-alto-risco-para-covid-19-diz-governo.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- GAZETA DE S. PAULO. **Cristo Redentor passa por desinfecção para reabertura**. 13/08/2020. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/brasil/2020/08/1074061-cristo-redentor-passa-por-desinfeccao-para-reabertura.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- IBGE (2019). **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação residente com data de referência em 1º de julho de 2019**. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2019/estimativa\\_dou\\_2019.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2019/estimativa_dou_2019.pdf). Acesso em: 20 fev. 2021.
- RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 46.970 de 13 de março de 2020. Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (COVID-19), do regime de trabalho de servidor público e contratado, e dá outras providências (2020a)**. Disponível em: <https://pge.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MTAyMjE%2C>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 46.980 de 19 de março de 2020. Atualiza as medidas de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (COVID-19) em decorrência da situação de emergência em saúde e dá outras providências (2020b)**. Disponível em: <https://pge.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MTAyMjQ%2C>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 47.112 de 05 de junho de 2020** (2020c). Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=396642>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SANTOS, Jefferson Pereira Caldas dos *et al.* A difusão espacial da Covid-19 no estado do Rio de Janeiro. **Hygeia**, Edição Especial: Covid-19, p. 263-273, jun., 2020.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/54624/29166>. Acesso em: 06 fev. 2021.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/>.

SOUTO, Roberto Lucas Spínola *et al.* Cidade, região, hierarquia de cidades e redes urbanas: uma proposta de revisão teórica. **Revista de Desenvolvimento Econômico, RDE**, Salvador, v. 2, n. 37, ano XIX, p. 57-81, ago., 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/5025>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SOUZA, Joseane de; TAVARES, Denise Cunha. Rio de Janeiro: rumo a uma nova região metropolitana? **Terra Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 19, n. 40, p. 817-840, set./dez., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cm/v19n40/2236-9996-cm-19-40-0817.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.



## AS CIDADES E OS MOVIMENTOS SOCIAIS DURANTE A COVID-19

*Débora Oliveira Assumpção  
Thiago dos Prazeres do Nascimento*

**A**ntes de mais nada, é importante lembrar, que em 31 de dezembro de 2019, foi notificado no município de Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, uma série de casos de pneumonia com origem desconhecida. Segundo a Organização Mundial da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde, em 30 de janeiro de 2020, a China já havia relatado 9.700 casos confirmados dentro de suas fronteiras e 106 outros casos de Covid-19 em outros 16 países.

Também em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) declarou que o surto da doença causado pelo novo coronavírus (Covid-19) constituiu-se em uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Logo após, em 11 de março de 2020, o contágio do coronavírus (Covid-19) foi caracterizado pela OMS como uma pandemia.

Vivemos em um mundo altamente globalizado e a maioria das viagens é feita pelas aeronaves que circulam por todos os continentes do globo, logo, arriscamos a dizer, que esta foi a principal forma do vírus se proliferar e se manifestar em diferentes

continentes. Enquanto no Brasil, tivemos o primeiro caso confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, e o primeiro óbito no dia 19 de março de 2020.

Sabemos que, inicialmente, no Brasil, a Covid-19 foi introduzida através dos viajantes que chegaram de áreas contaminadas, principalmente, da Europa. Em pouco tempo ocorreu o desenvolvimento do vírus, pois, muitos não sabiam que estavam infectados e o país não estava estruturado para lidar com a Covid-19. Esses viajantes eram bem-sucedidos financeiramente, possuíam amplo acesso à saúde e moravam nos espaços mais nobres da cidade.

Devido a isto, os espaços onde eles habitavam foram os que mais manifestaram casos de infecção pela Covid-19. Além disso, por possuírem certo ceticismo em relação ao vírus, ou por não reconhecerem a gravidade dele, não tomaram os devidos cuidados de imediato. Colaborando assim, para a rápida disseminação do vírus em território nacional. Contudo, quando perceberam tal periculosidade e gravidade da doença, começaram a se cuidar e a realizar a quarentena, sob orientação dos órgãos de saúde. Entretanto, isto se deu de forma tardia, pois a classe trabalhadora: porteiros, entregadores, empregadas domésticas, caixas de mercados e, etc. já haviam se infectado com o vírus (SIMONI, 2020).

Por conta disso, houve então a infecção dos trabalhadores dos serviços essenciais. Trabalhadores, que em sua maioria moram na periferia das cidades. Desta forma, o vírus ganhou uma dimensão escalar, saiu das áreas nobres e começou a se concentrar nas periferias. No entanto, a maioria das pessoas que reside nestas áreas periféricas, não possui amplo acesso à saúde e nem a condições sanitárias básicas, já que moram em casas com poucos cômodos e necessitam de seus empregos para sobreviver (CARLOS, 2020). Baseado nesse fator, foi possível notar que o vírus não se refere apenas a uma condição biológica, mas, o seu enfrentamento e combate dependem de razões socioeconômicas e estruturais. Simoni (2020) discorre sobre isso ao mencionar que:

Um regime econômico fundado na privação, criou as condições que explicam o aumento dos sem-teto, o crescimento das favelas, a multiplicação dos moradores de rua e o adensamento da horda de transeuntes e passageiros que perdem horas de seus dias em deslocamentos exaustivos e vazios de sentido próprio (SIMONI, 2020, p. 26).

Como citado anteriormente, sabemos que o vírus, inicialmente, se concentrou nos bairros mais nobres de São Paulo como, por exemplo, Perdizes, Pinheiros e outros, até meados de abril de 2020. Esses bairros tinham a maior concentração de casos de óbitos por Covid-19 confirmados (SIMONI, 2020). Em seguida este número se concentrou nas favelas, cortiços e comunidades do município.

No decorrer da sua história, o homem não apenas acumulou experiências como também inovou. A inovação pode ser lenta ou rápida, pode dar-se em uma parte ou no espaço total, mas sempre há transformação. Os espaços têm sido ocupados por vários agentes e um deles são os movimentos sociais, que diante da situação aparentemente sem solução para os governos locais, regionais e nacionais, buscam dar assistência aos mais pobres e se empenham por uma causa que seja significativa. A necessidade de pensarmos em ações sociais está em voga pela defesa de que todos precisam ter acesso aos serviços e a condições básicas de vida.

Por falta de ações mais efetivas do Estado, vemos as práticas dos movimentos sociais que trabalham em prol de melhorias. Desta maneira, os movimentos sociais urbanos, no caso, os que desenvolvem atividades nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, dão amparo aos moradores que são muitas vezes excluídos dos serviços essenciais do Estado.

Assim, o ensino de Geografia analisa essas relações entre as práticas socioespaciais e as dinâmicas das cidades, uma vez que as pessoas circulam, vivem e usam-nas para suas relações de vida, de trabalho, de estudo, de convivências, entre outros. Durante a pandemia da Covid-19, os espaços das cidades tiveram suas dinâmicas alteradas, sendo assim, Barbosa e Teixeira (2020) destacam as desigualdades

socioespaciais na cidade do Rio de Janeiro, ao mostrarem os avanços da Covid-19 nos subúrbios, favelas e periferias cariocas.

Mas como pensar esses temas para o ensino de Geografia na escola básica? A partir da construção de materiais didáticos que abordem o tema da desigualdade socioespacial nas cidades e a questão dos movimentos sociais, é uma das estratégias. Para tanto, foram produzidos boletins informativos com o tema: “Os movimentos sociais na cidade do Rio de Janeiro contra a Covid-19”.

O texto faz parte das pesquisas referentes às bolsas de iniciação científica “O componente curricular Geografia e as mudanças dentro do cenário educativo do Estado do Rio de Janeiro”, financiada pela FAPERJ, no período 2019-2021, e “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e do urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo”, provida pelo PIBIC-UERJ, no período 2020-2022.

O objetivo deste artigo é discutir sobre a importância da cidade e dos movimentos sociais para se pensar geograficamente as ações nos espaços da favela, no período da Covid-19, com base nos boletins informativos “Os movimentos sociais na cidade do Rio de Janeiro contra a Covid-19”.

O texto, portanto, está dividido três momentos: o primeiro, destaca o significado da cidade e dos movimentos sociais na condição da desigualdade socioespacial; o segundo, trata da metodologia do desenvolvimento dos boletins informativos sobre o tema, e o terceiro, aborda alguns conteúdos que podem ser trabalhados com os boletins informativos.

## **A cidade e os movimentos sociais: um breve relato**

A grande massa da população já nasceu nas cidades e muitas delas não conhecem outro estilo de vida, como por exemplo, o estilo de vida no campo. Mas o que define a cidade? É um amontoado de prédios? São quilômetros de asfalto? Apenas grandes

problemas urbanos? Segundo Lefebvre (2001), a cidade é um objeto construído socialmente com diversas funcionalidades que se revelam ao longo da história, em suas diferentes formas e funções. A sociedade, assim, constituiu novos elementos, como técnicas, concepções arquitetônicas, ideológicas e políticas, que possibilitaram o desenvolvimento de um processo urbano.

As cidades possuem diferentes formas e dinâmicas, e trazem aos seus usuários e agentes, maneiras distintas de uso, a partir das funções que a elas são impostas. Este objeto, por assim dizer, se estabelece como uma forma de expressão da sociedade contemporânea que precisa circular, trabalhar, se movimentar e se relacionar para viver dentro de tal espaço.

Para Carlos (2019, p. 57), a cidade é “uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”. Assim, podemos dizer que a cidade é única, justamente, porque sua história e a sua característica não são iguais, e nem a maneira como atuam os agentes produtores deste espaço: a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo, os grandes industriais; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado; e) os grupos sociais excluídos, que se apropriam dessa cidade para construir, produzir e viver (CORRÊA, 2003).

Nas cidades estão materializadas as contradições do espaço, as desigualdades e as segregações socioespaciais, uma vez que a produção do espaço está sendo regido pelo sistema capitalista. Assim, a cidade responde à diferentes funções estabelecidas a ela, de acordo com a necessidade da dinâmica capitalista. Nela, observamos as contradições da relação da luta de classes, ainda presentes e materializadas espacialmente, e das desigualdades na paisagem urbana.

Essas colocações iniciais sobre a cidade, servem para que possamos pensar na razão de estudarmos esse tema? Para isso, nos apoiamos em Santos (2014, p. 96-97), reconhecendo que

toda ação humana é trabalho, e todo trabalho é trabalho geográfico, e: não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo da vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo criação do espaço. Por isso, a Geografia estuda a ação do homem.

E o uso diferenciado da cidade demonstra que o espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. Com isto, a desigualdade espacial é produto da desigualdade social, e:

O processo de reprodução espacial envolve uma sociedade hierarquizada, dividida em classes, produzindo de forma socializada para consumidores privados. Por tanto, a cidade aparece como produto apropriado diferencialmente pelos cidadãos. Essa apropriação se refere às formas mais amplas da vida na cidade; e nesse contexto, se coloca a cidade como o palco privilegiado das lutas de classes, pois o motor do processo é determinado pelo conflito decorrente das contradições inerentes às diferentes necessidades e pontos de vista de uma sociedade de classes (CARLOS, 2019, p. 23).

Mediante, a desigualdade social e econômica, visamos analisar a disseminação do vírus, suas consequências e danos ao corpo social, reconhecendo a presença e importância da atuação dos movimentos sociais nas áreas periféricas. Os movimentos sociais urbanos que lutam pelo direito à cidade em seu sentido pleno, tem como foco, o Estado e não os proprietários dos meios de produção. Esses movimentos podem trazer pequenas e grandes contribuições no espaço geográfico.

Os movimentos sociais urbanos têm como origem as contradições específicas da problemática urbana, que são, de um lado, aquelas entre as necessidades coletivas de equipamentos como habitação, transporte, saúde e cultura, e ainda pensando em espaço, as contradições aparecem não apenas no suporte da habitação, mas também na

localização relativa face ao mercado de trabalho, e, de outro lado, a lógica capitalista, que torna pouco rentável a produção destes equipamentos pelo capital privado (CORRÊA, 2003, p. 82).

Com intuito de fazer uma breve síntese sobre a origem das favelas na cidade do Rio de Janeiro nos apoiamos nas palavras de Campos (2010) ao trazermos três versões do processo de favelização na cidade do Rio de Janeiro. A primeira versão foi inerente a Guerra do Paraguai (1865-1870), onde o governo [imperial] prometeu alforria aos escravos que combatessem, e assim, houve grande interesse por parte dos escravos diante da proposta.

O fim da Guerra do Paraguai teve como consequência a desterritorialização – entendida como ato de perder ou ser retirado do território apropriado em que se vive – de partir dos retornados, por arregimentação de indivíduos para o combate efetuada em várias províncias, deixou-se sem ter para onde voltar. Portanto, o acampamento nas proximidades do Ministério da Guerra foi a solução provisória, assim como provisória a ocupação dos cortiços e das encostas da área central (CAMPOS, 2010, p. 55-56).

Campos (2010) explica o surgimento da favela como opção de moradia e consequência de fatos isolados, e a Guerra do Paraguai, foi um deles. A segunda versão foi tida com base na tese aceita e difundida por Abreu (1992, p. 90), em que “a favela surge no cenário urbano do Rio de Janeiro em consequência da revolta emergida no interior da Bahia, pois os que voltaram, necessitavam de abrigo em algum lugar da cidade” (CAMPOS, 2010, p. 58). A terceira e última versão se refere a:

[...] uma crise habitacional e a necessidade de a população mais pobre morar próxima da área central da cidade, onde as oportunidades de trabalho eram maiores. A destruição do Cabeça de Porco e de outros cortiços provocou um deslocamento desse segmento social em direção às encostas (CAMPOS, 2010, p. 61).

Então o que queremos com isso? Dizer que o espaço da favela é constituído a partir da desigualdade socioespacial. Sendo assim, os seus habitantes já começam a lutar por uma moradia com os

direitos básicos de vivência, visto que o Estado não reconhece, na maioria das vezes, a favela como um território legal. Por isso, existe a necessidade de pessoas que busquem formas de promoção dos seus direitos frente às exclusões do sistema. Desta maneira, os movimentos sociais acabam sendo uma forma de voz, de representação de um grupo de excluídos socialmente, e no caso deste texto, a referência é sobre os que fazem ações nas favelas.

Em relação às favelas cariocas, de acordo com o Mapa Digital da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, atualmente, 1.018 se materializam na paisagem urbana, definida por Carlos (2019, p. 36) como a “expressão da ordem e do caos, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano colocando-se no nível do aparente e do imediato”. Pela paisagem urbana podemos notar o

fato de que o espaço se produz desigualmente. Desigualdades estas que podem ser apreendidas pela diferenciação: a) nas cores que vão da predominância do verde nos bairros arborizados onde reside a população de alto poder aquisitivo, ao vermelho das ruas sem asfalto, misturado à cor do tijolo das casas inacabadas, feitas sob o sistema de autoconstrução, passando pelo cinza do concreto. Em muitos edifícios modernos a cidade se reflete na imensidão dos vidros fumê; b) no arranjo dos bairros que possuem traçado de ruas diferenciais seja pelo relevo, seja pelo tipo de ocupação; c) pelo tipo de movimentação das pessoas, marcado pelo ritmo febricitante da vida urbana (CARLOS, 2019, p. 43-44).

É certo, que ao analisarmos a paisagem urbana podemos notar a desigualdade social, entretanto, se tratando do coronavírus (Covid-19) isto irá se manifestar da mesma forma em todos os espaços? Como os movimentos sociais têm ajudado na luta pela assistência aos moradores desses lugares?

## **Metodologia da construção do material sobre a Covid-19**

Os materiais didáticos têm como objetivo auxiliar na mediação do conhecimento do estudante com base na proposta de trabalho que o professor deseja desenvolver em sala de aula. Esses



materiais são construídos a partir da necessidade de dinamizar o processo de aprendizagem de um conteúdo ou de um conceito. Segundo Sacramento e Cunha (2020, p. 54)

o papel pedagógico do material didático se potencializou ainda mais como recurso didático que norteia estratégias de mediação e de intervenção de atividades que permitem a aprendizagem dos estudantes acerca dos fenômenos socioambientais. Desta forma, é primordial compreender o funcionamento metodológico das aulas remotas, para que seja desenvolvido de modo satisfatório e, assim, poder auxiliar de fato a aquisição do conhecimento dos conteúdos escolares pelos alunos que estão nas salas virtuais.

Desta maneira, os materiais didáticos são adaptados mediante a finalidade de se ensinar um determinado conhecimento. No período da Covid-19 não tínhamos materiais específicos para serem trabalhados nas aulas. Assim, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades começou a desenvolver os boletins informativos com diferentes temáticas sobre a Covid-19 para os professores das escolas básicas terem mais um recurso de apoio.

O tema em questão surgiu pela dinâmica vivenciada na vida cotidiana dos estudantes das periferias e das favelas das cidades, onde a falta de infraestrutura e de acesso às condições de higiene necessárias para frear a transmissão da Covid-19, precisaram ser mobilizadas por vários movimentos sociais.

Assim, a metodologia usada neste trabalho, com base qualitativa e suporte teórico de Bodgan e Biklen (1994), promoveu a relação entre o conhecimento geográfico e o fenômeno da Covid-19 a partir da elaboração de boletins informativos para a ajuda ao trabalho do professor, que pode utiliza-los gratuitamente e da forma mais propícia. Além disso, foram oferecidas palestras *on-line* em escolas básicas para a discussão com os estudantes e professores sobre os temas desenvolvidos.

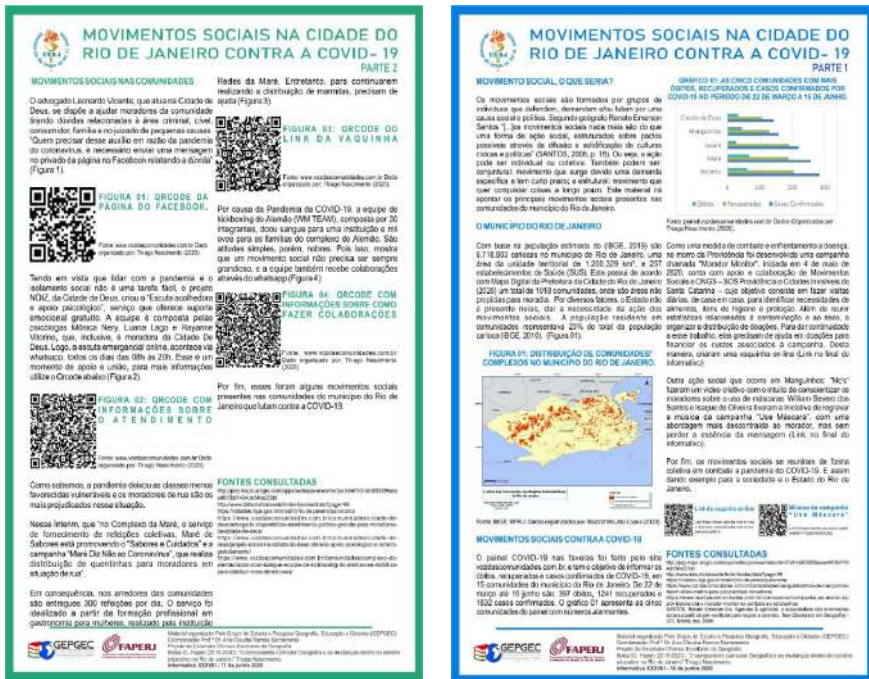
A produção deste material didático teve a seguinte sequência:  
a) Reunião do grupo para decidir quais temas são mais relevantes

para pensar o ensino da Geografia; b) Busca em *sites* de revistas científicas, órgãos científicos, órgãos de saúde, como Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde e outros, revistas, jornais e etc.; c) Análise dos textos e dados sobre os temas escolhidos; d) Escrita do material a partir de um modelo no *word* em forma de boletim; e) Formatação no *Corel* para padronização do material e fácil acesso no site [www.gepgec.com.br](http://www.gepgec.com.br); f) Disponibilidade para os professores e outros; g) Agendamento de palestras *on-line* para estudantes e professores.

Estes boletins têm distintas temáticas a fim de promover um repertório de materiais para que os professores possam construir diferentes ferramentas em suas aulas virtuais.

Segue em anexo, alguns dos materiais desenvolvidos (Figura 1), em que buscamos discorrer sobre o significado dos movimentos sociais sobre a espacialização das favelas no município do Rio de Janeiro, e os dados de casos e óbitos da Covid-19, as ações desenvolvidas por cada um deles, evidenciando, também sua importância dentro das comunidades em que atuam.

**Figura 1** – Materiais elaborados por integrantes do grupo de estudo sobre os movimentos sociais na cidade do Rio de Janeiro contra a Covid-19



Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepec.com.br/informativos-covid-19>

Nos boletins (Figura 1) buscamos, de forma breve, definir o conceito de movimento social, com base na tese de doutorado do geógrafo Renato Emerson Nascimento dos Santos (2006). Junto a isto, o mapa do município do Rio de Janeiro apresenta informações importantes sobre o mesmo e a distribuição de comunidades e complexos.

## Os movimentos sociais e as ações nas favelas durante a pandemia da Covid-19

Carlos (2020) argumenta que a cidade é um lugar segregado e por isso reforça a sua desigualdade social, com as diferentes condições de vida das pessoas. Por esse motivo, a preocupação com a população dessas áreas segregadas está na falta de acesso aos serviços básicos. Segundo a autora “[...] as pessoas moram em casas pequenas, onde as torneiras nem sempre saem água, em muitos casos, os banheiros são compartilhados, com fogões desligados e mesas sem comida” (CARLOS, 2020, p. 14).

Ao viverem em ambientes negligenciados pelo Estado, a implementação de medidas preventivas para a contenção da crescente transmissão do vírus foi então divulgada para a população, e mesmo assim, tais medidas são constantemente descumpridas ou até mesmo não são realizadas, devido ao tipo das moradias e da condição financeira existente em todo o estado. Cabe ressaltarmos aqui, a presença das favelas e periferias em todo o estado do Rio de Janeiro, pois nestes locais a população foi bastante afetada pela falta de acesso às clínicas médicas, Unidades de Pronto Atendimento (UPA), falta de água ou acesso ao álcool em gel, visto que este produto possui um valor alto, dentre outras situações. Assim como afirma Simão (2020, p. 58):

Um rápido levantamento das condições ambientais, dos padrões construtivos em favelas já demonstra a quantidade de residentes compartilhando os mesmos cômodos, as habitações com restrições quanto à iluminação e ventilação, o acesso parcial à água potável, entre outros. Outro componente estruturante é a presença majoritária de trabalhadores e trabalhadoras em funções profissionais subalternizadas no mercado, além do elevado número destes em condições de desemprego, subemprego e informalidade. São estes mesmos trabalhadores que não estão tendo opção de permanecer isolados, sob pena de interrupção, talvez, da sua única fonte de renda.

São essas as pessoas que precisam trabalhar cotidianamente nas casas de família, nos supermercados, nas ruas, como

ambulantes, nos hospitais, como serventes, porque não tiveram possibilidade de cumprir o isolamento adequado. Desta forma, os moradores de tais áreas encontram-se mais propensos a estarem expostos ao vírus devido a sua vulnerabilidade social e ambiental, que potencializa a falta de alimentos, tratamento de saúde e outros. À vista disso, os movimentos sociais acabam trabalhando e ajudando essa parte da população como forma de realizar ações sociais sobre aquilo que o Estado deveria garantir.

Por isso, dentro dos boletins informativos, apontamos os principais movimentos sociais que atuam dentro das favelas no combate da Covid-19, além de retrarmos os impactos da doença nesses espaços. Elaboramos também, uma breve análise da distribuição espacial do coronavírus na cidade do Rio de Janeiro e como os movimentos sociais urbanos estão contribuindo para amenizar o impacto do vírus nas comunidades do município do Rio de Janeiro.

Dentre eles, enfatizamos o projeto “Morador Monitor”, iniciado em 04 de maio de 2020, e que conta com o apoio e a colaboração de movimentos sociais e ONGS, como o SOS Providência e Cidades Invisíveis de Santa Catarina, cujo objetivo consiste em fazer visitas diárias, de casa em casa, para a identificação da necessidade de alimentos, itens de higiene e proteção. Além de reunir estatísticas relacionadas à contaminação e ao risco, e organizar a distribuição de doações.

Os boletins podem ser trabalhados pelos professores com o intuito de apresentar aos estudantes, os conteúdos geográficos, articulando-os com a temática da Covid-19. Sendo assim, os alunos passam a compreender a dinâmica espacial desse fenômeno em diferentes pontos do espaço geográfico, que neste caso, se refere a questão das favelas e das ações dos movimentos sociais. Na Figura 2, o boletim trabalhou a discussão sobre o modo de vida urbano, a desigualdade socioespacial, os movimentos sociais. Um desses movimentos compreende na “Voz das Comunidades”.

Barbosa e Teixeira (2020) mostram também ações sociais nas áreas da periferia e nas favelas cariocas, discutindo consequentemente sobre a questão da luta pelo direito à vida, nessas áreas onde a vulnerabilidade social e espacial, estão presentes.

**Figura 2** – Boletim informativo sobre os movimentos sociais na cidade do Rio de Janeiro contra a Covid-19



## MOVIMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO CONTRA A COVID-19

PARTE 3

**INTRODUÇÃO**

Entendemos que, o modo de vida urbano produz comportamentos, conhecimentos, ideias, valores, formas de lazer e cultura. No espaço urbano fundem-se os interesses do capital, a ação do Estado e a luta de moradores como forma de resistência contra a segregação no espaço residencial (CARLOS, 2019).

Vale ressaltar que a distância entre os desiguais na cidade, não se opera mais predominantemente, a partir da lógica de periferização dos mais pobres e de destinação, aos mais ricos, das áreas centrais. (SPÓSITO, 2019).

Em consequência, os movimentos sociais urbanos procuram resolver as contradições específicas da problemática urbana, que são, aquelas entre as necessidades coletivas de equipamentos como habitação, transporte, saúde e cultura (CORREIA, 1986).

**MOVIMENTOS SOCIAIS CONTRA A COVID-19**

Já destacamos sobre o painel COVID-19 nas favelas, no Boletim Parte 1 sobre o tema, feito por um grupo de moradores a partir do site [vozasdascomunidades.com.br](http://vozasdascomunidades.com.br) no dia 10 de abril de 2020, o mesmo não possui nenhum tipo de ajuda do Estado do Rio de Janeiro e nem mesmo do Governo Federal.

De 22 de março até 06 agosto são: 639 óbitos, 3543 recuperados e 4356 casos confirmados. A figura 01 apresenta o painel com os casos confirmados e óbitos de covid-19 nas comunidades do município do Rio de Janeiro.

**FIGURA 1: PAINEL VOZ NA COMUNIDADE 06 DE AGOSTO DE 2020.**

**CORONAVÍRUS NAS FAVELAS**

**CASOS MORTES**

**4.356 639**

ATUALIZADO EM 06 DE AGOSTO - 19H55

Fonte: <https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/favelas-do-rio-registram-12-novos-casos-e-2-mortes-de-covid-19-nesta-quinta-feira-06/>

A figura 2 apresenta dezesseis comunidades do município do Rio de Janeiro com número de casos confirmados, óbitos e recuperados por covid-19 de 22 de março a 06 de agosto de 2020.

**FIGURA 2: CASOS CONFIRMADOS, ÓBITOS E RECUPERADOS POR COVID-19 DE 22 DE MARÇO A 06 DE AGOSTO EM 16 COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.**

COMUNIDADE	CASOS	ÓBITOS	RECUPERADOS
Macé	455	89	355
Pinho	429	35	391
Alemão	390	37	308
Jacaré	363	30	308
Rocinha	308	62	249
Cidade de Deus	294	55	230
Mangueiras	237	49	198
Gardênia Azul	230	33	193
Vigário Geral	227	33	188
Vila Kennedy	207	37	169
Caju	178	27	148
Mangueira	161	23	132
Jacarezinho	143	15	59
Vidigal	120	16	102
Acaari	120	36	84
Mandela	76	7	66

Fonte: <https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/favelas-do-rio-registram-12-novos-casos-e-2-mortes-de-covid-19-nesta-quinta-feira-06/>

A contagem é feita a partir de informações da Prefeitura do Rio de Janeiro e Governo do Estado do Rio de Janeiro, Clínicas, Centros e Unidades de Saúde. Mas ainda é muito complexa, pois os dados não são totalmente contabilizados.

Segundo o site:

*“O Voz das Comunidades mudou no dia 11/07/2020 a metodologia de busca de dados. Antes, a contagem era feita através dos dados do painel feito pela prefeitura, agora os dados são computados através do CEP, divulgado pelo data.rio.”*

Por fim, entendemos a importância do “painel COVID-19” pois é necessário um olhar diferenciado às comunidades do município do Rio de Janeiro, pois elas possuem condições e necessidades diferentes.

**FONTES CONSULTADAS**

CARLOS, A. F. A. Cidade. São Paulo: Editora Contexto, 2019.  
CORREIA, R. Região e Organização Espacial. São Paulo: Atica, 1986.  
SPÓSITO, M. E. “A produção do espaço urbano: diferenças e desigualdades socioespaciais”. In: CARLOS, A. F., SOUZA, M. e SPÓSITO, M. E. (org). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. 6 ed. São Paulo, Contexto, 2019. p. 122 – 142.

Site: <https://painel.vozdascomunidades.com.br/>

Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) - Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia: Debora de Oliveira  
Boleia (G. Paper) (2019-2021): “O conhecimento curricular: Geografia e as mudanças dentro do cenário educacional no Rio de Janeiro” - Thiago Nascimento.  
Informativo XXXVIII - 07 de agosto de 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Sabemos que as dinâmicas socioespaciais nas periferias e nas favelas trazem outra questão relacionada ao cotidiano dos cidadãos.

Nestes lugares, encontram-se os “sem direito à quarentena”: as normas do isolamento encontram um sujeito cindido, vivendo num espaço em fragmento, diferenciando o centro da periferia e, com esta contradição, situando espacialmente os que tem direitos daqueles que não tem (CARLOS, 2020, p. 14).

Assim, podemos compreender que as condições de vida, principalmente, durante a pandemia não são para todos. Nestes lugares marginalizados, a luta cotidiana pela vida permanece. Assim, os que estão na mesma situação buscam se ajudar para tentar encontrar soluções e amenizar as condições em que estão inseridos. No material da Figura 3, apresentamos outro grupo de movimentos sociais que agem nesses lugares, nos espaços onde existem pouca estrutura do Estado.

**Figura 3** – Boletim informativo apresenta número de casos e óbitos, e ações de outros movimentos sociais



## MOVIMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

### CONTRA A COVID-19

### PARTE 4

#### INTRODUÇÃO

O "painel.vozdascomunidades" monitora a distribuição espacial da coronavírus em 25 comunidades do município do Rio de Janeiro, de acordo com os dados referentes a 17.09.2020, 5830 casos confirmados e 754 óbitos. Na figura 1 estão as comunidades com números de casos, óbitos e recuperados mais expressivos e podemos observar que os números de óbitos na Acari Cidade de Deus, Maré e Vila Kennedy está quase a 20% e no Caju, Gardênia Azul, Vigário Geral mais 10% sendo números muito altos.

FIGURA 1: CASOS E ÓBITOS DAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO EM 17.09.2020.

COMUNIDADE	CASOS	ÓBITOS
Maré	597	93
Alemão	576	52
Penha	560	44
Jacaré	498	53
Cidade de Deus	420	71
Rocinha	399	62
Mangueinhos	329	52
Vigário Geral	323	42
Gardênia Azul	311	43
Vila Kennedy	250	53
Mangueira	232	26
Caju	207	30
Vidigal	167	21
Acari	152	30
Jacarezinho	143	15
Mandela	112	8
Pavão-Pavãozinho e Cantagalo	91	8
São Carlos	87	8
Vila Vintém	77	14
Tavares Bastos	71	4
Morro da Formiga	61	12
Morro da Providência	58	6
Santa Marta	57	3
Morro da Babilônia/Chapéu	41	1
Mangueira	13	3

Fonte: <https://painel.vozdascomunidades.com.br/>

Se compararmos os dados no dia 06.08.2020 no Boletim sobre o tema parte 3 para este, podemos notar as três comunidades com maiores números de casos aumentaram Maré 31%, Alemão 48%, Penha 32%.

Os dados relevam dados bem preocupantes sobre as condições desses lugares para pensar os processos desiguais espaciais.

#### MOVIMENTOS SOCIAIS ATUANDO NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO

O Instituto Invoegar entregou mais 24 mil ovos brancos para moradores de comunidades (Figura 2). A ação faz parte da Campanha Nós, que desde o início da pandemia vem realizando ações coletivas.

FIGURA2: MORADORES RECEBENDO OVOS



Fonte: <https://www.vozdascomunidades.com.br/comunidades/mais-de-24-mil-ovos-serao-doados-para-moradores-de-comunidades-do-ri-j>

Independentemente da pandemia, as comunidades do município do Rio de Janeiro não deixaram ter os seus antigos problemas como: ausência do estado, operações policiais e guerras entre traficantes. Tais acontecimentos prejudicam ação social que é prestada para a população destas comunidades.

Distribuição de quentinhas é interrompida devido a operação policial no Alemão.

*"A distribuição de quentinhas do projeto Prato das Comunidades, que acontece diariamente desde o início da pandemia foi interrompida devido a operação policial que acontece neste momento na Fazendinha, no Complexo do Alemão. Cerca de 150 famílias nestas regiões foram afetadas pelo troteio, pois dependem do almoço do projeto pra se alimentar nessa pandemia."* (Voz das comunidades, 2020).

Importante lembrar que as operações policiais foram proibidas pelo STF, e mesmo assim acontecer e impedem as ações sociais de realizarem o seu trabalho. Até antes da decisão o número de óbitos estava muito elevado, e a partir de então, em junho a agosto vemos uma queda desses números.

Por outro lado, mães de alunos da rede municipal de ensino estão há quatro meses sem receber nenhuma assistência da prefeitura e já perderam a esperança da cesta básica ou cartão alimentação. Será que o prefeito ficaria quatro meses sem comer?

FONTES CONSULTADAS

<https://www.vozdascomunidades.com.br/comunidades/mais-de-24-mil-ovos-serao-doados-para-moradores-de-comunidades-do-ri-j>  
<https://www.vozdascomunidades.com.br/comunidades/mais-de-24-mil-ovos-serao-doados-para-moradores-de-comunidades-do-ri-j>  
<https://www.vozdascomunidades.com.br/jornalismo-basico-da-prefeitura-que-espera-casos-e-letas-com-fome/>




Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ruyter Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia – Dobora de Oliveira  
 Bolsa IC/Faperj (2019-2021): "O componente curricular Geografia e as mudanças dentro do cenário educativo no Rio de Janeiro" - Thiago Nascimento.  
 Informativo XXXVIII – 18 de setembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

160

Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia



A partir desse material também foi possível discutir as condições das comunidades que possuem os maiores números de casos e de óbitos de Covid-19, buscando pensar geograficamente as condições espaciais, sociais e econômicas dos diferentes espaços, uma vez que eles têm características e dinâmicas próprias. Também foi plausível discutir os impactos da falta da ação do Estado, bem como as questões capitalistas presentes na relação da luta de classes.

Assim, podemos perceber os conteúdos que tem potencial para serem trabalhados para que os estudantes possam compreender os fenômenos geográficos presentes na condição dos moradores nas áreas de periferia, principalmente, das favelas.

## **Considerações Finais**

Urge, portanto, que através deste artigo, a pandemia da Covid-19 seja analisada mediante aos fatores socioeconômicos relacionados à disseminação, ao enfrentamento e ao combate ao vírus nas favelas, no município do Rio de Janeiro, a partir das ações dos movimentos sociais.

Esse tema tão relevante para o ensino de Geografia, está materializado nas contradições e nas desigualdades sociais e espaciais capitalistas, na relação de exploração do trabalhador pobre e periférico, que não pode fazer o isolamento e o distanciamento, por condições inferiores de infraestruturas das favelas, bem como da sua necessidade do trabalho.

As ações dos movimentos sociais urbanos se tornam impactantes, diante de tal cenário pandêmico, pois suas dinâmicas contribuem para que as populações segregadas tenham algum tipo de amparo, quer seja de pessoas civis, de pessoas jurídicas ou Estado na luta por condições mínimas.

Os boletins informativos cooperaram para que os professores trabalhem a pandemia como temática em sala de aula, a fim de

fazer com que os estudantes tenham condições de compreender os impactos da Covid-19 em áreas de comunidades existentes na cidade do Rio de Janeiro, onde as ações sociais ocorrem por conta do apoio dos diferentes movimentos, assim como da ajuda conjunta dos moradores.

## Referências

- BARBOSA, Jorge Luiz; TEIXEIRA, Lino. Territórios populares entre as desigualdades profundas e o direito à vida. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Covid-19 e a crise urbana [recurso eletrônico]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 67-77. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/471/423/1648-1> Acesso em: 16 fev. 2021.
- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Koplén. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAMPOS, Andreino de Oliveira. **Do quilombo à favela**: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019 (Repensando a Geografia).
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). A “revolução” no cotidiano invadido pela pandemia. *In*: **Covid-19 e a crise urbana [recurso eletrônico]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 10-17. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/471/423/1648-1> Acesso em: 16 fev. 2021.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. 3. impressão. São Paulo: Ática, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; CUNHA, Charles Prado. Materiais didáticos sobre Covid-19 no ensino de Geografia. *In*: MELLO, Roger Goulart; FREITAS, Patrícia Gonçalves de (Orgs.). **Covid-19 impactos da pandemia no Brasil e no mundo [recurso eletrônico]**. v. 2. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020. p. 50-65. Disponível em: <https://www.editorapublicar.com.br/covid-19-impactos-da-pandemia-no-brasil-e-no-mundo-volume-2>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SANTOS, Renato Emerson dos. “**Agenda & agências**: a espacialidade dos movimentos sociais a partir do Pré-Vestibular para Negros e Carentes”. 350 f.

Tese de Doutorado, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SIMÃO, Mário Pires. Como as favelas nos ajudam a pensar a cidade após a pandemia do coronavírus? **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), n. 1, ano 16, Especial COVID-19, p. 50-62, maio, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50437>&nbsp;Acesso em: 16 fev. 2021.

SIMONI, Cesar. A Covid-19 e o direito à cidade dos pobres no Brasil. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Covid-19 e a crise urbana [recurso eletrônico]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 25-34. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/471/423/1648-1> Acesso em: 16 fev. 2021.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease ( Covid-19)**: weekly epidemiological, update 1. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20201020-weekly-epi-update-10.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

# 8

## RACISMO E A COVID-19: LUTA CONTÍNUA

*Débora de Oliveira Assumpção Silva*  
*Thiago dos Prazeres do Nascimento*

**A**s pessoas são iguais, assim, muitos dizem. Mas será que é isso mesmo? Todas as pessoas têm os mesmos direitos? Elas não foram ou são discriminadas? São tratadas da mesma forma? Com base nessas indagações, temos diferentes discussões a respeito das questões relacionadas ao racismo no mundo.

O negro, forma de expressão ocidental, foi e é considerado um ser inferior ao branco. Desta maneira, desde as grandes navegações, os povos africanos foram escravizados para se tornarem mercadorias nos impérios europeus, sendo enviados para várias partes do mundo. E um dos países receptores desses negros escravizados foi o Brasil, considerado o lugar com maior número de africanos fora da África.

Na História, o negro sempre lutou por um lugar de respeito e de valorização. No Brasil, isso não é diferente. Em um país onde a origem do seu povo está centrada na miscigenação dos africanos escravizados, brancos europeus e das diferentes etnias indígenas (povo nativo) não poderia existir discriminação nem preconceito.

Segundo dados do IBGE (2019), 56% dos brasileiros se declararam pardos ou negros. Esses dados são significativos para relacionarmos que a miscigenação é um fator predominante no nosso país, e que as pessoas têm se identificado como tal. Contudo, esse fato não descaracteriza a questão do não reconhecimento de igualdade, uma vez que ele está imbricado na forma como o negro é visto pelo outro, como um ser inferior, um conceito vindo de uma concepção eurocêntrica de mundo.

Por isso, um dos debates no Brasil, tem sido “o que é ser um negro brasileiro”, sua representatividade e seu destaque dentro do cenário histórico, político e geográfico. O racismo, ato de discriminar, ainda acontece no país, e em diferentes formas: estrutural e institucional, como destaca Almeida (2018). Essas relações se manifestam territorialmente como os atos que ocorrem nas ruas, nas favelas e nos cortiços, mostrando agressões de diversos tipos, aos negros. Essas relações também acontecem em espaços não esperados, como nos hospitais, nas escolas e outros.

Será que durante a pandemia, o racismo ainda acontece? Sim. No decorrer do surto da Covid-19, percebemos vários casos de racismo no mundo e no Brasil. Para este texto, vamos relacionar dois deles: o racismo institucional nos boletins epidemiológicos apresentados pelo Ministério da Saúde e o racismo estrutural nos diferentes casos, a exemplo dos óbitos de crianças, como o falecimento do menino Miguel.

Desta forma, a importância da construção de materiais didáticos que relacionem a Covid-19 com o tema do racismo, mostra que precisamos discutir as instituições e as pessoas que segregam as outras, criando deste modo, desigualdades sociais e raciais.

O texto é parte das pesquisas referentes às bolsas de iniciação científica “O componente curricular Geografia e as mudanças dentro do cenário educativo do Estado do Rio de Janeiro”, financiada pela FAPERJ no período 2019-2021, e “Um estudo sobre as

didáticas e as concepções de cidade e do urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo”, financiada pela PIBIC-UERJ, no período 2020-2022.

O racismo no Brasil possui raízes amargas desde 1500, e que ainda hoje se fazem presentes e se manifestam em diferentes âmbitos na sociedade. Através deste artigo tivemos o intuito de apresentar alguns casos de racismo institucional e estrutural, relacionados com a desigualdade social e com o Estado neoliberal, dentro deste contexto pandêmico.

Ademais, como objetivo geral, mediante ao texto, buscamos contribuir com a luta antirracista através do ensino da Geografia. E, especificamente, este trabalho atuou como uma contribuição à prática docente dos professores da escola básica. Mas, além disso, estes materiais didáticos podem ser utilizados por outros segmentos da sociedade como mecanismo de conscientização e reflexão acerca das temáticas.

### **Metodologia para a construção dos materiais didáticos sobre o racismo durante a pandemia da Covid-19**

O tema do racismo como já dito está sendo discutido em todos os âmbitos, inclusive, e principalmente, na escola. Por conta das diferentes questões relacionadas ao tema vistas durante a pandemia, buscamos então pensar em conteúdos nos quais os professores pudessem ensinar nas aulas remotas e ter em mãos materiais complementares para tais ensinamentos.

Sendo assim, a construção destes materiais didáticos sobre o período das aulas remotas das escolas públicas, possibilitou o desenvolvimento das pesquisas referentes às bolsas já mencionadas, como também do Projeto de Extensão “Oficinas Escolares de Geografia: Diferentes Ações Didáticas” (Cetreina-UERJ), cujo objetivo é realizar atividades presenciais com temas vinculados à Geografia nas escolas e em outros espaços.

Para tanto, a metodologia qualitativa de Bogdan e Biklen (1994) promove a relação entre o conhecimento geográfico e o fenômeno da Covid-19 com base na elaboração de boletins informativos que auxiliam o trabalho do professor nas discussões de conteúdos a serem trabalhados, com o objetivo de contextualizar a Covid-19 e a Geografia. Além disso, também foram realizadas palestras *on-line* para escolas básicas com a finalidade de divulgação do material.

Segundo Sacramento e Cunha (2020) a relevância de criarmos materiais didáticos que contemplem os conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, e assim, possibilitar o processo de mediação do conhecimento. A produção do material didático sobre o tema racismo e a Covid-19, promove o pensar nas práticas de segregação nesse período.

Os autores discorrem, que neste período, com o uso excessivo das redes sociais, apesar de toda informação vinculada nas mídias e em *sites* científicos, para ensinar Geografia é necessário à produção de materiais específicos. Desta maneira, a forma encontrada para tal foi a construção dos boletins informativos que buscam trabalhar um tema relacionando-o com a Covid-19.

À vista disto, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) por meio das bolsas de pesquisa e do projeto de extensão produziu os boletins, bem como os divulgou nas escolas. Os boletins foram o modo encontrado para desenvolvermos a extensão assim como a divulgação científica, pois se trata de um material de fácil acesso e praticidade para os professores.

Para a elaboração dos materiais, foram realizadas as seguintes etapas: a) Reunião do grupo para decidir quais temas são mais relevantes para se pensar o ensino de Geografia; b) Busca em *sites* de revistas científicas, órgãos científicos, órgãos de saúde, como Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde, revistas, jornais e etc.; c) Análise dos textos e dados sobre os temas escolhidos; d) Escrita do material a partir de um modelo no *Word* em forma de

boletim; e) Formatação no *Corel* para padronização do material e fácil acesso no *site* [www.gepgec.com.br](http://www.gepgec.com.br); f) Disponibilidade para os professores e outros; g) Palestras para a divulgação do material.

## **Racismo estrutural e institucional e suas relações espaciais**

O racismo é um dos temas de debates mais controversos no mundo, uma vez que para muitos ele não existe. Contudo, ao longo da História da humanidade, analisamos como é tão latente a necessidade de criarmos uma concepção de mundo, no qual uma raça é inferior a outra. Esta ideia é, portanto, materializada nos espaços, mas também se torna invisível por causa dessa questão.

Deste modo, para falar de racismo é necessário entendermos, que: “Seu domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder” (ALMEIDA, 2018, p. 27). Com isso, a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornam-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade.

Ao abordarmos essa temática no ensino de Geografia consideramos em primeiro lugar, a importância de valorizar e respeitar os diferentes sujeitos que produzem e habitam os lugares, em especial, a população negra, junto aos demais sujeitos. De acordo com Santos (2007), as relações raciais constroem estruturas espaciais que, por sua vez, afetam as nossas vivências e experiências na produção do espaço geográfico. Dito isso, urge aos professores mobilizarem ações didáticas que despertem nos estudantes a construção de um olhar de aceitação do outro, independente da sua raça sem que haja distinção.

Segundo Barbosa e Teixeira (2020) e também o IBGE (2019), os negros são a maioria em situação de rua e nas prisões, e constituem as maiores vítimas de homicídio. Assim sendo, estes fatores representam como tal parcela da população se encontra dentro



deste contexto de vulnerabilidade social, desvelando de igual modo, o racismo estrutural presente no corpo social.

Para entendermos este cenário social, analisamos o processo de urbanização brasileira, que se deu de forma tardia, desigual, e a partir de um combinado de espoliação do trabalho pelo capital. Devido a este processo desordenado, desigual e sem planejamento, no Brasil, existem cerca de 13 milhões de pessoas vivendo em favelas e, 45 milhões em moradias com saneamento básico precário, de acordo com Barbosa e Teixeira (2020).

Em contrapartida, é de suma importância reconhecermos que vivemos em um Estado neoliberal, cujo objetivo é a privatização de patrimônios e funções públicas. Logo, os hospitais sofrem brutalmente. Conforme o IBGE, 70% da população negra brasileira depende do Sistema Único de Saúde para o atendimento de todos os graus.

As explicações sócio-históricas das desigualdades em **saúde baseiam-se na ideia de que a saúde é um produto social e algumas formas de organização social são mais saudias que outras**. Assim, os mesmos processos que determinam a estruturação da sociedade são aqueles que geram as desigualdades sociais e produzem os perfis epidemiológicos de saúde e raça (BARATA, 2009, p. 23, grifo nosso).

Desta forma, entendemos que a classe social possui total relação com os aspectos relacionados à saúde, que por sua vez, implicam tanto na presença de certas doenças, quanto no acesso e dependência ao sistema de saúde.

Ademais, Barata, ainda afirma que a população negra sofre sistematicamente maior desvantagem social e:

A concentração desta população é maior nas regiões mais pobres do país, seu nível de desenvolvimento humano é inferior ao da população em geral, o acesso ao saneamento básico, educação e postos de trabalho também é significativamente menor (BARATA, 2009, p. 61).

Neste sentido, o ensino de Geografia, trabalhado em uma perspectiva de visão de espaço e de tempo pode promover uma leitura crítica de mundo, de modo que os estudantes possam desconstruir a concepção do negro como uma raça inferior aos demais sujeitos que compõem a sociedade, pois essa visão é uma distorção construída artificialmente e, por sua vez, produz relações sociais hierarquizadas.

Neste ínterim, alguns dos materiais produzidos, tiveram como principal intuito abordar esta temática de extrema importância e relevância social. Através destes materiais (Figura 1), buscamos explicar o conceito de racismo, baseado em Almeida (2018), e diferenciar conceitualmente o racismo institucional do racismo estrutural. Entendemos então que racismo institucional perpassa a esfera pessoal e atinge o âmbito das instituições públicas ou privadas, agindo de forma segregar e tratar de forma diferenciada, distintos grupos segundo sua cor, raça ou etnia. Já o estrutural se refere a discriminação e segregação a partir da naturalização de hábitos, situações cotidianas e falas preconceituosas.



fatores biológicos, mas também, na compreensão da potencialização de suas causas, que se relacionam e são ressaltadas nos fatores ligados a desigualdade social. Para isso, com base nos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, montamos uma série de gráficos com o intuito de demonstrar os dados da desigualdade na prática, e como eles estão conectados aos fatores de raça/cor.

## O racismo e a Covid-19

O racismo não possui tempo e espaço, mesmo no período da pandemia da Covid-19, momento que se espera outra lógica de pensamento em relação à desigualdade e preconceito. Estamos vendo no mundo todo, atos violentos cometidos contra a população negra. Policiais agredindo sem supostos motivos, pessoas negras não sendo atendidas por conta de sua cor ou a pré-disposição de ser um bandido, pessoas sendo mortas em confrontos ou pela condição socioeconômica do negro, dados não computados em relação à população negra, dentre outros.

A leitura espacial da Covid-19, nos mostra que esta pandemia tem afetado mais a população negra, dado ao racismo estrutural, em todo o mundo. Porém, o debate de questões étnico-raciais no ensino de Geografia é um dos caminhos a percorrermos para enfim promovermos mudanças, na condução de uma sociedade mais igualitária. Segundo a Lei nº 11.645/08, a História e a Cultura Afro-Brasileira devem estar presentes no currículo escolar como forma de combate à produção e reprodução do racismo na sala de aula. Rodas de conversas, discussões e leituras de textos jornalísticos podem se tornar ações didáticas capazes de mobilizar os estudantes a lerem o mundo sob a perspectiva crítica, permitindo assim, o seu entendimento a respeito da necessidade de políticas públicas de saúde para toda a população, independentemente de sua etnia ou raça.

Por conseguinte, é possível identificar a vulnerabilidade que as pessoas de pele negra têm sofrido em seu cotidiano, no contexto do

coronavírus, haja vista, a falta de leitos nos hospitais, maiores índices de complicações e mortes, se comparados à população de cor branca, ocasionados pela falta de acesso ao SUS, desde medicamentos à internações em UPAs e unidades hospitalares do sistema público de saúde, em todo o Brasil. Feito isso, os estudantes conseguirão enxergar os sujeitos de pele negra dotados de direitos à vida, por meio de condições dignas de acesso ao tratamento da Covid-19.

Santos (2007) nos mostra que o provimento de uma educação antirracista na direção da diversidade e igualdade racial se desenvolve pelo currículo praticado. Assim, é o momento de reconhecermos o papel e a importância de cada indivíduo dentro da totalidade, para sabermos o seu lugar no mundo, para nele intervir e transformar, apesar da cor da sua pele.

## Considerações finais

Neste artigo analisamos geograficamente como o racismo é manifestado e evidenciado no contexto da pandemia por Covid-19. Para isso, trabalhamos com dados empíricos e autores da área, para brevemente comprovarmos que o racismo foi potencializado durante a pandemia. Evidenciando, desta forma, que a população negra e periférica, além de sofrer com os malefícios do enfrentamento ao vírus, também sofre com o racismo enraizado na estrutura social e nas instituições.

Por fim, através da produção destes materiais, tivemos o objetivo de levar a temática até a escola básica, e assim, contribuir com a luta antirracista. É notório também, que o Estado neoliberal visa o sucateamento das instituições públicas e o SUS (Sistema Único de Saúde) é o mais afetado, embora seja o mais utilizado durante a pandemia do coronavírus. O que queremos dizer com isso? Queremos mostrar que um Estado que visa o bem-estar social valoriza as instituições públicas, a fim de reduzir os impactos da pandemia sob a população.

Desta forma, concluímos que a análise dos efeitos da pandemia sobre a população negra se dá através do tripé: Estado neoliberal-desigualdade social-racismo. Tendo em vista, que a letalidade do vírus não se refere apenas a um fator biológico, mas também aos fatores vinculados a este tripé.

## Referências

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.
- BARATA, Rita Barradas. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. p. 120 (Coleção Temas em Saúde).
- BARBOSA, Jorge Luiz; TEIXEIRA, Lino. Territórios populares entre as desigualdades profundas e o direito à vida. *In:* CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Covid-19 e a crise urbana [recurso eletrônico]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 67-77. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/471/423/1648-1> Acesso em: 16 fev. 2021.
- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Kopen. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 30 mar. 2021.
- IBGE EDUCA. **Conheça o Brasil – População Cor ou Raça.** Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei nº 10.639. *In:* \_\_\_\_\_. (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 21-40.
- SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; CUNHA, Charles Prado. Materiais didáticos sobre Covid-19 no ensino de Geografia. *In:* MELLO, Roger Goulart; FREITAS, Patrícia Gonçalves de (Orgs.). **Covid-19 [recurso eletrônico]: impactos da pandemia no Brasil e no mundo.** v. 2. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020. p. 50-65. Disponível em: <https://www.editorapublicar.com.br/covid-19-impactos-da-pandemia-no-brasil-e-no-mundo-volume-2>. Acesso em: 16 fev. 2021.

## OS REFUGIADOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19

*Beatriz Carvalho Torres*

*Ana Claudia Ramos Sacramento*

**E**m um mundo globalizado, onde as redes e os fluxos devem estar totalmente conectados, e uma população que de forma geral é vista de maneira igualitária, o que observamos, no entanto, são grupos de pessoas que precisam sair de seus lugares em busca de segurança.

Segundo Barbalho (2019), o mundo contemporâneo tem sido impactado por várias crises humanitárias, que são parte do produto de uma sociedade por vezes perversa, uma vez que muitas pessoas se deslocam por questões de conflitos sociais, econômicos ou políticos, guerras civis, dentre outros. Assim, é importante compreender como as diferentes formas de violência dentro do território colidem com a vida de milhares de pessoas, que se veem impotentes em relação às ações cruéis que as desumanizam. Por sua vez, essas pessoas são obrigadas a fugirem de seus lugares de vivência e partir para outros territórios desconhecidos, com lógicas econômicas, sociais, culturais e políticas diferenciadas.

Desde o início de 2020, o mundo tem vivido os diferentes problemas e dilemas por conta da Covid-19, onde muitas fronteiras

foram fechadas na tentativa de se conter o avanço da doença entre os distintos territórios locais, regionais e mundiais. Diante disso, nos perguntamos: Como estão vivendo os refugiados? Quais são as principais ações realizadas para garantir a vida dessas pessoas? E quais são os impactos na sua vida cotidiana?

A Agência da ONU para os Refugiados (ACNUR) tem buscado dar auxílio para os mais 79.500 milhões de refugiados espalhados pelo mundo em diferentes campos de concentrações, abrigos, casas acolhedoras, dentre outros espaços. Para o alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), os refugiados são pessoas

que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição, relacionados à raça, à religião, à nacionalidade, ao pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, ou devido à grave violação dos direitos humanos e aos conflitos armados (ACNUR, 2020d).

Sendo assim, migrante é aquele que mesmo com o seu “**descolamento voluntário** em busca de melhores condições de vida, pode retornar ao país de origem sem riscos, pois conta com proteção estatal. **Por outro lado, essas pessoas não contam com proteção internacional específica**, dependem das leis e processos internos de cada país” (ACNUR, 2020d, grifo nosso).

Desta maneira, esses refugiados precisam de segurança e proteção dos países onde se encontram para conseguir sobreviver. Segundo Neto e Menacho (2020), eles acabam se tornando mais vulneráveis, visto vez que muitos estão desempregados ou vivendo em lugares lotados, em condições insalubres. Paloschi e Luz (2020) ainda enfatizam que a Covid-19 trouxe a questão da crise da saúde pública, e que problematizou a questão dos direitos humanos, bem como as proteções legais. Já que cada país vive diferentes aspectos de desigualdade econômica assim como social, o que impacta no sistema de saúde e, conseqüentemente, na complicada situação dos refugiados.



Então por que estudar este tema no ensino de Geografia? Como pensar a espacialização desses refugiados pelo mundo? Segundo Barbalho (2019), esse tema apresenta um grande desafio, pois precisamos desconstruir a ideia referente sobre o que é ser um refugiado, além de compreender as dinâmicas territoriais dos fluxos dessas pessoas, os impactos na segurança da nacional, as políticas recorrentes a respeito dos refugiados e as condições de vivências nos não-lugares, dentre outros.

Braga e Karol (2015) corroboram com essa discussão ao explicarem que a necessidade do ensino de Geografia para se trabalhar com o tema dos refugiados consiste no fato de compreendermos a configuração dessas pessoas que precisam viver em outros territórios que não os delas. O debate sobre o refugiado é parte de uma análise do mundo contemporâneo, devido ao grande número de fluxos que temos observado nos últimos anos, especialmente, pela dinâmica migratória dos refugiados que precisam de medidas políticas de segurança.

Este texto, portanto, é parte do Projeto de Iniciação à docência UERJ-Cetreina (2018-2020): “Didática e Mediação dos professores de Geografia de São Gonçalo”, e das atividades do Projeto de Extensão (UERJ-Cetreina): “Oficinas escolares de Geografia: diferentes ações didáticas” (2016-até o presente momento).

A metodologia está baseada em uma perspectiva qualitativa Bodgan e Biklen (1994), onde os autores defendem a importância da seleção do que seja mais necessário para a análise de uma dada pesquisa. Assim, para os autores, a dinâmica do conhecimento é orientada pela organização da coleta de dados, de sua organização e de suas críticas, que contribuam para a discussão do objeto e do sujeito a serem estudados.

À vista disso, este artigo está estruturado com base nos materiais didáticos produzidos sobre a Covid-19 com a temática “Situação dos refugiados em tempos de pandemia da Covid-19”.

Estes materiais destacam os organismos internacionais e os principais blocos econômicos e suas ações durante a pandemia da Covid-19. Tais materiais foram organizados, a partir algumas etapas: 1) coleta de dados e materiais sobre o tema em *sites* científicos de organismos internacionais, de jornais e revistas do tema; 2) seleção do material a ser escrito; 3) escrita do material em formato de boletim; 4) reunião para discussão do texto; 5) correção do texto; 6) diagramação do boletim; 7) distribuição nas redes escolares.

Assim, o objetivo aqui é discorrer sobre as ações referentes a Covid-19 em diferentes escalas geográficas e agentes de ajuda para os refugiados.

Desta maneira, o texto foi organizado em quatro partes: a primeira, faz pequenas ponderações sobre a questão dos refugiados no mundo; o segundo momento, discorre sobre a situação dos campos de refugiados pelo mundo no contexto da Covid-19; a terceira parte, mostra a situação dos refugiados no Brasil. Já a quarta divisão, aponta para a situação dos refugiados durante a Covid-19, no Brasil.

## **A questão dos refugiados: algumas ponderações e a questão da Covid-19**

Como já dito, os refugiados são pessoas que saem forçosamente de seu território por questões políticas, econômicas, de guerra, dentre outros. Desta feita, esses refugiados partem para outros países em busca de abrigo, proteção e uma vida melhor.

De acordo com Karol e Braga (2015), os deslocamentos atuais dos refugiados não estão apenas associados a conflitos ideológicos, mas também a questões territoriais. Os autores discorrem que as empresas transnacionais de agronegócios, por exemplo, na África e na América Latina, têm interesse nas produções locais e, por conta disso, as comunidades são obrigadas a irem para outros lugares.

Uma das dificuldades encontradas pelos refugiados está no período de pedido de acolhida do país-destino por conta do

significado que cada lugar, em suas leis, pode interpretar de maneira distinta um refugiado. Karol e Braga (2015) mencionam que a falta de uma distinção acaba dificultando o reconhecimento do *status* de refugiado pelos Estados.

Existem leis específicas para esses casos, por isso, a necessidade do reconhecimento jurídico, a fim de que os refugiados tenham assistência e proteção internacional. Para tanto, ao longo do tempo, ações humanitárias, materializadas em declarações, leis e programas estabeleceram o significado de refugiado, situações que poderiam levá-lo a pedir acolhimento em outro país, e que tipo de ajuda tal país pode lhe oferecer, dentre outros.

Karol e Braga (2015) ainda explicam, de acordo com Piovesan (2001), questões relacionadas aos refugiados, sendo elas: a) ameaça ou violação aos direitos humanos universais; b) o abandono pela pessoa do seu país de origem por conta de algum tipo de perseguição; c) o país de acolhimento precisa garantir direitos básicos; e d) solução do problema dos refugiados.

Assim, todos os países que recebem os refugiados precisam ter um plano de ação para ajudá-los, a organizarem as suas vidas, para que no mínimo, tenham uma estabilidade social, econômica e psicológica. Por isso, o estudo sobre os refugiados impacta na conjuntura atual por tantas demandas que temos visto nos últimos anos.

Para que os estudantes compreendam a importância do tema, foi organizado um boletim informativo sobre os assuntos referentes a ele: o significado do refugiado, os dados referentes ao número de refugiados no mundo, os principais países que os acolhem e os campos de concentração. O material da Figura 1, mostra mais de 79 milhões de refugiados espalhados por diversos territórios, isso significa, crianças, jovens, adultos e idosos sem lares, em busca de um abrigo ou de proteção.

Figura 1 – Boletim informativo sobre os refugiados



Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Este material abre possibilidades para que o estudante tenha um contato inicial com o tema, e entenda a dinâmica e a situação dos refugiados de forma geral. Sobre a Covid-19, o alto-comissariado das

Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) tem chamado atenção quanto à necessidade de os refugiados terem acesso ao serviço de saúde em todo o mundo. A prevenção e a inclusão dessas pessoas deve estar nas respostas de todos os países que os recebem. As ações dessa agência da Organização das Nações Unidas (ONU) são orientadas em diferentes países de acordo com suas estruturas e condições econômicas, sociais e políticas (ACNUR, 2020a).

A matéria de OXFAM (2020) atende também para a invisibilidade dos refugiados e migrantes, durante esse período de pandemia. Em seu artigo, eles relatam que muitos vivem de pequenos comércios, e por conta do fechamento das atividades comerciais, essas pessoas ficaram sem renda.

Segundo Paloschi e Luz (2020) muitas pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica, se encontram assim, justamente por conta da falta de acesso ao saneamento básico, saúde e trabalho. Muitos deles não possuem documentação para ter algum tipo de atendimento. E com medo de serem deportados ou detidos, acabam desistindo de receberem assistência. As autoras ainda ressaltam, por exemplo, guerras civis que geram problemas sociais graves, como sistema de saúde fragilizado, situação política tensa e caótica, problemas econômicos, ou seja, a população fica acuada, assim, como os refugiados que estão em campos ou abrigos e não têm condição alguma de vida.

## **A situação dos campos de refugiados pelo mundo no contexto da Covid-19**

Os campos de refugiados têm sido impactados no mundo inteiro devido à quantidade de pessoas que tem se deslocado. Esses lugares, que seriam temporários, construídos por governos, organizações internacionais e outras entidades, a fim de que essas pessoas pudessem ter abrigo enquanto a solução a respeito do seu acolhimento era esperada, se transforma em um lugar fixo.

Por isso, os muitos campos estão se tornando cidades, onde existem preocupações com a precariedade de estrutura, as condições climáticas, a falta de água e de saneamento básico. Elas estão cada vez mais ocupadas, portanto, se tornam insalubres, devido à falta de investimento na promoção de condições mínimas de saúde e segurança.

Durante a pandemia da Covid-19, o número de casos no mundo inteiro aumentou rapidamente, atingindo até final do mês de junho, cerca de 13 milhões de casos confirmados e de 574 mil mortes. Neste cenário, os campos de refugiados se constituem em localidades mais vulneráveis à propagação deste vírus.

O refugiado, ao sair de seu país de origem, até que seja regulamentado no país que o recebe, permanece semanas ou anos nos campos ou acampamentos. E muitas vezes esses lugares têm superlotação. Na maioria dos casos, ele vive em um espaço de menos 3,5 metros quadrados, o que facilita a aglomeração. Há uma estimativa de 250 deles compartilhando uma torneira. Essa repartição de objetos, gera a exposição e o contágio mais rápido da doença.

Paloschi e Luz (2020) destacam que os refugiados não têm possibilidades de distanciamento social, pois a movimentação dentro e fora dos campos é complexa, já que estes, são lugares que dependem da entrada de serviços, materiais e suprimentos.

Podemos destacar algumas condições de precárias moradias pelo mundo, como aponta a matéria do R7 (2020) a respeito de um surto da doença em abril de 2020, em Portugal, que colocou 189 refugiados em risco em um albergue, para os que não encontraram vagas nos abrigos do governo. Os refugiados dividiam dependências e viviam em condições de precariedade, sem água e higiene.

Esta realidade é vivida por grande parte dos refugiados, que ao saírem de seus países, de forma emergencial, muitas vezes, sem uma rede de apoio ou parentes (mortos pela guerra) e sem condições

financeiras, precisam viver em comunidades carentes ou na rua, sem acesso a infraestruturas necessárias para enfrentarem a pandemia.

Além disto, outras condições instáveis acompanham o cotidiano dos refugiados e proporcionam maior vulnerabilidade a eles, como: dificuldade de acesso aos sistemas de saúde, fechamento do comércio, o que leva ao desemprego e dificulta a sobrevivência no novo país. Dessa forma, quando há um aumento dos casos de Covid-19 no mundo, estes grupos se tornaram mais suscetíveis à doença. Como forma de prevenção, no caso do campo de refugiados na Síria, a defesa civil desinfetou o espaço para que eles pudessem ter alguma segurança sanitária, conforme observamos na Figura 2.

As comunidades de refugiados têm recebido orientações das agências de ajuda humanitária e de organizações não-governamentais (ONGS) a respeito da importância do *lockdown*, através de ações educativas, como no campo de Kutapalong, Bangladesh. Além disto, muitos deles, têm se unido para realizar ações conjuntas aos diferentes refugiados na prevenção da doença.

No campo de *Zaatari*, Jordânia, por exemplo, as mulheres se engajaram na produção de sabonetes para a profilaxia de suas famílias, além da produção de máscaras, confeccionadas por muitos voluntários refugiados em outros acampamentos (ACNUR, 2020b).

Essas ações realizadas pelos próprios refugiados são importantes para conscientização a respeito da pandemia. Seguir as medidas sanitárias ajudam a todos e diminuem os casos de Covid-19, mesmo diante das questões sanitárias relatadas sobre os campos.

**Figura 2** – Boletim informativo sobre medidas de prevenção nos campos de refugiados

**SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 PARTE 2**

**OS CAMPOS DE REFUGIADOS PELO MUNDO NO CONTEXTO DE PANDEMIA DO COVID-19:**

Durante a pandemia da Covid-19, o número de casos no mundo aumentou rapidamente, atingindo até final de maio de junho cerca de 13 milhões de casos confirmados e de 574 mil mortes pela doença. Nesse contexto os campos de refugiados são localidades mais vulneráveis a propagação desta vírus.

O campo Kutupalong, Bangladesh (maior campo de refugiados no mundo) teve seu primeiro caso confirmado na primeira semana de maio. Conta com a população de 855 mil Rohingya, uma minoria muçulmana perseguida em Myanmar, pais vizinhos.

**SITUAÇÕES QUE FACILITAM O CONTÁGIO NOS CAMPOS**

**Aglomeração nos campos e acampamentos:**

O refugiado, ao sair de seu país de origem, até que sejam regulamentados nos países que o recebem, fica sem-teto ou em campos ou acampamentos. Muitas vezes essas lugares têm superlotação. Por vezes ele vive em um espaço de menos 3,5 metros quadrados, o que facilita a aglomeração, ou uma estimativa de 250 deles compartilhando uma latrina, o que pode proporcionar um contágio mais rápido da doença e expor ao risco estas estrangeiras.

**Condições precárias de moradia:**

Em Portugal, um surto da doença em abril de 2020 colocou 188 refugiados em risco, em um albergue para os que não encontraram vagas nos abrigos do governo. Os refugiados dividiam dependências e viviam em condições de precariedade, sem água quente.

Essa realidade é vivida por estes refugiados que ao saírem de seus países de forma emergencial, muitas vezes, sem uma rede de apoio ou parentais (mortos pela guerra), sem condições financeiras. Eles precisam viver em comunidades carentes ou na rua, sem acesso a estas infraestruturas necessárias para passar pela pandemia.

Além disto, outras condições acompanham o cotidiano dos refugiados e proporcionam maior vulnerabilidade a esta, frente à pandemia como: dificuldade de acesso aos sistemas de saúde, fechamento do comércio, o que leva muitos ao desemprego e maior condição de sua manter nestes países e de ter acesso às infraestruturas. Dessa forma, quando há um aumento dos casos de Covid-19 no mundo, estes grupos se tornam mais suscetíveis à doença, por estarem nestas condições apresentadas.

**FIGURA 1: DEFESA CIVIL DESINFETA BARRACA EM CAMPO DE REFUGIADOS NO NOROESTE DA SÍRIA.**

Fonte: ANAÏF WAZJADI / AFP  
https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html

**FIGURA 2: ÔMO FAZ TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO NO CAMPO DE KUTAPALONG, BANGLADESH.**

**FIGURA 3: MULHERES NO CAMPO DE ZAATARI, JORDÂNIA, PRODUZINDO MÁSCARAS.**

**VIDE: COVID-19 CHEGA AO MAIOR CAMPO DE REFUGIADOS DO MUNDO (ONU BRASIL)**  
https://www.youtube.com/watch?v=PyWg8PvU8

**FONTE CONSULTADAS**

Agência de notícias: <https://www.bbc.com/portuguese/health-52692041>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>  
<https://www.anaifwazjadi.com.br/ultima-noticia/cdp/2020/03/06/condicoes-de-acaracao-em-campo-de-refugiados-da-siria-e-falta-de-agua.html>



## A situação dos refugiados no Brasil

O Brasil é um país aberto para receber os refugiados de todo o mundo, em razão da Lei nº 9.474 de 1997, que estabelece procedimentos para determinar a condição do refugiado, além de determinar direitos e deveres dos solicitantes para o refúgio, bem como possíveis soluções para esta população específica. O Ministério das Relações Exteriores argumenta que a Lei Brasileira de Refúgio considera o refugiado como

todo indivíduo que sai do seu país de origem devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas imputadas, ou devido a uma situação de grave e generalizada violação de direitos humanos no seu país de origem (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 1997).

Assim, todos aqueles que se sentirem em alguma destas situações possui o direito de solicitar o refúgio, que é decidido pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) vinculado ao Ministério da Justiça, das Relações Exteriores, do Trabalho, da Saúde, da Educação, do Departamento de Polícia Federal e de organizações da sociedade civil, dedicadas a oferecer assistência, integração local e proteção aos refugiados, como a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e de São Paulo, e a Comissão Pontifícia Justiça e Paz.

A ACNUR junto com outras instituições desenvolveu um material, chamado “Cartilha pra Solicitantes de Refúgio no Brasil”, que tem o objetivo de dar informações sobre os procedimentos de entrada no país (ACNR, 2020a).

De acordo com dados divulgados em 2020, o Brasil cresceu seu número de refugiados. Atualmente, cerca de 82 mil apresentaram solicitação de refúgio, principalmente, venezuelanos, devido à crise econômico-política no país. As pessoas reconhecidas em 2019, foram 31.966.

O maior número de refugiados em busca de abrigo no Brasil veio da Venezuela, 65% de solicitações, seguido do Haiti (20%) e Cuba (4,8%). Todos os primeiros da lista são refugiados vindos de algum país do continente americano, ou seja, 90% dos pedidos de reconhecimento.

Ainda de acordo com Silva, Cavalcanti, Oliveira e Macedo (2020), a região Norte recebeu o maior número de pedidos 81,7%, sendo como solicitantes: principalmente, a Venezuela (26.599), o Senegal (392), Cuba (130) e Haiti (73). Roraima foi o estado que concentrou o maior número de solicitações 56,72%, seguido do Amazonas, 23,38%. Os venezuelanos que solicitaram refúgio nestas duas UFs (26.541) representavam 79,33%. Outro destaque foi São Paulo, com 8,5%. Dessas pessoas solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado, tinham como origem, especialmente, a Venezuela (441), Angola (339), Síria (243), Nigéria (210) e a República Democrática do Congo (187).

### **A situação dos refugiados no Brasil durante a Covid-19**

O refugiado vive longe de seu país de origem e a adaptação à nova cultura nem sempre é fácil, ainda mais se associado a uma pandemia global. O fato de muitos ainda viverem em acampamentos e/ou em condições precárias, em busca de uma fonte de renda, dificulta, em muitos casos, a possibilidade de prevenção. Algumas medidas foram tomadas por autoridades para garantir a segurança dos refugiados durante a pandemia de Covid-19. A ACNUR (2020c) alega que não tem dados de quantos refugiados contraíram Covid-19, mas acha que foram muitos neste período.

Uma das ações para o combate ao vírus em Roraima, entrou em ação no início de junho, que foi: o funcionamento de uma ala especial para atender refugiados e migrantes no hospital de campanha construído. Além disso, algumas agências internacionais, como a ACNUR (2020c), têm disponibilizado itens de emergência,

de higiene, para as famílias, bem como acesso às informações sobre as formas de prevenção nos abrigos no Norte do Brasil, através da distribuição de panfletos e transmissão em rádios comunitárias. Outra ação tem sido a distribuição de um auxílio financeiro a pessoas refugiadas em maior situação de vulnerabilidade.

Muitos refugiados receberam o auxílio emergencial, para que pudessem se manter financeiramente no período da pandemia. De acordo com dados do Poder 360 (2020), consultados da Caixa Econômica Federal, São Paulo, Roraima e Amazonas tiveram o maior número de auxílios pagos, e em todo país, mais de 149 mil receberam o auxílio, somando o total de mais de R\$ 60.000,000,00.

### **O estado do Rio de Janeiro e a questão do refugiado no período da pandemia: os casos da cidade do Rio de Janeiro e São Gonçalo**

Algumas ações foram feitas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, como a elaboração de cartilhas em quatro línguas diferentes com fins de conscientização e orientação para imigrantes e refugiados. Ademais, grupos de ajuda a refugiados, como o Pares Cáritas-RJ disponibilizou atendimento via *WhatsApp*, e ajuda financeira às famílias refugiadas em extrema vulnerabilidade (CÁRITAS, 2020). A Figura 3, apresenta a atuação da cidade do Rio de Janeiro durante a pandemia, no tocante a ajuda aos refugiados.

## Figura 3 – Panorama dos refugiados na cidade do Rio de Janeiro



### SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 PARTE 5

**PANORAMA DOS REFUGIADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

O Brasil em 2020, segundo dados do CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) conta, no momento, com cerca de 43 mil refugiados reconhecidos no país. Destes, 88% (38 mil) são Venezuelanos.

O primeiro estado com maior índice de solicitações de refúgio em 2018 foi na Região Norte do país, Roraima (com 50.770). São Paulo (Região Sudeste) está em 3º lugar com 9.977 solicitações e o Rio de Janeiro em 7º com 752 solicitações. Entretanto, segundo o órgão, estes números têm elevado a cada ano.

Além disto, em relação à acolhida dos refugiados, o estado mais acolhedor, segundo dados da CIM, é o Rio Grande do Sul, sendo o Rio de Janeiro a quinta capital receber mais refugiados, de maioria venezuelana.

A cidade do Rio de Janeiro é uma das principais cidades do país e conta com uma estrutura para assistência de refugiados. Além, de órgãos do governo como SUAS (Sistema Único de Assistência Social) que presta auxílio aos refugiados, migrantes e solicitantes de refúgio, juntamente com a atuação das Secretarias Estaduais, há também o apoio de ONGs ligadas a ANCNUM (Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados) como a Cáritas-RJ. Esta instituição em 2019 divulgou o número de pessoas por países atendidas nos programas (Tabela 1).

**FIGURA 1: ALUNOS EM CURSO DE T.I. PELA ONG CARITAS.**



Foto: Diogo Felix  
<https://nacoesunidas.org/caritas-capacita-refugiados-no-rio-de-janeiro-em-tecnologia-da-informacao/>

**SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Durante a pandemia são muitos os impactos causados aos refugiados, devido à falta de emprego, à dificuldade para assistência, que faz com que muitos não tenham condições para ter acesso às condições básicas como alimentação, saúde e moradia. Muitos refugiados que vivem na cidade do Rio de Janeiro contaram com o auxílio de doações de ONGs de kits de alimentação e higiene, além de doações para o pagamento de alugueis.

Além disto, a UERJ continuou disponibilizando as aulas online de português para refugiados através das redes sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp, com o objetivo de auxiliar os alunos com limitado acesso à internet e aprenderem o idioma, a fim de poderem ser concorrentes no mercado de trabalho.

**COMO O RIO DE JANEIRO ESTÁ COM A QUESTÃO DOS REFUGIADOS NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA.**

Algumas ações estão sendo feitas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro como a elaboração de cartilhas em quatro línguas diferentes para conscientização e orientação para imigrantes e refugiados (Figura 2). Além disto, grupos de ajuda a refugiados como o Pares Caritas-RJ tem disponibilizado atendimento via Whatsapp, e ajudas financeiras as famílias refugiadas em extrema vulnerabilidade.

**FIGURA 2: CARTILHAS DISPONIBILIZADAS PELA SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.**

**SES-RJ lança guia para imigrantes e refugiados em quatro línguas.**



Foto: <https://coronavirus.rj.gov.br/covid-19-orientacoes-para-imigrantes-e-refugiados/>

**FONTES CONSULTADAS**

<http://www.caritas-rj.org.br/grupos-de-orientacao.html>  
[http://mccfca.prefeitura.rio.gov.br/contato/201807/Protocolo\\_MigreRio.pdf](http://mccfca.prefeitura.rio.gov.br/contato/201807/Protocolo_MigreRio.pdf)  
<http://www.caritas-rj.org.br/numeros-refugiado-no-brasil.html>

**TABELA 1: NÚMERO DE PESSOAS ATENDIDAS PELA CARITAS-RJ EM 2019.**

País	Total
Venezuela	1.082
R.D.Congo	320
Angola	279
Colômbia	180
Cuba	103
Senegal	92
Síria	71
Guiné Bissau	37
Marrócos	32
Nigéria	28
Togo	25
Bangladesh	24
Argentina	24
Haiti	23
Outros	290

Fonte: <http://www.caritas-rj.org.br/numeros-atendimentos-na-caritas-rj.html>

O auxílio a refugiados no Rio de Janeiro, através destas ONGs conta com o abrigo de refugiados venezuelanos em casas de acolhida como a casa Papa Francisco, no Recreio, além da orientação necessária para solicitação de refúgio, aulas de português em parceria com a UERJ, contato de refugiados com alunos das escolas públicas do Grande Rio, além de cursos profissionalizantes como Tecnologia da Informação (Figura 1).




Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr. Ana Claudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia.  
 Bolsas DI-Cetrenna-Lier: Didática e Mediação dos Professores de Geografia de São Gonçalo.  
 Thais Alves e Beatriz Torres.  
 Informativo LI - 30 julho de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Os materiais didáticos produzidos para as escolas trouxeram contribuições do Brasil, Rio de Janeiro e São Gonçalo, com referências as ações feitas para os refugiados durante a pandemia, como mostra a Figura 4.

## Figura 4 – Boletim informativo sobre os refugiados em São Gonçalo (RJ)



### PANORAMA DOS REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO GONÇALO

A cidade de São Gonçalo está localizada na porção Leste da Região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, conforme apresenta a figura 1. De acordo com a última estimativa do IBGE em 2019, constava com uma população estimada de 1.084.839 de Habitantes.

**FIGURA 1: MAPA DA CIDADE DE SÃO GONÇALO**



Fonte: Artur Alves Bispo dos Santos, 2018.

### REFUGIADOS EM SÃO GONÇALO?

Mesmo com o alto número populacional São Gonçalo possui uma comunidade de refugiados, ainda baixa em relação à cidade do Rio de Janeiro.

Até setembro de 2018 cerca de 52 famílias refugiadas foram acolhidas na cidade. Entre eles, do Congo, Angola e Venezuela. Sendo cerca de 19 congoleses, 14 angolanos e 5 venezuelanos. Dentre estes, 12 famílias congolesas vivem no Bairro de Jardim Catarina, uma família apresentada na figura 2. Este acolhimento vem através da parceria entre moradores dos bairros e a ONG Cáritas – RJ, AVSI Brasil Além da Enel.

**FIGURA 2: FAMÍLIA REFUGIADA DO CONGO EM CASA ALUGADA NO JARDIM CATARINA, SG, 2017.**



Foto: Thiago Freitas – Extra  
<https://extra.globo.com/noticias/rio/refugiados-do-congo-lutam-pela-sobrevivencia-em-sao-goncalo-212134666.html>

### COMO ACONTECE ESSE ACOLHIMENTO?

Sabe-se que muitos refugiados vivem em situações precárias devido ao desemprego, fruto da demora na aprovação de documentos para aprovação de refúgio, além da dificuldade da

No caso das famílias do Jardim Catarina, muitos moram com outras famílias até estabilizar suas condições financeiras.

O auxílio também vem através dos moradores dos bairros que junto com ONGs de apoio a refugiados cedem suas casas para as famílias estrangeiras.

Além disso, as ONGs auxiliam estas famílias desde sua chegada à cidade, até sua estabilização nesta. É o caso do núcleo de atendimento da Cáritas RJ, criado em 2018, localizado na Unidade de Saúde da Família Elza Borges, no Bairro de Santa Luzia, SG.

A figura 3 mostra um posto avançado que visa proporcionar algumas atividades voltadas à assistência destas famílias, preparação para o mercado de trabalho, realização de passeios culturais, auxílio transporte, aulas de Português (oferecidas pela CARITAS-RJ na UERJ), entre outras atividades.

**FIGURA 3: INAUGURAÇÃO DO POSTO DE ATENDIMENTO DA CARITAS-RJ EM SANTA LUZIA.**



Fonte: <http://www.caritas-rj.org.br/nucleo-de-atendimento-em-santaluza-goncalo.html>



**SITE DO CARITAS – RJ PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O POSTO DE ATENDIMENTO EM SANTA LUZIA, SG.**  
<http://www.caritas-rj.org.br/nucleo-de-atendimento-em-santaluza-goncalo.html>

### REFUGIADOS EM SÃO GONÇALO NO PERÍODO DA COVID-19

Os refugiados em São Gonçalo continuam recebendo as assistências de moradores, da Cáritas e de outros órgãos, além do auxílio emergencial destinados a eles. Como já destacado no informativo anterior, o Estado do Rio de Janeiro lançou uma cartilha para eles.

No Instagram de Jesus Rodriguez – Comida Típica Venezuelana, ele tem vendido comidas típicas para viver.

### FONTES CONSULTADAS

<https://extra.globo.com/noticias/rio/sao-goncalo-acolhe-familias-venezuelanas-refugiadas-jardim-catarina-uma-casa-boa-por-mes-lancado-23090159.html>  
<http://www.caritas-rj.org.br/novo-nucleo-de-atendimento-em-santaluza-goncalo.html>  
<https://www.gazetadopovo.com.br/pt/2017/04/15/50-refugiados-de-guerra-congoleses-vivem-no-cariacina-rio/c33AA-saba>

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidades (GEPGEC)- Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia,  
Bolsa ID-Cetrelina- Uerj/ Didática e Mediação dos Professores de Geografia de São Gonçalo  
Thais Alves e Beatriz Torres  
Informativo LI - 30 julho de 2020.



Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

De acordo com a última estimativa do IBGE em 2019, localizado na porção Leste da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo contava com uma população estimada de

1.084.839 de habitantes. Mesmo com o alto número populacional, a cidade possui uma comunidade de refugiados, ainda baixa, em relação ao Rio de Janeiro. O material didático produzido, então apresentou os impactos da Covid-19 no município, analisando que os bairros de Jardim Catarina e Guaxindiba recebem um grande número de refugiados e muitos moram de favor ou alugaram casas para viver. É importante destacarmos que esses bairros são considerados áreas de risco por conta do tráfego existente ali.

### **Considerações finais**

A questão dos refugiados sempre foi muito delicada e devido à Covid-19 sabemos que a situação ficou ainda pior. Por conta das restrições, muitos refugiados estavam e estão em campos, abrigos e outros lugares, em condições precárias justamente por causa da quantidade de pessoas, que acabam morando nestes espaços.

A ACNUR, principal instituição no mundo que cuida dessa problemática, busca atender essa população excluída e vulnerável, e tem criado diferentes mecanismos para ajudá-los nos diferentes países em que se encontram. Essa ajuda tem sido fundamental para a manutenção dos refugiados, especialmente, com alimentação e segurança mínimas.

Destacamos, portanto, que em diferentes territórios, o auxílio aos refugiados chega de forma precária, uma vez que os próprios Estados têm sofrido com a diminuição do comércio e dos serviços. Mesmo assim, podemos observar que no Brasil, o auxílio emergencial foi pago para uma parcela da população dita estrangeira. Além disso, a ACNUR e a Cáritas têm trabalhado para que os refugiados aqui tenham condições mínimas de sobrevivência.

## Referências

- ACNUR. **5 ações do ACNUR Brasil para proteger refugiados da Covid-19.** 2020a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/19/5-aco-es-do-acnur-brasil-para-prot-e-ger-refugiados-da-covid-19/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- ACNUR. **Covid-19: refugiados sírios se adaptam ao isolamento em campos da Jordânia.** 2020b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/04/21/covid-19-refugiados-sirios-se-adaptam-ao-isolamento-em-campos-da-jordania/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- ACNUR. **Espaço e recursos escassos: como refugiados estão lidando com a Covid-19.** 2020c. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/11/17/espaco-abrigo-e-recursos-escassos-lidando-com-a-covid-19/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- ACNUR. **Refugiados.** 2020d. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados.> Acesso em: 10 nov. 2020.
- BARBALHO, Danilo da Rocha. **Refugiados: contribuições para a evolução do tema na prática do ensino para refugiados, e sobre refugiados na Geografia.** 60 p. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.
- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Koplen. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
- BRAGA, Jorge Luiz Raposo; KAROL, Eduardo. Os refugiados, o ensino de Geografia e o tema da população. *In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de. (Orgs.). Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos.* 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência/FAPERJ, 2015. p. 241-263.
- CÁRITAS. **Grupos de Orientação.** 2020. Disponível em: <http://www.caritas-rj.org.br/grupos-de-orientaccedilatildeo.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Refúgio no Brasil.** 1997. Disponível em: <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/refugio-no-brasil>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- NETO, Sílvio Beltramelli; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das Organizações Internacionais. *In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen. Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19.* Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó- Nepo/Unicamp, 2020. p. 49-61. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/miginternacional/miginternacional.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

OXFAM. **Como estão os campos de refugiados em meio à pandemia do coronavírus?** Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/como-estao-os-campos-de-refugiados-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PALOSCHI, Alessandra; LUZ, Vanessa Lopes da. Refugiados e o Covid-19: a atuação dos Estados frente à crise humanitária durante a pandemia. **Anuário Pesquisa e Extensão**, UNOESC, São Miguel do Oeste. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/24513/14411>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PODER 360. **Mais de 149 mil estrangeiros são beneficiários do auxílio emergencial**. 03/10/2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/mais-de-149-mil-estrangeiros-sao-beneficiarios-do-auxilio-emergencial/> Acesso em: 18 jan. 2021.

R7. **Surto de Covid-19 em abrigo para refugiados deixa Portugal em alerta**. 23/04/2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/surto-de-covid-19-em-abrigo-para-refugiados-deixa-portugal-em-alerta-23042020>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SILVA, G. J.; CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Refúgio em Números. 5. ed. **Observatório das migrações internacionais**. Ministério da Justiça e Segurança Pública/Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 18 jan. 2021.



## OS IMPACTOS E AS AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS DURANTE A COVID-19

*Beatriz Carvalho Torres*

*Ana Claudia Ramos Sacramento*

**E**m um mundo globalizado onde o processo de aproximação entre os povos e as nações culmina nas relações de redes e fluxos entre pessoas, culturas, políticas, economias, observamos as integrações acontecendo em todo o mundo.

A pandemia impactou a vida de todos, inclusive, na questão da relação econômica, por isso, os grandes blocos econômicos também desenvolveram ações para se organizarem no planejamento de ajuda aos Estados-membros. Logo, a necessidade de rever as ações iniciais previstas pelos blocos para estruturar medidas preventivas em combate às mudanças decorrentes da pandemia.

Para tanto é necessário primeiramente explicarmos, o que seria um bloco econômico. Ele consiste em acordos intergovernamentais, onde são reduzidas ou eliminadas, as barreiras comerciais entre os países. O objetivo é estabelecer relações econômicas e possibilitar o crescimento dos envolvidos através de tais uniões comerciais. Desta forma, “[...] é natural que países com políticas econômicas semelhantes avancem para alianças comerciais,

buscando o comércio multilateral e aumento natural da competitividade” (MACHADO; MATSUSHITA, 2019, p. 118).

Mas por que estudar este tema no ensino de Geografia? Como pensar na localização desses blocos e como impactam a vida cotidiana da sociedade? Quais são os processos de construção e organização regional, a partir dos blocos econômicos?

Ensinar Geografia permite a leitura e interpretação de pensar geograficamente um dado fenômeno (CAVALCANTI, 2019). À vista disto, as criações dos blocos, é *a priori* uma característica regional, ou seja, algo que une os países de uma determinada região, em melhores palavras, se referem a sua localização e suas necessidades de cooperação mútua. Sabemos que os blocos não são só regionais, mas se tornam globais a partir de momento que rompem a dinâmica regional. Neste sentido, a compreensão desta eficácia espacial promove uma análise mais crítica dos blocos e seus novos arranjos.

Por isso, o ensino de Geografia potencializa a construção do conhecimento do estudante a partir das relações que os blocos estabelecem com os seus membros na busca de benefícios para seus países e assim, os setores econômicos com suas dinâmicas de produção de serviços, de atividades comerciais, industriais, são materializados nos territórios.

O objetivo deste texto é avaliar os principais blocos e suas ações na pandemia da Covid-19. A partir dele, os estudantes da escola básica poderão pensar como a regionalização dos blocos contribui para uma articulação espacial econômica nas diferentes escalas, do mundial ao regional.

Este artigo é parte do Projeto de Iniciação à docência UERJ-Cetreira (2018-2020): “Didática e Mediação dos professores de Geografia de São Gonçalo” e das atividades do Projeto de Extensão UERJ-Cetreira: “Oficinas escolares de Geografia: diferentes ações didáticas” (2016-até o presente momento).

A metodologia está baseada em uma perspectiva qualitativa de Bodgan e Biklen (1994), onde os autores defendem a importância da seleção do que seja mais necessário para a análise de uma dada pesquisa. Assim, para os autores, a dinâmica do conhecimento é orientada pela organização da coleta de dados, de sua organização e de suas análises que contribuem para a discussão do objeto e do sujeito a serem estudados.

Este texto está estruturado com base nos materiais didáticos produzidos sobre a Covid-19, com a temática: “Ações dos blocos econômicos durante a Covid-19”. Estes materiais destacam os organismos internacionais e os principais blocos econômicos e suas ações durante a pandemia. Os materiais foram organizados a partir algumas etapas: 1) coleta de dados e materiais sobre o tema em *sites* científicos de organismos internacionais, de jornais e revistas do tema; 2) seleção do material a ser escrito; 3) escrita do material em formato de boletim; 4) reunião para discussão do texto; 5) correção do texto; 6) diagramação do boletim; e 7) distribuição nas redes escolares.

O texto foi organizado então em três momentos: o primeiro, enfatiza a regionalização dos blocos e seus impactos; o segundo, fala dos os principais blocos e o terceiro, aponta os impactos durante a pandemia da Covid-19.

## **A regionalização dos blocos econômicos**

Os blocos econômicos, especialmente, os regionais se formaram inicialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, como forma de articular os países depois de uma Europa devastada com a guerra. Os estragos econômicos foram tão grandes que uma das maneiras de estruturar novamente a economia, foram os acordos comerciais. Um dos primeiros acordos, o GATT (*Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio*) realizado em 1947, tinha como objetivo reduzir barreiras comerciais, como vantagens mútuas entre 22 países de diferentes regiões do mundo. O acordo ficou válido até 14 de

abril de 1994, quando foi estabelecida a OMC (Organização Mundial do Comércio) que em 2016, tinha 164 países-membros.

Segundo Machado e Matsushita (2019, p. 120):

Dentro do contexto de um mundo globalizado, existe a tendência comercial que é a formação de blocos econômicos. Estes são criados com a finalidade de promover relações comerciais entre os países-membros mediante medidas como a redução ou isenção de impostos ou tarifas alfandegárias e a solução dos problemas comerciais em comum. São, geralmente, formados por países vizinhos ou aqueles que possuem afinidades culturais e comerciais.

Segundo Oliveira (2018, p. 26), os blocos econômicos compreendem na regionalização espacial, uma vez que a questão se torna relevante dentro dos processos de integração regional para:

(a) sua sobrevivência em um mundo de fronteiras não-políticas móveis; (b) sua capacidade de aproximar ou distanciar indivíduos, políticas públicas e poderes; e (c) sua situação em um mundo de reagrupamentos macrorregionais (por exemplo, MERCOSUL e União Europeia).

Os processos de organização dos blocos por regiões possibilitam uma dimensão espacial das ações que esses estados-membros terão para operacionalizar toda uma política econômica que dinamize a ação entre membros dos blocos, a fim de cooperar nas medidas e nos acordos estipulados entre eles. Por isso,

dentro do contexto de um mundo globalizado, existe a tendência comercial que é a formação de blocos econômicos. Estes são criados com a finalidade de promover relações comerciais entre os países-membros mediante medidas como a redução ou isenção de impostos ou tarifas alfandegárias e a solução dos problemas comerciais em comum. São, geralmente, formados por países vizinhos ou aqueles que possuem afinidades culturais e comerciais (MACHADO; MATSUSHITA, 2019, p. 120).

Desta maneira, vários países buscam fazer acordos comerciais para que possam vender e comprar seus produtos e serviços. Assim, corroborando com Oliveira (2018), a construção dos blocos,

muitas vezes não se caracterizam com uma integração regional de fato, como o caso da União Europeia, onde percebemos desigualdades e contrastes em seus países-membros. Outros blocos surgiram com a necessidade de parcerias e cooperação estritamente econômica, como o caso do MERCOSUL.

Os blocos econômicos têm suas classificações de acordo com o processo de sua criação. Podemos dizer que existem: a) áreas de livre comércio (isenção de taxas e impostos no comércio de produtos e serviços); b) união aduaneira (área de livre comércio com tarifa externa comum); c) mercado comum (integração da economia na qual mercadorias e pessoas podem circular entre países); e d) união econômica e monetária (integração da economia e a criação de moeda única para os países do bloco) (MACHADO; MATSUSHITA, 2019).

Essas classificações ajudam a compreender as diferentes etapas do processo de um bloco, assim, constatamos que existem diferenças entre eles, conforme suas características. Então o Brics não é o mesmo que a ASEAN, pois os dois possuem características de criação e espacialização diferentes.

Antes de adentrarmos na questão sobre as ações dos blocos econômicos no período da pandemia, foi desenvolvido um material, apresentado na Figura 1, que explica o que é um bloco, sua característica e importância, além de apontar os principais blocos mundiais e regionais.

# Figura 1 – Explicação sobre os blocos econômicos e suas classificações



## AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS DURANTE A COVID-19

PARTE I

### O QUE SÃO BLOCOS ECONÔMICOS?

Num mundo globalizado onde o processo de aproximação entre os povos e as nações culminam nas relações de redes e fluxos entre pessoas, culturas, políticas, economias, vemos integrações acontecendo em todo o mundo. Observamos a cada momento nossas formas de interrelações como maneiras de estruturar caminhos para melhorar as condições de cada grupo, pessoas ou países.

Sabemos que:

*"Dentro do contexto de um mundo globalizado, existe a tendência comercial que é a formação de blocos econômicos. Estes são criados com a finalidade de promover relações comerciais entre os países-membros mediante medidas como a redução ou isenção de impostos ou tarifas alfandegárias e a solução dos problemas comerciais em comum. São, geralmente, formados por países vizinhos ou aqueles que possuem afinidades culturais e comerciais"* (MACHADO, MATSUBITA, 2019, p. 120).

Desta maneira, vários países buscam fazer acordos comerciais para que possam vender e comprar seus produtos e serviços.

Os blocos econômicos principalmente os regionais se iniciaram a partir da Segunda Guerra Mundial, como forma de articular os países depois de uma Europa devastada com a guerra. Os estragos econômicos foram grandes e uma das maneiras de estruturar a economia foram fazendo acordos comerciais.

Um dos primeiros acordos foi o GATT (em português *Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio*) realizado em 1947 que tinha como objetivo reduzir barreiras comerciais, como vantagens mútuas entre 22 países de diferentes regiões do mundo. O acordo ficou válido até 14 de abril de 1994, quando foi estabelecida a OMC-Organização Mundial do Comércio que em 2016 tinha 164 países membros. O Diretor atual da organização fez pronunciamento a respeito do comércio mundial no período da covid-19 atualizada em junho de 2020.



PARA ASSISTIR ACESSE:

[https://www.youtube.com/watch?v=2020\\_06\\_23\\_dg\\_forecast\\_s\\_high.mp4](https://www.youtube.com/watch?v=2020_06_23_dg_forecast_s_high.mp4)

### CLASSIFICAÇÃO DOS BLOCOS

Os blocos econômicos têm suas classificações de acordo com o processo de sua criação. Pode-se dizer que existem:

- a) áreas de livre comércio (isenção de taxas e impostos no comércio de produtos e serviços);
- b) união aduaneira (área de livre comércio com tarifa externa comum);
- c) mercado comum (integração da economia na qual mercadorias, pessoas podem circular entre países);
- e d) união econômica e monetária (integração da economia e a criação de moeda única para os países do bloco).

### BLOCOS MUNDIAIS E REGIONAIS PELO MUNDO

Os blocos estão regionalizados pelo mundo, ou seja, a região é parte do espaço em que se apresenta de forma contígua tendo características centrais do atual período da globalização: infraestruturas de comunicação e de transportes modernas, sistemas de produção automatizados, empresas de alta tecnologia, universidades "de ponta", mão de obra qualificada, agricultura "científica" etc. ligados aos aspectos econômicos. Podemos observar no mapa a seguir os principais blocos (Figura 1)

FIGURA 1: MAPA DOS PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS DO MUNDO



Fonte: <https://tudogeo.com.br/2020/04/17/mapa-blocos-economicos/>

Tivemos vários blocos espacializados pelo mundo e muitos estão relacionadas as suas escalas regionais. Outros blocos são criados a partir de relações mundiais, ou seja, em diferentes territórios que não regionais, como o caso do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (do inglês South Africa) que estão em continentes diferentes.

### E OS BLOCOS NA PANDEMIA?

Durante esse período da pandemia, sabemos que a economia mundial foi impactada uma vez que a produção e o consumo diminuíram. A OMC (Organização Mundial do Comércio) e OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e os blocos econômicos têm buscado meios para ajudar os países que compõem seus blocos. Nos próximos boletins vamos trazer mais sobre as ações realizadas por essas organizações e pelos blocos.

### FONTES CONSULTADAS

MACHADO, Marlon Wander; MATSUBITA, Thiago Lopes. Globalização e blocos econômicos. *Revista de Direito Internacional e Globalização Econômica*, v. 1, n. 1, p. 104-132, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14415/revista/14442303>. Acesso em: 30 jun. 2020. <https://www.rdi.org/online/revista/3/1/doi/10.14415/revista/14442303>



Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC)-Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia  
Ana Cláudia Ramos Sacramento  
Informativo LXXVII – 06 de agosto de 2022.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

Este material possibilitou ao estudante o contato inicial sobre a questão da regionalização e mundialização dos blocos.

## Os principais blocos econômicos do mundo

O mundo é dividido, como já relatado, de acordo com algumas características regionais ou globais. Cada bloco se configura e se organiza para obter parceiras comerciais que sejam válidas para todos os estados-membros. Desta maneira, o objetivo aqui é discorrer sobre alguns blocos econômicos mundiais e regionais. Neste texto, foram escolhidos os blocos: União Europeia, MERCOSUL, APEC e Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral. Portanto, eles serão retratados neste material.

A União Europeia prevê uma integração social, econômica e política dos seus países- membros. Dentre as características desta integração está: a) a livre circulação de bens, pessoas, mercadorias, serviços, capitais e trabalhadores; b) adoção de uma moeda única: o Euro; c) garantia de política externa e de segurança comum; d) políticas de imigração e cooperação judiciária e policial.

Oliveira (2018, p. 97) destaca que o processo de construção da União Europeia (UE) ocorreu pela necessidade de os Estados europeus pensarem nas questões de suas deficiências em diferentes situações, tanto econômicas, quanto políticas. Mas sabemos que a partir do momento em que se deu o aumento de participantes, se passou a ter mais diversidade e, com isso, desigualdade e, contraste social e econômico entre os países. Ou seja, “[...] o caráter da integração regional europeia tornou-se mais complexo”.

O bloco possui 27 países-membros, entre eles: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Grécia, Itália, Portugal, França e Holanda. Além disto, existem algumas instituições importantes na União Europeia, são elas: o Parlamento Europeu e o Conselho Europeu. O Parlamento é formado de representantes dos países participantes, eleitos pela população, chamados de *Eurodeputados*. Eles são responsáveis pelo: a) orçamento anual da União Europeia, e tem uma comissão encarregada de avaliar a gerência deste orçamento pelo Conselho; b) debater a aprovação de

leis e do orçamento da União Europeia atuando com o Conselho (UE, 2020).

Já o Conselho Europeu é o mais alto órgão político da União Europeia, formado pelos chefes de Estado de cada país-membro. O presidente da Comissão Europeia e o presidente do Conselho Europeu, é o responsável pelas reuniões. Cabe então à Comissão, definir orientações e prioridades políticas da organização de áreas como agricultura, meio ambiente, imigração, segurança, entre outras.

Na Figura 2, a produção do boletim informativo teve como objetivo explicar o bloco regional, no qual o Brasil é membro, o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Foi feita uma breve explanação do que seria o bloco, sua característica e sua importância regional. Essas informações ajudaram a compreendermos melhor o objetivo regional deste bloco (MERCOSUL, 2020a).

A Ásia tem dois importantes blocos econômicos, a APEC (*Asia-Pacific Economic Cooperation*) que transcende a questão física e regional articulando com outros continentes que são banhados pelo Oceano Pacífico, como a Oceania e alguns países do continente Americano, e a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), bloco que integra países do lado Sudeste da Ásia. Neste texto, trataremos da APEC.

A APEC – *Asia-Pacific Economic Cooperation* (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico) é o principal fórum econômico da Ásia-Pacífico, é um bloco que envolve 21 países da Ásia, América e Oceania, que seguem a rota comercial do pacífico. Os países-membros são: Austrália, Brunei, Canadá, Cingapura, Chile, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Japão, Malásia, México, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné, Peru, Rússia, Tailândia, Taiwan e Vietnã.



Figura 2 – Boletim informativo sobre o MERCOSUL



## AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS DURANTE A COVID-19

### PARTE 10

**JÁ OUVIU FALAR DO MERCOSUL?**

O MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) é um bloco econômico que nasce a partir do tratado de Assunção em 1994 e prevê uma integração regional e econômica entre os países membros da América do Sul.

O bloco possui originalmente quatro países membros: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai onde reside sua sede, em Montevideo. Tem, com isso, uma área territorial que abrange 11.877.508 km<sup>2</sup>, além, de uma população de aproximadamente 260 milhões de habitantes e os idiomas português e espanhol. Como membros associados estão Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Guiana e Suriname. (figura 1).

**FIGURA 1: MAPA DO MERCOSUL**



Fonte: [brasil.scofol.com.br](https://brasil.scofol.com.br)

**Entende-se por estados associados:**  
*"Aqueles membros da ALADI com os quais o MERCOSUL subscreve acordos de livre comércio e que posteriormente solicitam ser considerados como tais. Os Estados Associados estão autorizados a participar nas reuniões de órgãos do MERCOSUL que tratam temas de interesse comum. Essa é a situação atual do Chile, Colômbia, Equador e Peru"*(MERCOSUL, 2020).

ALADI significa: Associação latino-americana de integração.

Além disso, podem ser ainda estados associados:  
*"Aqueles países com os quais o MERCOSUL celebre acordos com amparo no artigo 25 do tratado 1980 (TMB0) (acordos com outros Estados ou áreas de integração econômica da América Latina). Tal é o caso da Guiana e Suriname"* (MERCOSUL, 2020).

Como país suspenso está a Venezuela, que desde 2017 ocupa esta posição, conforme a figura 1. Sua suspensão foi homologada com base no argumento que o país falhou em incorporar normas estipuladas no momento de sua adesão

em 2012. Desta forma, os países membros considerando que *"toda ruptura da ordem democrática constitui obstáculo inaceitável para a continuidade do processo de integração."* (MERCOSUL, 2017), decidiu por suspender o país de todos os seus direitos e obrigações com um país do bloco.

**MAIS INFORMAÇÕES PODEM SER ENCONTRADAS NESTE LINK:**  
<https://www.mercosul.intl.pt/pt-br/deciso-sobre-a-suspensao-da-republica-bolivariana-da-venezuela-no-mercocul/>

Esta decisão foi diretamente contestada pelos governantes venezuelanos, já que prejudicaria o país no cenário internacional, visto que o mesmo já vinha desde o início de 2015, em intensa crise após a queda no preço do petróleo.

Dentre as características desta integração está:

- A configuração de uma união aduaneira, isto é, que possibilita o livre comércio, circulação de bens, serviços e fatores produtivos, com uma taxa externa comum entre os países.
- Adoção de uma política comercial comum em relação a países não membros.
- A realização de políticas macro econômicas que envolverão o comércio exterior, agrícola, industrial, fiscal, monetária, cambial e de capitais, de serviços, alfândegaria, de transporte e comunicações, entre os países partes, para assegurar boas condições de concorrência entre eles.
- Compromisso dos países membros em harmonizar suas legislações em áreas pertinentes, a fim de fortalecer a integração entre os países.

Assim, a diferença entre os membros efetivos e os associados está na adesão da TEC (tarifa externa comum), uma tarifação sobre os produtos exportados para os países de fora do bloco, o que privilegia mais os países que são membros efetivos do MERCOSUL. Além disso, estes países efetivos do bloco são os responsáveis pela tomada de decisões e entrada de novos membros.

Segundo o site do MERCOSUL a Bolívia está em processo de adesão ao bloco, já sendo assinado pela totalidade dos estados, fato ocorrido em 2015 e desde então se encontra no processo de incorporação que necessita ainda de discussões e aprovações nos congressos dos países membros.

**FONTES CONSULTADAS**  
<https://brasil.scofol.com.br/guia-da-integracao-mercocul-paises-integrantes.htm>  
<https://www.guianainformatica.com/2019/12/12/assessoria-do-mercado-comum-da-america-latina-suspenso-no-regiao-fim/>  
<https://www.mercosul.intl.pt/pt-br/qui-tem-paises-associados-mercocul/>  
<https://www.mercosul.intl.pt/pt-br/deciso-sobre-a-suspensao-da-republica-bolivariana-da-venezuela-no-mercocul/>




Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) - Coordenadora Prof.ª Dr.ª Aracy Calsalva Ribeiro Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia  
 Bolsa Iniciação e docência - Setembro-Dez/2016-2020. "Didática e mediação dos professores de geografia em 'Sã o Gonzalo'". Beatriz Torres  
 Informativo LXVII – 25 de setembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

A ideia do bloco iniciou-se com o então primeiro-ministro da Austrália, durante o discurso na Coréia do Sul, em 1989. Dez meses após o evento, 12 economias da Ásia-Pacífico se reuniram na

OS IMPACTOS E AS AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS

201

Austrália para estabelecer então a APEC. Dentre os fundadores estão a Austrália, Brunei, Canadá, Indonésia, Japão, Coreia do Sul, Malásia, Nova Zelândia, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Estados Unidos.

De acordo com o *site* oficial da APEC, o objetivo principal do bloco configura-se como apoio ao crescimento econômico e sustentável, e a prosperidade na região da Ásia-Pacífico. Além da defesa ao livre comércio e investimentos, aceleração da integração econômica regional, incentivo à cooperação econômica e técnica, melhoria de segurança humana para que haja um melhor ambiente para negócios favoráveis e sustentáveis.

Existem algumas características que fazem da APEC, um dos maiores blocos do mundo, cujos países-membros estão localizados entre a Ásia, Oceania e América. Ademais, é o bloco que mais cresce economicamente nos dias atuais, devido à presença das principais economias do mundo, como China, Estados Unidos, Japão e Rússia.

Além do mais, seus membros, em 2018, já eram responsáveis por cerca de 40% da população mundial, aproximadamente 60% do Produto Interno Bruto e 48% do comércio de todo o mundo. A China possui maior população e economia, seguido dos Estados Unidos. Entretanto, os maiores valores de renda PIB *per capita* (indicador socioeconômico que avalia o grau de desenvolvimento econômico de um lugar) estão em Cingapura (US\$ 87,2 mil) e Brunei (US\$ 71 mil). Por outro lado, os menores PIB *per capita* estão nas Filipinas, Vietnã e Papua Nova-Guiné. A renda *per capita* da APEC em 2018, foi a maior do mundo. Pois seu comércio teve um grande avanço de 1989 a 2018. As tarifas médias que representavam barreiras comerciais caíram de 17% em 1989 para 5,3% em 2018, o que fez o comércio aumentar cerca de sete vezes mais (ALVES, 2018).

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, bloco regional também conhecido como “*Southern Africa Development Community*” (SADC) – sigla em inglês – propõe a integração de alguns países africanos. Dentre estes países estão:

África do Sul, Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maurícias, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbabué e Seychelles.

O bloco teve início em 17 de agosto de 1992, na conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (CDAA), criada em 1980, para reunir oito países desta parte regional. Esta é uma região altamente estratégica, pois liga dois oceanos, o Atlântico e o Índico, além de ser a região com quase um terço do PIB (Produto Interno Bruto) da África Subsaariana (cerca de US\$ 500 bilhões de dólares em 2016). Esta também é uma região rica na produção de carvão e petróleo.

Com isto, este bloco tem como objetivos principais, promover o crescimento e desenvolvimento econômico, contribuir para a diminuição da pobreza nos países-membros, aumentar a qualidade de vida de sua população, além de requerer a paz e segurança nos territórios, dando importância também ao desenvolvimento sustentável, ao reforço e consolidação das afinidades culturais, históricas e sociais da região. A sede do bloco se encontra em Gaborone, em Botswana, e as línguas oficiais são inglês, francês e português (CDAA, 2020a).

Quanto às parcerias, o CDAA possui acordos econômicos com a União Europeia desde 2016, quando assinou um contrato visando uma parceria econômica. Este foi o primeiro acordo do gênero celebrado entre os dois blocos. Este tratado facilitou o livre comércio entre o mercado europeu e os países do bloco (CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA ÁFRICA AUSTRAL, 2020).

Entretanto, quanto ao objetivo de estabelecer políticas de segurança, o bloco encontra-se em um dilema causado pelo forte terrorismo em Cabo Delgado, Moçambique, por um grupo jihadista, que desde 2017, já causou a morte de mais de mil pessoas e o deslocamento de cerca de 500 mil. Colocando Moçambique na 15ª posição do índice mundial do terrorismo, em 2020.

Desta forma, o assunto tem estado nas pautas de especialistas, como Lourenço Rosário, doutor em Letras pela Universidade de Coimbra, Portugal, que é moçambicano e tem discursado sobre a necessidade da intervenção do bloco neste conflito, assim como a participação e intervenção de outros blocos tal qual a União Europeia. Ele diz em entrevista, quando perguntado sobre as possíveis saídas para o conflito, que: “Moçambique já manifestou, através das autoridades governamentais, o pedido de auxílio à região, através da SADC. Já também se manifestou junto da União Europeia” (CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS AFRICANOS, 2020).

A partir deste subitem podemos perceber que cada bloco tem sua forma de articulação espacial, conforme suas características, funções e criações. Ensinar a pensar geograficamente contribui para que o estudante analise a materialidade do processo regional de cada bloco e compreenda as dinâmicas criadas por elas para conseguir produzir a economia dentro do bloco.

## **As ações dos blocos durante a pandemia da Covid-19**

A importância das ações dos blocos durante a pandemia foi de extrema necessidade para que os países pertencentes a eles pudessem articular estratégias conjuntas para o enfrentamento da Covid-19. Evidentemente, os países também implementaram suas ações isoladas enquanto território nacional, de acordo com suas especificidades e governos.

Os blocos, neste processo, ajudam para que os países possam ter uma ação mais protegida em caso de problemas econômicos mais severos por conta da pandemia. Ações como auxílio financeiro, de insumos ou de produtos são mais frequentes neste momento.

Em vista disso, o continente Europeu foi o segundo, depois da Ásia, a detectar contágio da Covid-19. O surto se alastrou entre os países-membros da União Europeia, sendo a Itália, o primeiro país a decretar no dia 09/03/2020, o *lockdown* em todo o país,


devido ao aumento exorbitante no número de casos e mortes por Covid-19. A União Europeia anunciou então o fechamento por 30 dias das fronteiras dos países-membros no dia 16/03/2020, entretanto, a sua reabertura aconteceu somente cerca de quatro meses depois (no dia 01/07/2020), ainda de forma gradual na maioria dos países-membros (UE, 2020).

O *lockdown* na União Europeia ocasionou uma série de medidas iniciais como o bloqueio imediato para a entrada de estrangeiros (de países não membros); suspensão de voos internacionais, mas, como exceção, manteve o abastecimento de alimentos entre os países-membros e a entrada dos residentes permanentes, familiares de nacionais do bloco, trabalhadores transfronteiriços e de saúde.

Ainda em março de 2020, países como França e Espanha reduziram seus voos, estreitando o serviço para apenas o necessário. A Alemanha fechou as fronteiras com países vizinhos e a Holanda proibiu voos de ligação para China, Itália, Coreia do Sul e Irã. Dinamarca Polônia e República Tcheca também fecharam as suas fronteiras para estrangeiros. Pela primeira vez na história do bloco, houve fechamento de fronteiras para o mundo.

A Figura 3, mostra o boletim informativo sobre as Ações da União Europeia para o auxílio de seus países durante a pandemia.

## Figura 3 – Boletim informativo sobre algumas medidas da União Europeia durante a pandemia da Covid-19



# AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS DURANTE A COVID-19

## PARTE 9

### MEDIDAS DA UNIÃO EUROPEIA CONTRA COVID-19

Desde junho, quando a maioria dos países já havia flexibilizado o lockdown, o deslombamento entre pessoas foi relaxado. Sendo assim, em 15 de julho a União Europeia apresentou medidas a fim de prevenir a chamada segunda onda nos países membros, são elas:


- **Maior circulação de medicamentos essenciais entre os países membros.**
- **Maior facilidade e financiamento de locomoção de equipes médicas entre os países além de transferência de nacionais.**
- **Atenção e apoio aos mais vulneráveis como idosos e portadores de doenças crônicas.**
- **Foco nas gripes sazonais e implementação da cobertura vacinal.**
- **Enfrentamento mais eficiente dos locais focos da doença.**

No dia 16 de setembro, a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen, citou a importância de uma "União Europeia (EU) da saúde". Isto mostra o quanto a pandemia trouxe aos governantes participantes do bloco a necessidade de uma cooperação maior para administrar as emergências em comum. Ela ressaltou:

*"Na minha opinião está claro: precisamos construir uma União Europeia da Saúde mais forte. E devemos fortalecer nossa preparação para crises e a gestão das ameaças à saúde transfronteiriças."*


Contudo, indícios de uma nova onda já estão sendo discutidos. De acordo com o diretor regional da Organização Mundial da Saúde, Hans Kluge, a situação da doença deve piorar, ele destaca:

*"Vai ficar mais difícil, em Outubro e Novembro vamos ter mais mortes. Os países não querem escutar estas previsões ruins neste momento, e eu entendo, mas é importante ficar que esta doença vai terminar em algum momento..."*




**MAIS INFORMAÇÕES SOBRE ALGUMAS MEDIDAS TOMADAS PARA A PREVENÇÃO CONTRA A SEGUNDA ONDA PELO COMITÊ REGIONAL DA OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE) PARA A EUROPA OS PAÍSES DA PODEREM SER ENCONTRADAS NESTE LINK:**

<https://www.euro.who.int/en/about-us/governance/regional-committee-for-europe/70th-session/2020-2021/2020-2021-briefing-70th-session-of-the-regional-committee-for-europe-70>




**MAIS INFORMAÇÕES SOBRE AS MEDIDAS DE RECUPERAÇÃO FINANCEIRA DA UNIÃO EUROPEIA EM RESPOSTA AO COVID-19, ALEM DE OUTRAS PROPOSTAS, E A APRESENTAÇÃO COMPLETA VISUALIZADA NA IMAGEM ACIMA PODEREM SER ENCONTRADAS NESTE SITE:**

<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/coronavirus/>



**A CONCLUSÃO DO CONSELHO EUROPEU SOBRE O PLANO DE RECUPERAÇÃO E O QUADRO FINANCEIRO PLURIANUAL ENCONTRA-SE NESTE LINK:**

<https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2020/07/21/european-council-conclusions-17-21-july-2020/>




**FIGURA 1: CONTA NO TWITTER DA PRESIDENTE DA COMISSÃO EUROPEIA MOSTRA IMAGENS DA PLANARIA DE DISCUSSÃO SOBRE O FUNDO MONETÁRIO.**

*"Os líderes europeus aguardam um plano de recuperação forte. O mundo está nos observando. Após 4 dias de negociações intensas, é hora de avançar para um compromisso construtivo na #EUCCO."*

Ursula von der Leyen

2020/09/18

Fonte: <https://twitter.com/ucolacommunity/status/1285350658949719296> Imagem na imagem feita por BioArt/ Twitter



**FONTES CONSULTADAS**

<https://indiaafrica.com.br/br/temas/relacao/2020/07/15/eu-america-medidas-para-evitar-nova-onda-de-covid-19.htm>


<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>

<https://www.who.int/news-room/press-releases/2020/09/16/european-council-concludes-17-21-july-2020>


<https://indiaafrica.com.br/br/temas/relacao/2020/07/15/eu-america-medidas-para-evitar-nova-onda-de-covid-19.htm>

<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>

<https://www.who.int/news-room/press-releases/2020/09/16/european-council-concludes-17-21-july-2020>



**GEPGEC**



**FAPERJ**

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidadãos (GEPGEC)- Coordenação Pro/ + Dr. Ana Claudia Ramos Sacramento (Bolsa Iniciação e Docência - Conselho Lery) (2018-2020) - Didática e mediação dos professores de geografia em São Gonçalo - Beatriz Torres

**Informativo LXVII – 18 de setembro de 2020.**

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

No início do ano de 2020, um acontecimento marcou a União Europeia, isto é, a saída do Reino Unido do bloco. O processo que

206

Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia

englobou um plebiscito para discussão de tal ação, perdurou por mais de três anos e foi chamado de *Brexit* (junção em inglês das palavras *Britain* – Bretanha e *Exit* – Saída). Em 31 de janeiro, através de uma votação, que terminou com a vitória dos que eram favoráveis à saída do Reino Unido do bloco, este não mais fez parte da União Europeia.

Os países-membros do MERCOSUL se reuniram em vídeo conferência e no dia 19 de março, foi emitida uma declaração visando alguns compromissos dos países-membros frente à Covid-19, são eles: a) facilitar o retorno dos cidadãos residentes dos estados-partes aos seus locais de origem e residência; b) remoção de obstáculos que dificultem ou impeçam a circulação de bens e serviços, e agilizar as medidas para o trânsito e transporte de insumos e produtos de primeira necessidade (alimentação, higiene e cuidado com saúde); e c) avaliar a oportunidade e possibilidade de redução das tarifas aplicadas aos produtos e insumos destinados à prevenção de doenças e cuidados com a saúde, no âmbito de emergência sanitária da Covid-19.

O Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM) destinou-se a

financiar programas para promover a convergência estrutural, desenvolver a competitividade e promover a coesão social, em particular, das economias menores e regiões menos desenvolvidas; apoiar o funcionamento da estrutura institucional e o fortalecimento do processo de integração. O Brasil é o maior contribuinte, aportando 70% dos recursos do Fundo. A Argentina é responsável pela integralização de 27% do montante; o Uruguai, pela contribuição de 2%; e o Paraguai, de 1% (MERCOSUL, 2020b).

Com base no FOCEM, no dia 03 de abril de 2020, o MERCOSUL aprovou um fundo emergencial de 16 milhões de dólares destinado ao projeto plurinacional “Pesquisa, Educação e Biotecnologias Aplicadas a Saúde” no combate à Covid-19 nos países-membros. Sendo assim, a primeira parcela foi destinada ao avanço na

capacidade de diagnósticos do vírus, para a compra de equipamentos, suprimentos, e materiais de detecção, além dos métodos que constata os pacientes sintomáticos e assintomáticos.

No marco do referido Projeto FOCEM, desenvolveu-se uma rede entre instituições de grande prestígio em pesquisa científica na área de saúde pública regional: Instituto de Biomedicina de Buenos Aires (IBIOBA-CONICET) da Argentina, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) do Brasil, o Laboratório Central de Saúde Pública (LCSP), CEDIC no Paraguai, e o Instituto Pasteur de Montevideu, no Uruguai. Isso permitiu uma resposta rápida e uma articulação coordenada de recursos para atender às demandas da pandemia.

Em um dos boletins buscamos discutir as ações na APEC, no período da pandemia, conforme apresenta a Figura 4.

A pandemia não trouxe apenas danos e retração à economia dos países, mas também, a muitas vidas que foram afetadas pela doença.

Os países do bloco Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (2020a) também foram atingidos pela pandemia global. O continente africano, em abril de 2020, ultrapassou o número de 100 mortes, sendo os países ao Norte, mais próximos da Europa, os responsáveis pelos maiores índices de óbitos. Entretanto, o primeiro caso confirmado entre os países do bloco foi no início de março, e até abril, catorze dos dezesseis estados-membros já haviam sido afetados. Entre eles estava República Democrática do Congo, Angola, Botswana, Moçambique e África do Sul.

Algumas medidas foram anunciadas pela CDAA para combater ao vírus, foram elas: a) reuniões *on-line* para resolução de problemas; b) melhor acesso a medicamentos e produtos essenciais para os países-membros; e c) parcerias da CDAA com a UNESCO, a fim de possibilitar acesso à educação através da facilitação de soluções inovadoras para deste modo proporcionar o ensino e a aprendizagem à distância (COMUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL , 2020b).



Figura 4 – APEC e os impactos da pandemia da Covid-19



## AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS DURANTE A COVID-19

PARTE 15

**A APEC DURANTE A PANDEMIA DE COVID 19.**

No último informativo vemos como a APEC concentra grande parte da população mundial, e sustenta uma vasta quantidade de transações econômicas entre países de diferentes continentes, o que movimenta um grande fluxo de pessoas pelo mundo. Desta forma, foi entre países deste bloco que o vírus começou a difundir-se em dezembro de 2019.

Desde então o vírus se espalhou por outros continentes do bloco: países da Ásia, Oceania e Américas, tomando proporção mundial. Como consequência houve o fechamento de fronteiras e as medidas de lockdown em alguns países do bloco, o que gerou entraves econômicos e déficits no turismo, exportações e importações.

Segundo o site da APEC algumas empresas que produziam equipamentos médicos e suprimentos essenciais durante o auge da pandemia, devido a aos bloqueios e às medidas de distanciamento, fecharam suas fábricas. Os embarques e fretes aéreos e marinhos foram afetados. Muitas economias também fizeram restrições à exportação e às barreiras comerciais impediram a venda de luvas médicas, máscaras e outros itens, o que gerou filas enormes nos países e mais aglomerações, como mostra a figura 1 uma enorme fila em Daegu, Coreia do Sul, epicentro do surto no país. Assim, o bloco estimou uma diminuição de 3,7% em seu crescimento neste ano.

**FIGURA 1 – ENORME FILA PARA CONSEGUIR MÁSCARA EM DAEGU, COREIA DO SUL (FEVEREIRO DE 2020).**



Reprodução BBC  
Fonte: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2020/02/24/coreia-mostra-fila-enorme-para-mascaras-no-coreia-do-sul.ghtml>

Entretanto, algumas empresas do ramo de fabricação de equipamentos médicos essenciais viram sua produção dobrar de tamanho, devido à alta demanda enquanto seu contingente de funcionários precisava ser muito bem estruturado para evitar aglomerações e contaminações. Desta forma, as soluções encontradas pelo bloco para esta crise no comércio e abastecimento destes produtos foram diversas, como esta a seguir:

\*Todas as economias membros devem estabelecer certos níveis de estoque para suprimentos de proteção, bem como instalar algumas linhas de produção para necessidades emergentes\* (site oficial da APEC).

**PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE AS MEDIDAS ECONÔMICAS E A CRISE COMERCIAL DURANTE A PANDEMIA, ACESSE ESTE LINK:**  
[https://www.apec.org/PressFeatures/2020/0721\\_COVID](https://www.apec.org/PressFeatures/2020/0721_COVID)

Entre outras consequências da Covid-19 houve também o cancelamento das Olimpíadas em Tóquio, Japão (primeiro cancelamento em 124 anos), o que causou impactos negativos no PIB em 1,4%, e frustrou os planos de recorde em arrecadações.

A China teve diminuição na produção industrial (queda de 13,5%), varejo que indica os índices de consumo (queda de 20,5%), e investimentos em ativos fixos (caíram 24,5%) somatizando recorde de quedas no país. Este enfraquecimento na economia chinesa foi prejudicial aos países do bloco já que muitos deles dispõem de acordos econômicos de livre comércio com a China, que é uma das maiores economias mundiais.

Com isto, ao fim do primeiro trimestre de 2020 a economia do bloco sofreu, segundo o site da APEC uma retração de 2,2% devido aos impactos das restrições de viagens e lockdown que afetaram o consumo, comércio e investimentos nos países membros. De acordo com a figura 2, o país com maiores danos a economia foi Hong Kong, China.

**FIGURA 2 – RETRAÇÃO DA ECONOMIA ENTRE OS PAÍSES MEMBROS DA APEC (PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2020).**



País	Variação (%)
Australia	-0,5
Canadá	-0,5
Chile	-0,5
China	-1,5
Hong Kong, China	-4,5
Indonésia	-1,5
Japão	-1,5
Coreia	-1,5
Malásia	-1,5
México	-1,5
New Zealand	-1,5
Peru	-1,5
The Philippines	-1,5
Rússia	-1,5
Singapura	-1,5
Champan Taipei	-1,5
Tailândia	-1,5
Estados Unidos	-1,5
Vanuatu	-1,5

Fonte: <https://www.apec.org/Publications/2020/07/APEC-Regional-Trends-Analysis-July-2020-update>

**PARA MAIS INFORMAÇÕES ACESSE ESTE LINK:**  
[https://www.apec.org/Press/Infographics/2020\\_0527\\_APEC-Resilience-Again-COVID](https://www.apec.org/Press/Infographics/2020_0527_APEC-Resilience-Again-COVID)

**FONTES CONSULTADAS**  
<https://blog.anahoraa.com.br/tema-do-tempo-da-coronavirus/>  
<https://www.scielo.com/portugal/infociencias/1918369>  
[https://www.apec.org/PressFeatures/2020/0721\\_COVID](https://www.apec.org/PressFeatures/2020/0721_COVID)



GEPEGEC  
Grupo de Estudos e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidadania



FAPERJ  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidadania (GEPEGEC), Coordenadora Prof.ª Dr.ª Ária Claudia Ramos Sacramento, Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia, Bolsa Iniciação e docência - Geografia - IBERG (2019-2020); "Distância e medição dos professores de geografia em São Gonçalo". Boletim Toros, Informativo LXVIII – 12 de novembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepegec.com.br/informativos-covid-19>.

Em julho, o número de casos acumulados já tinha ultrapassado a marca de 600.000 e o número de óbitos 10.000. Alguns impactos foram causados em setores como saúde, economia e educação.

OS IMPACTOS E AS AÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS

209

No setor da saúde algumas foram as medidas indicadas: a) aumento do número de testes; b) protocolo de gestão dos casos de infecção nos profissionais de saúde; e c) oferecer materiais de segurança de alta qualidade para os profissionais.

Quanto à educação, a maioria dos países-membros estabeleceram políticas de fechamento de escolas e adaptaram suas aulas. Países como Angola, Zimbábwe, Tanzânia e Malawi ministraram aulas via rádio, e contaram com canais de TV nacionais, para assegurar a continuidade das aulas.

Desta forma, em setembro de 2020, o número de casos e óbitos começou a declinar na maioria dos estados-membros após o pico, em julho de 2020. De acordo com os boletins disponíveis no *site* do bloco a tendência geral dos países foi de queda mesmo havendo alguns surtos diários em certos países, como África do Sul e Botswana (COMUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL, 2020b).

Tais ações dos blocos impactaram grandemente na questão da ajuda aos países que são membros. Cada bloco se preocupou em criar condições para que os seus componentes tivessem perdas menores em sua economia por conta da pandemia da Covid-19. Contudo, sabemos que a situação de cada país, principalmente, dos mais pobres, é de total vulnerabilidade.

## **Considerações finais**

Os blocos, durante o período da pandemia, desenvolveram diferentes medidas como garantia de que seus estados-membros e cooperados, pudessem ter orientações e ações em combate aos problemas associados à pandemia.

Compreender as dinâmicas e as características dos blocos ajudaram os estudantes a fazerem a leitura regional e global espacial das ações realizadas pelos blocos, com o objetivo de maior

integração regional de países tão diferentes que procuram articulação entre si, na busca de melhoria econômica e social.

Ensinar Geografia, a partir da temática dos blocos econômicos, potencializa a compreensão de fenômenos em diferentes escalas geográficas e no processo de globalização, que cria redes e conexões entre os países-membros dos blocos econômicos.

A leitura e a análise espacial da conjuntura atual mobilizam o estudante a pensar nas localizações, nas distribuições e nas escalas onde os fenômenos estão ocorrendo e os impactos que eles causam em suas escalas de vivências. Por isso, Cavalcanti (2019) salienta que compreender geograficamente o fenômeno é movimentar conceitos geográficos, neste caso, de região, de espaço, de território, nos quais os blocos estão materializados em seus países-membros.

A importância dessa contextualização aponta para a necessidade constante de aprendermos sobre as diferentes escalas de análise espacial onde sujeitos distintos se constituem para formar blocos com objetivos e metas específicas, estruturando assim formas de organização espacial. Desta maneira, o combate à pandemia trouxe outras dinâmicas das ações desses blocos, até entre outros blocos ou países pertencentes a outros blocos.

## Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O show de Xi Jinping na APEC e a reunião do G-20 na Argentina**. EcoDebate, 2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/11/28/o-show-de-xi-jinping-na-apec-e-a-reuniao-do-g-20-na-argentina-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ASIA-PACIFIC ECONOMIC COOPERATION. **Companies say Collaboration Critical for COVID-19 Medical Supply Trade**. Disponível em: [https://www.apec.org/Press/Features/2020/0721\\_COVID](https://www.apec.org/Press/Features/2020/0721_COVID). Acesso em: 10 nov. 2020.

BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Koplen. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar Geografia: ensaios e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS AFRICANOS. **África Austral**. Disponível em <https://www.ufrgs.br/cebrafrica/africa-austral/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

COMUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL. **Resposta Regional da SADC à pandemia da Covid-19** (2020). Disponível em: [https://www.sadc.int/files/8815/8724/1999/SADC\\_Regional\\_Response\\_to\\_COVID19\\_-\\_PORTUGUESE.pdf](https://www.sadc.int/files/8815/8724/1999/SADC_Regional_Response_to_COVID19_-_PORTUGUESE.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

COMUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL. **Resposta Regional da SADC à pandemia da Covid-19. Com incidência especial nos setores de energia e da saúde e na evolução da investigação na Medicina tradicional na África**. Boletim 10 (2020b). Disponível em: [https://www.sadc.int/files/3615/9713/2614/BULLETIN\\_10-SADC\\_Response\\_to\\_COVID19\\_-\\_PORTUGUESE.pdf](https://www.sadc.int/files/3615/9713/2614/BULLETIN_10-SADC_Response_to_COVID19_-_PORTUGUESE.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

MACHADO, Marlon Wander; MATSUSHITA, Thiago Lopes. Globalização e blocos econômicos. **Revista de Direito Internacional e Globalização Econômica**, v. 1. n. 1, p. 104-132, 2019. Disponível em: <http://200.144.145.24/DIGE/article/view/42353>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MERCOSUL. **Países do MERCOSUL. 2020a**. Disponível em: <https://www.mercosur.int/pt-br/quem-somos/paises-do-mercosul/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MERCOSUL. **O que é o FOCEM?** 2020b. Disponível em: <https://focem.mercosur.int/pt/o-que-e-focem/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo Alves de. **Blocos regionais e desenvolvimento: União Europeia e Mercado Comum do Sul** [e-book]. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2018. p. 342. Disponível em: [https://issuu.com/edufbr/docs/blocos\\_reg\\_e\\_desenvolvimento](https://issuu.com/edufbr/docs/blocos_reg_e_desenvolvimento). Acesso em: 18 jan. 2021.

UNIÃO EUROPEIA. **A resposta comum da UE ao surto de Covid-19**. Disponível em: [https://europa.eu/european-union/coronavirus-response\\_pt](https://europa.eu/european-union/coronavirus-response_pt). Acesso em: 10 nov. 2020.

## O TURISMO E OS IMPACTOS ECONÔMICOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19

*Ana Claudia Ramos Sacramento*

*Iomara Barros Sousa*

*Thiago Silva*

*Ágatha da Silva Dantas Conceição*

*Gabriel da Rosa e Silva*

**O**turismo é parte da vida de grande parcela das pessoas do mundo que veem a necessidade de se deslocarem para desfrutar de momentos de ócio e lazer. Este deslocamento é uma atribuição da sociedade antiga de buscar em outros lugares prazeres diferentes não encontrados em seus lugares de origem.

A dinâmica espacial do turismo passou a ser analisada para se pensar em estratégias de condição de uso das paisagens e dos lugares, a fim de torna-lo uma atividade econômica, uma vez que cada lugar é único e apresenta diversidade paisagística em relação a outro. Isto quer dizer que sua história, sua cultura, sua paisagem e as pessoas envolvidas, são partes de um determinado espaço geográfico. Sendo assim, sua organização espacial possibilitou a compreensão da sua constituição, sendo atribuição importante para se implementar o turismo em um dado lugar.

O turismo, tal como outras atividades – e concorrendo com elas – introduz no espaço, objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo,

tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico (CRUZ, 2001, p. 12).

Concordamos com a autora, que o turismo busca um lugar único com características próprias para se organizar e potencializar aquele lugar para fins turísticos. Destarte, a relação sociedade-natureza se mostra como mercadoria de consumo por parte daqueles que se apropriam do turismo, visto que há uma dinâmica conjunta na produção de um espaço geográfico.

Como então podemos estudar essa atividade econômica relacionada ao espaço geográfico, paisagem e lugar no ensino de Geografia? Como pensar os impactos do turismo na vida cotidiana, decorrente na pandemia?

É um desafio estudar o turismo no ensino de Geografia, como uma atividade econômica, porque ela agrega uma leitura e análise de pensar geograficamente com muitas especificidades. Os estudantes moram em diferentes lugares e suas características espaciais são parte da dinâmica desse espaço vivido, mas também do lugar, tido como atividade econômica.

Além disso, o turismo é apontado como um dos grandes vetores de desenvolvimento social e econômico, impactando, portanto, na forma de estruturação dos fluxos entre pessoas em diferentes lugares do mundo. Pois, a evolução das técnicas desenvolveu formas de transporte mais rápidas, bem como as redes, mobilizaram a chance de se conhecer os lugares através das redes sociais. Assim, o consumidor tem uma visão da paisagem a ser consumida, tal qual os atrativos naturais, culturais, sociais e outros.

Assim sendo, o ensino de Geografia promove aos estudantes pensar e analisar os fenômenos espacializados em seus diferentes lugares e escalas. Cavalcanti (2019, p. 107) considera a necessidade dos estudos de “ir do local ao global, e deste ao local, mas sem linearidade”. Isto depende consequentemente da metodologia trabalhada em sala de aula na construção do pensamento geográfico, ou seja, “na

construção de um sistema intelectual que aborda uma realidade a partir de um ponto de vista” (CAVALCANTI, 2019, p. 110).

Desta forma, o turismo, avaliado como uma atividade econômica espacial onde acontece no âmbito local e global, contribui para que os alunos entendam as dinâmicas socioespaciais na organização da sociedade para aquele fim econômico específico.

Ensinar conteúdos ligados às atividades econômicas é parte do ensinar Geografia. Abordar não o turismo em si, mas as dinâmicas espaciais do turismo e os impactos para as cidades são pontos importantes na discussão em sala de aula, uma vez que muitos estudantes vivem em áreas turísticas. A título de exemplos, temos a oferta constante de emprego, maior arrecadação de tributos proporcionando melhorias no planejamento e na estrutura organizacional desses espaços citadinos, com maior oferta de espaços públicos, haja vista os ambientes de lazer, como praças e calçadas.

Por isso, o ensinar Geografia possibilita que os estudantes aprendam a “realizar a análise geográfica de fatos ou fenômenos” (CAVALCANTI, 2019, p. 64). A pandemia da Covid-19 trouxe para nós vários desafios de como se pensar geograficamente esse fenômeno e como ele tem se materializado, além de analisar o Estado e outros agentes na reorganização de seus espaços para atender as demandas das medidas sanitárias públicas.

Os lugares foram se estruturando para receberem pessoas e objetos com segurança, muitos desses lugares ficaram isolados por um bom tempo, mudando, desta forma, a dinâmica territorial e do espaço, momentaneamente. Em função disso, as atividades turísticas foram readaptadas para atenderem a essas novas demandas, pois seus lugares, suas paisagens, suas culturas, suas gastronomias e outros, são mercadorias dentro do mercado global e local. Por conta disto, vemos a importância do seu estudo dentro da Geografia.

Assim, o presente texto tem como objetivo analisar os impactos da Covid-19 espacialmente nesta atividade econômica em

diferentes escalas. Este artigo é parte do Projeto de Iniciação à Docência Cetreina-UERJ (2020-2022): “Didática e Mediação dos professores de Geografia de São Gonçalo” e das atividades do Projeto de Extensão “Oficinas Escolares de Geografia: diferentes ações didáticas” (2016 até o presente momento).

A sua metodologia está ancorada na qualitativa de Bodgan e Biklen (1994) que analisa a dinâmica do conhecimento que se dá pela organização da coleta de dados, de sua estruturação e de suas análises para que contribuam na discussão do objeto e do sujeito a serem estudados. Neste caso, o texto foi construído com base nos materiais didáticos produzidos sobre a Covid-19 com a temática das atividades econômicas do turismo na Covid-19 e seus impactos em diferentes escalas.

Desta maneira, para o ordenamento do material, algumas etapas foram realizadas: 1) coleta de dados e materiais sobre o tema em *sites* científicos, da Organização Mundial do Turismo, de jornais e revistas sobre o tema; 2) seleção do material a ser escrito; 3) escrita do material em formato de boletim; 4) reunião para discussão do texto; 5) correção do texto; 6) diagramação do boletim; e 7) distribuição nas redes escolares.

As etapas de construção deste material didático permitiram o desenvolvimento de textos, onde estão aparentes as principais questões sobre os impactos a respeito das atividades turísticas durante a pandemia da Covid-19. Vários estudantes perceberam geograficamente suas cidades, o Brasil e o mundo, sob a ótica do isolamento social, pois muitas imagens de pesquisa mostraram cidades, como Roma, Paris, Rio de Janeiro e outras, com pouco ou sem fluxo de pessoas.

O texto então foi dividido em três momentos: o primeiro, destaca o espaço do turismo, sendo este um elemento importante na economia global; o segundo, marca o impacto sobre as atividades turísticas no início da pandemia, as ações de alguns países e a



retomada das atividades no mundo, além de explicar novos fechamentos, devido ao aumento de casos pelo mundo.

## **A importância do espaço do turismo para a economia global**

As pessoas buscam por meio do ócio pensar nos lugares onde possam desfrutar de seus momentos de descanso e de lazer. Escolhem mediante a diversidade dos lugares e das paisagens, onde passar os dias com seus familiares, amigos ou até mesmo sozinhos.

Cada vez mais, os lugares vão sendo representados e ganham formas, símbolos e signos para serem únicos ou serem atrativos o suficiente para aqueles que vão consumir esses lugares. Segundo Berto de Almada (2020):

O turismo é um fenômeno complexo que está diretamente relacionado ao ato de viajar, que possibilita uma conectividade entre pessoas e lugares diferentes ao redor do mundo, pois ao viajar, obrigatoriamente, tem-se que utilizar um meio de transporte específico, que exige um conjunto de materialidades para executar essa ação no mundo (BERTO DE ALMADA, 2020, p. 3).

Assim, o turismo ganha uma dimensão de serviço especializado, se torna uma atividade rendável e com grande empregabilidade em todo o mundo, movimentando desta feita, transportes, hotéis e similares, restaurantes e similares, agências de turismo, guias de turismo e outros, que ganham direta ou indiretamente, com essa atividade. Por isso, o turismo é um setor estratégico para muitos países, principalmente, para aqueles que só vivem dela, como as ilhas caribenhas e a Polinésia Francesa, por exemplo.

Em razão disso, Berto de Almada (2020) destaca também que o turismo contemporâneo é uma demanda do capitalismo para controlar o lazer e criar uma máquina de produção turística no mundo.

Uma vez que a sua existência foi possibilitada pelo conjunto de transformações que esse sistema econômico materializou na sociedade,

desde os avanços técnicos, nos setores de comunicação e transportes, aos setores sociais, que passaram a ressignificar a viagem (BERTO DE ALMADA, 2020, p. 5).

Desta forma, o turismo corresponde à terceira maior receita em todo o mundo, correspondendo a 10,4% dela, segundo *Oxford Economics* (2018). Divulgado no site do Goiás Turismo (2020), apenas perde para a indústria de combustíveis e de química. No Brasil, essa receita representa 8% do PIB. Segundo o Ministério do Turismo (2019), o setor apresentou um aumento com rendimento de R\$ 136,7 bilhões em 2019, criando assim 25 mil vagas de empregos. Ainda de acordo com esses dados, São Paulo e Rio de Janeiro são os que mais têm vendas nacionais de empresas ligadas ao turismo.

Portanto, podemos considerar que qualquer e todo lugar no mundo pode ser imaginado como um espaço de uso e apropriação para o turismo, já que os espaços podem ser diversos e valorizados pelas sociedades, a partir de suas várias funções e objetivos. Cruz (2001) argumenta:

Considerando que os espaços são diferentemente valorizados pelas sociedades, em função das possibilidades técnicas que determinam sua utilização, de fatores políticos, econômicos e, também, culturais, todo o espaço do planeta (e mesmo de outros planetas) pode ser considerado espaço do turismo (CRUZ, 2001, p. 12).

Assim, se a discussão parte para o ponto econômico, se um determinado lugar se organiza turisticamente, e a qualquer momento, vive uma grande crise econômica ou uma interferência política, pode perder sua atratividade. Empresas podem se retirar do lugar e isso, deixa de gerar muitos empregos ou pode haver dispensa de trabalhadores.

Por isso, o turismo também cria signos, símbolos e formas de vermos o lugar a partir de suas peculiaridades culturais e naturais, que juntas promovem o seu senso atrativo. A Cidade de Goiás, o Rio de Janeiro, Buenos Aires e Paris, são exemplos de unicidades

dentro do espaço geográfico que exaltam suas identidades e promovem a valorização do uso desses territórios.

Os dados da UNWTO (Organização Mundial do Turismo da ONU) 2019, trazem questões pertinentes a respeito dos principais destinos turísticos do mundo: França, Espanha, Tailândia, Itália e Reino Unido. Mas o que isso significa do ponto de vista espacial? Consiste na preparação e na organização implantada pelo setor responsável pelo turismo de determinado país ou lugar, que tem como objetivo tornar aquela cidade ou localidade uma mercadoria a ser vendida e explorada por turistas de outras locais.

Estes países podem ser trabalhados mediante suas características, dinâmicas espaciais, da paisagem e do lugar, bem como as políticas econômicas que impactam demandas para vender os diferentes tipos de turismo em cada região desses países.

Observamos que os maiores destinos, são países que tratam o turismo como uma atividade econômica importante na composição de sua renda e emprego. Além disso, muitos implementam outras formas de mercadoria turística ou desenvolvem diferentes logísticas ou pacotes receptivos, que atraem os turistas. A Tailândia é um exemplo de país, que tem um *marketing* turístico muito expressivo no mundo todo, tanto pelas belas praias ao Sul, quanto ao Norte com os diferentes templos budistas, ou na capital, com espaço cosmopolita, onde vários pacotes turísticos comerciais e empresariais são vendidos.


Alguns países que mais lucram com o turismo, estão entre os mais ricos do mundo, e são: EUA, Espanha, França, Tailândia, Reino Unido, Itália, Austrália, Alemanha, Japão e China.

A importância do tema turismo para ensinarmos Geografia está tanto na condição econômica quanto na dinâmica espacial. Como já dito, o setor do turismo se organiza para envolver outros tipos de serviços na articulação de uso dos espaços em diferentes escalas. Nos principais países, onde essa atividade é bem desenvolvida e têm um impacto na economia local como também na global, possuem conexão

entre eles, do ponto de vista do entendimento do turismo enquanto negócio. Cavalcanti (2019) chama atenção para essa relação global e local que os espaços, principalmente, neste período de globalização, têm movimentado os fluxos e redes de forma mais dinamizada.

À vista disto, a Figura 1, mostra um dos materiais produzidos para as escolas a fim de discutirmos a importância do turismo para a economia mundial, e como a pandemia impactou todos os ramos envolvidos com o turismo, ou seja, neste processo de globalização, as atividades estão interconectadas na forma de mercadoria e serviços entre os lugares.

**Figura 1** – Boletim informativo sobre o setor do turismo e os possíveis impactos da pandemia da Covid-19



## COMO A COVID-19 IMPACTA O TURISMO MUNDIAL

### O tamanho do setor de turismo

A UNWTO (Organização mundial de turismo da ONU), em tradução livre) conta com dados de 159 países e mais de 500 membros observadores entre instituições públicas e privadas pelo mundo. De acordo com eles, o turismo mundial estava crescendo anualmente desde a última grande crise em 2008, quando o impacto havia sido muito forte sobre o setor. Em 2019 havia sido o melhor ano para o turismo desde 1970, quando começou a ter levantamento deste tipo de dados. Veja o gráfico abaixo e observe que o ano de 2009 foi o único com números negativos. Justamente um ano após a crise financeira de 2008 que atingiu principalmente os EUA. Naquela época viagens não eram proibidas nem nada próximo do que vivemos hoje. O simples fato de ter gerado desemprego e queda na renda das famílias foi suficiente para afetar o turismo. Desta vez os impactos parecem ser muito maiores.

investimentos em infraestrutura, qualificação, serviços e publicidade.

No mundo do trabalho os impactos parecem ser relevantes. Segundo a UNWTO 1 em cada 10 empregos no mundo são gerados direta ou indiretamente pelo turismo. E pelo menos 210 setores da economia de alguma forma estão relacionados ao turismo.

Ocorre que, como a transmissão do Covid-19 é feita pelo contato, uma das primeiras medidas adotadas em todo o mundo para conter o avanço da doença foi restringir a circulação de pessoas. Assim, o turismo foi afetado diretamente. Isto significa pensar que de cada dez pessoas no mundo, uma delas terá seu emprego ameaçado diretamente por este momento.

Mariana Aldrigui, presidente do Conselho de Turismo da FecomercioSP, afirma que analistas acreditam que o turismo vai ter uma queda considerável e estimam que o mundo volte a números de 2015. Neeste caso, o Brasil estaria de volta ao seu pior resultado desde 2010.

Talvez um dos aspectos mais perversos desta crise no turismo seja o fato de que vai afetar mais fortemente aqueles lugares que já são mais pobres e que enfrentam grandes desafios de ordem econômica e social. Lugares como Norte da África, Caribe e Sul da Ásia haviam apresentado o maior crescimento do turismo mundial (10%, 9% e 6% respectivamente) e portanto podemos imaginar impactos ainda maiores em sua economia e nos empregos.

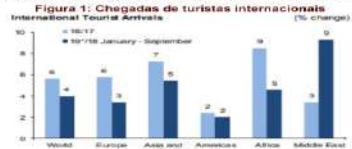
Sendo assim, de acordo com a experiência histórica devemos estar preparados para saber os reais impactos da pandemia no turismo em números apenas em 2021. Mas pensar a respeito nos permite fazer projeções e tentar prever algumas coisas com certa precisão.

Esta conversa continua em uma Segunda parte.

fonte:  
[http://www.ediovetos.turismo.gov.br/images/adenancia/UNWTO\\_World\\_Tourism\\_Boletim\\_2019\\_Edicao.pdf](http://www.ediovetos.turismo.gov.br/images/adenancia/UNWTO_World_Tourism_Boletim_2019_Edicao.pdf)  
<https://www.fecomercio.com.br/noticias/outras-especialistas-analisa-impactos-da-pandemia-de-coronavirus-no-setor-de-turismo>

**Figura 1: Chegadas de turistas internacionais**

International Tourist Arrivals (T% change)




Região	2017 (%)	2018 (Jan-Set) (%)
Mundo	4	3
Europa	4	3
Ásia e Pacífico	7	6
Américas	2	1
África	10	9
Middle East	6	5

Fonte: [http://www.ediovetos.turismo.gov.br/images/adenancia/UNWTO\\_World\\_Tourism\\_Boletim\\_2019\\_Edicao.pdf](http://www.ediovetos.turismo.gov.br/images/adenancia/UNWTO_World_Tourism_Boletim_2019_Edicao.pdf)

**Então vamos refletir sobre impactos que podemos esperar no turismo causados pela pandemia?**

O turismo corresponde a **terceira maior receita do mundo**, ficando atrás apenas da indústria de combustíveis e química. Isto representa 9% da exportação na América e África por exemplo. Mas a situação mais dramática está em pequenas ilhas onde o turismo pode corresponder a mais da metade de todo dinheiro movimentado na economia. Por exemplo podemos citar Aruba, ilha da América Central que tem 70% (de acordo com a UNWTO) de sua renda vinda do turismo. A ilha, que não é rica, para chegar neste patamar fez diversos



National Institute for Space Research and Aerospace Geomatics, Education and Statistics (GEPGEC)  
 Universidade Paulista - Av. Claudio Rangel, Sacramento  
 Projeto de Extensão OAB/SP e escolas de Geoplogia - GEPGEC-UBR4  
 Organização: Topy e Silva  
 Informe XX-01 de junho de 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

De acordo com o material, pautado nos dados da UNWTO (2020a), o turismo é uma atividade econômica importante e valorosa no mundo atual, tendo em vista, a questão da empregabilidade e dos setores econômicos envolvidos, ainda que passíveis dos impactos da Covid-19, por conta do isolamento espacial e das medidas de restrição de fluxos de pessoas e do fechamento de fronteiras.

## **O turismo nos primeiros meses da pandemia**

Sabemos que a crise em diferentes países pode causar problemas no turismo de cada lugar. Observamos, assim, casos como guerras civis, questões políticas ou crise sanitária, como é o caso da pandemia da Covid-19. Corbari e Grimm (2020) salientam a respeito dos surtos de epidemias e pandemias, em outros momentos de nossa história, como elas comprometem as viagens pelo mundo. Os espaços então foram reorganizados para atender as exigências sanitárias de isolamento espacial nos diferentes ramos econômicos, bem como sociais, educativos e na saúde. Além disso, as principais vias de acesso entre os países, estados ou municípios também foram repensados para conter a propagação do vírus. Assim, todos os países fecharam suas fronteiras para combater a doença.

As autoras ainda destacam o posicionamento de muitos pesquisadores, que enxergam no setor de serviços, o turismo, como maior impactado, não só o internacional como também o nacional:

Passados alguns meses do início da pandemia, o declínio em números de turistas e de receitas e o conseqüente impacto econômico em diversos países é notório. As previsões de perdas para companhias aéreas, empresas hoteleiras, restaurantes, empresas de eventos e mesmo grandes centros de entretenimento, como o Complexo Disney (TSIONAS, 2020; SEGAL; GERSTEL, 2020), se concretizaram. Estimativas da Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2020) apontam que os fluxos internacionais de turistas e receitas deverão ter grande queda no ano de 2020 (CORBARI; GRIMM, 2020, p. 7).

Desta maneira, a Figura 2, “Como a Covid-19 está impactando o turismo mundial? Parte 2” mostra os dados da UNWTO (2020b) em relação à queda do número de turistas no mundo, já apresentando números negativos no primeiro trimestre de 2020, com -35% na Ásia e Pacífico, onde ocorreram os primeiros casos, tal qual as medidas de distanciamento espacial e social, como ações preventivas. Assim, o material apresentou lugares turísticos ligados à religião e a cultura que estão vazios, num período considerado de alta para o turismo por conta das férias de janeiro.

Os impactos em Meca, Paris e Tóquio foram expressivos. Meca, visto como espaço sagrado do Islamismo não recebeu turistas para suas peregrinações por conta das medidas sanitárias de proteção à vida. A Torre Eiffel, um dos monumentos mais visitados em todo mundo, foi fechada em razão da Covid-19. Assim como o templo budista japonês muito visitado por todos, que se encontrou completamente vazio. A partir desses fatos, o conteúdo da Geografia pode ser versado no pensar geograficamente a localização desses pontos turísticos, os arranjos espaciais desses lugares, como estão distribuídos em suas regiões, as diferentes características geográficas desses espaços, as funções desses objetos dentro do espaço e seus significados, dentre outros.

**Figura 2** – Boletim didático sobre os impactos da Covid-19 no mundo



## COMO A COVID-19 ESTÁ IMPACTANDO O TURISMO MUNDIAL?

PARTE 2

**O SETOR DE TURISMO MUNDIAL E OS PROBLEMAS COM A COVID-19**

Como já escrito no boletim anterior, o turismo corresponde a 30% da economia mundial de acordo com UNWTO. Desde quando começou a pandemia, todos os países fecharam suas fronteiras para combater a doença. Pode-se observar no gráfico 1 já os impactos da covid-19 na economia turística, principalmente na Ásia e Pacífico, onde a doença se alastrou em primeiro lugar.

**GRÁFICO 1: CHEGADA INTERNACIONAL DE TURISTA 2019 E 1º TRIMESTRE DE 2020**



Região	2019	1º Trimestre 2020
Mundo	~10	~-10
Europa	~5	~-5
Ásia e Pacífico	~10	~-25
Américas	~5	~-5
África	~5	~-5
Oriente Médio	~5	~-5

Fonte: UNTWO (2020)

Segundo o site do UNWTO em 07 de maio de 2020: *"A pandemia de COVID-19 causou uma queda de 22% nas chegadas de turistas internacionais durante o primeiro trimestre de 2020, mostram os dados mais recentes da Organização Mundial de Turismo (OMT). Segundo a agência especializada das Nações Unidas, a crise pode levar a um declínio anual entre 60% e 80% quando comparado com os números de 2019. Isso coloca milhões de meios de subsistência em risco e ameaça reverter o progresso alcançado no avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)".*

**IMPACTOS PELO MUNDO**

As restrições pelo mundo deixaram e têm deixado vários lugares tradicionais sem turistas. As figuras (1, 2 e 3) mostram três diferentes cidades que sofreram impactos por conta da doença.

**FIGURA 1: MECA NA ARÁBIA SAUDITA EM 2019 - 2020**



Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/07/veja-como-famosos-pontos-turisticos-ou-de-grande-circulacao-pelo-mundo-foram-afetados-pelo-coronavirus.ghtml>

**FIGURA 2: TORREI EIFFEL EM PARIS, FRANÇA EM FEVEREIRO DE 2019 E EM 5 DE MARÇO DE 2020**



Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/07/veja-como-famosos-pontos-turisticos-ou-de-grande-circulacao-pelo-mundo-foram-afetados-pelo-coronavirus.ghtml>

**FIGURA 3: TEMPLO SENSO-JI, TÓQUIO ABRIL DE 2019/MARÇO DE 2020**



Fonte: <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/imagens-mostram-o-antes-e-o-depois-do-efeito-coronavirus-em-locais-turisticos#&gid=1&pid=6>

O que podemos perceber a partir dessas figuras? Os fluxos são os mesmos? É só fluxo de pessoas que mudou? Outras questões dentro da economia local também mudam? O que seria?



**VEJA NA ÍNTEGRA O TEXTO PUBLICADO SOBRE OS IMPACTOS NO TURISMO PELO MUNDO**

Link: <https://www.unwto.org/news/covid-19-international-tourist-numbers-could-fall-60-80-in-2020>

**FONTES CONSULTADAS**

<https://www.unwto.org/news/covid-19-international-tourist-numbers-could-fall-60-80-in-2020>



Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr. Ana Claudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia.  
 Ana Claudia Ramos Sacramento e Thiago Silva  
 Informativo X - 15 de junho 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.


A Figura 3, destaca os impactos da Covid-19 no Caribe, região majoritariamente, de ilhas que têm como principal fonte de renda, o

**O TURISMO E OS IMPACTOS ECONÔMICOS**

223

setor do turismo. Os impactos nas ilhas foram alarmantes, pois muitos habitantes vivem exclusivamente do turismo. Então, governos locais pediram ajuda aos organismos internacionais, bem como de alguns países para conseguirem sobreviver aos momentos iniciais.

**Figura 3** – Boletim didático sobre o Caribe, o turismo e a Covid-19



## CARIBE, O TURISMO E O COVID-19

### INTRODUÇÃO

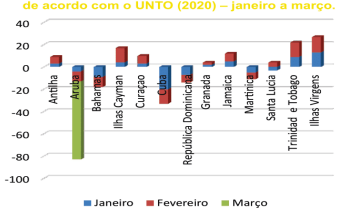
De acordo com UNWTO (2020) o turismo internacional teve uma queda de 60% a 80%. Em muitos países o turismo é a principal fonte de renda.

As ilhas do Caribe sofrem economicamente com o isolamento provocado pelo COVID-19, hotéis, aeroportos e cruzeiros sem turistas paralisam a economia local. Fator agravante para região do Caribe que a pouco estava em recuperação econômica por causa de dois fortes furacões que aconteceram em 2017 e 2019 Maria e Dorian respectivamente.

### SETOR TURÍSTICO CARIBENHO NA PANDEMIA

Dados apresentados no site no UWTO (2020) apontam que a sub-região do Caribe teve um decréscimo de 20% total do turismo de janeiro a março correspondendo a U\$ 1.565.000,00. O gráfico 1 apresenta dados sobre a queda do turismo desde a pandemia.

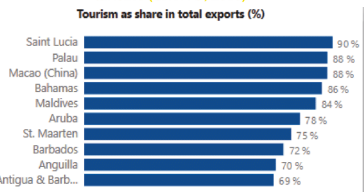
Gráfico 1: Mudança mensal do turismo no Caribe de acordo com o UNTO (2020) – janeiro a março.



Fonte: Dados organizados por Ana Claudia Ramos Sacramento a partir do site <https://www.unwto.org/international-tourism-and-covid-19>

### Gráfico 2: Países do Caribe com renda no turismo (UNWTO, 2020)

Tourism as share in total exports (%)



Fonte: <https://www.unwto.org/international-tourism-and-covid-19>

Nas pequenas Ilhas Antilhas e Santa Lúcia com aproximadamente 178 mil habitantes, foram atingidos pela pandemia 13 mil postos de trabalho.

### AS ILHAS QUE MAIS DEPENDEM DO TURISMO


Nevis, Ilhas Virgens Britânicas, São Cristóvão, Bahamas, Granada e Santa Lúcia, são os pequenos territórios que mais são dependentes do turismo segundo o Ministro do Turismo da Jamaica Edmund Bartlett. Atualmente a região registra 1.016.828 contágios contando com registros desde o início da pandemia.

Aruba é uma ilha que recebe um grande número de turistas durante todo ano por conta da sua grande infraestrutura para atender os turistas estadunidenses e europeus. Observe que no gráfico 1 a uma queda drástica em março, provavelmente por conta da COVID-19.


O que esses países estão fazendo para buscar alternativas não só de combate ao vírus mas também de sobrevivência uma vez que não se está tendo turista estrangeiro?

### FONTES CONSULTADAS

<https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2020/04/27/covid-19-arrasa-economias-do-caribe-altamente-dependentes-do-turismo.htm>  
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/05/31/america-latina-e-caribe-superam-1-milhao-de-casos-de-covid-19-a-metade-no-brasil-balanco-afp.htm>  
<https://unwto.org/news/covid-19-international-tourist-numbers-could-fall-60-80-in-2020>



**GEPGEC**  
Geografia, Educação e Cidadania



**FAPERJ**  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Material organizado Pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Claudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão Oficinas Escolares de Geografia  
 Bolsa de Monitoria de Metodologias e Práticas Pedagógicas da Geografia  
 Anna Julia Rozado e Leticia Mendes  
 Informativo XXII - 02 de Junho de 2020

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.



Este material permitiu discussões sobre o significado da região caribenha, a sua localização geográfica, a distribuição das ilhas, suas dinâmicas climáticas e oceânicas, as diferentes culturas locais, dentre outros. A reportagem do UOL Economia, denominada “Covid-19 arrasa economias do Caribe, altamente dependentes do turismo”, do dia 27/04/2020, apresentou esses impactos. E assim como no Caribe, o turismo na África também foi muito afetado. Como um dos serviços fundamentais em parte dos países africanos, o turismo, foi aberto com o intuito de melhorar a condição econômica dos países. De acordo com os dados do relatório científico sobre impactos do turismo, podemos observar no Quadro 1, alguns dados de Lindsey *et al.* (2020).

**Quadro 1** – Impactos e exemplos de pesquisas de financiamento e de conservação na África, pelo turismo

<b>Impacto regional e financiamento</b>	<b>Ameaças relacionadas ao Covid-19 no tocante ao financiamento</b>
70 milhões de visitas por ano a áreas protegidas na África no valor de US\$ 10 a 50 bilhões.	Encerramento de viagens internacionais, que pode se estender por meses, reduz o turismo.
8,5% do PIB do continente.	Encerramento de viagens domésticas reduz o turismo.
3,6 milhões de empregos diretos no continente.	A recessão econômica reduz futuras viagens internacionais.
~ 24 milhões de empregos indiretos.	O medo de viajar durante a pandemia Covid-19 reduz as chegadas.

Fonte: Lindsey *et al.* (2020, p. 1.301).

Isto significa que os impactos não só ocorreram na economia, como também no financiamento à manutenção das áreas protegidas no continente. De acordo ainda com este artigo:

A África tem quase 2.000 áreas-chave de biodiversidade e oferece suporte às populações de grandes mamíferos mais diversificadas e abundantes do mundo. Financeiramente, o valor mais aparente da vida selvagem e das áreas selvagens da África deriva do turismo baseado na vida selvagem, que gera mais de US\$ 29 bilhões anualmente e emprega 3,6 milhões de pessoas. A caça ao troféu, um subconjunto da indústria do turismo, gera cerca de US\$ 217 milhões anualmente em mais de 1 milhão de km<sup>2</sup> (refs. 8,9). O turismo ajuda os governos a justificarem a proteção do *habitat* da vida selvagem (LINDSEY *et al.*, 2020).

Infelizmente, a pandemia trouxe vários problemas e um deles está relacionado com a fragilidade ou mesmo a paralisação das atividades turísticas em diversos países, que acarretou em prejuízos econômicos e ambientais significativos como, por exemplo, no caso da África, a proteção aos animais. Desta maneira, os impactos da pandemia mostram a necessidade de refletirmos sobre os diferentes territórios do continente africano, onde as diferenças culturais, os arranjos espaciais e as paisagens naturais, nos permitem pensar o uso desses espaços dentro do setor econômico para as comunidades locais.

A pandemia da Covid-19 afetou dramaticamente o setor de turismo em todo o mundo. O Brasil também foi prejudicado, pois seus aeroportos mais movimentados apresentaram 90% de queda de março a abril, por conta do início da pandemia no país. Esses impactos foram alarmantes para as empresas que tiveram que readequar as malhas áreas para atender as novas demandas de medidas sanitárias, bem como perdas expressivas financeiras.

O site “*flightRadar24*” que realiza o monitoramento de voos comerciais em todo planeta, registrou um aumento de 26% em junho de 2020. A movimentação espacial dos voos pelo Brasil expôs que a malha da região Sudeste e parte de Brasília tem um considerado fluxo de aviões, enquanto o Nordeste, Sul e Norte ainda tinham uma pequena movimentação.

Identificamos a dimensão espacial das malhas aéreas no país possibilitando a assim a leitura das principais localizações dos

aeroportos, a distribuição dessa malha, a dinâmica dos principais fluxos aéreos no período da pandemia e os impactos no turismo em vários estados e municípios do Brasil.

## **As questões da retomada das atividades turísticas e novos fechamentos**

Em junho de 2020, vários países da Europa, Ásia e Oceania abriram suas fronteiras para receber os turistas, uma vez que aparentemente, o número de casos e de óbitos estava controlado.

O verão europeu apresentou incidentes por conta de aglomerações em vários lugares, principalmente, nas praias. De acordo com a reportagem da Redação Litorânea FM de 10/08/2020: “No Reino Unido e na Alemanha, o litoral também está lotado e as autoridades alemãs tiveram que exigir o fechamento de lagos e algumas praias do Norte do país devido à impossibilidade de respeito às medidas de segurança”.

Os países europeus durante os meses de julho e agosto receberam vários turistas nas praias e nos pontos turísticos, que já estavam abertos. Devido a um intenso calor, as pessoas ficaram ao redor da Torre Eiffel onde se encontraram nas fontes do Trocadero. Em várias cidades ocorreram casos de confrontos entre turistas, moradores locais e Polícia visto à falta do cumprimento das medidas de distanciamento social.

Na Ásia, alguns países retomaram as atividades turísticas, como, por exemplo, a Indonésia, onde a ilha de Bali estava sofrendo com os danos causados pela pandemia. A ilha foi reaberta para o turismo doméstico e no dia 11 de setembro, seria aberta para o turismo exterior, porém, com o grande aumento de infectados pelo vírus o plano precisou ser adiado.

A Tailândia, a princípio, havia decidido que só reabriria suas portas para turistas em 2021, em agosto. Esta decisão foi reavaliada e a reabertura parcial de fronteiras aconteceu em outubro de 2020. O

diretor da Autoridade de Turismo da Tailândia, Yuthasak Supasorn, afirmou que os turistas deverão permanecer por 30 dias, sendo 14 dias de quarentena no hotel e, posteriormente, obter autorização para visitar o país, podendo ocorrer restrições de algumas nacionalidades. No dia 1º de outubro, houve a reabertura em Phuket, que se caracteriza por ser porta de entrada para as ilhas na Tailândia, como Phi Phi. Os turistas, para visitarem as ilhas da Tailândia, devem fazer dois testes da Covid-19, enquanto estiverem em quarentena no hotel, de modo que possam seguir para a visitação.


Assim, também ocorreu nas ilhas da Polinésia Francesa. No mês de junho, o turismo foi retomado porque a Covid-19 estava controlada. Mas o que aconteceu? Assim como na Europa, as ilhas tiveram um aumento de casos a partir de setembro e com isso, voltaram a adotar medidas mais rígidas.

Devido a Wuhan ter conseguido lidar bem com a questão da doença, esta se tornou uma área turística para os próprios chineses. Segundo a *British Broadcasting Corporation News* (BBC News) em matéria de 27 de outubro: “Somente durante a Semana Dourada, período festivo do gigante asiático, que vai de 1 a 7 de outubro, a Província de Hubei atraiu mais de 52 milhões de turistas que geraram receitas de aproximadamente US\$ 5,2 bilhões, o equivalente a R\$ 29 bilhões”.

Com base na dinâmica das escalas do turismo pelo mundo é possível pensar em como cada país lidou com as medidas para a volta ou não do turismo, e a relevância dessa atividade na economia local.

A Figura 4, mostra os países com restrições para a entrada de turistas no mês de outubro. Brasil, América Central, poucas ilhas da Oceania e alguns países africanos não tinham nenhuma restrição.

## Figura 4 – Boletim informativo mostrando a situação da restrição de viagens e a entrevista com um agente turístico brasileiro, no Chile

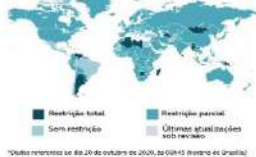


### COMO A COVID-19 ESTÁ IMPACTANDO O TURISMO MUNDIAL? PARTE 5

**O SETOR DE TURISMO LATINO E OS PROBLEMAS COM A COVID-19**

Como já escrito no boletim anterior, o turismo corresponde a 30% da economia mundial de acordo com UNWTO. Desde quando começou a pandemia, praticamente quase todos os países fecharam suas fronteiras e aeroportos para evitar a circulação de pessoas. No entanto, desde outubro, pode-se perceber que com o aumento no número de casos da covid-19 pode impedir a reabertura. Dos 32 países com possibilidade de isenção de restrições de entrada, 13, incluindo o Brasil, estão com alta em novos casos da doença. Pode-se observar na figura 1, onde mostra os países que estiveram (até a data de publicação do mapa, 20 de outubro) ou ainda estão com seus aeroportos fechados e com medidas restritivas em alguns países.

**FIGURA 1: RESTRIÇÕES DE VIAGEM POR COVID-19.**  
Restrições de viagem por covid-19



Fonte: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/10/21/coronavirus-na-continhamao-mundo-brasil-segue-com-resticoes-o-entrada-de-estrangeiros-por-aerportos-globos.html>

Igualmente ao que foi feito pelo Governo Argentino. Entrevista com o agente de viagem e proprietário da empresa Pedropelochi:

- Qual o seu nome completo?  
*Pedro Henrique de Camargo Nicoló.*
- Há quantos anos vive no Chile?  
*Há 6 anos.*
- Há quanto tempo trabalha com o turismo?  
*Há 4 anos.*
- Precisou demitir algum funcionário durante a Pandemia ou trabalhar sozinho?  
*Eu tinha colaboradores comissionados que acabaram ficando sem trabalho. Trabalhei sozinho na parte da Administração (atendimento, desmarcar agendamentos, estornar pagamentos, redes sociais, etc...)*
- Por quantos meses o turismo no Chile ficou totalmente parado?  
*Minha área é o turismo internacional no Chile, que foi parado no dia 17/03/2020 e voltou no dia 23/11/2020, somando quase 8 meses. Apesar das fronteiras para o turismo internacional terem sido abertas no dia 23/11 o mesmo ainda não voltou ate o momento.*
- Você pensou em mudar os rumos do seu negócio durante esse período ou conseguiu gerenciar bem?  
*Não pensei em mudar de ramo. Meu negócio é pequeno com poucos gastos fixos, eu tinha uma reserva monetária e o governo do Chile ofereceu ajuda a pequenos e médios empresários.*
- O quanto o turismo da Cordilheira representa no seu negócio?  
*Eu acredito que por volta de 65%, considerando que de a cada 3 passeios 2 são na cordilheira.*
- Acredita na retomada já nesse verão com a abertura da fronteira ou num processo mais gradual com um período de meses à frente?  
*Acredito em um processo mais gradual.*
- As medidas atuais do governo em relação a segurança do turismo por conta da pandemia mudarão a rotina dos passeios?  
*Sim, considerando que para viajar para o Chile as pessoas terão que disponibilizar mais tempo e dinheiro para fazer exames PCR, seguro de viagem, traduzir documentos para o espanhol. Em relação aos passeios deixaremos álcool gel, água, toalhas de papel e máscaras no carro para os passageiros.*

**ARGENTINA**

Grandes aeroportos desertos nas maiores cidades do mundo, com uma das quarentenas mais longas e rígidas da região, a Argentina é uma das economias que mais sofreu e o Banco Mundial estima que o país fechará 2020 com 12,3% a menos em seu PIB e quase o dobro de pobres do que no início do ano. O governo argentino abriu de maneira oficial suas fronteiras a partir do dia 30/10/2020, inicialmente com países limítrofes, incluindo, assim, a entrada de brasileiros. Segundo a resolução oficial, os turistas devem ainda apresentar no momento de entrada no país, uma Declaração Jurada (preenchimento de formulário eletrônico onde deve contar o histórico de viagens e estado de saúde) que deve ser preenchida 48 horas antes do embarque.

**CHILE**

Depois de mais de 200 dias fechado por conta da pandemia, as fronteiras do Chile iniciaram o processo de reabertura para receber os primeiros estrangeiros apenas por via aérea e por meio do Aeroporto Arturo Merino Benítez. Portanto a partir do dia 23 de novembro, segundo decreto oficial, foram retiradas certas restrições para entrada de turistas internacionais, os quais deverão cumprir restrições medidas sanitárias de acordo com o protocolo elaborado pelo Ministério da Saúde.

**FONTES CONSULTADAS**

<https://www.unwto.org/news/2020-10-international-tourism-doubles-covid-50-06-89-10-2020>  
<https://www.mercadoaberto.com.br/mobilidade/cachorro-pesado-continua-sem-numeros-a-avulso-do-turismo-esp-ufmg-ansis/>  
<https://www.10.com.br/paginas/encuentros-com-destinos-de-fronteiras-para-argentina/>  
<https://www.latinamerica.com.br/pt-br/noticias-turismo-as-fronteiras-para-turistas-resta-segundo-160-23/>  
 Entrevista cedida por: Pedro Henrique Camargo Nicoló, proprietário da empresa Pedropelochi.

Material organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidades (GEPGEC), Coordenador Prof. Dr. Ana Cláudia Barreto Sacramento  
 Projeto de Extensão: Oficinas Escolares em Geografia (Cetraria) – Agência Dantas  
 Bolsa Iniciação a docência - Cetraria-Uerj (2018-2020); "Didática e mediação dos professores de geografia em São Gonçalo" - Gabriel Rosa  
 Informativo X – 14 de dezembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepegec.com.br/informativos-covid-19>.

O material faz parte de uma entrevista a um agente de turismo brasileiro que vive no Chile, que fala sobre os impactos da Covid-19 em seu trabalho e no setor chileno.

O TURISMO E OS IMPACTOS ECONÔMICOS

229

Na Figura 5, o boletim didático discorre sobre os impactos de forma geral em alguns continentes e a situação dos países que recebem turistas neste período de pandemia. O material, alerta que alguns países têm se preocupado com o fluxo de turistas, tanto internacionais como regionais e os impactos do aumento de casos da Covid-19.

Os conteúdos apresentados nesses materiais possibilitaram o desenvolvimento de diferentes formas de uso para pensarmos geograficamente os aspectos da Covid-19, em dimensões variadas de escalas, bem como analisarmos os impactos de acordo com a localização, a distribuição e os arranjos espaciais que cada país, estado ou município adotaram para conseguir o mínimo de atividade turística.

**Figura 5 – Boletim Informativo mostrando a situação de alguns continentes em relação ao turismo**



## COMO A COVID-19 ESTÁ IMPACTANDO O TURISMO MUNDIAL? PARTE 6

**O SETOR DE TURISMO NO MUNDO E OS PROBLEMAS NA RETOMADA FRENTE A COVID-19**

Países como Estados Unidos, França e Alemanha possuem a cada dia um aumento em novos casos e preocupações relacionadas à temida nova onda de infecções. Contudo, alguns países ainda que a contramão das medidas mundiais está começando a reabrir as fronteiras para os turistas, apontando como razões que o setor fechado por tempo indeterminado representaria uma insustentável condição significativa para suas economias.

Na figura 1, da Organização Mundial de Turismo, referente ao mês de novembro, pode-se observar os países que se encontram sem restrições ou medidas mais brandas quanto ao acesso dos turistas (verde) e os que se encontram com medidas restritivas mais severas ou fronteiras completamente fechadas (azul).

**FIGURA 1: CONDIÇÕES DOS PAÍSES PARA RECEBER TURISTAS EM NOVEMBRO DE 2020.**



■ COVID-19 Travel restrictions eased

■ COVID-19 Travel restrictions not eased

Fonte: <https://webunivto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/v3/ia-public/2020-12/201262-Traavel-Restrictioes.pdf>

**AMÉRICAS DO NORTE E CENTRAL**

Alguns países como os Estados Unidos adotam casos bem específicos quanto ao assunto. A entrada de viajantes provenientes de países da União Europeia, Brasil, China, Irã e Reino Unido, seguem com restrições totais para turismo, porém, esse bloqueio se refere a idas diretas saindo desses países, entretanto, a comprovação de quarentena de um brasileiro num país que não se encontra na mesma condição que os cidadãos, por exemplo, não o impede de ter acesso ao país.

O México é um dos que não adotou o bloqueio de suas fronteiras em momento algum durante a pandemia, a temperatura dos visitantes e as medidas sanitárias são praticadas, mas o fechamento não se encontra como possibilidade sequer para as nações que estão fechadas para cidadãos mexicanos, como os EUA.

As ilhas do Caribe possuem como um trabalho mais gradual no quesito de procedimentos e aberturas de suas regiões para o turismo. De julho até agosto um plano de passo a passo e medidas de acompanhamento através de rastreamento de contatos sobre casos de infecções tanto de locais quanto

turistas vem sendo executados, ainda que o planejamento na possível hipótese de um acentuado aumento de contaminações não seja descartado.

**CONTINENTE AFRICANO**

O turismo na África no geral, foi fortemente afetado, cancelamento de viagens internacionais e restrições ao movimento nacional de pessoas devido à covid-19, com as restrições de viagem de países europeus relacionadas com a pandemia. De acordo com estudos feitos, cerca de 51% dos turistas que visitam a África chegam da Europa. Com essa queda certa de mais de 17 milhões de desempregados e uma perda de 102 milhões de euros que deixaram de chegar na economia do continente.

No início do mês de novembro, a África do Sul abriu todas as suas fronteiras, embora regulamentada por rígidos regulamentos sanitários para evitar a disseminação da Covid-19, o que poderia facilitar um fluxo inicial gradual, embora previsivelmente baixo, de turistas estrangeiros.

**CONTINENTE EUROPEU**

Com a diminuição das restrições teve um pequeno aumento na economia de julho e agosto uma recuperação significativa para os europeus, porém agora com o crescente aumento nos casos de covid-19 na Europa ameaça acabar com as esperanças de uma rápida recuperação. O Reino Unido apresenta o maior número de mortes relacionadas à covid-19 na Europa, com mais de 46.000 fatalidades. Vários países europeus estão fechando suas fronteiras para o Reino Unido devido ao caso de mutação da covid-19.

Os destinos mais afetados segundo o Portal Panotas, os destinos do Mediterrâneo, Chipre e Montenegro viram as quedas mais acentuadas nas chegadas, de 86% e 84%, respectivamente, atribuíveis a uma maior dependência de viajantes estrangeiros. Entre os outros países mais afetados estão a Romênia, onde as chegadas despencaram 80%, Turquia, com -77% e Portugal e Sérvia, ambos com uma queda de 74%. Já os insulares Islândia e Malta registraram uma diminuição de 71%, principalmente por conta da localização geográfica e restrições de fronteira mais rigorosas

**FONTES CONSULTADAS**

<https://www.unwto.org/news/2020-11-19-international-tourist-arrivals-remain-low-but-are-on-the-rise>  
<https://www.nacion.com/seguro-y-viajes/2020/12/09-que-paises-pueden-entrar-noruega-y-suiza-durante-la-pandemia>  
<https://www.paises.com/boletim-novo-paises-e-restricoes/2020/11/19-turismo-pode-enterrar-queda-de-61-em-chegadas-estrangeiras-a-177885.html>  
<https://www.mercadoventos.com.br/rio-de-janeiro/mais-de-150-destinos-ja-podem-entrar-de-estrangeiros-contra-situacao-de-cada-pais/>  
<https://www.rp.pt/boletim-mundo/covid-19-turismo-afrikanco-afirma-estudo-europeu>, 11/26/2020  
<https://www.kayak.com/br/strategies-do-viagem>



Material organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Geográfica, Educação e Cidadania (GEPGEC);  
 Coordenação Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Ramos Sacramento  
 Projeto de Extensão: Oficinas Escolares em Geografia (Cetrelina) –  
 Agatha Dantas  
 Bolsa Iniciação a docência - Cetrelina-Uerj (2016-2020): "Didática e mediação dos professores de geografia em São Gonçalo" – Gabriel Rios  
 Informativo X – 23 de dezembro de 2020.

Fonte: Boletim informativo Covid-19. Disponível em: <https://www.gepgec.com.br/informativos-covid-19>.

**O TURISMO E OS IMPACTOS ECONÔMICOS**

231

## Considerações finais

Quando a pandemia explodiu, a questão a respeito do retorno do turismo, como no passado, novamente chegou ao topo das discussões. Os países estariam enfim dispostos a abrir suas fronteiras? As pessoas poderiam transitar pelo mundo sem necessidade, apenas por lazer? Quais são os impactos causados de fato pela Covid-19 no turismo local e global?

Não temos uma resposta, uma vez que é preciso um olhar mais crítico para a situação e não de euforia, para aceitarmos a hipótese de que haverá mesmo uma retomada do turismo. Devemos também pensar nas mudanças que o trauma da pandemia causará.

Esperamos que os residentes de alguns países que tenham sido muito afetados ou que não consigam controlar o surto de coronavírus encontrem maiores dificuldades para viajar.

Chegamos a esta conclusão, quando pensamos nos enormes custos que a pandemia acarretou e que ainda tem acarretado, no início de 2021, em países como Reino Unido, Portugal e França, que fecharam novamente as fronteiras para o mundo e, assim, para o turismo.

Podemos estar diante de uma nova configuração internacional do tráfego de pessoas. Países que lidaram com a crise de um jeito, brindando seus cidadãos com algumas possibilidades de viagens, como o caso brasileiro, mas que em janeiro de 2021, fechou as fronteiras marítimas e terrestres internacionais, pelo excesso aumento de casos e óbitos de Covid-19 e outros países tiveram destinos restritos.

Ao mesmo tempo, e talvez, o mais perverso, seria o caso de alguns países que não souberam (ou não puderam, em alguns casos) lidar com o problema, deixarem de ser destinos turísticos internacionais. Muitas vezes, estes são países menos desenvolvidos e demandam de maior geração de renda.



## Referências

- BERTO DE ALMADA, José Alexandre. Abordagens geográficas sobre o turismo. **Pensar Geografia**, v. 4, n. 1, p. 2-14, 2020. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/PGEO/article/view/2133>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari Koplen. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar Geografia**: ensaios e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.
- CORBARI, Sandra Dalila; GRIMM, Jurema. A pandemia de Covid-19 e os impactos no setor do turismo em Curitiba (PR): uma análise preliminar. **Ateliê do Turismo**, Turismo em tempos de Pandemia, v. 4, n. 2, p. 1-26, ago./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/11284>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- FLIGHTTRADAR.24. **Brasil**. Disponível em: <https://www.flightradar24.com/>. Acesso em: 20 set. 2020.
- GOIÁS TURISMO. **Turismo é responsável por 10,4% do PIB mundial**. 06 out. 2020. Disponível em: <https://www.goiasturismo.go.gov.br/not%C3%ADcias/1481-turismo-%C3%A9-respons%C3%A1vel-por-10,4-do-pib-mundial.html>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- LINDSEY, Peter *et al.* Conserving Africa's wildlife and wildlands through the Covid-19 crisis and beyond. **Nature, Ecology & Evolution**, v. 4, p. 1.300-1.310, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41559-020-1275-6>. Acesso em: 06 out. 2020.
- LITORÂNEO FM 91,5. **Onda de forte calor que atinge a Europa complica combate ao coronavírus**. Disponível em: <https://www.litoranea.fm/onda-de-forte-calor-que-atinge-a-europa-complica-combate-ao-coronavirus/>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo tem faturamento recorde de R\$ 136,7 bilhões em 2019**. 02 out. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2019/10/turismo-tem-faturamento-recorde-de-r-136-7-bilhoes-em-2019>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- UOL ECONOMIA. **Covid-19 arrasa economias do Caribe, altamente dependentes do turismo**. 27 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2020/04/27/covid-19-arrasa-economias-do-caribe-altamente-dependentes-do-turismo.htm>. Acesso em: 20 jul. 2020.

UNTWO. **International tourism continues to outpace the global economy.** 2019. Disponível em: [http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/demanda/International\\_Tourism\\_Highlights\\_2019\\_Edition.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/demanda/International_Tourism_Highlights_2019_Edition.pdf). Acesso em: 28 jan. 2021.

UNWTO. **International Tourism and Covid-19.** 2020a. Disponível em: <https://www.unwto.org/international-tourism-and-covid-19>. Acesso em: 28 jan. 2021.

UNWTO. **International tourist numbers could fall 6-80% in 2020, UNWTO, reports.** 7 maio 2020. Disponível em: <https://www.unwto.org/news/covid-19-international-tourist-numbers-could-fall-60-80-in-2020>. Acesso em: 20 jul. 2020.

## **SOBRE AS AUTORAS/ ORGANIZADORAS**

**ANA CLAUDIA RAMOS SACRAMENTO** – Doutora em Geografia Física pela DG-FFLCH-USP (2012). Mestra em Educação pela FE-USP (2007). Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 2001). Professora Associada do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). Possui experiência como professora das redes pública e privada dos ensinos Fundamental e Médio. Atualmente é coordenadora de projetos pela FAPERJ e é bolsista Jovem Cientista do nosso estado pela FAPERJ (2018). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC). Desenvolve pesquisas e atua na área de ensino de Geografia, principalmente, nos seguintes temas: Educação Geográfica, Formação de Professores, Currículo e Didática de Geografia.

E-mail: [anaclaudia.sacramento@hotmail.com](mailto:anaclaudia.sacramento@hotmail.com)

**IOMARA BARROS DE SOUSA** – Possui licenciatura (2007) e bacharelado (2010) em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Educação Básica – ensino de Geografia pela Faculdade de Formação de Professores (FFP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Mestre em Geografia (2014) pela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Rio Claro (2018). Desenvolve pesquisas na área de Ensino de Geografia, Cartografia Escolar e em Geotecnologias aplicadas ao ensino de Cartografia na Educação Básica e no Ensino Superior. É membro do Conselho Científico da Olimpíada Brasileira de Cartografia (OBRAC). Foi professora regente no Ensino Fundamental I, docente de Geografia no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio na rede estadual do Rio de Janeiro, bem como nas redes municipais de Itaboraí e Macaé (RJ). Atualmente é professora adjunta no Departamento de Geografia e Políticas Públicas do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense onde atua em disciplinas pedagógicas no curso de licenciatura de Geografia e de Pedagogia.  
E-mail: iomara\_sousa@id.uff.br

## **SOBRE OS AUTORES**

**ÁGATHA DA SILVA DANTAS CONCEIÇÃO** – Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista voluntária do Projeto de Extensão: Oficinas Escolares de Geografia (2018-2021). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.  
E-mail: agathadantas1@gmail.com

**ANNA JULIA LIMA ROZADO** – Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista UERJ-Cetreina, Monitoria de Metodologias e Práticas Pedagógicas em Geografia (MPPG) (2020-2022). Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.  
E-mail: annajuliarozado@hotmail.com.

**ANA OLÍVIA DE ALMEIDA REIS** – Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade do Estado

do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Ecologia e Evolução pela mesma instituição, possui licenciatura em Ciências Biológicas pela UERJ-FFP. Atualmente, leciona Biologia para turmas do Ensino Médio na rede pública do Estado do Rio de Janeiro. É membro ex-offício da Diretoria Executiva da APECS-Brasil (Associação de Pesquisadores e Educadores em Início de Carreira sobre o Mar e os Polos), onde atuou de 2016 a 2020, tendo sido membro fundador da APECS-Brasil em 2013. Possui experiência na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia de Populações, Diversidade e Conservação de Aves, onde atua, principalmente, nos seguintes temas: Aves Antárticas e Parasitologia.

E-mail: reis.aoa@gmail.com

**BEATRIZ CARVALHO TORRES** – Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Foi bolsista da Iniciação à Docência UERJ-Cetreina do projeto: “Didática e Mediação dos Professores de Geografia em São Gonçalo” (2018-2020). Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.

E-mail: beatriztorres9610@gmail.com

**CHARLES PRADO CUNHA** – Graduando do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista de Iniciação Tecnológica – PIBITI/CNPq (2020-2021): “O ensino e a aprendizagem a partir de aplicativos e jogos digitais para o ensino de Geografia na cidade de São Gonçalo”. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.

E-mail: charlesprado@outlook.com

**DÉBORA DE OLIVEIRA ASSUMPCÃO SILVA** – Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/UERJ, no projeto: “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo” (2020-2022). Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.  
E-mail: deboraicnv@gmail.com

**GABRIEL DA ROSA E SILVA** – Graduando do curso de Licenciatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista Iniciação à Docência – Cetreina-UERJ (2020-2022) com o projeto: “Didática e mediação dos professores de Geografia em São Gonçalo”. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.  
E-mail: gabrielrosa814@gmail.com

**ISABELA HABIB CANAAN DA SILVA** – Doutora em Engenharia Civil pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra – COPPE (2015). Mestre em Engenharia Civil pela mesma instituição em (2010). Possui licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Tem experiência nas áreas de Geociências e Geotecnologias, com ênfase em Meio Ambiente, Cartografia, Sistemas de Informações Geográficas e Sensoriamento Remoto, já tendo atuado no ramo, tanto profissionalmente, como em projetos de pesquisa. Já foi professora para diferentes segmentos de ensino, atualmente é professora adjunta do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e membro do Grupo Dinâmicas Ambientais e Geoprocessamento da UERJ/FFP.  
E-mail: isabelahabib@yahoo.com.br

**JONAS RAMOS PIMENTEL** – Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ (2020). Membro do Grupo de Dinâmicas Ambientais e Geoprocessamento da UERJ/FFP. E-mail: jonaspimentel97@gmail.com

**LETÍCIA DA SILVA MENDES** – Graduanda no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), com o projeto “Análise e articulação entre as práticas pedagógicas dos docentes em Geografia e Políticas Curriculares no Estado do Rio de Janeiro” (2020-2021). Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento. E-mail: mendesleticiauerj@gmail.com

**MARCELA QUEIROZ GRANATO** – Possui pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Biologia Parasitária da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e mestrado em Ciências, pela mesma instituição. Graduada em Ciências Biológicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Pesquisadora e colaboradora do Laboratório de Taxonomia, Bioquímica e Bioprospecção de Fungos-LTBBF (Departamento de Micologia) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fiocruz, de 2017 a 2018. Atualmente, leciona Ciências para turmas do Ensino Fundamental na rede pública do Estado do Rio de Janeiro e na rede privada do município de Niterói. Possui experiência na área de Microbiologia, com ênfase em Micologia, atuando principalmente, nos seguintes temas: Biologia Celular, Fatores de Virulência, Atividade Antifúngica e Proteases. E-mail: marcela.granato@hotmail.com



**THAÍS ALVES DA GRAÇA LINO** – Graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi bolsista PIBID/CAPES no período de 2016-2018, e bolsista da Iniciação Científica PIBIC-UERJ no período de 2018-2020. Ganhadora do 3º lugar do Prêmio de Iniciação Científica Elizabeth Macedo na Modalidade IC – Ciências das Humanidades, da UERJ (2019). Desenvolve pesquisas e atua, especialmente, na área de ensino de Geografia Física, com ênfase no ensino de Bacias Hidrográficas. Atua no projeto de pesquisa com objetivo de desenvolver diferentes metodologias para o ensino de Geografia, trabalhando com os conceitos de riscos e vulnerabilidades associadas a enchentes em rios urbanos. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.  
E-mail: thais.lino6@gmail.com

**THIAGO DOS PRAZERES DO NASCIMENTO** – Graduando no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), com o projeto: “O componente curricular Geografia e as mudanças do cenário educativo do Estado do Rio de Janeiro” (2019-2021). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC) coordenado pela professora dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.  
E-mail: 41thiago41@gmail.com

**THIAGO SOARES E SILVA** – Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (2019) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Graduado em Licenciatura em Geografia pelo Departamento de Geografia (2015), na mesma instituição. Foi bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq (2012-2013). Atua como professor de Geografia nas redes públicas e privadas de ensino básico.  
E-mail: thiagosoaress2@hotmail.com

SOBRE O LIVRO

Formato: 16x23 cm  
Tipologia: Minion Pro  
Número de Páginas: 243  
Suporte: E-book

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AOS AUTORES.



**C&A ALFA COMUNICAÇÃO**

Rua 14, Qd. 12, Lt. 21, St. Itatiaia III – CEP 74.690-390 – Goiânia-GO  
editoraalfacomunicacao@gmail.com

**O** livro tem como expectativa levar o leitor a pensar a espacialidade do fenômeno da Covid-19 em temas relacionados ao ensino de Geografia. Assim, refletir sobre os diversos impactos deste fenômeno em diferentes escalas de análise geográficas.

Desta maneira, deixamos o convite para a leitura deste maravilhoso trabalho, organizado pelas professoras Ana Claudia Ramos Sacramento e Iomara Barros de Sousa. Eis um livro de grande importância para o ensino, com temas de interesse da Geografia, fundamentais para a compreensão da pandemia de Covid-19.

**Vinícius da Silva Seabra**



ISBN 978-65-89324-09-6